



Catarina Macedo Machado

**ENTRE A CASA DA JUVENTUDE E A ESCOLA:
TRAÇOS DE UM PROJECTO DE MEDIAÇÃO
SÓCIO-EDUCATIVA COM JOVENS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
2010

Catarina Macedo Machado

**Entre a Casa da Juventude e a Escola:
Traços de um Projecto de Mediação Sócio-Educativa com Jovens**

**Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da
Educação, realizada sob orientação da Professora Doutora Sofia Marques da Silva**

RESUMO

Esta dissertação resulta de um Mestrado em Ciências da Educação, Via Profissionalizante, e relata um estágio desenvolvido entre dois contextos: uma Casa da Juventude e uma escola no distrito do Porto. Partindo de um interesse sobre as juventudes e os seus contextos de educação, desenhou-se e desenvolveu-se um Projecto de Mediação Sócio-Educativo. Este projecto, que se constrói a partir de uma investigação exploratória sobre o contexto da Casa da Juventude e com os seus utentes, jovens dos 12 aos 28 anos, inclui uma acção desenvolvida em torno da criação e animação do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, onde se pretendeu, através de várias iniciativas, não só envolver jovens em actividades educacionais, como tornar os espaços de educação não formal mais visíveis socialmente. Para além do desenvolvimento deste espaço, e já durante o decorrer do estágio, foi criado um corredor de ligação com uma escola secundária vizinha da Casa da Juventude, onde o trabalho de mediação sócio-educativa foi também explorado numa turma.

Neste trabalho, problematizam-se conceitos como juventudes e espaços educativos formais e não formais, bem como se procura dar conta do processo de estágio, nos seus vários eixos e fases, demonstrando pontos de partida e novas questões emergentes da intervenção. Aquele processo, possibilitou, igualmente, uma reflexão sobre a figura do/a Mediador/a Sócio-Educativo e sobre os contributos que poderá trazer para a profissionalidade das Ciências da Educação.

RÉSUMÉ

Cette dissertation résulte d'un Master en Sciences de l'Education, Voie Professionnalisante, qui a eu lieu entre deux contextes : une Maison de la Jeunesse et une école dans le district de Porto. Partant d'un intérêt pour les jeunes et ses contextes d'éducation, on a dessiné et développé un Projet de Médiation socio-éducative. Ce projet, qui se construit à partir d'une recherche exploratoire sur le contexte de la maison de la Jeunesse et avec ses usagers, des jeunes de 12 à 28 ans, inclut une action développée autour de la création et de l'animation de l'*Espaço Experimental de Mediação Educativa (Espace Expérimental de Médiation Éducative)*, où l'on a cherché non seulement à impliquer, à travers plusieurs initiatives, des jeunes dans des activités éducationnelles, mais aussi à rendre les espaces d'éducation non formelle plus visibles socialement. Au-delà du développement de cet espace, et déjà pendant le stage, il a été créé un couloir de liaison avec une école secondaire avoisinante de la Maison de la Jeunesse, où le travail de médiation socio-éducative a aussi été exploré dans une classe.

Dans ce travail, on analyse des concepts comme jeunes et espaces éducatifs formels et non formels, et l'on cherche aussi à rendre compte du processus de stage, dans ses plusieurs axes et phases, démontrant des points de départ et de nouvelles questions émergentes de l'intervention. Ce processus a également rendu possible une réflexion sur la figure du Médiateur socio-éducatif et sur les contributions qu'il pourra apporter à la professionnalité des Sciences de l'Éducation.

ABSTRACT

This dissertation gives account on a Master in Sciences of Education, via Professionalizing, and takes action within two contexts: one Youth Centre and a school in Porto's district. Having the core issue on youth itself and its educational contexts, a Project of Socio-Educational was crafted and developed. This project which is built from an exploratory research on the contexts of the Youth Centre and its users, young people from 12 to 28 years of age, includes an action around creating and animating of 'Espaço Experimental de Mediação Educativa (Experimental Place of Educative Mediation), where it was intended through several initiatives, not only to engage young people in educational activities, has to render it more social visibility. Beyond the development of this space, and already during this probation period, a link was created with a Youth Center neighboring secondary school, where this work of socio-educative mediation was explored in a class.

In this paper, concepts as youths and formal and non-formal educational places are problematized, has well it endeavors to account the probation process, in its various angles and phases, showing starting points and new questions emerging from the intervention. The referred process, also made possible, likewise, a reflexion on the figure of the Socio-Educative Mediator and its potential contribution to the professionalization of Educative Sciences.

AGRADECIMENTOS

A sede de aprender e de agir no terreno de forma a poder colaborar e a responder às necessidades, permanece ao longo deste percurso e, desta forma, agradeço a todos/as aqueles/as que, directa ou indirectamente, contribuíram para o desenvolvimento desta dissertação. Foram vários os momentos de diálogo e reflexão estabelecidos entre os/as amigos/as, a família, bem como, com os/as profissionais envolvidos/as em todo o processo de estágio. Agradeço a todos/as a colaboração, a paciência e a sensibilidade demonstrada neste momento académico tão pessoal e, por vezes, solitário.

Agradeço, fundamentalmente, a colaboração e participação de todos/as os/as jovens envolvidos/as no processo, pois sem eles/as este caminho não tinha significado. Com vocês aprendi e troquei experiências que sempre recordarei.

Reconheço, particularmente, a colaboração e amizade da Directora da Casa da Juventude, da Professora de Formação Cívica e da Professora de Ensino Especial da Escola Pública em estudo, pois sem a ajuda e apoio destas mulheres esta experiência não teria sido possível.

Por último, um agradecimento especial à minha orientadora de estágio, Professora Doutora Sofia Marques da Silva, que esteve sempre presente nos momentos de angústia, incerteza e desânimo, com o seu pensamento positivo e persistência sempre presentes.

ÍNDICE

RESUMO	1
RÉSUMÉ	2
ABSTRACT	3
AGRADECIMENTOS	4
INTRODUÇÃO	10
Pertinência do Estágio no Domínio do Mestrado em Educação e Diversidade Cultural	11
Breve Apresentação do Projecto	13
Organização do Trabalho.....	16
PARTE I- Problemática da Intervenção: discussão a partir dos conceitos-chave para uma intervenção com juventudes:	17
1.1. Juventude(s)	18
1.2. Identidade Juvenil	20
1.3. Lazer e/ou Tempo Livre	22
PARTE II- Contextualização dos Locais de Intervenção	23
Capítulo I: Caracterização dos Contextos de Intervenção	24
1.1. Caracterização da Casa da Juventude	25
1.1.1. Recursos Físicos e Humanos	27
1.1.2. Actividades desenvolvidas pela Casa da Juventude	28
1.2. Caracterização da Escola	30
1.2.1. Recursos Físicos e Humanos	31
Capítulo II: Caracterização da População: Casa da Juventude e da Escola.....	32
PARTE III - Acção Desenvolvida: concepção e desenvolvimento de um projecto de intervenção	34
Capítulo I: Primeiros passos a caminho do projecto: um estudo exploratório para conhecer as dinâmicas do contexto	36
Investigar o terreno... ..	36

Dados recolhidos do estudo exploratório realizado na Casa da Juventude... ..	38
Capítulo II: Desenvolvimento de um Projecto de Estágio.....	49
2.1. Mediação Sócio-Educativa no contexto da Casa da Juventude.....	50
2.1.1. Divulgar o <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa</i>... ..	51
2.1.2 A «abertura da porta» do <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa</i>... ..	52
2.1.3. Dinâmicas do <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa</i> na Casa da Juventude.....	53
Momentos de Observação	
O meu pai é para mim	
A recolha de assinatura	
Momentos de diálogo e descontração	
O significado dos Provérbios	
projecção do Futuro	
Alimentação Saudável	
O Meio-ambiente	
O Conflito e o fenómeno do Bullying	
O valor da Democracia e da Cidadania	
Os momentos na Biblioteca Municipal	
Outras actividades desenvolvidas na Casa da Juventude:	
Participação no Projecto «Escola Para Sempre»	
“Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!” e os momentos de Pintura	
Pintar pontos de Reciclagem na Casa da Juventude	
Reflexão sobre a acção na Casa da Juventude	
2.2. Mediação Sócio-Educativa no Contexto Escolar	71
2.2.1. Dinâmicas do <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa</i> na Escola.....	72
O primeiro contacto com os jovens	
Necessidades do Ser Humano	
Escolhas a partir dos meus valores	
Uma viagem em grupo	
projecção do Futuro	
O Valor da Democracia e da Cidadania	
Momento de Auto-Avaliação e Descontração	
2.2.2. Reflexão sobre a indisciplina no contexto escolar a partir da experiência de estágio	81

2.3. Reflexão global sobre a acção desenvolvida no Contexto Casa da Juventude e na Escola	85
2.4. Actividades de Monitorização e de Avaliação do Projecto <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa [na Escola e na Casa da Juventude]</i>	89
Auto-Avaliação dos/as jovens, da Casa da Juventude e da Escola, das acções desenvolvidas através do <i>Espaço Experimental de Mediação Educativa</i>	90
Capítulo III: Natureza(s) da Intervenção e da Participação	92
3.1. Envolvimento e participação em actividades de carácter administrativo	92
3.2. Envolvimento e participação em actividades de investigação	93
3.3. Envolvimento e participação na concepção de projectos	95
3.4. Envolvimento e participação em actividades de dinamização.....	96
3.5. Envolvimento e participação em actividades de Mediação Sócio-Educativa	98
3.6. Envolvimento, participação e colaboração em eventos locais e nacionais	100
PARTE IV- Problemas Teóricos e Metodológicos Emergentes	102
4.1. Educação, Diversidade e Indisciplina	103
4.2. O Lugar Social das Instituições Formais e Não-Formais: mediações possíveis para pensar as juventudes	106
REFLEXÃO FINAL	108
Avaliação do Percorso de Estágio: A Construção de um Olhar Avaliativo	109
A Profissionalidade do/a Mediador/a Sócio-Educativo/a.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
Apêndices	
Anexos	

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Distribuição dos/as inquiridos/as por sexo e escalão etário

Gráfico 2- Profissão do Pai

Gráfico 3- Profissão da Mãe

Gráfico 4- Expectativas dos/as jovens em relação ao futuro em relação ao sexo.

Gráfico 5- Modo como os/as jovens conheceram a Casa da Juventude.

Gráfico 6- Fim, de acordo com o escalão etário, dos/as jovens frequentarem a Casa da Juventude.

Gráfico 7- Grau de satisfação dos/as jovens em relação às ofertas da Casa da Juventude

Gráfico 8- Preferência, de acordo com o escalão etário dos/as jovens, pela existência de novos serviços dinamizadas na Casa da Juventude.

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Local de residência dos/as jovens por escalão etário

Tabela 2- Expectativas dos/as jovens em relação ao futuro por escalão etário.

Tabela 3- Situação escolar do/a jovem, de acordo com o escalão etário

Tabela 4- Identificação da escola onde estuda

Tabela 5- Relação entre o escalão etário dos/as inquiridos/as e a prática de actividade profissional

Tabela 6- O que os/as jovens gostariam de encontrar na Casa da Juventude de acordo com o escalão etário.

ÍNDICE DE APÊNDICES

- Apêndice I:** Plano de Actividades do Estágio na Casa da Juventude e na Escola
- Apêndice II:** Inquérito por questionário
- Apêndice III:** Gráficos e Tabelas do estudo exploratório
- Apêndice IV:** Guiões Das Entrevistas
- Apêndice V:** Entrevista à Directora da Casa da Juventude do local de estágio
- Apêndice VI:** Entrevista à Directora de uma Casa da Juventude do Distrito do Porto
- Apêndice VII:** Pedido de Autorização
- Apêndice VIII:** Folheto de publicidade do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*
- Apêndice IX:** Cartaz de publicidade do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*
- Apêndice X:** Questionário de Avaliação Final
- Apêndice XI:** Auto-Avaliação dos/as jovens do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*
- Apêndice XII:** Notas de Terreno da Casa da Juventude
- Apêndice XIII:** Notas de Terreno da Escola
- Apêndice XIV:** Fotografias de algumas actividades

ÍNDICE DE ANEXOS

- Anexo I:** Caracterização do Agrupamento Habitacional
- Anexo II:** Projecto Curricular de Turma 2009/2010
- Anexo III:** Iniciativa «Estafeta Nacional Pobreza e Exclusão: Eu Passo!»
- Anexo IV:** Decreto-Lei n.º70/96 de 4 de Junho de 1996

INTRODUÇÃO

Esta dissertação de mestrado dá conta de uma experiência de estágio desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação, no domínio Educação e Diversidade Cultural. Sendo um mestrado na via profissionalizante tem como objectivo: «proporcionar uma oferta de formação pós-graduada e especializada em Ciências da Educação, que permita problematizar, numa perspectiva complexa e crítica, fenómenos de educação e de formação, bem como perspectivar modos de acção e de investigação¹».

O facto de ter optado pela via profissionalizante deve-se à possibilidade de adquirir «conhecimentos e competências aprofundados sobre métodos e técnicas de intervenção que permitam desenvolver modelos e dispositivos adequados para a concepção, implementação, avaliação e execução de programas e projectos de formação, gestão e intervenção comunitária e sócio-cultural».

A variante mais prática do curso proporciona a aquisição de «conhecimentos aprofundados sobre métodos e técnicas de investigação que permitam desenvolver a investigação em educação».

Neste estágio foi possível adquirir algumas competências pertinentes para o/a profissional em Ciências da Educação, tais como: «o exercício autónomo da formação, da concepção, da gestão, da avaliação de projectos na área da Educação».

O sentido de me inserir num contexto como a Casa da Juventude deve-se ao facto de este ser um local que tem como público-alvo as Juventudes, constituindo-se numa instituição que parece assumir um papel relevante em termos educativos não formais e num contexto urbano.

¹ http://sigarra.up.pt/fpceup/cursos_geral.FormView?P_CUR_SIGLA=MCED

Pertinência do Estágio no Domínio do Mestrado em Educação e Diversidade Cultural

Tendo em conta que o domínio de especialização que serve de orientação ao estágio que aqui se reporta é o de *Educação e Diversidade Cultural*, considerou-se pertinente optar por um local onde se pressentisse a existência de diferentes culturas. A Casa da Juventude é um local onde coexiste diferentes formas culturais juvenis, resultantes da intersecção de várias realidades sociais, étnicas, etárias, de género, escolares, etc. Assim, não ficando «indiferente à diferença» como refere Boaventura de Sousa Santos (2000: 30), a pertinência deste local de estágio surgiu devido ao facto de este ser um espaço que recebe e aglomera diversas culturas, não estando marcado por uma homogeneidade e uniformidade cultural, não somente ao nível étnico, mas também devido às desigualdades sociais e económicas que condicionam o modo de *Ser e Agir* dos mesmos na Sociedade. Algum conhecimento anterior do contexto permitiu ainda verificar que não tinha actividades educativas diversificadas. Considerou-se, então, ser interessante problematizar e perceber de que forma determinados contextos não-formais, como a Casa da Juventude, como um lugar potencialmente propício ao desenvolvimento de relações interpessoais, influencia a educação das Juventudes entendidas como um período não só de “transição para a vida adulta”, mas com uma identidade própria.

Tal como refere Dayrell «a juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social concreto no qual se desenvolve e pela qualidade das trocas que este proporciona [...] É, nesse sentido, que enfatizamos a noção de juventudes, no plural, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existentes» (2003: 24). Esta é, portanto, uma fase de exercício de inserção social na qual o indivíduo descobre e descortina as possibilidades em todas as instâncias da vida social, desde a dimensão afectiva até a profissional.

A Juventude, caracteriza-se por ser um momento em que os/as jovens são levados a fazerem determinadas escolhas, de forma directa ou indirecta, que serão importantes na formação da sua própria identidade pessoal e no desenvolvimento de relações com outros significativos, como os seus pares. É, neste sentido, e tendo em conta autores como Dayrell (2003), devido à especificidade das vivências das Juventudes, existem diferentes formas e modos de se vivenciar e ser-se Jovem.

Esta diversidade resulta de várias pertenças, nomeadamente, a pertença a um grupo social. O meio social é algo que influencia esta fase da vida dos/as jovens pois, através da partilha e da troca de experiências eles/as vão construindo diferentes modos de ser-se jovem sofrendo as influências, mas também agindo num determinado contexto.

Tendo em conta Pais (1993), observar a juventude em torno do eixo da diversidade significa entendermos os sujeitos que a constituem com diferenças ao nível cultural, étnico, género, etc.

O/a jovem é um sujeito de direitos e deveres que vive e constitui-se na contemporaneidade, em contextos sociais e educativos complexos, construídos histórica e culturalmente, ou seja, falar de Juventudes é dizer que este período não é vivido de modo igual por todos/as os/as jovens, mas que cada experiência carrega a marca das suas possibilidades circunscritas em determinado contexto sócio-económico e cultural. A questão de género, etnia, grupo social, escolaridade vai contribuir na produção dos/as jovens como sujeitos sociais.

Recentemente, começamos a observar o interesse por parte da sociedade em garantir aos/às jovens diferentes formas de estes/as viverem a Juventude. Efectivamente, observamos que as condições para os/as jovens experienciarem e exercerem a Juventude são cada vez mais desiguais. Por esta razão, e tendo em conta a diversidade cultural, torna-se importante a existência de uma intervenção mais diversificada e estruturada com e para as Juventudes.

É, de acordo com este entendimento sobre as Juventudes, que este estágio se estende para uma Casa da Juventude e, posteriormente, para uma escola, com o objectivo de compreender e, se possível, estimular o interface entre dois lugares educativos, sendo um de educação formal e outro não formal. Embora, inicialmente, parece-se ter pouca ligação, a Mediação Sócio-Educativa foi uma estratégia possível de iniciar alguns diálogos entre duas instituições do mesmo local. Parafraseando Abrantes, espaços como os que referimos, «significam e ocupam significados sociais [...] são socialmente codificados, desempenhando papéis fundamentais na estruturação dos grupos e identidades juvenis» (2003: 31). Daí torna-se importante intervir com uma camada populacional num momento da vida tão extenso como a juventude que requer uma atenção especial na formação do/a jovem para o uso em plenitude da sua vida.

Breve Apresentação do Projecto

O projecto de estágio que aqui se apresenta, enquadra preocupações e uma conceptualização enunciadas anteriormente que começa por se organizar em torno de uma necessidade assinalada pela própria instituição e confirmada através de uma investigação exploratória realizada a partir da aplicação de um inquérito por questionário (apêndice nºII), com o objectivo de aprofundar quais as necessidades, os hábitos culturais e de lazer deste público. A necessidade advém da inexistência de um projecto educativo estruturado e direccionado para uma Casa da Juventude em particular, que terá como público-alvo fundamentalmente os/as jovens.

Esta investigação centrou-se na aplicação de um inquérito por questionário composto por questões abertas e fechadas, durante o período de dois meses (Dezembro e Janeiro), tendo como público-alvo jovens entre os 12 e os 28 anos de idade, utentes da Casa da Juventude. Esta estratégia teve como objectivos, por um lado, conhecer e analisar as necessidades que estes/as jovens sentem em relação a este espaço, e, por outro, analisar os hábitos culturais e de lazer das Juventudes.

Após o início do estágio na Casa da Juventude, surgiu a oportunidade do Projecto se estender a uma escola devido ao facto de esta ter a ambição de criar um espaço de mediação na própria instituição. Considerámos, então, pertinente focar o ângulo da acção na articulação destas instituições formais e não-formais, com a finalidade de proporcionar às Juventudes uma oferta de actividades educativas diversificadas. Assim, surgiu a possibilidade de abranger o projecto, apelidado inicialmente de *Espaço de Mediação Juvenil*, mas posteriormente modificado para *Espaço Experimental de Mediação Educativa*², a uma instituição de educação formal da cidade, servindo também como “posto” de divulgação do mesmo, desenvolvido na sua plenitude na Casa da Juventude.

A aposta de intervenção nestes espaços de Juventudes foi, fundamentalmente, devido ao facto de estes serem espaços caracterizados pela diversidade cultural, onde «os/as jovens consomem e (re)significam produtos culturais, geram sentidos estéticos e processos de identificação cultural» (Brenner, Dayrell, Carrano, 2005: 177). E, como refere Abrantes, «as culturas juvenis definem-se também por uma relação especial com os espaços e com os tempos (...) os jovens afirmam-se e distinguem-se (entre eles

² O *Espaço Experimental de Mediação Educativa* adquire ao longo da dissertação também a designação apenas de *Espaço*.

perante o meio envolvente), em grande medida, devido aos espaços que frequentam e ocupam e onde deixam as suas marcas» (2003: 31). Estes espaços, formais e não formais poderão ter, assim, um peso no percurso de vida do/a jovem, sendo a diversidade cultural um aspecto que marcará o/a jovem na relação com o meio social.

Durante a fase inicial do projecto uma questão tornou-se relevante: *qual o papel destes contextos de cultura, lazer e tempo livre nas sociabilidades juvenis?* Os/As jovens aderem a este espaço não só pelo facto de possuírem interesses comuns entre si mas, sobretudo, porque esta é a condição para reconhecerem o sentido da sua acção enquanto jovens em diversos espaços sociais para além da escola, considerando-se, portanto, que espaços como estes podem ser contextos onde os/as jovens se afirmem como sujeitos responsáveis e críticos.

Em relação ao espaço escolar, Pais (2006) refere que a instituição escolar apesar de ser um espaço onde os/as jovens podem gostar de estar presentes, ainda não reconhece as culturas juvenis como possibilidade de inclusão e transformação. Estas culturas reclamam pela inclusão, reconhecimento e pertença (Silva, 2008). Contudo, o paradoxo com que nos deparamos de manutenção e conservação de uma cultura hierarquicamente superior a outras e a manutenção das relações de poder, contrapõem-se com a vontade das culturas juvenis, na sua maioria, terem o desejo e o prazer pela mudança. Por outras palavras, o facto de vivermos numa sociedade em constante mutação, com indivíduos que reclamam pela sua inclusão e reconhecimento, implica irmos contra um *status quo*, rompendo, assim, com determinadas normas e regras impostas por grupos hierarquicamente reconhecidos e dominantes na sociedade. O que se pretende, então, é uma visão multicultural em sociedade, sem exclusão de indivíduos, grupos e identidades no acesso a todos os bens e direitos.

Ao contrário da educação formal socialmente considerada útil e fundamental na vida dos/as jovens, a educação não-formal e/ou informal, que também existe nas escolas, em princípio, não é imposta por outrem nem tão-pouco acarreta uma obrigatoriedade. Consideramos a afirmação de Carrano quando, citando Pais (2006), refere que:

«são poucas as chances de negociações entre os espaços lisos dos grupos culturais juvenis, que permitiriam aos/as Jovens transitar sem as marcas prévias das instituições do mundo adulto; e os espaços estriados, cujas principais características seriam a ordem e o controle característicos das instituições» (Carrano, 2009:168).

Na descrição de Pais, por um lado, o espaço estriado é revelador da ordem, do controle, onde os trajectos aparecem confinados às características do espaço que os determina, por outro lado, «o espaço liso abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao

performismo, lugar onde emergem novas sensibilidades e realidades» (2006: 7). Deste modo, estes *espaços lisos* são aqueles espaços mais abertos que permitem ao sujeito um leque mais abrangente na oferta de escolhas de um caminho a seguir, sem a influência de outros espaços sociais.

Para além dos espaços públicos concedidos como lugares pedagógicos por excelência, os outros lugares de educação, como as Casas de Juventudes, conferem e subentendem uma exigência e uma maior dificuldade em atrair os/as jovens aos espaços públicos existentes. Pretende-se que exista uma efectiva participação das juventudes nestes espaços públicos de aprendizagem, para que assim se possibilite a interacção entre as diversas categorias sociais, classes e grupos de interesse. Só assim alcançar-se-ia a chamada cidadania plena, assente numa performance mais activa, saudável e ampla por parte dos/as jovens, conferindo, portanto, a cada um de nós, um sentido de identidade e pertença, ou seja, um sentido de comunidade.

Segundo o Decreto-Lei n.º70/96 de 4 de Junho de 1996, relativamente à natureza das Casas da Juventude, verificamos que estas «constituem espaços de participação, de promoção e desenvolvimento de actividades de e para os/as jovens e suas associações, desenvolvendo ainda acções de formação e informação. As Casas de Juventude constituem também pólos de integração e afirmação dos/as jovens nas realidades locais» (anexo IV). As Casas da Juventude surgiram em Portugal na década de 90 sendo criadas e dinamizadas:

«em parceria com entidades locais, nos centros urbanos localizados em áreas de maior risco social, fazendo-as funcionar como meios de fomento do acesso à informação e às novas tecnologias, de apoio ao desenvolvimento de projectos e iniciativas de animação juvenil e de promoção ao associativismo» (Costa, 2001: 88)

Um dos objectivos deste Projecto de Estágio foi então, alargar a participação dos/as jovens, criando espaços públicos e plurais de articulação e participação, nos quais os conflitos se tornem visíveis e as diferenças se confrontem. Aliás, como refere Paulo Carrano num dos seus artigos, as referências extra-escolares que os/as jovens vão recebendo de espaços exteriores à escola, «podem ser interpretadas pela instituição como ruído e interferência negativa para o trabalho pedagógico caso a escola se feche, ou podem significar oportunidades para a criação de espaços de mediação cultural entre os diferentes mundos vividos pelos jovens alunos» (2009: 162).

Organização do Trabalho

Procurando dar conta daquilo que foram as linhas de força centrais do estágio, esta dissertação encontra-se organizada da seguinte forma: numa primeira parte, intitulada *Problemática de Intervenção*, serão abordados temas como: as juventudes, as Casas da Juventude, os hábitos culturais e de lazer e, por fim, a mediação sócio-educativa. Estes conceitos servirão para problematizar a relevância que os diferentes contextos de intervenção formais e não-formais, através de actividades educativas articuladas, podem ter em contextos marcados pela diversidade cultural. Na segunda parte desta dissertação será feita a *Caracterização dos Contextos de Intervenção*, bem como, a caracterização da população desses mesmos contextos. A *Acção Desenvolvida*, terceira parte, é exclusiva para retratar todo o processo de estágio desde a concepção do projecto e das estratégias a serem utilizadas na realização do mesmo, até à clarificação da acção. Neste lugar, iremos focar a nossa reflexão nos eixos de intervenção realizadas no seguimento do projecto, desdobrando-se também na reflexão da natureza das actividades realizadas, desde as de índole administrativa até àquelas de dinamização e monitorização das actividades. Aqui, o objectivo será reflectir sobre o papel e competências adquiridas no conjunto de actividades específicas, mencionando algumas mais-valias, aprendizagens, obstáculos e dificuldades encontradas. Por fim, a última parte será dedicada aos problemas teóricos e metodológicos que emergiram ao longo de todo o processo de estágio e as reflexões que suscitaram.

Nas *Reflexões Finais* far-se-á o balanço de todo o percurso de estágio e dos contributos que esta experiência, inevitavelmente, possibilitou para o grau de profissionalidade do/a Mediador/a Sócio-Educativo/a.

PARTE I

**Problemática da Intervenção: discussão a partir dos conceitos-chave para
uma intervenção com juventudes**

Esta parte da dissertação, problemática de intervenção, procura estabelecer o diálogo entre três conceitos chave: a(s) juventude(s); a identidade juvenil e o tempo livre e de lazer. Com este momento de reflexão pretende-se clarificar e retratar o problema que os espaços formais e não formais da sociedade têm na construção de projectos educativos devidamente fundamentados e direccionados para as juventudes.

1.1. Juventude(s)

Uma série de estigmas, problemas, mas também de esperanças e expectativas têm vindo a definir a Juventude ao longo dos tempos. Nos anos 50, a Juventude era caracterizada como uma «geração desencaminhada»; nos anos 60, como «problema social»; e, nos anos 70, como um «problema de integração no mercado de trabalho» (Pais, 1990, Abramo, 1997). Na verdade, e tendo em conta a perspectiva de Dayrell:

“temos de ter em conta também que a condição juvenil vem-se construindo num contexto de profundas transformações sócio-culturais ocorridas no mundo ocidental nas últimas décadas, fruto da ressignificação do tempo e espaço e da reflexividade, entre outras dimensões, o que vem gerando uma nova arquitectura do social” (2007: 3).

As Nações Unidas entendem os/as jovens como indivíduos com idade compreendida entre os 15 e os 24 anos. Mas, nem se pode assumir o critério da idade, pois, este não é suficiente para discutir uma categoria que assume contornos tão diferentes, nem tão pouco se pode percebê-la como grupo social homogéneo. Esta fase, da Juventude, agrupa sujeitos que só têm em comum um aspecto, o da idade. Ora, a verdade é que é necessário distinguir a fase da vida em que os indivíduos se encontram, da idade em que os mesmos se situam. Por outras palavras, não se pode misturar juventude e jovens pois, a primeira refere-se à fase da vida e, por sua vez, a segunda distinção refere-se aos/às próprios/as jovens, enquanto indivíduos que se encontram na faixa etária acima descrita.

Tal como refere Pais:

«Se as culturas juvenis aparecem geralmente referenciadas a conjuntos de crenças, valores, símbolos, normas e práticas que determinados jovens dão mostras de partilhar, o certo é que esses elementos tanto podem ser próprios ou inerentes à fase de vida a que se associa uma das noções de «juventude», como podem, também, ser derivados ou assimilados: quer de gerações precedentes (de acordo com a corrente geracional da sociologia da juventude), quer, por exemplo, das trajetórias de classe em que os jovens se inscrevem (de acordo com a corrente classista)» (1990: 140).

Neste âmbito vale a pena reflectir um pouco sobre estas duas teorias. A teoria geracional, no auge dos anos 50/60, defende que a geração juvenil tende a fugir das normas dominantes em sociedade e tende a caracterizar-se como desviante. Por outro lado, a partir dos anos 70, a teoria classista começou a afirmar-se mais vincadamente defendendo que os/as jovens provêm de diversos contextos e classes, logo não podem ser caracterizados de um modo tão radical, mas sim tendo em conta as suas particularidades quer de identidade, quer nas suas práticas.

Ora, Pais caracteriza a juventude como sendo uma «categoria socialmente construída em determinadas circunstâncias económicas, sociais ou políticas, sujeita a modificar-se ao longo do tempo» (2000: 29). As fragmentações que vão decorrendo ao longo do percurso de vida em sucessivas fases são produto de um complexo processo de construção social.

Para além das perspectivas apresentadas por Machado Pais (2000), a Teoria Cultural Feminista defendida por Fonseca (2001) traz acrescentos relevantes para os estudos sobre jovens. Aquela teoria, foca a identidade de género nas relações com a produção e reprodução tendo como objectivo a criação da pessoa social feminina e a visibilidade das culturas feministas. Fonseca defende que «o género é um aspecto crucial na construção tanto da vida cultural de rapazes e de raparigas, porque nas sociedades que habitamos existem ideologias e praticas materiais de género que interferem na produção e reprodução da masculinidade e feminilidade» (2001:21).

O fenómeno do «prolongamento da juventude» que a autora Natália Alves (2008) refere na sua obra, as suas consequências nas “políticas de juventude” e de educação, o aumento da heterogeneidade das características dos próprios jovens, são dimensões relevantes para os estudos juvenis.

De acordo com Coelho:

«Compreender a Juventude enquanto um fenómeno multidimensional é entender que diversos são os fatores que constituem a identidade juvenil; trata-se de um momento onde o indivíduo começa a enfrentar e ter que dar respostas individuais às diversas instituições sociais que o cercam; é um momento onde passa-se por diversas transformações biológicas e psicológicas e que o contexto económico e social ao qual ele está inserido é parte integrante da construção de sua personalidade. Tudo isso é fundamental para compreendermos que não estamos falando de uma população homogénea e sim de diversos grupos de pertencimento com identidades próprias, ou seja, não estamos falando de juventude, mas sim de Juventudes. É um momento na vida em que se está mais aberto a apreensão de novos conhecimentos, posturas e construções de novas relações sociais» (Coelho, 2003).

Entendemos, assim, que de forma a esbater as desigualdades sociais, as instituições de educação formal e não-formal deverão ter em consideração as diversidades que caracterizam as juventudes e não terem uma perspectiva homogénea.

1.2. Identidade Juvenil

Caracterizamos os grupos culturais como produtores de sociabilidades que têm a preocupação e a necessidade de construir uma identidade que ao mesmo tempo, permite-lhes diminuir a distância entre a vida quotidiana e as imagens que vêm da sociedade, funcionando como instância de mediação.

É verdade que, para além do «direito à diferença, cada grupo deve conservar e desenvolver as suas características culturais, no contexto da sociedade de acolhimento» (Peres, 2000).

Ora, diante desta diversidade cultural, a linguagem aparece como um modo dos/as jovens construírem e reforçarem a sua identidade, a distinção de género e o seu meio sócio-cultural. Aliás, como refere Bourdieu acerca do papel que a linguagem vai ocupar na construção das distinções de género, «a licença linguística faz parte do trabalho de representação e evidencia o que os “machões”, sobretudo adolescentes, devem providenciar para impor aos outros e a si próprios a imagem do “valentão” desiludido de tudo e pronto a tudo, que se recusa a ceder ao sentimento...» (1983: 20).

Como refere Dayrell:

«O mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os/as jovens buscam demarcar uma identidade juvenil. Longe dos olhares dos pais, educadores ou patrões, mas sempre tendo-os como referência, os/as jovens constituem culturas juvenis que lhes dão uma identidade como Jovens. Estas culturas, como expressões simbólicas da sua condição, manifestam-se na diversidade em que esta se constitui» (2005:310).

O facto de sermos reconhecidos/as a partir de determinados aspectos, como é o caso da linguagem, coloca a juventude num paradoxo entre o modo pelo qual nós nos reconhecemos (auto-reconhecimento) e aquilo pelo qual os “outros” (sociedade) nos reconhecem.

O mesmo autor identifica quatro pólos da identidade: a identificação que nós operamos; a identificação por parte dos outros; a diferença como nós afirmamos e a diferença como nos é reconhecida pelos outros (Melucci, 1992). É um facto que a identidade não é um processo solitário e individual, ela é antes um processo contínuo de aprendizagens e de negociações entre o meio envolvente.

Como defende Hall, «as nossas identidades são, em resumo, formadas culturalmente. Isto significa dizer que devemos pensar as identidades sociais como construídas no interior da representação, através da cultura, não fora delas» (1997: 26).

Deste modo, e como refere Castro (2002), a cultura é definida como «um bem, um direito de cidadania».

Pode, porém, admitir-se, como refere Cortesão, que «a simples constatação das diferenças, a adopção acrítica de um relativismo cultural (que se traduz por uma aceitação incondicional da diversidade), coexistindo com a ausência de análise das relações de poder sempre envolvidas nas situações em que diferentes culturas coexistem no mesmo espaço, tudo isto comporta também certos riscos» (1999:23). Esta postura gera, muitas vezes, aquilo que se pode designar por «multiculturalismo benigno», que Stoer e Cortesão (1999) referem, traduzido por uma atitude de mera contemplação pelas diferenças, aceitando acriticamente a diversidade sem questionar a forma como as diferentes culturas interagem no mesmo espaço, no mesmo tempo, como é o caso dos guetos.

Alain Touraine afirma, neste contexto, que «se nos fecharmos num relativismo cultural extremo, somos levados a desejar a separação de culturas definidas pela sua particularidade e, logo, a construção de sociedades homogéneas» (1998: 228). Esta última atitude ao centrar-se sobre a construção e manutenção de uma identidade inalterável impede um diálogo intercultural e propicia, até com foros de legitimidade, a guetização das culturas minoritárias afastando-as do centro do poder económico e sociocultural. Ignorar a existência real das diferenças, isto é, como designa Stoer e Cortesão cair numa «folclorização das diferenças» (1999: 23). Ora, não sendo este o nosso objectivo, consideramos que esta educação inter-multicultural deve ser orientadora dos processos educativos em espaços formais e não formais de educação juvenil com o intuito de proteger e preservar a identidade cultural dos diferentes grupos.

Perante esta situação, Touraine defende a necessidade de um princípio universalista que permita a comunicação entre pessoas e grupos com culturas diferentes e aponta-o como sendo o apelo à livre construção da vida pessoal. Este não se reduz à pura tolerância, porque «impõe o respeito da liberdade de cada um e, logo, a recusa da exclusão; depois, porque exige que todas as referências a uma identidade cultural se legitimem pelo recurso à liberdade e à igualdade de todos os indivíduos, e não pelo apelo a uma ordem social, a uma tradição ou às exigências da ordem pública» (Touraine, 1998: 225).

1.3. Lazer e/ou Tempo Livre

Face à dicotomia entre o conceito «lazer» e «tempo livre» considerámos relevante realizar uma pequena abordagem sobre as diferenças que lhe subjaz. O conceito de lazer apresenta-se bastante subjectivo no sentido que, o que pode ser lazer para uns, para outros pode não o ser. Referimos, a título de exemplo, a “actividade profissional” que para alguns pode ser visto como um momento e/ou tempo de satisfação e prazer. No entanto, neste estudo, o olhar sobre este conceito foi particular. Aqui, entende-se por lazer «uma determinada ocupação do tempo livre de que se dispõe, após se terem cumprido as tarefas obrigatórias e necessárias» (J. Dumazedier citado por Magalhães, 1991: 166). De acordo com Magalhães quando cita N Samuel et al, o tempo livre poderá também ser entendido como tempo social, «que reenvia às actividades e práticas especificamente sociais [...] criando modificações de estruturas sociais, onde aparecem novas normas e novas regras, onde se estabelecem novas relações sociais e onde se fundam novos valores» (1991: 167). Desta forma este *tempo* que falamos trata-se de um período não apenas quantitativo, mas sobretudo qualitativo no sentido de melhorar os sujeitos em si mesmo e a sua qualidade de vida.

Concluindo, fazemos referência à crescente valorização do tempo de lazer como vantagem e mais-valia de uma sociedade em crescente mutação e, como refere Magalhães:

«a cujas práticas têm vindo a impor-se de forma reconhecidamente necessária e privilegiada nas sociedades modernas, arrastando consigo novos valores de integração social e novos modos de vida, inspiradores de atitudes, opiniões, gostos e opções interligados a uma nova dinâmica que se vai gerando cada vez mais nitidamente e tornando-se mesmo um vector de mudança social, mas que nem por isso anula completamente as disparidades sociais vividas em torno da «dupla» trabalho-tempo livre e/ou trabalho-lazer» (1991: 167).

Torna-se interessante observar como espaços formais e não formais podem adquirir um relevo importante na vida dos/as jovens, ainda que num sentido diferente da escola, pela ausência de um carácter de obrigatoriedade, ao contrário das Casas da Juventude, que se estabelecem como espaços onde a disponibilidade de tempo é livre. No entanto, ambos os espaços podem adquirir uma forte relação e ligação na vida do/a jovem, nomeadamente, na sua socialização e na construção da sua identidade, pois são espaços ricos na transmissão de valores e experiências.

PARTE II

Contextualização dos Locais de Intervenção

O contexto de estágio exige uma caracterização e descrição mais pormenorizada, no sentido de direccionar o/a leitor/a para uma realidade que lhe é desconhecida, e que foi descodificada mediante o olhar de alguém que experienciou e viveu em determinado(s) contexto(s). Este momento da dissertação irá tratar da contextualização de todos os contextos de estágio, desde o espaço físico aos sujeitos neles envolvidos, passando assim pela caracterização dos dois espaços de intervenção. É de salientar que, esta caracterização decorre de uma experiência de estágio de 7 meses numa Casa da Juventude, e outra, de 4 meses, num espaço público de ensino regular.

Capítulo I: Caracterização dos Contextos de Intervenção

São três os conceitos que caracterizam ambas as instituições de intervenção: as juventudes, a diversidade cultural e a mediação sócio-educativa. Os públicos que ocupam estes espaços são jovens de diversas culturas, etnias, géneros, etc. Estes espaços, principalmente a escola, têm procurado lidar ao longo de várias décadas com essa diversidade, entendida ao mesmo tempo como um incómodo ou entrave ao funcionamento “normal” da escola, anulando-se ou não se reconhecendo. Para além dos espaços escolares, locais como as Casa da Juventude são criados com intencionalidades que visam trabalhar precisamente a diversidade.

Através da mediação sócio-educativa perspectivava-se, por um lado, criar um elo de ligação entre ambos os locais proporcionando aos/às jovens dinâmicas e actividades que se interligassem e identificassem através de projectos que aproveitam a subjectividade dos sujeitos como algo benéfico para a construção de indivíduos responsáveis e capazes de se afirmarem como cidadãos numa sociedade cada vez mais globalizada. Assim, entendemos que, ambos os locais, podem contribuir para a construção da identidade do indivíduo através do desenvolvimentos de actividades de índole educativo e com valor social.

1.1. Caracterização da Casa da Juventude

O local onde se desenvolveu uma parte substancial do estágio, a *Casa da Juventude*, é um equipamento camarário de cariz educativo, que tem em si correlacionado e subjacente, um pensamento e intenções educativas pela importância que este local tem no dia-a-dia das Juventudes, quer como simples espaço de lazer e tempos livres, quer como espaço educativo. É um facto que, existindo na criação das Casas da Juventude uma intenção de formação e de proporcionar o acesso a diversas formas de informação, localmente exige-se a construção de um projecto que fundamente as suas intenções, objectivos e fins.

Nesta linha de pensamento, sabemos que as Casas da Juventude vão-se organizando em torno daquilo que são as prioridades, as apostas e as possibilidades políticas. Não tendo sempre um projecto organizador das dinâmicas, as Casas da Juventude constituem-se, no mínimo, num espaço de acolhimento de jovens nos seus tempos livres.

Relacionando a Casa da Juventude onde este estágio decorreu, com uma outra, situada numa freguesia do distrito do Porto, verificámos que existem outras Casas da Juventude com serviços direccionados para os/as jovens com profissionais especializados em cada área de intervenção.

«Temos o CAOJ que é consulta psicológica essencialmente, o CAJ é um centro de atendimento a jovens com uma equipa multidisciplinar, um enfermeiro, um psicólogo e um médico. [...] a Casa tem uma equipa multidisciplinar e a equipa é que faz funcionar estes serviços todos» (apêndice VI)

Neste caso interessa-nos revelar que, existiam várias actividades na Casa de Juventude de acolhimento, desenvolvidas com jovens e crianças sem, no entanto, estarem enquadradas numa estrutura mais alargada como iremos abordar adiante.

«Foram vários os Projectos passados pela Casa da Juventude, contudo devido à falta de verbas por parte da Câmara Municipal, foi impossível dar continuidade a este tipo de iniciativas»

(apêndice V)

A Casa da Juventude onde o estágio foi desenvolvido situa-se entre o Auditório Municipal e o Pavilhão Desportivo da cidade e, tem como seu principal «vizinho» um bairro social. Ora, este bairro social aglomera um «elevado número de famílias com várias carências habitacionais, [...] inclusive famílias de etnia cigana e outras totalmente desenraizadas oriundas de meios rurais, piscatórios, ex-colónias». (anexo I)

Assim sendo, esta diversidade cultural exige uma preocupação redobrada por parte destes departamentos públicos.

Este espaço, inicialmente pensado para ser uma Pousada da Juventude, surgiu, posteriormente, para preencher um vazio na formação das novas gerações, através do convívio e do lazer. Desde a criação deste espaço, os/as jovens têm a possibilidade de participar em algumas actividades e frequentar este local para a ocupação dos seus tempos livres.

Sendo a primeira Casa da Juventude, nascida a 8 de Fevereiro de 1997, intitulou-se como sendo um:

«projecto inovador detentor de um verdadeiro centro de informação, formação e dinamização de actividades dirigidas às Juventudes mais exigentes, mais protagonistas, mais intervenientes e mais artísticas.

A Casa da Juventude é um projecto em constante inovação, é multidisciplinar, aberto aos mais diversos gostos e necessidades resultando assim numa experiência enriquecedora e numa verdadeira escola de intervenção social permanente.»³

Esta Casa da Juventude onde a intervenção ocorre, procura corresponder aos anseios de uma sociedade em mutação, através da oferta de mais informação neste espaço, assim como, outros da cidade. Este Município afirma que esta oferta é fornecida aos/às jovens através do desenvolvimento de actividades de animação e ocupação dos tempos livres, que se pretendem criativas e inovadoras, como são exemplo os Workshops.

Consideramos que, este é deveras um objectivo crucial para os/as jovens no sentido de estes/as exercerem uma participação social e cidadã. Estes equipamentos deverão ser uma prerrogativa das políticas educativas de qualquer autarquia, de forma a possibilitar a prática efectiva da cidadania consolidando, assim, a acção e a intervenção entre os vários sistemas educativos da cidade.

Ainda reflectindo sobre estes objectivos pelos quais esta Casa da Juventude se rege e tendo a possibilidade de ter feito parte da equipa que a constitui, conseguiu-se perspectivar que existe realmente uma discrepância entre aquilo que a Casa “pretende ser” e aquilo que “realmente é”. Isto é, verifica-se que alguns dos objectivos anteriormente enunciados como “objectivos principais da Casa da Juventude”, até hoje e na sua maioria, nunca foram possíveis de serem aplicados na prática. A Directora da Casa da Juventude refere que a grande tónica deste local deve-se à «inexistência de

³ <http://www.cm-pvarzim.pt/Juventude-online> consultado em Outubro de 2009.

equipas multidisciplinares para apoiarem acções que pretendiam ser resposta aos objectivos iniciais propostos» (apêndice V).

A existência de equipas multidisciplinares, apresenta-se também como um objectivo a ser alcançado pela Casa da Juventude, que no meu entender têm um potencial de riqueza pelas suas diferentes perspectivas, experiências e formações que influenciam o modo de *Ser, Agir e Pensar* em determinados contextos específicos. Pretende-se, assim, o envolvimento e participação de todos os profissionais com o objectivo de optimização ou mesmo da procura do sucesso uníssono. Portanto, o que se procura não é a competitividade, mas a união de diferentes profissionais, fomentando as relações interpessoais entre todos os agentes, por forma a aglomerar ideias, diferentes entre si, mas igualmente compatíveis, de forma a satisfazer o público-alvo, ao mesmo tempo que se contribui para um objectivo comum.

1.1.1. Recursos Físicos e Humanos:

A Casa da Juventude está dividida em dois pisos. No primeiro piso encontra-se um espaço amplo constituído pela recepção/secretaria com uma técnica-administrativa e um Técnico Superior em Comunicação Social. Aqui são disponibilizadas as informações necessárias sobre actividades e outras ofertas deste sector da Câmara Municipal. A sala de convívio, assim como o bar, dinamizado este ano por estagiários do PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação) de uma freguesia do concelho, são espaços específicos para os utentes e funcionários da Casa da Juventude não só realizarem as suas refeições, mas também, conviverem, lerem jornais e revistas que o próprio local oferece. O *Espaço Internet*, supervisionado por um assistente-operacional na área das TIC (Tecnologia da Informação e Comunicação), é um local onde pessoas de todas as idades podem aceder à Internet por um tempo limitado.

No mesmo edifício está sediado o Gabinete de Apoio ao Emigrante (GAE), dirigido por uma Técnica Superior em Relações Públicas, gabinete este que se mantém como serviço do Município, sendo portanto, completamente independente da Casa da Juventude. O GAE tem como público-alvo: emigrantes e ex-emigrantes; familiares de emigrantes, ex-emigrantes e Jovens em situação escolar. Um dos objectivos deste gabinete é procurar integrar e reintegrar os/as emigrantes; apoiar o/a cidadão/cidadã emigrante no regresso e/ou reinserção ao seu país, informando-o dos seus direitos e disponibilizando toda a informação possível sobre a emigração.

No segundo piso podemos encontrar o gabinete da direcção, duas salas de apoio e de reuniões; e um laboratório de fotografia onde são ministrados cursos e workshops de fotografia por um técnico-auxilar na área de audiovisuais.

O Espaço da Pintura, dinamizado por uma assistente operacional, situa-se no *hall* de entrada deste segundo piso. Aqui são desenvolvidas actividades de arte plástica, pintura e desenho artes plásticas, e conta com a participação de crianças, jovens e adultos.

As salas situadas no segundo piso são por vezes cedidas ao Auditório Municipal da cidade, situado perto desta Casa, para serem ministradas aulas de música, ou então são ocupadas pela professora do CNO (Centro de Novas Oportunidades).

1.1.2. Actividades desenvolvidas pela Casa da Juventude

No espaço desta Casa da Juventude existem materiais lúdicos permanentes e livres como as consolas de jogos, a mesa de ping-pong, os matraquilhos, televisão, as revistas e jornais diários, o espaço internet com utilização gratuita de 5 computadores, e ainda actividades como as oficinas de pintura e artes plásticas.

No que diz respeito às actividades anuais dinamizadas pela Casa da Juventude temos:

- ⇒ **«Concurso Nacional de Fotografia»:** que tem como objectivo facilitar outras formas de expressão, estimular a participação na comunidade, desenvolver o espírito crítico, ampliar a educação sócio-cultural;
- ⇒ **«Escola Para Sempre»:** projecto que decorre há doze anos sem interrupção e conta com a colaboração de todos/as os/as funcionários/as da Casa da Juventude, bem como, de parcerias para o fornecimento dos prémios aos/às concorrentes. Este projecto consiste na promoção de acções diversas, de índole cultural e desportiva, na dinamização da Comunidade Escolar/Juventude despertando para novos valores e exemplos para uma educação ampla e actualizada. Este concurso engloba diversas artes: escultura, poesia, pintura, conto e banda desenhada – prova de cicloturismo e corta-mato.
- ⇒ **«Mexe e Segue»**, implica a participação dos/as jovens em 4 modalidades desportivas: futebol salão, atletismo, voleibol e basquetebol, 1 jogo tradicional (corrida de sacos) e 1 jogo de mesa (matraquilhos).

- ⇒ «**Ao som de DJ's**», esta actividade, normalmente, realiza-se no Dia Internacional da Juventude e o “Jogos em Casa” que se baseia na promoção de pequenos torneios de ping-pong, xadrez, damas, matraquilhos e jogos de computador/multimédia.
- ⇒ «**Espaço de Pintura**» é uma oferta permanente e gratuita, com bastante relevo para os/as Jovens utentes da Casa da Juventude, onde aprendem e/ou aperfeiçoam os dotes de pintura e de desenho.
- ⇒ «**Curso de Fotografia**» é o único projecto de formação existente e está aberto a toda a comunidade, não sendo gratuito.

É ainda de referir que nas férias de Natal e da Páscoa, a Casa da Juventude proporciona momentos alternativos àqueles que habitualmente têm, dinamizados pelos/as funcionários/as que constituem os recursos humanos do local, tais como: karaoke, espaço de bijutaria e torneios de ping-pong e virtuais.

Existe ainda um outro projecto com grande dimensão na cidade apelidado de: *Encontro de Escritores*. O papel da Casa da Juventude neste Projecto baseia-se exclusivamente na prestação de apoio técnico, colocando ao dispor do projecto os/as seus/suas funcionários/as. Ora, quando me refiro ao intercâmbio e co-relacionamento das instituições (formais e não-formais) do Município, entendo muito mais do que uma relação baseada na prestação de apoio técnico, pois penso que os/as profissionais desta instituição poderiam colaborar em mais projectos educativos, participando desde a sua elaboração/ concepção, divulgação, execução e avaliação, e não apenas basear-se no aprovisionamento de recursos físicos e humanos, como é o caso do projecto que referi anteriormente.

Síntese

A aposta numa educação não-formal por parte destes sectores camarários é fundamental, pois este tipo de educação assume-se mais flexível tanto em relação ao tempo como em relação à (re)criação dos seus múltiplos espaços, respeitando retoricamente as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma.

Por esta breve “estadia” pela Casa da Juventude pude perceber, através das conversas ocasionais estabelecidas com os/as jovens, que estes/as consideram a Casa da Juventude como um “refúgio” à instituição formal que é a Escola, como a instituição informal que é a família.

Contudo, este município, ou mais concretamente esta instituição, pauta-se pela inexistência de pessoal técnico e especializado que planifique, organize, conceba, gira e avalie projectos e programas de intervenção na área da educação e formação. Isto, sem dúvida, é urgente, pois através das conversas informais realizadas com a Directora da Casa da Juventude foi possível perceber, por um lado, esta necessidade e, por outro lado, a frustração e angústia demonstrada na incapacidade de acção por parte da instituição.

«Eu aqui tenho de organizar tudo sozinha e se tenho ideias novas dificilmente vão adiante!» (Apêndice V)

Instituições formais, informais e mesmo as não-formais, não devem ser espaços antagónicos, pelo contrário, penso que se devem interligar e complementar através de projectos comuns, tendo ao seu dispor técnicos competentes para intervirem em lugares onde as Juventudes sintam a sua diversidade aceite.

1.2. Caracterização da Escola

À questão *Que Escola é que queremos?* a Escola Secundária, que aqui estamos a caracterizar, responde: «Uma escola multidimensional que hoje seja mais e melhor que ontem! Uma Escola de TODOS para TODOS» (anexo II). Assim, e tendo em conta o Projecto Educativo da Escola, são cinco os princípios fundamentais que sustentam o ensino desta instituição: a qualidade; a solidariedade; a integração na comunidade educativa; a cidadania; e, por fim, a democracia.

Tendo por base o Projecto Educativo referente ao ano em que este estágio se desenvolveu, 2009/2010, esta escola entende ter um papel fundamental na formação dos/as jovens nas várias vertentes do seu quotidiano numa sociedade em constante mutação:

«A Escola constitui-se como etapa importante na formação do aluno não só na vertente dos conhecimentos/competências/capacidades mas também se repercute na qualidade de cidadania numa sociedade em mudança, na capacidade de integração num mercado de trabalho cada vez mais complexo e competitivo e na construção de uma vida pessoal/familiar feita em bases sólidas».

À família reserva-se o direito e o dever de «co-responsabilizar-se neste processo educativo assegurando à escola que as atitudes básicas estão já interiorizadas nos seus educandos nomeadamente o dever de obediência, o respeito pela hierarquia, o respeito

pelo regulamento interno, bem como o cumprimento pelas regras básicas de higiene e do respeito pelo que é de Todos e para Todos».

Neste contexto, o processo educativo tem em consideração a formação de estudantes enquanto cidadãos/ãs esperando-se daqueles: pontualidade; adequada utilização dos espaços/equipamentos da escola; o sentido de auto-disciplina, auto-organização; responsabilidade; lealdade entre outros.

1.2.1. Recursos Físicos e Humanos:

No ano a que se reporta este relatório, a escola sofreu modificações na sua infra-estrutura, executadas ao abrigo do Programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário, o que permitiu um aumento da capacidade de ocupação que, por sua vez, se traduziu em mais 10 turmas, e uma renovação e aquisição de novas instalações, nomeadamente o edifício reservado às estruturas de gestão e o pavilhão gimnodesportivo. Esta é uma escola integrada numa política de Desenvolvimento Sustentável, participando activamente na recolha selectiva de resíduos, integrando papel, vidro, embalagens, plásticos e metais, óleos alimentares e resíduos orgânicos alimentares.

Hoje, a escola tem 180 professores, 55 funcionários e 1 psicóloga elementos que têm por função apoiar 1498 alunos/alunas, de diferentes faixas etárias e características culturais e étnicas, repartidos/as por 8 turmas do 3º ciclo do ensino básico diurno, 51 turmas do ensino secundário diurno (22 das quais de cursos profissionais) e 21 turmas do ensino nocturno (6 dos cursos científico-humanísticos, 8 dos cursos tecnológicos e 7 dos Cursos de Educação e Formação de Adultos).

Capítulo II: Caracterização da População: Casa da Juventude e da Escola

A Casa da Juventude...

A Casa da Juventude enquanto espaço aberto à comunidade, recebe pessoas de todas as idades. O facto de, neste sector, estar também alojado o Gabinete de Apoio ao E(I)migrante, o público que frequenta o local varia muito consoante a idade e o género. Contudo, podemos dizer que mediante a oferta que este espaço oferece, o público que ocorre com mais frequência à Casa da Juventude, são Jovens e crianças dos 8 aos 18 anos. Depois, com menor frequência e assiduidade, a população adulta representa uma parte do público deste espaço, que o caracterizam como «um local de passagem para leitura dos jornais diários e espaço internet» (anexo IV).

Na parte seguinte desta dissertação, no capítulo I, realizar-se-á a descrição e interpretação dos dados recolhidos através do estudo exploratório realizado no âmbito do estágio. Este estudo teve dois objectivos fundamentais: avaliar os hábitos de lazer e tempos livres dos/as jovens da faixa etária das juventudes, bem como, a percepção dos/as jovens em relação à Casa da Juventude como espaço de educação não-formal.

A Escola...

A intervenção na Escola Mar Azul⁴, concretamente numa turma de 8ºano, foi uma opção realizada após a reunião de alguns docentes da Escola, que sinalizaram como problemática a turma onde decorreu toda a acção. Como sabemos, as necessidades de cada jovem são singulares, e, nesta turma, encontramos desde alunos/as repetentes a alunos/as com Necessidades Educativas Especiais.

A turma é caracterizada como sendo uma turma:

«heterogénea, composta por dois grupos com características diferentes. Um grupo constituído por um conjunto de alunos que transitou que apesar de poucos hábitos de estudo e de trabalho se esforçaram em atingir os conhecimentos transmitidos pelos professores. Um outro grupo constituídos por alunos mais velhos, que já sofreram retenções, com pouca vontade de estudar, sem saber estar no espaço sala de aula, com resistência ao cumprimento de regras e com falta de assiduidade muito grave» (Anexo II).

Relativamente ao comportamento da turma, esta apresenta dificuldades de cumprimento das regras, nomeadamente, dentro da sala de aula; dificuldades de

⁴ No sentido de manter o anonimato, nesta dissertação os nomes de pessoas, lugares e projectos locais são fictícios.

atenção/ concentração; pouca autonomia e sentido de responsabilidade e reduzida participação nas aulas e ou participação desorganizada.

Tendo em consideração o discurso da docente, percebemos que devido à existência de um grupo com um percurso escolar difícil e, por vezes perturbador, o ritmo de aprendizagem é variado, prejudicando assim o aproveitamento da turma. Consubstancialmente existem problemas de organização dos materiais, como são exemplo, os cadernos diários. A ausência de método de estudo e a despreocupação por parte dos/as alunos/as, é comprovada pela «quase nula realização dos trabalhos de casa; raciocínio lógico e espírito crítico ausentes nestes/as jovens, bem como, hábitos e métodos de trabalho» (anexo II)

O conselho de turma traçou algumas prioridades no Projecto Curricular de turma, como por exemplo: «adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões» e «cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns».

A turma é constituída por 27 estudantes, sendo 13 do sexo feminino e 14 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos. A maioria dos/as estudantes reside no concelho, estando uma minoria dispersa por algumas freguesias da cidade.

É de referir que existem algumas excepções, havendo casos de estudantes que habitam apenas com a mãe, verificando-se, portanto, a ausência paterna devido à sua vida profissional ou mesmo conjugal. Por conseguinte, raros, mas também existentes, são o caso de algumas famílias terem de se juntar aos avós. Tanto a figura materna como a paterna tem, na sua maioria, o 6ºano de escolaridade. (anexo II)

Após a consulta do Projecto Curricular de Turma (anexo II), pude concluir que o objectivo geral do projecto é fundamentalmente «promover nos alunos o interesse pela vida escolar, como meio lúdico-pedagógico que conduz à assimilação de saberes, direitos e deveres, permitindo construírem-se como pessoas civicamente responsáveis, criativas e tolerantes».

PARTE III

**Ação Desenvolvida: concepção e desenvolvimento de um projecto de
intervenção**

A acção desenvolvida no desenrolar do estágio, tanto na Casa da Juventude como no espaço escolar estruturou-se, em primeiro lugar, através da realização de um estudo exploratório de forma a conhecer os contextos e os sujeitos envolvidos.

Este momento da dissertação apresenta a investigação realizada no terreno no contexto casa da juventude e a análise dos dados realizados através do Programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). De referir que a análise estatística dos dados pretende ser apenas indicativa, não se podendo estabelecer, portanto, generalizações.

A partir das informações produzidas por este estudo diagnóstico, desenvolve-se o projecto de Mediação Sócio-Educativa. Nesta parte, dar-se-á conta das actividades e dinâmicas do Espaço Experimental de Mediação Educativa desenvolvidas, tanto na Casa da Juventude, como na Escola e das reflexões que ambas as intervenções suscitaram.

A temática da indisciplina também será abordada nesta parte, fazendo-se uma relação entre esta problemática e os dois contextos de intervenção.

As actividades de monitorização e de avaliação do Projecto Espaço Experimental de Mediação Educativa [na Escola e na Casa da Juventude] são analisadas e reflectidas, constituindo uma parte incontornável de um projecto de intervenção. A auto-avaliação dos/as participantes nas acções desenvolvidas no Espaço Experimental de Mediação Educativa estará também referida.

Para finalizar, apresenta-se a(s) natureza(s) da intervenção realizada, da participação e envolvimento enquanto estagiária.

Capítulo I: Primeiros passos a caminho do projecto: um estudo exploratório para conhecer as dinâmicas do contexto

Investigar o terreno...

Considerando que este estudo incide sobre as Juventudes e as Culturas Juvenis e tendo em conta o local de estágio ser a Casa da Juventude, resolvi investigar quais as necessidades que os/as utentes deste local sentem, visto serem actores sociais singulares que acarretam consigo algo tão peculiar como a *cultura*.

A intervenção na Escola Secundária, mais precisamente numa turma do 8ºano na disciplina de Formação Cívica deve-se, por um lado, ao facto desta instituição começar a dar relevância a Projectos de Mediação, tendo como perspectiva futura a criação de um gabinete de Mediação de Conflitos e, por outro lado, ao facto de esta ser a Escola Secundária da cidade, designada aqui por Mar Azul, que abrange mais jovens dos 12 aos 16 anos e que frequentam a Casa da Juventude.

Não esquecendo que o local de estágio é a Casa da Juventude, relembro que a Escola serviu como interface de ligação entre os/as jovens da escola e a Casa da Juventude de forma a lembrar aos/às jovens da Escola a existência de um novo serviço na Casa da Juventude, o *Espaço Experimental de Mediação Educativa*. Através de algumas sessões dinamizadas nas aulas de Formação Cívica foi dado a conhecer aos/às jovens algumas das temáticas abordadas neste espaço para além de se dar relevância ao lugar que as Juventudes ocupam na sociedade e, num contexto mais específico, em espaços não-formais como as Casas da Juventude.

A linha condutora do pensamento para esta investigação, feita através da aplicação de um inquérito por questionário (apêndice II), pautou-se pelo surgimento de questões com várias dimensões: *A quem se vai aplicar este estudo? Que tipo de questões devo incluir? Como devo abordar esta temática? Que tipo de respostas pretendo?*

Tendo em conta a escassa investigação no terreno neste local de estágio – Casa da Juventude - na área das Juventudes, consideramos desde cedo necessário realizar um pequeno estudo exploratório em torno da temática da ocupação dos tempos livres dos/as jovens dentro e fora da Casa da Juventude.

Esta investigação teve como instrumento de análise, um inquérito por questionário tendo como público-alvo 50 utentes da Casa da Juventude entre os 12 e os 28 anos.

Para tal, foram colocadas uma série de questões que tiveram como principal foco dois objectivos de interesse: *quais os hábitos culturais e de lazer que os/as jovens utentes da Casa da Juventude possuem; e quais as necessidades que estes/as apresentam na Casa da Juventude*. A primeira interrogação fundamentou-se na problemática de estudo: *como irei estudar esta problemática?*

Como qualquer investigação, esta não fugiu à regra, e antes de iniciar todo o processo investigatório, propusemo-nos a sustentar a investigação através de uma pergunta de partida, isto claro, após uma constante exploração teórica e metodológica. Desta forma, a definição da problemática e a construção de um pré-teste também se tornaram numa fase desta investigação, com o objectivo de perceber a pertinência, clareza e exequibilidade do inquérito por questionário. Para o efeito, foi necessária a aplicação do pré-teste a 15 utentes do local de forma aleatória. Após a recolha e a análise dos dados do pré-teste, foram algumas as questões modificadas com o objectivo de melhorar a clareza da linguagem.

<p>“Para quê que isto serve?” “Quem é que tem de responder a isto?” “Quer que a ajude?” “Preenche isto para ajudar a menina?” (N.T.1)</p>

Os momentos de interpelação foram a prova que, tanto os/as inquiridos/as como, os/as funcionários/as da Casa da Juventude, se envolveram e colaboraram no processo de investigação.

Considerámos pertinente organizar o inquérito por questionário em 5 partes com objectivos de estudo concretos. A primeira parte, relativa aos *dados de identificação*, serviu para reunir os dados pessoais dos/as jovens, como a idade, o sexo e o local de residência. De seguida, a parte de *educação e formação* teve como objectivo interrogar a situação escolar do/a jovem, do seu pai e da sua mãe, bem como, as perspectivas profissionais futuras que o/a jovem teria. A divisão do *trabalho e emprego* do questionário teve em vista saber se o/a jovem exerceria alguma actividade profissional. Uma outra parte, apelidada de *tempos livres e convivialidade*, teve como objectivo perceber quais os hábitos de lazer que os/as jovens teriam na sua generalidade. Por fim, a parte dedicada à Casa da Juventude, reuniria todos dados da imagem que o/a jovem teria em relação à Casa da Juventude.

O papel desempenhado por este estudo num processo de concepção de um projecto de intervenção, através da introdução de questões sobre o modo como o/a jovem conheceu a Casa da Juventude; para que fins frequenta o local; que necessidade sente em relação ao local, foram alguns dos aspectos que considerámos pertinentes para

a reflexão e discussão de temas, como o tempo livre e o papel das Casas da Juventude da educação não-formal dos/as jovens.

Deste modo, e de forma a desconstruir as respostas obtidas através do inquérito, a fase de diagnóstico, articulada com a teoria, foi pertinente para concluir algumas ideias, desmistificar alguns conceitos e encontrar a pertinência da criação de um espaço que respondesse às necessidades das Juventudes.

Dados recolhidos do estudo exploratório realizado na Casa da Juventude...

A primeira impressão que conseguimos recolher, a partir da aplicação do inquérito por questionário, fazendo uma correlação por escalão etário e sexo, foi que a participação dos/as jovens na Casa da Juventude tem mais predominância no intervalo de idades entre os 10 e os 17 anos.

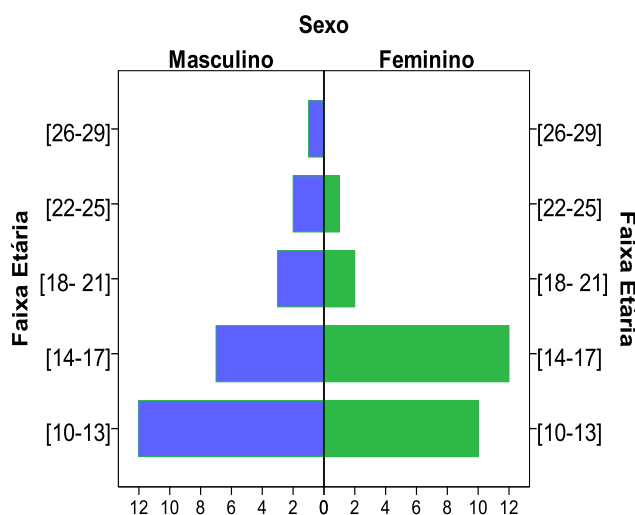


Gráfico 1- Distribuição dos/as inquiridos/as por sexo e escalão etário

O processo de distribuição dos inquéritos foi aleatório e, pudemos revelar que, das 50 pessoas inquiridas, 25 são do sexo feminino e as restantes do sexo masculino. Este estudo abrangeu jovens a partir dos 12 anos, contudo, de forma a estabelecer uma escala igualitária, introduzimos na base de dados SPSS (Statistical Package for Social Sciences) as idades 10 e 11 anos.

De seguida, conforme nos mostra a tabela 1, verificámos que, no universo investigado, uma parcela considerável dos/as jovens reside no concelho de investigação, e, conseqüentemente, os restantes inquiridos residem nas freguesias envolventes ao concelho.

Escalão etário (anos)		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22-25]	[26-29]	Total
Local De Residência	Concelho de investigação	15	15	4	3	1	38
	Freguesia	6	3	1	0	0	10
	Concelho “Vizinho”	1	1	0	0	0	2

Tabela 1- Local de residência dos/as jovens por escalão etário

Respectivamente à nacionalidade dos/as jovens inquiridos, pudemos apurar que todos/as os/as inquiridos/as têm nacionalidade portuguesa, podendo, em raros casos, os pais serem de outra nacionalidade.

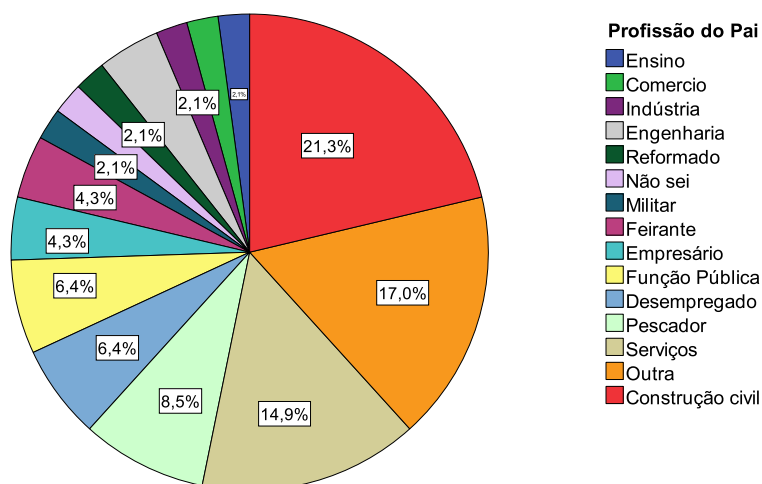


Gráfico 2 – Profissão do Pai

Constatámos, a partir do gráfico 2, que a profissão com maior relevância dos pais dos/as jovens inquiridos/as é na área da construção civil com 21,3%; seguido de *outro tipo de profissão* com 17%. Os serviços assumem 14,9%, e a actividade piscatória 8,5%.

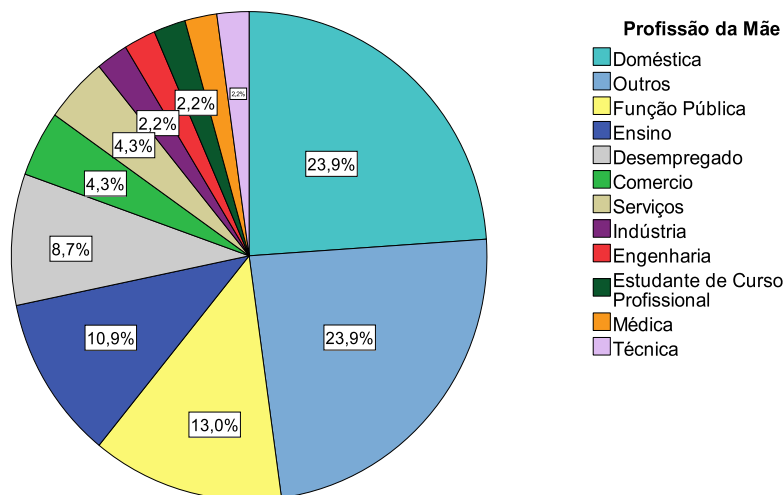


Gráfico 3- Profissão da Mãe

O gráfico 3, mostra-nos que 23,9% das mães dos/as jovens inquiridos/as não exercem qualquer actividade profissional remunerada ocupando-se, portanto, da actividade doméstica. Com 13% de respostas verificámos que as mães dos/as jovens trabalham na função pública e com 10,9% de respostas, no ensino.

A partir dos gráficos 2 e 3 podemos tirar algumas conclusões sobre o nível sócio económico das famílias destes/as jovens. De salientar, portanto, que o desemprego também é uma realidade na vida, tanto da figura paterna da família, bem como, da figura materna. Em relação à figura masculina, o desemprego assume 6,4%, enquanto na figura feminina o mesmo apresenta uma taxa mais elevada, de 8,7%. Desta forma, podemos afirmar que o desemprego assume uma taxa mais elevada entre as mulheres, bem como, a inexistência da actividade doméstica na vida da figura paterna.

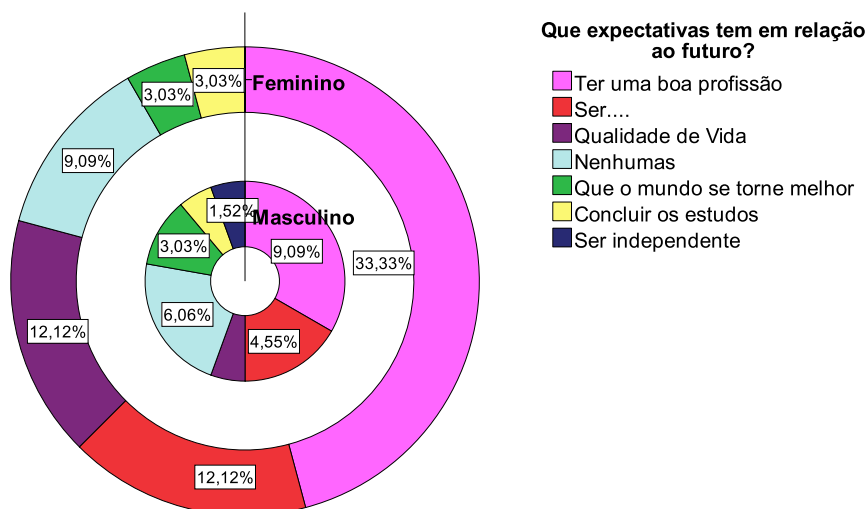


Gráfico 4- Expectativas dos/as jovens em relação ao futuro em relação ao sexo.

É unânime entre os dois géneros a expectativa de *ter uma boa profissão no futuro*, no entanto, as raparigas são aquelas que exprimem esse desejo mais convictamente com 33,3% de respostas, enquanto que, aproximadamente 9% dos rapazes expressam o mesmo.

De uma forma muito genérica, a aspiração de *Ser* (médica, professora, futebolista, etc.) é evidente tanto nas raparigas aos rapazes, no entanto, mais uma vez, 12,1% das raparigas o assumem em oposição com os rapazes onde apenas 4,5% assumem este desejo. Ter *qualidade de vida* e *esperança de um mundo melhor* também é um desejo bem expresso pelas raparigas e pelos rapazes.

É interessante observar que a ascensão de um estatuto *independente* foi um desejo expresso apenas pelos jovens do género masculino.

De ressaltar que, por um lado, esta foi a pergunta do questionário com mais “respostas em branco”, com 16% de abstenção; por outro lado, foram mais as respostas obtidas por jovens do género feminino. Perante este cenário, será que por estes motivos podemos reequacionar que *estes/as jovens não vêem o futuro como algo preocupante ou digno de reflexão?*; *Será que podemos inferir que as raparigas têm objectivos e expectativas futuras mais vincadas que os rapazes?*

Escalão Etário (anos)		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22 -25]	[26-29]	TOTAL
Expectativas em relação ao futuro	Nenhumas	1	2	3	1	0	7
	“Que o mundo se torne melhor”	0	2	0	1	0	3
	Ter uma boa profissão	12	5	0	0	0	17
	Qualidade de Vida	2	3	0	0	0	5
	Concluir os estudos	0	1	0	1	0	2
	Ser....	5	2	0	0	0	7
	Ser independente	0	0	1	0	0	1
TOTAL		20	15	4	3	0	42
Missing		-	-	-	-	-	8

Tabela 2- Expectativas dos/as jovens em relação ao futuro por escalão etário.

Convém relacionar também este aspecto das expectativas dos/as jovens com a idade e, tendo como referencia a tabela 2, visualizamos que as expectativas dos/as jovens a partir dos 21 anos até à idade abrangida por este estudo, os 28 anos, vai-se esmorecendo com um número de respostas significativo (4 jovens) diante uma minoria abrangida por este estudo entre este escalão etário (8 jovens). Apenas um jovem inserido no escalão etário entre os 24 e os 28 anos afirma ter como objectivo *concluir os estudos*.

Escalão Etário (anos)		[10-13]	[14-17]	[18- 21]	[22-25]	[26-29]	Total
Estuda	Sim	22	17	3	0	0	42
	Não	0	2	2	3	1	8
	Total	22	19	5	3	1	50

Tabela 3- Situação escolar do/a jovem, de acordo com o escalão etário.

Com uma amostra de 50 utentes inquiridos, conseguimos apurar que 42 jovens afirmam estudar e 8 jovens afirmam o contrário. Contudo, é relevante salientar que mais de 50% dos inquiridos abrange o escalão etário dos 12 aos 17 anos, logo, podemos

concluir que, após completarem a escolaridade mínima obrigatória, estes/as jovens terão tendência para abandonar a escola.

Dos/as jovens inquiridos/as que afirmam frequentar um estabelecimento de ensino, através da tabela 4, pudemos concluir que 46% frequentam a Escola E,B 2/3 (ciclo) da cidade. Também pudemos associar este resultado ao facto do escalão etário dos 12 aos 16 anos ser aquele com mais percentagem de inquiridos, logo, o motivo de existir mais jovens a frequentar esta escola.

De imediato, com 20% de respostas observamos que os jovens que frequentam a Casa da Juventude pertencem à Escola Secundária Mar Azul, escola na qual ocorreu a intervenção no âmbito do Projecto *Espaço Experimental de Mediação Educativa*.

ESCOLA	JOVENS PERCENTAGEM (%)	
E,B 2/3	23	46,0
Escola Secundária Mar Azul	10	20,0
Escola Secundária E.Q.	2	4,0
Outra	6	12,0
TOTAL	41	82,0
MISSING	9	18,0
TOTAL	50	100

Tabela 4- Identificação da escola onde estuda

Retomando a análise dos dados do estudo, pela tabela 5, é possível verificar que, de acordo com as idades investigadas, são raros os utentes da Casa da Juventude que exercem alguma actividade profissional.

Escalão etário (anos)		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22-25]	[26-29]	Total
Exerce alguma actividade profissional?	Sim	0	1	1	2	1	5
	Não	22	18	4	1	0	45

Tabela 5- Relação entre o escalão etário dos/as inquiridos e a prática de actividade profissional

No entanto, os/as Jovens que assumem exercer alguma actividade profissional, encontram-se entre os 18 e os 28 anos, existindo, excepcionalmente, um caso de um/a jovem com idade compreendida entre os 14 e os 17 anos que afirma exercer uma actividade profissional.

Antigamente, o fim da juventude era marcado de forma bastante linear, através: da iniciação da actividade laboral/profissional, com a entrada no mercado de trabalho; conquista de independência e poder financeiro; obtenção de moradia própria e, consequentemente, criação de um núcleo familiar. Esta «moratória social» nos dias de hoje já não acontece com tanta precisão. Devido às desigualdades e diferenças sociais, os/as Jovens, de diferentes níveis e estratos sociais, antecipam a idade adulta com a entrada no mercado de trabalho, por um lado, por necessidade e, por outro lado, simplesmente para obterem autonomia financeira e familiar. Contudo, a crise de emprego na Europa fez com que vários países decidissem alargar a fase da Juventude e abranger Jovens até aos 29 anos nesta fase. Esta dificuldade que as juventudes enfrentam ao nível da entrada no mundo de trabalho devido ao desemprego estende-se mesmo a Jovens com escolaridade elevada. (Pais, 1990)

Contudo, como refere Carrano, entende-se a importância de evidenciar que esta «trajectória de busca e inserção no mundo do trabalho dos/as Jovens, especialmente os das famílias mais pobres, é incerta, ou seja, estes ocupam as ofertas de trabalho disponíveis que, precárias e desprotegidas em sua maioria, permitem pouca ou nenhuma possibilidade de iniciar ou progredir numa carreira profissional» (2009: 171).

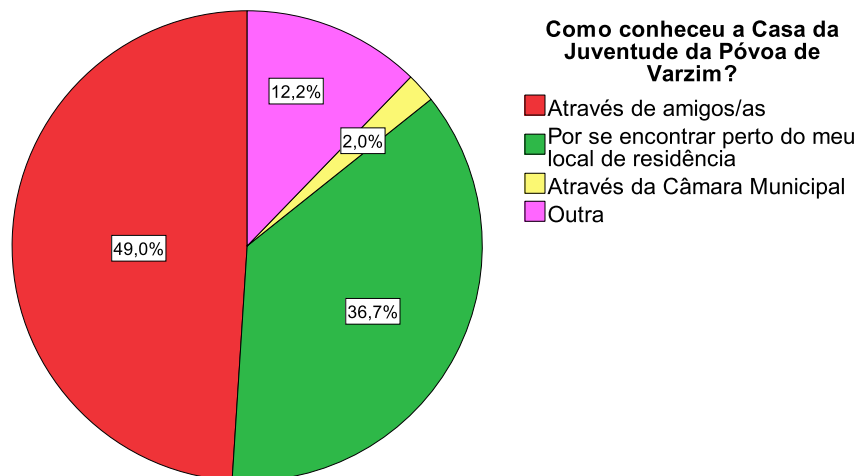


Gráfico 5- Modo como os/as jovens conheceram a Casa da Juventude.

Pudemos concluir, a partir do gráfico 5, que 49% dos/as jovens conheceram a casa da Juventude por intermédio de amigos/as. Desta forma, percebemos a força que os grupos de pares têm nas decisões diárias, de tempos livres e lazer, dos/as jovens. Como refere Morcellini, «o grupo de pares responde a necessidades de comunicação, de solidariedade, de autonomia, de trocas, de reconhecimento recíproco e de identidade [...]

A força atractiva dos primeiros grupos de pares favorece a construção de uma autonomia em relação ao mundo adulto» (1997: 118).

Neste sentido, através da convivência quotidiana, os/as jovens vão trocando ideias sobre novos locais e novas actividades da cidade e vão experienciando tais novidades.

«o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares, sendo em torno dessas actividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e colectivas» (Dayrell, 1995:316)

A proximidade da Casa da Juventude ao local de residência dos/as jovens também é um factor relevante na divulgação deste local. Com aproximadamente 36% de resposta percebemos que são alguns os/as jovens que residem perto da Casa da Juventude e, deste modo, foi assim que a conheceram. Já no que se refere ao meio de divulgação da Casa da Juventude através da Câmara Municipal da cidade, aproximadamente 12% dos/as jovens afirmam que foi assim que conheceram a local. Através da interpretação destes dados podemos reflectir sobre o papel que as entidades políticos locais poderiam ter mais na divulgação destes centros juvenis, já que é claro o papel educativo que estes sectores camarários têm.

O gráfico 6, dividido pelo escalão etário dos/as inquiridos/as, representa os objectivos que levam os/as jovens a frequentarem a Casa da Juventude. A partir do mesmo, observamos que os/as jovens entre os 10 e os 13 anos utilizam a Casa da Juventude preferencialmente para usufruírem do computador e da internet do *Espaço Internet*.

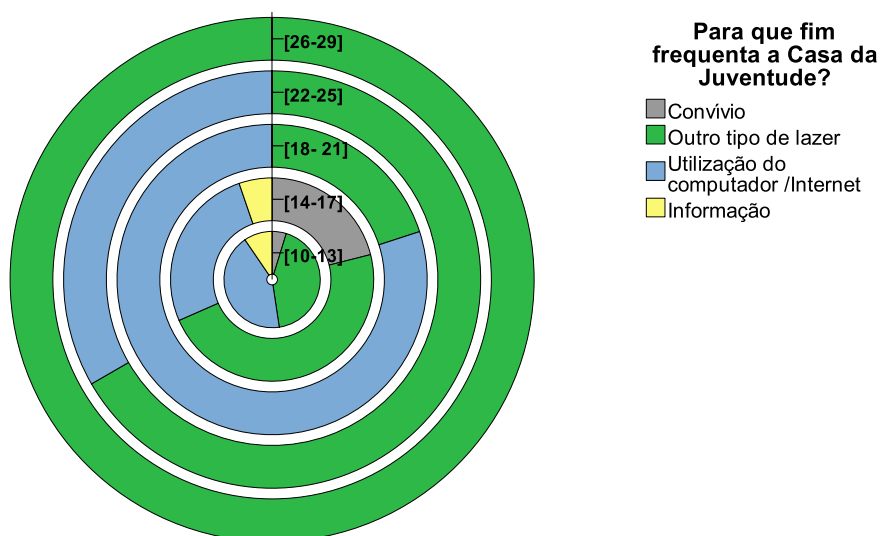


Gráfico 6- Fim, de acordo com o escalão etário, dos/as jovens frequentarem a Casa da Juventude.

De seguida, os/as jovens entre os 14 aos 17 anos frequentam a Casa da Juventude mais para *outro tipo de lazer*, como por exemplo: jogar *ping-pong*, *playstation*, etc. Maioritariamente, os/as jovens entre os 18 e os 21 anos frequentam o local recorrendo ao computador e internet. A utilização do computador e da internet é, assim, um motivo que leva os/as jovens a frequentarem a Casa da Juventude. Curiosamente, pudemos observar que, de um modo geral, os/as jovens entre os 10 e os 17 anos, foram os/as únicos/as que responderam que utilizam o espaço para informação (ler jornais, revistas, etc.).

Através deste tempo livre juvenil os/as jovens constroem os seus circuitos de lazer marcados por práticas juvenis diversificadas, no entanto, verificamos que uma vez mais as práticas destes/as jovens estão cada vez mais direccionadas para as novas tecnologias.

A partir deste estudo, e sem querer generalizar, podemos concluir que a Casa da Juventude está associada ao *convívio* apenas até aos 20 anos e são raros os/as jovens que a frequentam como espaço de informação.

Por fim, os/as jovens dos 22 aos 29 anos, afirmam frequentar a Casa da Juventude maioritariamente para *outro tipo de lazer*. Para além dos jogos na mesa de *ping-pong* e na *playstation*, entendemos que a opção *outro tipo de lazer* corresponde à participação noutras actividades que a Casa da Juventude oferece, como é o caso da pintura, da fotografia e das aulas de música, que fazem parte do Auditório Municipal, mas por motivos logísticos são leccionadas neste local.

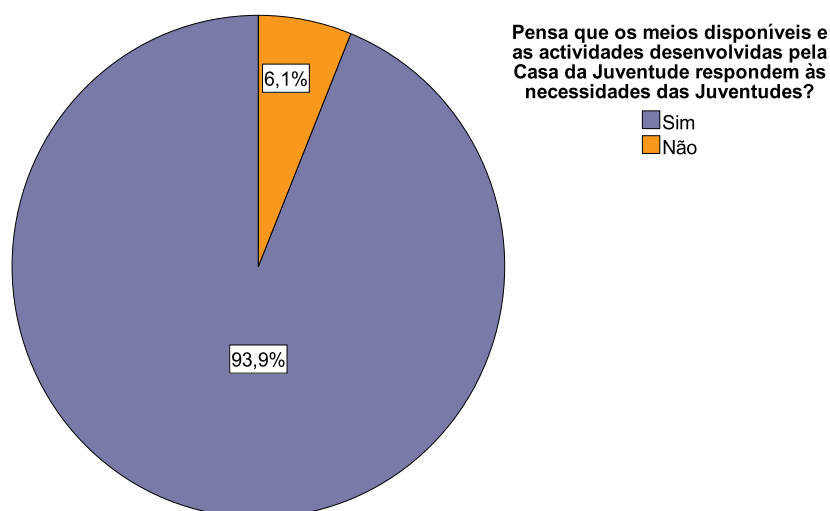


Gráfico 7- Grau de satisfação dos/as jovens em relação às ofertas da Casa da Juventude

Entre os rapazes e as raparigas investigadas, verificámos que o grau de satisfação em relação aos meios fornecidos pela Casa da Juventude é bastante

satisfatório (93,8%). Entendemos que isto se deve ao desconhecimento de novos meios de animação, entretenimento ou lazer.

Como podemos observar através da tabela 7, os/as jovens quando questionados/as sobre a proposta de novas ofertas na Casa da Juventude, verificamos que a maioria dos/as inquiridos/as que se encontram entre os 10 e os 17 anos, expressam a vontade de encontrar na Casa da Juventude *actividades variadas de animação e ocupação dos tempos livres, constituindo-se como actividades criativas e inovadoras, organizadas para as Juventudes*.

Escalão Etário (anos)		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22-25]	[26-29]	Total
O que gostaria de encontrar na Casa da Juventude era...	Um espaço de discussão e debate de diversos temas	3	2	0	0	0	5
	Oferta de mais informação	0	1	1	0	0	2
	Oferta de mais formação	0	1	0	0	0	1
	Promoção de actividades variadas de animação e ocupação dos tempos livres	9	4	0	0	0	13
	Realização de actividades criativas e inovadoras, organizadas para as Juventudes	4	5	2	1	1	13
	Investir na multidisciplinaridade de serviços e profissionais	0	0	0	1	0	1
	Um local com apoio ao nível da orientação psicológica	2	2	1	0	0	5
	Um local com apoio ao nível da orientação emocional	1	2	0	0	0	3
	Um local com apoio ao nível da orientação vocacional	1	2	0	1	0	4
	Total	20	19	4	3	1	47
Missing		-	-	-	-	-	3

Tabela 6 - O que os/as jovens gostariam de encontrar na Casa da Juventude, de acordo com o escalão etário.

De seguida, com menos percentagem de respostas, mas ainda com relevância estatística, verificámos que os/as jovens procuram na Casa da Juventude espaços de discussão e debate de diversos temas, assim como, um local com apoio ao nível da orientação psicológica e apoio ao nível da orientação vocacional e emocional.

Todavia, é de referir, que os/as jovens não mostram interesse em obter mais informação e formação, nem reconhecem os benefícios de equipas e serviços multidisciplinares na Casa da Juventude.

Os tempos livres são percebidos pelos/as jovens como “escape” ao espaço escolar e familiar, onde os momentos de autonomia e liberdade estão mais presentes. Assim, espaços como as Casas da Juventude, para além do papel educativo que podem ter, tornam-se uma «oportunidade para o exercício da expressão e liberdade pessoal dos/as jovens» (Pereira, 2007:236). Devemos aqui entender por *lazer* «espaços dos quais os/as jovens constroem os seus percursos após a saída do espaço escolar» (Vale, 2009:19).

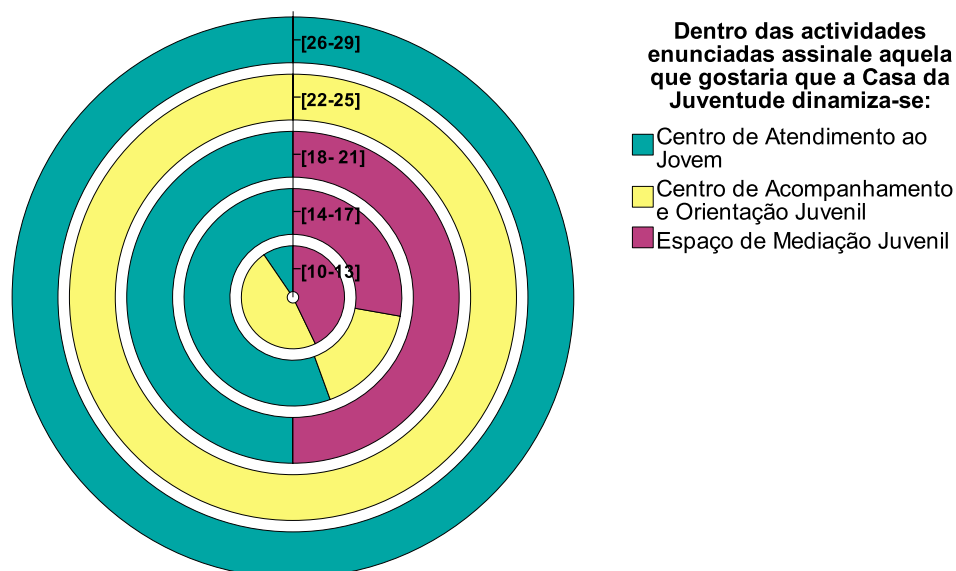


Gráfico 8 – Preferência, de acordo com o escalão etário dos/as jovens, pela existência de novos serviços dinamizados na Casa da Juventude.

Através do gráfico 8, pudemos concluir que não existe uma diferença acentuada na vontade expressa pelos/as jovens entre as três actividades sugeridas aos/às inquiridos/as (Centro de Atendimento ao Jovem; Acompanhamento e Orientação Juvenil e Espaço de Mediação Juvenil). No entanto, verifica-se que a actividade que recolheu maior adesão foi o “Centro de Acompanhamento e Orientação Juvenil”, seguido do “Espaço de Mediação Juvenil” com 33% de adesão, e, por último, do “Centro de Atendimento ao Jovem” com 30% de respostas.

De salientar que o *Centro de Acompanhamento e Orientação Juvenil* (CAOJ), já existente noutras Casas da Juventude do País, foi apresentado aos/às inquiridos/as como sendo um serviço de orientação e apoio ao nível familiar, escolar, problemas psicológicos. No entanto, para além do serviço dos/as técnicos/as em ciências da educação, seria necessária a prestação de serviços dos/as técnicos/as e profissionais

especializados/as na área de psicologia. Não sendo possível solicitar a prestação de mais técnicos na Casa da Juventude, não se avançou com esta ideia.

Estando presente uma estagiária em Ciências da Educação na Casa da Juventude, e como o *Espaço de Mediação Juvenil* teve uma aceitação de 33% dos/as inquiridos/as, resolvemos avançar com esta proposta da abertura de um espaço de debate, partilha de experiências e apoio à resolução de conflitos. Este *Espaço* foi aquele que, posteriormente, foi desenvolvido tanto num contexto de educação não-formal [Casa da Juventude] como noutra de educação formal [Escola].

O *Centro de Atendimento ao Jovem* (CAJ) foi apresentado como um serviço de apoio na área da saúde, sexualidade, alimentação e dependências não tendo portanto tanta aceitação pelos/as inquiridos. De referir, também, que neste momento do inquérito 5 pessoas não responderam a esta questão, tendo reduzido, portanto, o número de respostas para 45 inquiridos/as.

Aparentemente, há hábitos comuns à generalidade dos grupos juvenis. Quase todos os/as Jovens gostam de estar, com os/as amigos/as, de se divertirem, de saírem, de passar o tempo ou «matar o tempo» e «não fazer nada» como refere Pais (2003).

Retomando a problemática de estudo: as formas como os/as jovens atribuem sentidos e importância a espaços não-formais, especificamente à Casa da Juventude, verificámos que, comparando os/as jovens dos dois contextos de intervenção, pudemos verificar que a maioria dos/as jovens que constituem o espaço escolar expõem mais facilmente as expectativas e objectivos para o futuro do que no contexto da Casa da Juventude onde «a tónica é colocada na dificuldade em construir projectos de vida (ou carreiras)» (Abrantes, 2003: 30). Assim, justifica-se esta dicotomia com a hipótese da Casa da Juventude ser um local de lazer e tempo livre, onde os jovens *matam o tempo* (Pais, 1993) e não ocupam nem “perdem tempo” a pensar no futuro, mas sim no presente e no modo como o vão ocupar.

Capítulo II: Desenvolvimento de um Projecto de Estágio

O termo *projecto* e a sua subjacente *avaliação*, está impregnado de vários sentidos e conceitos, sendo notória a sua polissemia e ambiguidade. Um *projecto* na sua essência tem sempre uma intenção manifestada através da acção, isto é, um *projecto* tem sempre subjacente a concepção de um plano (*projecto-plano*), uma acção (*projecto-processo*) mas também um efeito (*projecto-produto*), de forma a constituir uma mudança, uma transformação num determinado meio ou contexto (Cortesão; Leite; Pacheco, 2002).

Neste sentido, o *projecto-plano* consistiu na criação de um plano de intervenção, mediante o diagnóstico e o estudo (desenvolvido no capítulo anterior), o que permitiu aumentar o conhecimento, tanto dos sujeitos envolvidos, como do terreno de intervenção. O *projecto-processo* desenrola-se mediante toda a acção e dinâmicas desenvolvidas com os/as jovens, por seu turno, consideramos que o *projecto-produto* se refere os resultados/efeitos, positivos e negativos, obtidos através da implementação do *projecto*.

Relembramos que o domínio de especialização do Mestrado em Ciências da Educação é *Educação e Diversidade Cultural*. Ora, o que se pretende com este *projecto* é também valorizar as diferenças e o pluralismo cultural do contexto de intervenção, de forma a enriquecer as aprendizagens dos sujeitos envolvidos atenuando, assim as desigualdades sociais presentes na sociedade actual.

Como referimos anteriormente, o *projecto* apelidado *Espaço Experimental de Mediação Educativa* nasce com o intuito de apresentar aos/às jovens actividades que ocupem o seu tempo livre e de lazer de forma educativa.

Este *Espaço*, primeiramente concebido para ser desenvolvido na Casa da Juventude, acaba também por se articular com uma Escola Secundária [Mar Azul], criando-se uma interface entre estes dois contextos educativos. Neste sentido, ambos recorreram à mediação como estratégia para discutir várias problemáticas juvenis, nomeadamente, ao nível da prevenção e resolução de conflitos, da educação para a cidadania, etc.

Especificamente, no que se refere à experiência no contexto escolar referido, o *Espaço Experimental de Mediação Educativa* surge após o conhecimento da existência de um *projecto* (*projecto-plano*) sobre Mediação de Resolução de Conflitos coordenado por uma das Professores de Ensino Especial de uma das Escolas Secundárias. Deste

modo, pela pertinência da articulação entre estes dois espaços, *à priori* com objectivos educativos diferentes, decidimos estender o *Espaço Experimental de Mediação Educativa* à Escola Secundária em causa.

2.1- Mediação Sócio-Educativa no contexto...

Casa da Juventude

Um dos objectivos deste Projecto de Estágio foi proporcionar aos/às utentes da Casa da Juventude um espaço educativo para que os/as Jovens não percepcionem a Casa da Juventude apenas como um espaço de lazer, mas também como um espaço educativo onde poderão realizar aprendizagem não-formais e informais através de dinâmicas de grupo.

Com a criação do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, tentou-se agir “por medida” ao local no sentido de responder às necessidades do espaço. O objectivo primordial deste projecto foi possibilitar novas vivências aos/às Jovens através da criação de um serviço gratuito com actividades educativas.

Dar resposta a questões como a ausência de recursos aos/às Jovens, torna-se o objectivo crucial deste espaço, no sentido de criar espaços, com o auxílio de técnicos/as, que constituam uma alternativa ao ensino regular, colmatando, assim, as suas lacunas. Assim, o objectivo será proporcionar à Juventude espaços de diálogo e comunicação, de forma a que estes vejam satisfeitas as suas necessidades.

A mediação sócio-educativa torna-se de uma extrema importância e necessidade, na medida em que esta visa facilitar as interacções entre os/as jovens mediante um papel activo nas suas aprendizagens, como agentes de mudança, em termos individuais e sociais, através de uma postura intercultural que permitia aceitar e valorizar a diferença, e mostrar a possibilidade de comunicação, afirmação e diálogo multiculturais.

Com a construção e implementação deste projecto pretendeu-se também prevenir comportamentos de risco, focalizando a necessidade de mudança nos/as jovens, através do conflito como meio para o reconhecimento e mudança de atitudes, tornando portanto, os/as jovens, *Seres* conscientes e responsáveis pelos seus próprios actos. De um modo geral, as actividades foram realizadas em equipa, de forma a proporcionar aos demais, o espírito de equipa, o sentimento de união e actuação em e para a sociedade.

Propôs-se um Projecto em rede com toda a comunidade, envolvendo a Escola, a Casa da Juventude e a Sociedade para que o/a jovem se sinta apoiado/a e envolvido/a nos diversos contextos do quotidiano.

Importa lembrar que este projecto surge devido à ausência de espaços de escuta para os/as jovens nos dois espaços de intervenção. Por conseguinte, a Casa da Juventude surge como interface de relação com a Escola, articulando-se entre si de modo a responder às necessidades dos/as Jovens.

Em ambos os espaços pretender-se-á que os/as jovens assumam um papel activo nas suas aprendizagens, como agentes de mudança, em termos individuais e sociais preparando-os/as, através do processo de mediação, para a aplicação, no seu quotidiano, de conceitos e competências de aprendizagem no domínio cognitivo e social.

2.1.1. Divulgar o *Espaço Experimental de Mediação Educativa*

A criação e implementação do espaço físico, *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, foi um momento sujeito a várias reflexões e transformações. Deste processo fizeram parte as reuniões tidas com os responsáveis da acção social do município, bem como com os/as responsáveis directos, ligados/as ao próprio sector da Casa da Juventude. O *Espaço* foi alargado à cidade, constituído como mais um serviço [experimental], ligado a este sector do município.

Neste processo, o apoio do departamento de comunicação da Câmara Municipal, tornou-se numa mais-valia no processo de divulgação do *Espaço*. A campanha de divulgação e sensibilização do *Espaço Experimental de Mediação Educativa* foi realizada através de cartazes (apêndice IX) e folhetos (apêndice VIII), divulgados por vários pontos da cidade, tais como: as paragens de autocarro da cidade, o folheto informativo, assim como, o próprio local de estágio. Este *Espaço* também passou pelos novos meios de informação, como foi o caso do site⁵ da Câmara Municipal, fornecendo aos/às leitores/as todas as informações necessárias sobre este projecto.

⁵<http://www.cm-pvarzim.pt/groups/staff/conteudo/eventos/casa-da-juventude-com-novo-servico/?searchterm=espa%C3%A7o%20media%C3%A7%C3%A3o>
<http://www.cm-pvarzim.pt/groups/staff/conteudo/eventos/casa-da-juventude-com-novo-servico/>

2.1.2. A «abertura da porta» do *Espaço Experimental de Mediação Educativa* na Casa da Juventude...

A abertura do *Espaço* só foi possível no início do mês de Março. Embora a Casa da Juventude já fosse um local conhecido e familiar para muitos/as dos/as jovens, na primeira sessão tentou-se acrescer o nível de descontração, no sentido de estabelecer um clima familiar e agradável para todos/as.

Entre medos e hesitações, a sessão de abertura do *Espaço* foi um momento bastante espontâneo e imediato de forma a não adiar mais este novo serviço à comunidade jovem.

A primeira sessão serviu para explicar o sentido e o objectivo deste local situado numa das salas da Casa da Juventude, até então desocupada. “Este é um *espaço* vosso, para vocês se exprimirem” foi o argumento utilizado para os/as jovens se desconstruírem e gozassem o local.

Ao contrário do espaço escolar, a Casa da Juventude é uma local sem qualquer tipo de obrigatoriedade na vida dos/as jovens. Ora, este facto, surgiu como entrave na segurança de um número constante e de uma presença assídua dos/as jovens nas actividades. Mediante este facto, a estratégia utilizada para tentar assegurar o número de participantes nas actividades foi, por um lado, estabelecer o diálogo com os pais de maneira a que estes ficassem informados do novo serviço que a Casa da Juventude disponibilizava, e, por outro lado, para que tivessem também um maior “controlo” da participação dos/as seus/suas filhos/as a *Espaço*.

O *feedback* dos pais a este novo serviço da Casa da Juventude foi bastante positivo. Muitos/as, começaram rapidamente a preencher o folheto de inscrição (apêndice VIII) estabelecendo um horário, mediante, não só a sua, mas também a disponibilidade horária do seu/sua educando/a.

Desde logo, os/as jovens mostraram-se recíprocos e entusiasmados em ocuparem o seu tempo livre neste espaço, no entanto, eram vários os/as jovens com vidas sobrecarregadas, quer com a vida escolar, quer com actividades extra-curriculares, como a música, a dança, a pintura, entre outras, o que dificultou a presença assídua dos/as jovens ao *Espaço*. No entanto, e ainda de forma a verificar a assiduidade dos/as jovens ao *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, considerou-se importante criar uma base de dados em formato papel (apêndice XII) de forma a apontar a assiduidade destes/as ao *Espaço*.

Com a oferta de alguns materiais previamente organizados, tais como papel de cenário, cola, cartolina, entre outros, iniciamos a primeira actividade prática do *Espaço* com a construção do «Painel dos Problemas, Desejos e Desafios». O objectivo deste painel foi fornecer aos/às jovens uma área onde, de forma anónima, pudessem exprimir os seus problemas, desejos e desafios, aos mais variados níveis: pessoal, profissional, familiar, emocional, etc.



Como foi constatado pelo estudo exploratório realizado antes da abertura do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, verificámos através do diálogo com os/as jovens que estes/as estão efectivamente matriculados/as numa instituição de ensino regular da cidade.



Este painel foi exposto na sala de convívio da Casa da Juventude, onde até hoje permanece, possibilitando a todos os/as utentes deste local a participação neste painel para que se sintam acolhidos/as e envolvidos/as no local.

2.1.3. Dinâmicas do *Espaço Experimental de Mediação Educativa* na Casa da Juventude

Através das dinâmicas de grupo, os/as jovens, reconhecendo as suas capacidades, distribuíram papéis, implementaram e definiram o cumprimento de regras de funcionamento do espaço, como forma de ultrapassarem posteriores conflitos do dia-a-dia, recorrendo as várias estratégias como o diálogo a negociação.

Um outro objectivo foi ensinar a pensar de forma criativa e crítica num ambiente lúdico, dotando os/as jovens de competências cognitivas e sociais que possam fazer parte da sua estruturação mental.

Foram diversos os auxiliares para despoletar a motivação, participação e criatividade dos/as jovens, como por exemplo: cartazes, fotos de jornais, pintura e teatralizações/ encenações.

Os jogos educativos, individuais e colectivos, foram uma das estratégias utilizadas neste espaço, pois penso que estes permitem a existência de situações privilegiadas para a resolução de problemas e para a aprendizagem em geral que, devido à sua variedade e versatilidade aplicativa, possibilitam diferentes enfoques, propondo os mais variados desafios, individuais ou colectivos. O jogo tem, portanto, o poder de, ao desenvolver e motivar a pessoa, resgatar os seus processos mentais de forma saudável.

Pretendeu-se assim, criar condições favoráveis a que se aprenda a pensar de forma reflexiva e criativa na resolução de problemas, vencendo o desafio, controlando a impulsividade, amenizando face à alegria, à motivação e ao envolvimento inerentes à situação, dotando o/a jovem de autonomia.

Deste modo, ao jogar, os/as jovens, aos poucos, vão percebendo que respeitar as regras leva a agilizar o raciocínio, desenvolvendo a criatividade, no levantamento das várias possibilidades envolvidas, compreendendo o grupo como um todo, no sentido de pertença e luta pelo Todo, dentro do permitido, sem lesá-lo, conquistando assim a sua afirmação aos poucos.

Momentos de Observação...

Embora a Casa da Juventude seja um local acolhedor, confesso que inicialmente senti-me distanciada do espaço, tornando-me um alvo desconhecido para os/as utentes “habituais” deste local.

Os olhares dos/as jovens à minha figura eram uma constante. Inicialmente a interacção directa com os/as jovens não existiu, devido à existência de grupos juvenis já formados e delimitados à entrada de “desconhecidos”. Posteriormente, foi um ponto que se foi conquistando através da empatia, dos momentos de diálogo, etc.

Inicialmente, foi difícil reflectir sobre as acções que ia estabelecendo com os/as utentes, pois a postura utilizada nos primeiros dias de chegada ao local foi de descontracção de forma a proteger-me dos olhares intimidatórios.

O meu pai é para mim...

O Dia do Pai foi um dia também celebrado neste *Espaço*. Foi solicitado a cada jovem que definisse para si, o significado da figura paterna.

O grau de elevado relacionamento pessoal e amizade entre os/as jovens presentes no *Espaço*, é um aspecto presente entre o grupo, o que fez com que fossem revelados alguns aspectos da vida pessoal de cada um/a, como por exemplo, o relato de uma jovem cujos pais se encontram separados. Após este relato, e voltando à actividade, a jovem refere que tal não é motivo para existir a ausência da figura paterna, ela pode existir de outro modo, mas com a mesma intensidade.

A intenção desta actividade foi dialogar e partilhar opiniões que os/as jovens têm sobre o papel e o sentido da figura paterna nas suas vidas, assim como, abordar os papéis sexuais e os estereótipos vigentes na sociedade sobre os dois géneros, possibilitando assim o olhar e posicionamento crítico dos/as jovens.

Neste sentido, os presentes concluíram que a nível cultural, há uma diferença bem nítida das expectativas em relação ao papel masculino e feminino. O estereótipo da figura paterna como “o trabalhador”, “o disciplinador”, “o forte”, “o valente”, dono de todo o exercício de poder familiar está presente na sociedade. Na sua maioria, os/as jovens afirmaram que os laços afectivos mantidos entre a figura paterna, assim como a figura materna, estão bastantes presentes e cimentados na vida dos/as jovens.

A recolha de assinatura...

Os momentos de descontração, de auto-conhecimento e de conhecimento interpessoal entre o grupo foram vários. Uma das actividades dinamizadas com os/as jovens foi a actividade: “Assino isso...”. Esta dinâmica consistiu na entrega de uma lista de 12 afirmações a cada jovem, onde cada um tinha de recolher 6 assinaturas de 6 pessoas diferentes no local da Casa da Juventude. Cada uma das assinaturas só podia ser recolhida se aquele/a que assinasse concordasse, efectivamente, com a afirmação. Naturalmente que, para facilitar a tarefa dos/as jovens, estes/as, deveriam escolher as afirmações que achassem mais fáceis para assim, facilitar a recolha das assinaturas.

Aqui, foi interessante perceber as diferentes estratégias utilizadas para a recolha de assinaturas, tais como, a simpatia e a boa-educação. A curiosidade de alguns/as jovens também esteve presente, pois alguns/as, de forma a satisfazer os seus interesses, optaram por afirmações mais difíceis para descobrir aspectos do foro pessoal sobre os/as

utentes da Casa da Juventude. Já com outro sentido, o suborno e a persistência também foram estratégias utilizadas por alguns/as jovens, insistindo com as pessoas e influenciando-as a assinar mesmo, que não concordassem com a afirmação.

Ao longo da actividade foram frequentes comentários, como por exemplo:

«com este tipo de actividades é possível fazer amigos»
«às vezes ser bem educado ajuda»
«há pessoas que não sabem andar de bicicleta»
«há homens que gostam de ser chefiados por mulheres»
«há pessoas que gostam de aprender»
«há muita gente que gosta de poesia; que se consideram atraentes e que gostam de jardinagem»

(N.T. 6)

Vamos dialogar através da mímica...

A estratégia de recorrer à mímica como forma de diálogo e interpretação também foi utilizada em algumas actividades realizadas no *Espaço*. Através da mímica, os/as jovens perceberam que esta é uma forma diferente e divertida, onde se dá azo à expressão dramática. Houve um jovem que se mostrou mais tímido e, apesar de não ter mostrado interesse em participar na actividade da mímica, mostrou-se interessado em assistir os colegas.

Ao longo das actividades, ia perguntando a opinião dos/as jovens acerca deste *Espaço*, de forma a obter feedback para melhorar o que estivesse menos bem e perceber o que eles/as mais ou menos gostavam no *Espaço*.

«Aqui percebo que devemos falar um de cada vez»
«O trabalho em grupo e a partilha nos favorece»
«É necessário existir respeito no grupo e pelo grupo»
«Com a expulsão de um membro do grupo vimos que o mau comportamento tem um mau resultado»
«é um sítio onde aprendemos muitas coisas com divertimento»
«é uma maneira de ocuparmos os tempos livres de forma divertida»
«é uma maneira de aprendermos coisas sem ser de forma chata»

(N.T. 8)

Apesar da Casa da Juventude ser um espaço amplo, há certos espaços que se encontram limitados para realizar actividades com os/as jovens e, o motivo poderá apontar-se no receio de se instaurar a desordem no local. Contudo, constatou-se que todos os “espaços obscuros” e “movimentos diferentes”, que antes não se verificavam no local, eram motivo para atrair os/as jovens a participarem nas actividades. Assim, o esforço e a insistência do aproveitamento de locais como o terraço ao ar livre e a sala de

convívio, locais conquistados ao longo de todo o percurso na Casa da Juventude foi algo visto como mais-valia.

A (re)abertura do terraço ao ar livre, assim como, a dinamização de actividade na sala de convívio foram motivos para jovens, inicialmente desinteressados no *Espaço*, se envolverem nas actividades. Desta forma, tentou-se, não estabelecer actividades rotineiras no Espaço mas, sempre que possível, estabelecer algo diferente, desde a utilização de novos espaços até novos materiais, mais didácticos, de forma a criar entusiasmo e motivação dos/as participantes, despoletando, assim, o “bichinho da curiosidade”. Assim, este *Espaço* pautou-se pela diversificação dos/as seus/suas participantes, das temáticas abordadas, bem como, da escolha do espaço de dinamização das actividades.

O significado dos Provérbios...

Numa das sessões, foi abordada a temática dos provérbios fornecendo ao/à jovem um provérbio, previamente seleccionado e entregue de forma aleatória, ficando este encarregue de o decodificar e desmistificar para que, posteriormente, o apresentasse de forma clara ao grande grupo.

«nem todos os provérbios correspondem à realidade»
«por vezes não nos devemos meter na conversa dos adultos»
«a união faz a força»
«nem todos o que aparentam ser, são»

(N.T.8)

Para além de conseguirmos decodificar o sentido de alguns provérbios e o seu grau de veracidade, com este tipo de sessões foi possível incutir nos/as jovens algumas regras e normas básicas de convivência em Sociedade.

projecção do Futuro...

Utilizando a mímica, novamente como metodologia de trabalho, resolvi abordar o tema das profissões em algumas sessões do *Espaço*.

A colaboração de alguns/as jovens no desenvolvimento dos materiais de apoio às actividades, foi um aspecto relevante neste processo. Tanto no se que refere à pesquisa

de determinados temas, como aos trabalhos manuais (a plastificação, a colagem ou recorte de materiais), os/as jovens mostravam-se sempre prestáveis para colaborar.

Nesta sessão, foi entregue a cada jovem um cartão referente a uma das várias profissões existentes. De seguida, o/a jovem, de forma aleatória, teve de representar através da mímica, a profissão que lhe foi atribuída até que os/as colegas adivinhassem de qual se tratava. De referir que estes cartões das profissões foram previamente elaborados com a ajuda dos/as jovens.

Após a actividade os/as jovens concluíram que:

<p>“Há profissões mais conhecidas que outras.”</p> <p>“Conhecemos profissões que não conhecíamos antes.”</p> <p>“Vimos que há profissões mais aborrecidas e difíceis que outras.”</p> <p>“Há profissões que podem ser feitas ao ar livre.”</p> <p>“Aprendi que todas as profissões têm sempre algo de bom”</p> <p>“Aprendi que há várias profissões”</p> <p>“Aprendi a respeitar as profissões dos outros”</p> <p>“Aprendi a observar com atenção”</p> <p>“Aprendi a interpretar as profissões através da mímica”</p> <p>(N.T.16)</p>

Foi interessante verificar nesta actividade que as jovens disponibilizavam-se sempre para caracterizar através da mímica todas as profissões, ao contrário dos rapazes que previamente rotulavam o que era “profissões de mulheres”, não se perspectivando e recusando-se a representar tal papel.

Desmistificar estes pré-conceitos e estereótipos foi bastante difícil mas nada impossível, pois através do diálogo e da troca de opiniões, os/as jovens que inicialmente se recusaram a participar na actividade, começaram a participar, percebendo-se que estariam a desmistificar algumas opiniões, isto é, julgo que ao longo do tempo, estes/as jovens conseguiram pôr-se no lugar do outro.

Alimentação Saudável...

A temática da alimentação foi também um dos temas abordados no *Espaço*. Começamos por projectar um vídeo alusivo aos hábitos alimentares. Posteriormente, foi entregue a cada participante um folheto informativo sobre a alimentação com a descrição da Roda dos Alimentos. Após a passagem do vídeo, foram constituídos 3 grupos de dois elementos cada. O objectivo era estabelecer o consenso no grupo para a

elaboração de ementas diárias saudáveis. Verificámos que os/as jovens têm consciência do que é uma boa alimentação, contudo não aplicam na prática, principalmente no momento do lanche.

“Nós sabemos que os fritos fazem mal, mas continuam a comer porque são bons”
“Eu sei que o chocolate em exagero faz mal mas eu adoro”

(N.T.9)

Posteriormente, com o recurso aos jornais da Casa da Juventude os/as jovens construíram uma roda dos alimentos que depois foi exposta no bar da Casa da Juventude, no sentido sensibilizar os/as jovens para uma alimentação saudável. Desta forma, os/as jovens também puderam ver o seu trabalho exposto e reconhecido pelos/as colegas utentes da Casa da Juventude.



De salientar que, a Casa da Juventude e, neste caso, o *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, nas férias da Páscoa, foi o “refúgio” dos/as jovens na ocupação das suas mini-férias. Os/as jovens referem que:

“a Casa da Juventude não oferece actividades deste género, divertidas e, então, o que nos resta é andar por aqui a jogar ping-pong e playstation, que só tem jogos para rapazes. Quando dá, também vamos pá net, e se estiver bom tempo andamos pela rua.”

(N.T.10)

O Meio-ambiente...

O tema do “ambiente” foi desenvolvido no espaço exterior à Casa da Juventude, no bairro social, espaço habitacional para muitos dos/as participantes. De referir que se efectuaram algumas saídas ao exterior da Casa da Juventude, sempre com o cuidado de avisar e pedir a autorização dos pais e mães.

Nesta actividade, percorremos o bairro social, formando dois grupos, cada um constituído com três elementos, onde cada grupo representava os dois lados distintos da natureza: o bom e o mau. O objectivo desta actividade foi tirar fotografias àquilo que o grupo considerava estar bem ou mal, relativamente à limpeza do ambiente do bairro social, recorrendo às câmaras dos telemóveis.

Foi notória, por vezes, a discórdia entre os grupos. Encontrar o consenso entre o que cada jovem considerava ser uma boa ou má atitude perante o ambiente, foi tarefa difícil. Nesta actividade pudemos reflectir sobre a importância do ambiente no nosso quotidiano, na generalidade, inculcando a ideia de que o meio onde vivemos precisa de ser conquistado de maneira responsável por todos/as as crianças, jovens e adultos. Assim, e reconhecendo a importância que a Casa da Juventude e os demais espaços habitados pelos/as jovens têm, o objectivo foi mostrar que eles/elas ajudam de alguma maneira a construí-lo e a transformá-lo. Este passeio pelo bairro propiciou um encontro com diferentes pessoas, com as quais os/as jovens tiveram a oportunidade de perceber a sua singularidade, como foi o caso do carteiro e do jardineiro. Nesta actividade, tendo papéis diferentes, os/as jovens puderam perceber o bairro, não apenas enquanto transeuntes que passam por ele, mas também como actores que (re)criam aquele espaço com maior liberdade.

«Depois do cumprimento do tempo estipulado para os grupos recolheram as imagens, regressamos à Casa da Juventude. Chegando ao local deparamo-nos com a presença de mais quatro jovens, duas meninas e dois meninos, que queriam participar na actividade. Então, com o objectivo de os integrar na actividade e no grupo já criado, foi atribuída a função de júris a estes elementos»

(N.T. 10)

A partir deste episódio pretendo demonstrar a instabilidade constante do número de participantes a frequentarem o *Espaço*, pois, tanto entravam como de repente saíam, sem qualquer sentido de responsabilidade.

Na verdade a ausência de regras de comportamento e de comunicação por parte de alguns/as jovens esteve sempre presente, sendo raras as sessões em que não se tinha de intervir de forma mais assertiva, pois o ambiente de descontração e amizade que se fazia sentir contagiava o grupo de tal forma que estes/as acabavam por extrapolar os “limites” do bom senso, através, por exemplo, da violência física, dando assim início à “brincadeira”.

O Conflito e o fenómeno do Bullying...

Admitindo que o bullying é um fenómeno social recente no nosso país e na vida dos/as jovens, manifestado nos diversos espaços públicos, como a escola e a Casa da Juventude, a relação entre os/as jovens aparece bastante fragilizada, devido à falta de

respostas e soluções por parte da sociedade para prevenir este problema. O intuito desta actividade foi proporcionar aos/às jovens um ambiente de aprendizagem segura de forma descontraída e lúdica. Deste modo, estabeleceu-se um debate, envolvendo os/as jovens na identificação de episódios de bullying e, por fim, a descodificação de códigos pré-concebidos sobre a temática.

No que concerne à metodologia, recorri à projecção de vídeos disponíveis na *internet*, nomeadamente no *youtube*, assim como, a criação de um cenário, recriando uma estrutura tipo tribunal, dinamizado através do uso da *troca de papéis*, o designado *role-playing*.

Para tal, começamos por dispor, os cinco jovens presentes na sala, em forma de “U” com o objectivo de instalar o diálogo. Através desta disposição, foi possível proporcionar aos/às jovens um ambiente diferente daquele a que estavam habituados/as. Após a projecção do vídeo, cada jovem desempenhou um papel. A saber: a aluna, representada também através de uma advogada, o professor, com o respectivo advogado, e um juiz.

Ainda nesta sessão, foram projectados quatro vídeos alusivos à temática, onde cada jovem teve de realizar um comentário individual sobre cada passagem.

Devido à ansiedade de se defenderem dos argumentos que iam surgindo contra os seus papéis, por vezes, surgiu a falta de coerência no discurso dos/as jovens. Como podemos ver na nota de terreno que se segue, o *feedback* dos/as jovens, de modo geral, foi bastante positivo.

“Aprendi que há vários tipos de bullying.”
“Que devemos desempenhar o nosso papel.”
“Que devemos defender os assuntos que achamos mais correctos.”
“Na encenação aprendi que tive de defender um colega mesmo sem concordar com a opinião dele.”
“Aprendemos que devemos estruturar as nossas ideias antes de falar.”
“Aprendemos a falar na nossa vez ou seja a esperar que os outros acabem de falar.”
“Aprendemos a ser criativos e a encarnar as personagens que nos saiu no jogo.”
“Aprendi a manter a calma e a desempenhar papéis papéis que não são nada o meu género”
“Eu gostei porque já fiquei mais preparado para o futuro e consegui responder às questões adversárias e a defender a outra pessoa, como por exemplo proteger o professor.”
“Vi que o bullying causa grandes problemas”
“Reparei que devo ser menos tímido”
(N.T.11)

Sendo propagado noutras sessões, a temática do conflito voltou a ser desenvolvida mais tarde.

Aproveitando o bom tempo que se fazia sentir, resolvemos dinamizar a actividade desta vez ao ar livre, no terraço da Casa da Juventude. Nesta sessão

formamos dois grupos, cada um composto por quatro elementos, onde foram distribuídos pequenos excertos de situações de conflito. O objectivo proposto ao grupo era a resolução do problema, confrontando-os com a seguinte questão: “Como resolveriam esta situação?”.

Posteriormente, o grupo teve de, através da encenação, apresentar a história traçada para o desfecho do seguinte excerto: “ Embora vocês sejam um grupo de trabalho constituído por quatro elementos, só três de vocês realmente trabalham, estão prestes a terminar um trabalho, que conta cinco valores para a nota final, quando o quarto elemento entra na sala provavelmente para assinar e para se oferecer a entregar o trabalho ao professor(a) da disciplina.”

Ambos os grupos, recorreram à imaginação e à criatividade, contando histórias que retratavam certos momentos das suas vidas. Em seguida, o grande grupo reuniu-se para reflectir sobre a actividade realizada, preenchendo o seguinte quadro (N.T.12):

O que esteve Mal	O que esteve Bem
<ul style="list-style-type: none"> - “A desordem, a participação e a vulnerabilidade de alguns participantes”; - “O tempo limitado fez com que nos atrapalhássemos e nos enganássemos algumas vezes”; - “Conclui-se que o conflito por um lado é mau porque cria mau ambiente”. 	<ul style="list-style-type: none"> - “A improvisação, organização e a diversão foram aspectos positivos desta actividade”; - “Percebemos que quem cria o conflito arrepende-se e depois tenta voltar a trás e melhorar o trabalho”

O intuito desta actividade, foi desenvolver nos/as jovens a capacidade de ouvir o outro, ampliando o seu conhecimento acerca da temática. Nesta sessão, foi possível desenvolver a capacidade dos/as jovens no sentido de estes/as reivindicarem e se manifestarem sobre aquilo que defendem, exercendo assim uma atitude crítica, participando directamente no debate.

À semelhança da actividade anterior, o último dia de férias da Páscoa, foi passada ao ar livre, fora do espaço da Casa da Juventude. Os/as jovens dividiram-se em dois grupos, constituídos por três elementos. Neste dia, foi dada a oportunidade aos/às jovens de escolherem a temática que queriam trabalhar. A temática escolhida foi o conflito. Desta forma foi entregue a cada grupo o seguinte excerto:

“ Dois colegas vão a casa de um amigo. Quando lá chegaram o amigo não estava, mas o irmão dele convidou-os a entrar e a jogarem no computador até que ele chegasse. Já estão à espera há mais de 2 horas mas vocês só jogaram 15 minutos porque o vosso colega monopolizou o computador.”

Foi pedido que cada grupo simulasse a história e que encontrasse a resolução para este problema.

Os jurados decidiram que os critérios de avaliação teriam em conta: o empenho do grupo; o desenvolvimento da história; a resolução do problema; a organização; a criatividade; a gestão do tempo; a moral da história e a improvisação. Fizerem parte do júri duas jovens que entraram na actividade após esta se ter iniciado. Desta forma, a neutralidade e imparcialidade foi possível, visto estas participantes não terem assistido ao ensaio de cada grupo.

Verificou-se que, os grupos envolvidos encontraram diferentes estratégias ao longo da actividade, como por exemplo: o registo escrito das falas de cada um; a cooperação entre os membros do grupo na memorização das falas; a improvisação, etc.

O valor da Democracia e da Cidadania...

Um dos objectivos foi dar a oportunidade dos/as jovens se transformarem, através da sua própria acção e reflexão, discutindo a importância de valores, como a partilha, a solidariedade, a cooperação, etc. O objectivo foi consciencializar os/as jovens para os diferentes contextos de vida em comunidade, permitindo clarificar e familiarizar os participantes para o significado de determinados conceitos e para a possibilidade dos diferentes significados que estes podem conter. Os conceitos abordados entre os/as jovens foram os seguintes: a cidadania, a democracia, a solidariedade, a paz, a justiça, a tolerância, o respeito, a cooperação, etc.

Esta temática foi abordada recorrendo a imagens de jornais que revelassem sentimentos e emoções aos/às participantes. Na posse de uma imagem, cada jovem teve de realizar uma interpretação para a mesma e associá-la a um sentimento e, consequentemente, a um dos conceitos. O objectivo da utilização das imagens de jornal foi mostrar também aos/às jovens que, por vezes, apesar de a imagem ser a mesma, a interpretação que cada um faz acerca dela, isto é, o seu olhar, varia consoante os sentimentos, valores e sensibilidade de cada um/a.

«Percebi que por vezes apesar da foto ser a mesma, a perspectiva de cada um pode variar»

«Aprendi que há fotos mais abstractas do que outras»

«Aprendi a interpretar melhor cada foto, olhando para os pormenores»

«Melhorei a minha sensibilidade»

(N.T.16)

Os momentos na Biblioteca Municipal...

Quando o número de participantes era bastante reduzido - de apenas um/dois participantes - e de forma a não tornar este espaço como um local de atendimento individual, propunha aos/às jovens a visita à Biblioteca Municipal que se situa relativamente perto da Casa da Juventude.

Ora, sendo a biblioteca, desde os seus primórdios, uma instituição educativa por excelência, esta acabou por ser um local também visitado pelos/as jovens no âmbito do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*. Pudemos assim, estabelecer uma ligação entre estas duas instituições que se complementam com o tipo de educação que vão dando aos/às seus/suas utentes. O intuito destas visitas foi dar a conhecer este local, não desconhecido, mas muitas vezes ignorado por alguns/algumas jovens, incutindo o interesse pela prática da leitura e estimulando o uso do livro como material lúdico-didáctico.

Outras actividades desenvolvidas na Casa da Juventude:

Participação no Projecto «Escola Para Sempre»

O projecto *Escola Para Sempre* também fez parte do meu percurso de estágio nos últimos dias de Abril. Este evento realiza-se todos os anos no Auditório Municipal da Casa da Juventude e possibilita a todos/as os/as estudantes da cidade a participação no concurso, podendo esta ser individual ou colectiva, nas mais variadas artes, tais como: desenho, escultura, pintura, poesia, prosa, multimédia, banda desenhada e desporto (prova de Corta-Mato e Jogos Desportivos Municipais).

Embora o clima seja de comemoração, neste encontro há lugar para a entrega de prémios para os melhores trabalhos realizados nas várias categorias do Projecto. São elas: desenho, escultura, pintura, poesia, prosa, multimédia, banda desenhada e desporto (prova de Corta-Mato e Jogos Desportivos Municipais).

Entre cada cerimónia de entrega de prémios, as oito centenas de alunos brindaram os/as colegas com coreografias animadas e criativas, nos mais variados estilos, com a colaboração e supervisão dos seus/suas professores/as que prepararam os números. A Directora da Casa da Juventude, juntamente com um dos seus/suas funcionários/as da área da Comunicação Social, contribuíram para a animação da festa interagindo com alunos e professores e proporcionando momentos divertidos.

Cerca de 2000 pessoas estiveram presentes no pavilhão municipal. A minha função foi orientar e acompanhar os/as alunos/as nos lugares reservados para cada escola. Foi uma tarefa difícil pois não havia lugares sentados para todos os alunos e respectivos familiares.

“Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!” e os momentos de pintura...

Sendo 2010 o “Ano Europeu de combate à Pobreza e à Exclusão Social”, o PIEC (Programa para a Inclusão e Cidadania), em conjunto com vários parceiros nacionais, o município propôs a colaboração na “Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!”. Esta actividade ocorreu entre finais do mês de Abril e inícios do mês de Maio e teve como objectivo primordial a «erradicação da situação de pobreza e exclusão em que ainda vivem muitos milhares de famílias» (anexo III).

A compreensão das diferenças e das desigualdades sociais são saberes que apenas *a posteriori* se delineiam. Neste sentido, desenvolver o saber e a compreensão mútua, bem como, o valor da solidariedade e amizade são objectivos difíceis de alcançar, no entanto, possíveis de atingir.

Sendo a Casa da Juventude um espaço onde à priori a presença de jovens é notória, a Câmara Municipal solicitou a colaboração da Casa da Juventude no desenvolvimento desta actividade. Desta forma, em conjunto com a Directora da Casa da Juventude, assim como, com a responsável do Espaço *de Pintura*, começámos por pensar na contribuição que iríamos ter na Estafeta acima anunciada.

O facto de este evento ter sido realizado, nesta cidade, durante um dia da semana (terça-feira), dificultou a realização desta actividade, pois para a sua concretização plena, a presença obrigatória dos/as Jovens era um requisito fundamental, no entanto, na sua maioria, os/as Jovens encontravam-se em horário escolar.

Desta forma, e tendo em conta os recursos (materiais, humanos e financeiros) disponíveis, a participação dos/as jovens limitou-se à elaboração de um painel, desenvolvido durante o tempo livre dos/as jovens na Casa da Juventude. Assim, antes de partirmos para a elaboração do cartaz, tornou-se pertinente esclarecer os/as jovens presentes na Casa da Juventude sobre o conceito de pobreza e os vários tipos de pobreza existentes, bem como, o conceito de exclusão social. Após este momento começámos um debate de grupo com a questão “como poderemos contribuir para a inclusão social?”

Os meios de divulgação utilizados para publicitar a nossa participação na Estafeta foram o *blog*⁶ da organização nacional do evento, assim como, uma notícia no site da câmara municipal da cidade.

Foi objectivo da actividade incentivar a participação dos/as jovens utentes da Casa da Juventude nesta causa justa contribuindo, por um lado, para a sua reintegração social de um modo activo e, por outro, promovendo entre os/as jovens, e entre estes/as e as várias instituições públicas e privadas,



conceitos solidários de cidadania. Foi neste contexto lúdico que se conseguiu dar visibilidade ao fenómeno da pobreza e da exclusão social como um problema que diz respeito a todos os cidadãos.

Estando perante diversas formas de estar em sociedade e, neste sentido, destaco a dificuldade que os/as jovens tiveram de, por vezes, lidarem com determinadas situações, tecendo comentários desagradáveis de outros/as colegas, como por exemplo, “Ele cheira mal, assim não consigo trabalhar” (N.T.19)

Ora, não sendo objectivo do Espaço eliminar o “excedente”, mas sim gerir o colectivo, entendemos, mediante tais comentários, que dever-se-iam encontrar estratégias para que todos/as os/as jovens se envolvessem de forma voluntária e agradável na actividade, tentando eles/as mesmos/as encontrar soluções para os problemas que iam surgindo.

O que se pretendeu com esta actividade foi que os/as jovens comunicassem e transmitissem várias mensagens alusivas ao tema de forma criativa, usando instrumentos e materiais simples, disponíveis na Casa da Juventude, tal como, os materiais de pintura do *Espaço de Pintura*.

Ao longo da actividade foi possível verificar o crescente nível de integração dos participantes na actividade, assim como, a colaboração, a criatividade e o espírito de liderança, características intrínsecas de alguns elementos do grupo. Portanto, esta foi uma oportunidade que surgiu para divulgar junto da sociedade civil e dos *média*, o alargamento da missão, importância e potencial deste programa nacional.

⁶ <http://estafetacontraaexclusao.blogspot.com/2010/05/11-de-maio-pova-de-varzim-porto-gaia.html>

Pintar pontos de Reciclagem na Casa da Juventude...

Torna-se urgente divulgar o papel que espaços públicos, como as Casas da Juventude, têm na educação informal dos/as jovens e na consciencialização de uma cidadania activa e crítica.

Deste modo, tornou-se uma missão incutir nos/as jovens e também nos/as funcionários/as da Casa da Juventude a importância da reciclagem e o espírito de uma educação direccionada para ambiente. A insistência e persistência na realização desta actividade sobre a reciclagem, associada ao *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, foi uma tarefa árdua e constante. Alguns entraves foram surgindo na programação desta actividade através de comentários desanimadores, tais como: «não penses que eles vão colocar o lixo nos caixotes respectivos» (N.T. 20).

Ao longo da actividade foi possível dotar os/as jovens da capacidade de pensarem juntos/as sobre a importância de soluções viáveis para as questões



ambientais, através da interacção com o grupo, chamando à atenção e consciencialização da importância do desperdício dos recursos fornecidos pela Casa da Juventude para a concretização da actividade, como é o caso das tintas e das folhas.

Verificou-se a dificuldade que os/as jovens tiveram em se integrarem nas actividades de grupo, na medida em que não produziam, em concreto, nada material para uso próprio. Este egocentrismo e esta “inocência”, puramente juvenil, foram aspectos contornados através do diálogo e da mensagem transmitida acerca da importância da partilha e da colaboração entre todos. Por vezes, os/as jovens, no sentido de se desculparem e escaparem à participação na actividade, referiam que seria uma boa solução a utilização de um recurso externo, pois certamente teria maior potencial que o desenho ou pintura que, internamente, se iria realizar

No âmbito desta actividade verificámos que os/as jovens apresentaram desdobramentos particulares e singulares e, como tal, teve-se o cuidado de prestar atenção e respeito à personalidade de cada um/a.

Se, no começo, encontrámos jovens tímidos e calados, não por timidez, mas por falta de auto-estima, passados alguns dias, foi notória a mudança neste grupo, passando

a visualizar-se um grupo mais interventivo e crítico estimulado a expor as suas ideias e sentimentos.

Orientada pelo princípio de que «saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção» (Freire, 2005: 47), a metodologia utilizada estimulava a troca de saberes entre os/as presentes na formação e a construção de novas formas de ver o mundo.

Mais do que despertar consciências, estas actividades elevaram a auto-estima dos/as jovens, revelando que este espaço ajudou a desenvolver com afinco os potenciais de cada um/a, recorrendo à utilização de conhecimentos anteriores e à emergência de outros.

Tal preocupação, de dar sentido à prática, não ensinando técnica por técnica, partiu da compreensão de que «a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo» (Freire, 2005: 22).

Através desta actividade os/as jovens tiveram a oportunidade de aprender e discutir os problemas ambientais causados pelo Homem.



Concluiu-se que o tema do *Meio Ambiente* é apenas trabalhado nas escolas de forma descontínua e avulsa, incapaz de mobilizar os/as alunos/as e a comunidade local da responsabilidade ambiental de todos/as. Desta forma, a maneira como é trabalhada a temática precisa de ser reavaliada, de tal forma, que os/as educandos/as se apropriem desse conhecimento e se sintam sensibilizados no sentido de se empenharem para a transmissão de uma educação para o ambiente.

Desta forma, cabe aos/às profissionais desenvolver um compromisso com as questões ambientais, num processo contínuo permanente, propondo actividades que garantam a riqueza de aprendizagens previstas. Só assim será possível contribuir para a formação de cidadãos/ãs conscientes e actuates na busca de soluções para os problemas ambientais que afectam o Mundo.

Colaboração no Projecto «Encontro D'escritores»

Outro foco da acção passou também pela colaboração no evento *Encontro D'escritores* que acontece todos os anos no mês de Fevereiro na cidade. Este é um encontro de escritores de expressão ibérica, provenientes de países e continentes onde se fale a língua portuguesa e espanhola, desde a Península Ibérica, passando pela América Central e do Sul até à África Lusófona.

Este evento cria momentos importantes com "mesas" de debate e visitas dos escritores às escolas. Vários escritores ligaram-se ao evento, tais como o Mário Zambujal, Rui Zink, Inês Pedrosa e Imma Monsó, assim como os vereadores dos vários pelouros da câmara. A participação na organização deste evento permitiu-me obter um maior contacto com ilustres nacionais, e mesmo, internacionais.

Como a Casa da Juventude tem um papel de apoio ao desenvolvimento do evento, colaborando assim com outros/as funcionários/as da Câmara Municipal, a tarefa baseou-se, sobretudo, na prestação de apoio ao funcionamento do evento, desde a execução de tarefas básicas, como organizar a mesa de debate, encaminhar os/as convidados/as, entre outras.

Reflexão sobre a acção na Casa da Juventude

Neste espaço, tentámos criar um clima lúdico-pedagógico, onde os/as jovens, no desenvolvimento de diversas actividades, fossem estimulados/as e confrontados/as com situações do dia-a-dia, aproveitando, assim, para porem em prática as aprendizagens interiorizadas neste contexto.

Desde logo, percebeu-se que, com a criação deste *Espaço*, a presença assídua dos/as jovens seria uma tarefa bastante difícil e complicada dado o carácter informal da Instituição, baseado na presença voluntária por parte dos/as jovens. Nas palavras da Directora da Casa da Juventude «...os adultos escolhem a Casa como um local de passagem para a leitura dos jornais diários e espaço internet [...] nós acabamos por ser uma segunda família para estes jovens» (apêndice V).

Ao pensarmos nos percursos e experiências de vida de muitos/as dos/as jovens que frequentam a Casa da Juventude, damos conta de alguns problemas e dificuldades que atravessam as suas vidas. Como refere a Directora da Casa da Juventude, «alguns não têm regras, não se esforçam por nada, oriundos de bairros sociais, que apenas

herdaram fracassos e defendem-se como podem e que lamentavelmente se agrupam tendo como referência maus comportamentos e não ideias de valores e respeito» (apêndice V).

Ora, um trabalho de intervenção educativa com estes/as jovens terá sempre que existir, tendo em atenção o(s) seu(s) contexto(s), a(s) sua(s) realidade(s) e nesse sentido, dever-se-á trabalhar com este tipo de público, de modo a que estes assumam o sentido de responsabilidade e participação contínua, não só neste contexto educativo, mas também na sociedade

A violência é sem dúvida, um problema associado ao insucesso destes/as jovens, umas vezes enquanto causa do insucesso escolar e outras enquanto repercussão do mesmo problema, o insucesso escolar. No contexto da Casa da Juventude, a indisciplina está presente nos/as jovens mais velhos/as que vão ocupando um estatuto de autoritarismo influenciando os/as jovens mais novos/as e vulneráveis, através de comentários impróprios, desagradáveis e inconvenientes.

Tentando adaptar-me a esta “nova geração”, adquirir conhecimentos sobre os audiovisuais, assim como, o *espaço-internet* foram estratégias utilizadas para cativar os/as jovens a participarem nas actividades. Naturalmente, o processo de incentivo à criatividade foi um desafio constante, pois, como refere a Directora da Casa da Juventude citando Jean Cocteau (1983), a *juventude sabe o que não quer antes de saber o que quer*.

A experiência adquirida neste contexto em particular permitiu compreender a responsabilidade social na educação dos/as jovens. Partilho da opinião da Directora da Casa da Juventude quando diz que, se não existe um serviço de apoio ao/à jovem especializado, então torna-se dever de todos os/as funcionários/as «conversar com eles (jovens), tentamos perceber o que os incomoda ou o que o fez com que ele tenha determinada atitude e procuramos a ajudar a resolver a questão, sendo que por vezes é necessário chamar os pais e envolvemos na resolução e identificação do problema» (apêndice V).

2.2 – Mediação Sócio-Educativa no Contexto...

ESCOLAR

O projecto que aqui se descreve desenvolveu-se, como já foi referido, também numa Escola Secundária do concelho do Porto, no âmbito da disciplina de Formação Cívica numa turma do 8º ano.

O Conselho de Turma da Escola Secundária de intervenção, consagrou algumas linhas orientadoras do trabalho pedagógico que os docentes se devem basear, no sentido de resolverem os problemas e superarem as dificuldades desta turma.

- dar maior atenção aos aspectos comportamentais, começando pela entrada e saída da sala de aula.
- definição, pelos alunos, das regras de funcionamento na sala de aula que todos deverão cumprir.
- proporcionar aos alunos situações que lhes permitam desenvolver o espírito de cooperação, solidariedade, compreensão, amizade e respeito.
- estimular o desenvolvimento do espírito crítico e do sentido de justiça na apreciação de si próprio e dos outros,
- sensibilizar os alunos e os responsáveis pela sua educação, para a importância do conhecimento e cultura escolares numa futura integração escolar.

(Projecto Curricular de Turma 2009/2010)

Neste sentido, esta intervenção iniciou-se após a realização de um diagnóstico, do conhecimento do contexto e dos participantes e, consequentemente, da sinalização de um problema específico da turma: a indisciplina.

Juntamente com alguns/as representantes da Escola, e após as reuniões tidas com os/as mesmos/as, decidiu-se optar pela disciplina de Formação Cívica, pois trata-se de uma área que é transversal à vida dos/as jovens por um lado, e, por outro, integradora de aprendizagens e saberes que fazem parte do processo ensino-aprendizagem do/a aluno/a.

Estas sessões, de carácter curto e faseado, ocorreram no espaço sala de aula com a supervisão da Professora, com a qual foi realizada uma revisão semanal da planificação teórico-pedagógica e didáctica das actividades, tendo em conta a adequação das estratégias de ensino-aprendizagem e consoante as aprendizagens anteriores dos/as jovens.

A minha intervenção foi limitada a um período de 9 aulas, cada uma com duração de 45 minutos onde, por vezes, devido à indisciplina, não foi possível realizar todas as actividades previstas para uma determinada sessão, prolongando-se para a

sessão da semana seguinte. Deste modo, na escola a questão do tempo era razão para que a sessão fosse mais rígida, com um discurso mais lógico e previsível.

Estas foram algumas das questões teóricas e metodológicas que o processo de estágio levantou. Com efeito, e tendo por base alguns estudos⁷ e a observação directa no local de estágio, pudemos concluir que, normalmente, os 45 minutos de aula semanais da disciplina de Formação Cívica servem para o tratamento de assuntos da direcção de turma, entendidos como gestão de problemas de indisciplina e de assuntos mais burocráticos, sendo que a docente da disciplina, para além de ser Professora de Matemática, também tem o papel de Directora de Turma. Portanto, na realidade a consciência cidadã, que se pretende com o decreto-lei que define esta área curricular, não chega a ser alcançada, devido às práticas e às representações que professores e alunos têm em relação à disciplina.

Os temas abordados na Escola foram orientados através de um plano de actividades (apêndice I), previamente elaborado e aplicado com o parecer da docente da disciplina.

2.2.1. Dinâmicas do Espaço Experimental de Mediação Educativa na Escola:

O primeiro contacto com os jovens...

Na chegada à sala de aula, o barulho que se fazia sentir era ensurdecedor e até que a docente conseguisse estabelecer o silêncio ou a ordem foi, “um bico-de-obra”, no entanto, após tal feito, a docente começou por apresentar-me à turma referindo qual o objectivo da minha intervenção. Imediatamente as questões começaram a surgir: “*O que está aqui a fazer?*”; “*Que curso é que tens?*”; “*O que vais fazer connosco?*”. Com algum cuidado tentou-se responder a todos/as os/as jovens curiosos.

A primeira actividade desenvolvida no espaço escolar apelidou-se “o mestre”. O objectivo foi observar a criatividade, o nível de socialização e desconstracção dos/as jovens. Esta actividade consistiu na escolha, por parte dos/as jovens, de uma pessoa para encarnar o papel de “adivinhador/a” e para tal, teria de sair da sala de aula acompanhado/a pela docente. De seguida, os/as restantes jovens escolheram um/a

⁷ Henriques. Vera (2009) “A Formação Cívica na sala de aula”. Actas do Encontro SocEd2009: Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea. CIES-ISCTE. Lisboa.

“mestre” e, seria este/a a orientar o grande grupo através de movimentos e mímicas que podiam ser repetidos de maneira rítmica. Tudo o que mestre fizesse ou dissesse, todos tinham de imitar. O/s “adivinhador/a” tinha duas hipóteses para descobrir quem era o “mestre”, se o “adivinhador” não acertasse quem era o mestre, era substituído.

O feedback dos/as jovens foi bastante positivo. No geral, os/as Jovens sentiram que o grande grupo cooperou na concretização da actividade e caracterizaram-na como uma actividade divertida e livre.

«A actividade do mestre porque é a mais prática e que nos colaboramos em grupo»

«A actividade que mais gostei foi a do “mestre” porque me diverti e achei que a grande grupo estava toda empenhada na actividade»

«Gostei mais da do mestre porque tivemos mais liberdade»

«A que mais gostei foi a actividade do “mestre” pois foi a primeira vez que fizemos um jogo todos juntos e foi muito divertido. Para além disso o abrigo subterrâneo foi muito importante e interessante. Eu gostei muito porque também aprendi a separar e conhecer melhor as situações reais do nosso dia-a-dia»

«A actividade de que mais gostei foi a do “mestre”. Foi um jogo muito interessante e divertido. Penso que para o primeiro dia foi boa ideia começarmos com um jogo. Acho que toda a gente que participou no jogo gostou bastante, e como foi a primeira que estivemos com a formadora foi um bom começo»

(Apêndice XI)

Necessidades do Ser Humano...

Um dos temas desenvolvido nos dois locais foi o das “Necessidades do Ser Humano”, a partir da *Pirâmide das Necessidades* de Maslow. Após a constituição dos grupos, foi entregue, a cada um, uma folha com o desenho de uma pirâmide dividida em 5 espaços horizontais, propondo a cada grupo que colocassem de forma crescente a importância que davam a determinadas necessidades, tais como: fisiologia; segurança; amor e relacionamento; estima; e realização pessoal.

No sentido de alcançarem o consenso, os grupos tiveram de se empenharem ao nível da escuta activa para assim, compreenderem o ponto de vista dos/as colegas de forma a aceitarem e respeitarem, as diferentes necessidades de cada um/a.

Concluimos que a ordem adoptada por vários grupos foi a seguinte: 1º Fisiologia; 2º Amor e Relacionamento; 3º Segurança; 4º Estima; 5º Realização Pessoal. Ora, por aqui se depreende que a necessidade que mais discordância provocou entre os

grupos foi no 2º patamar, que de acordo com esta teoria a “segurança” é a necessidade defendida em primeiro plano, no entanto, na escolha de alguns grupos constatou-se que o “amor e o relacionamento” esteve presente como primeira opção. Pudemos concluir que estes/as jovens, que têm idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos, têm como prioridade o “amor e relacionamento” em justaposição à “segurança”, tendo subjacente a esta necessidade os vários grupos sociais, como a família, os/as amigos/as e namorados/as.

Por conseguinte, a aceitação das opções escolhidas por cada grupo, variavam consoante a justificação que o grupo dava para determinada escolha. No entanto, caso a ordem adoptada não fosse igual àquela defendida pela Teoria de Maslow, o posicionamento de cada necessidade também poderia ser aceite.

Em unanimidade, o grande grupo defendeu que as necessidades fisiológicas nascem com o Ser Humano, e que as outras adquirem-se com o tempo, na medida em que, as pessoas conseguem controlar ou satisfazer as suas necessidades básicas, que se concretizam num tempo relativamente mais curto daquelas que se encontram no nível superior da pirâmide. No entanto, a motivação é um aspecto importante, pois as pessoas são motivadas pelas necessidades que mais importância têm para si, logo, nesta perspectiva, os/as jovens concluíram que «nem todas as pessoas são iguais, por isso, o que é uma necessidade para uma pessoa, pode não ser para outra».

«Pirâmide das necessidades porque foi uma actividade que nos ensinou a distinguir a importância das actividades do dia-a-dia»
«A actividade que gostei mais foi a das prioridades na vida, pois é uma coisa muito importante de saber. Chama-se pirâmide das necessidades. De igual maneira gostei do “mestre” foi muito giro»
«Gostei de todas porque abordavam de tema interessantes e realistas. Mas a que mais gostei foi a da pirâmide das necessidades pois todos pensamos nas nossas prioridades na vida»
«Pirâmide das necessidades, porque esclarece o que é verdadeiramente importante na sociedade»
(Apêndice XI)

Escolhas a partir dos meus valores...

Outra actividade realizada no espaço sala de aula foi o “Abrigo Subterrâneo”. O objectivo era reflectir sobre a influência dos conceitos e valores sociais. Alguns comentários preconceituosos, pré-estabelecidos, surgiram por parte dos/as jovens, em relação à homossexualidade, tais como:

«o homossexual não pode entrar no abrigo porque não é uma pessoa normal»
«o homossexual não entra porque tem gostos e pensamentos um bocado estranhos»
(N.T.28)

Verificámos que o grau de liderança, de persuasão e de intervenção que os/as jovens exerceram em cada grupo variou, assim como, a flexibilidade e a criatividade que utilizaram para ultrapassar a discórdia. Estas foram algumas estratégias de negociação que os/as jovens utilizaram ao longo da actividade, como forma de solucionar os problemas/conflitos, obtendo assim algum poder na tomada de decisão. Deste modo, nesta sessão foi possível começar a construir algumas normas de convivência nos/as jovens reflectindo sobre os conflitos, as liberdades, os direitos e responsabilidades individuais e sociais que o indivíduo deve assumir perante a Sociedade.

«Do abrigo subterrâneo porque só podíamos escolher 6 opções e era complicado escolher»
«A actividade que mais gostei foi a do abrigo subterrâneo porque podemos pensar quais são as pessoas mais importantes e justificar o porquê»
«Gostei mais do abrigo subterrâneo porque foi a única actividade que fez com que eu me interessasse mais e foi a mais divertida»
«A actividade que mais gostei foi o tema que ia haver uma explosão numa cidade e só podíamos salvar 7 pessoas e tínhamos umas 15 pessoas para escolher. Foi uma actividade extrovertida»
(apêndice XI)

Uma viagem em grupo...

Numa outra sessão, foi apresentado ao grande grupo um excerto onde estava implícito um problema, que os/as jovens teriam de solucionar em grupo. O excerto, apresentado em formato *power-point* tendo como recurso o computador disponível na sala de aula, foi o seguinte:

«Imaginem que chegaram a uma casa na montanha, isolada a 200km da vila mais próxima e vão aí permanecer durante uma semana. O único meio de transporte possível é um autocarro que passa de dois em dois dias nessa localidade e cuja ligação com a vila mais próxima demora cerca de 4 horas».

De seguida foram projectadas as seguintes questões ao grande grupo:

- ⇒ Quem vai tratar das refeições?
- ⇒ Quem devia tratar da arrumação da casa e da limpeza da roupa?
- ⇒ Que tratamento darão ao lixo?
- ⇒ Quem se deslocará à vila mais próxima no caso de ser necessário (ex.: comprar medicamentos)?

Após alguns minutos para diálogo e reflexão verificou-se que na, maioria dos grupos, a distribuição das tarefas foi feita em função do sexo, no entanto, nos outros grupos, a atribuição das tarefas foi feita através do acaso, ou também por sistema rotativo.

«A que eu gostei mais foi a viagem porque assim eu posso ter a oportunidade de sentir o que é planejar as tarefas»

«A actividade que eu mais gostei foi a viagem porque assim aprendemos a escolher as tarefas de acordo com a capacidade de cada um»

«A actividade que eu mais gostei foi a viagem porque eu acho que foi interessante principalmente para dividirmos as tarefas com os rapazes e também gostei muito da do “mestre” porque podemos “expressarmo-nos” melhor. Mas também gostei das outras, apesar de muitas pessoas não respeitarem o grande grupo na execução dessas actividades»

(apêndice XI)

projecção do futuro...

O futuro, nas suas várias dimensões, familiar, económica ou mesmo amorosa, também foi um tema abordado entre os/as jovens. Aparentemente, foi possível perceber que os/as jovens vivem o seu dia-a-dia sem dramas e, os que têm, não os comunicam aos actores que envolvem a escola, pois, não vêem na escola a solução para a resolução dos seus problemas.

Alguns temas, como o desemprego e a violência, afligem os/as jovens, mas há os que entendem que controlam a situação. A solução encontrada para combater o desemprego, por exemplo, foi a emigração; enquanto que a solução encontrada para dominar a violência é recorrer também à violência ou então, de um modo mais racional, aos agentes da autoridade.

Foi entregue aos/às jovens uma folha com uma seta, que fazia referência ao tempo, com intervalos de 3 anos. O facto de esta actividade ser individual, levou ao notório desinteresse por parte de alguns/algumas jovens na realização da tarefa, no entanto, com o apoio da Professora, a actividade pôde desenrolar-se. Comentários como: «isto faz pensar, não gosto!» (N.T.30) mostraram a dificuldade que os/as jovens têm de perspectivar o futuro, ou simplesmente, o desinteresse de pensar sobre o mesmo.

Após o preenchimento da seta, foi entregue a cada jovem um cartão alusivo a uma profissão tirada ao acaso. Os/as jovens tiveram de justificar “o porquê de se verem nesta profissão” ou “o porquê de não se verem nesta profissão”. No momento da

escolha dos cartões das profissões, foi interessante verificar que os/as jovens mostraram uma atitude de renúncia em aceitar determinadas profissões, retiradas ao acaso. Se, porventura, saísse a um rapaz a profissão de cabeleireira ou a uma rapariga a figura de polícia, estes, automaticamente rejeitavam representar tal figura. Este aspecto de rotularem determinadas profissões teve de ser trabalhado, com o auxílio da docente, através do diálogo, pois surgiram comentários como «Isso é para mulheres, não quero! Deixe-me tirar outra profissão!; Só vejo o lado negativo desta profissão porque é de mulheres1» (N.T. 30)

Pereira (2008:282) refere que estes pensamentos estereotipados surgem:

«porque o processo de categorização pode ser entendido como uma operação complexa, na qual um agente humano aplica rótulos verbais a objetos presentes no mundo físico, mental e social. Mediante a aplicação dos rótulos verbais durante o processo de categorização os objetos são classificados como membros de um grupo e passam a serem vistos como elementos que compartilham um mesmo conjunto de atributos com os demais objetos que pertencem à mesma categoria, assim como são percebidos como diferente dos objetos que pertencem a categorias distintas».

Este facto dos/as jovens serem pressionados a encarnar uma profissão, e terem de justificar o porquê de se verem ou não nela, permitiu conhecer, de uma forma mais profunda, os valores e estereótipos presentes entre eles/as.

Assumir determinadas profissões como mais prestigiantes do que outras, como a carreira de médico ou de advogado, revelou que, alguns/as jovens necessitam de se afirmarem perante os outros e, o facto de algumas profissões serem, socialmente, menos prestigiantes, como ser-se talhante ou jardineiro, leva a que estes/as jovens pretendam a ascensão social, numa base de Poder.

«Eu vou para bailarina profissional porque já faço dança há muito tempo e tenho jeito»

«Eu quero ser polícia porque tenho força e imponho respeito»

(N.T. 30)

Concluiu-se que 10% das jovens pretendem seguir o conservatório na variante de dança e 30% dos/as jovens têm como objectivo futuro ingressar no Ensino Superior como forma de obter um emprego estável. Tirar a carta de condução, também é um dos objectivos considerado como aliciante por alguns/algumas Jovens, e referido como um símbolo de independência.

Devido à instabilidade e precariedade de empregos, estes/as jovens, com idades entre os 12 e os 15 anos, contam com o apoio dos pais para qualquer problema que surja no seu futuro. Machado Pais et al. referem que isto poderá remeter-nos «aos processos de individualização, tanto em relação aos valores e às atitudes quanto às estratégias

mobilizadas na negociação dos caminhos para a vida adulta» (2005:110). Ao longo da actividade, alguns/algumas jovens, com menos recursos económicos, são confrontados com esta questão do futuro, o que os leva a referir que pretendem obter um bom emprego para, posteriormente, ajudarem financeiramente o seu núcleo familiar.

O *feedback* da actividade foi positivo. Os/as jovens afirmaram que:

«A actividade que mais gostei foi a das profissões porque gostei do tema»

«A profissão que escolhemos para o futuro porque assim ajuda-nos a conhecer o futuro e o que devemos fazer»

«A que eu mais gostei foi a de perspectivar o futuro/profissões porque nós com esta idade já devemos ter uma ideia do que vamos fazer no futuro»

«A actividade que tínhamos uma profissão dizer o porquê víamos naquela profissão e porque não nos víamos»

«Foi a das profissões porque me ajudou a entender mais ou menos a profissão que terei quando for maior»

«Para mim a actividade que mais gostei foi a das profissões porque fez-nos pensar um pouco mais e melhor sobre o nosso futuro e o trabalho que queremos exercer no futuro»

«A actividade que eu mais gostei foi perspectivar o futuro porque assim ficamos a conhecer melhor o que queremos ser»

(Apêndice XI)

O valor da Democracia e da Cidadania ...

De forma a chamar a atenção dos/as jovens começamos por apresentar um *power-point* estruturado, antecipadamente, onde constava o conceito de cidadania, democracia e alguns valores implícitos da cidadania democrática, pedindo-se a colaboração dos/as jovens na leitura de cada diapositivo. Posteriormente, foi entregue a cada jovem um valor ou um conceito, o qual teriam de reflectir e expor ao grande grupo, revelando o significado do seu conceito e a sua importância na e para a sociedade. De referir que, conceitos como democracia, tolerância e autonomia, eram totalmente desconhecidos por alguns/as jovens.

Então, através do diálogo e da troca de ideias, foi possível estabelecer momentos de partilha entre os/as jovens, contribuindo, através de uma linguagem clara e acessível, para o esclarecimento de alguns destes valores.

De forma a terminar a temática foi apresentado um vídeo, “A very powerful ad”⁸, retirado do *youtube*, com uma mensagem de apelo à educação e à solidariedade, bem como, ao respeito por si e pelos outros. Este vídeo mostra-nos a tendência que as crianças têm em imitar os/as adultos/as, inclusive a(s) figura(s) paterna(s)/materna(s), e, neste sentido, apresenta-se como uma mensagem, uma “chamada de atenção” aos adultos para que tenham atitudes responsáveis de modo a que seja possível a construção e manutenção do bem estar social, pois não nos podemos esquecer que os/as jovens de hoje serão os adultos de amanhã.

Através destas sessões, onde foi abordada a temática da Cidadania, na perspectiva mais abrangente, tentamos incutir a mensagem de que todos/as, de forma inata, têm não somente direitos, mas também deveres perante a sociedade, e como refere o artigo I da Declaração Universal dos Direitos Humanos: «todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos...»

«Dos valores da cidadania democrática, gostei do vídeo que mostrou, pois que alertou-nos um pouco mais para termos cuidado com o que fazemos em frente das crianças, podemos prejudicá-las a elas e as gerações futuras».

«Gostei mais dos Valores de Cidadania Democrática porque acho que retrata o que pode ser o mais importante na nossa vida».

(Apêndice XI)

Momento de Auto-Avaliação e Descontracção...

Na última sessão com os/as jovens da Escola, foi solicitado o preenchimento da ficha de auto-avaliação das actividades desenvolvidas no âmbito do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, que adiante serão aprofundados e reflectidos.

Após o preenchimento da referida ficha, foi distribuída uma folha com várias instruções a cada jovem, com o objectivo de completá-las de forma atenta. A primeira instrução era: “Como sempre, e antes de mais, deves começar por ler todas as instruções”. Entretanto, notamos que esta acção não foi cumprida porque os/as jovens precipitaram-se em iniciar o trabalho sem prestarem atenção ao que estava escrito no 1º ponto do enunciado. O objectivo desta última actividade foi, de uma forma mais descontraindo, consciencializar o grande grupo para a temática relacionada com as

⁸ <http://www.youtube.com/watch?v=CWUtywfwMw&feature=related>

dificuldades de comunicação que ocorrem em consequência do automatismo dos mecanismos de percepção na elaboração de um teste, por exemplo, ou simplesmente de uma chamada de atenção, ou porque não estamos atentos ou porque somos “atraiçoados” pela nossa percepção e pelos automatismos que dela decorrem.

Uma “chamada de atenção” ocorrida na antepenúltima sessão com os/as jovens, proferida pela professora para alertar a turma para a necessidade de se ter respeito pelo trabalho desenvolvido no âmbito do estágio, causou o “sentimento de culpa” em alguns/as jovens e, nesta última sessão, esses mesmos/as jovens sentiram necessidade de apresentar um “pedido de desculpas” em primeira pessoa, mostrando assim que o erro foi interiorizado e racionalizado.

2.2.2. Reflexão sobre a indisciplina no contexto escolar a partir da experiência de estágio

É uma realidade o desejo, quase utópico, por parte dos/as Professores/as, em leccionarem turmas onde a palavra de ordem seja o Interesse. Desejam-se salas de aula silenciosas, em que cada aluno/a respeite o lugar do outro, onde a harmonia exista e, consequentemente, a aprendizagem. No entanto, a verdade é que alguns/mas docentes referem mesmo não “terem mão” nos/as seus/suas alunos/as.

Sabemos que, por vezes, a indisciplina acontece simplesmente como forma dos/as jovens resistirem às normas (Willis, 1991) impostas pela instituição escolar, surgindo, assim, o que é considerado uma “desobediência insolente”. Os problemas de convivência (conflitualidade, indisciplina e agressividade) geram a ideia da inevitabilidade do recurso às medidas disciplinares. Deste modo, o tratamento da convivência activa-se, apenas, quando os problemas aparecem de forma evidente ou quando são violadas normas e ocorrem actos de indisciplina ou violência verbal/física.

Estratégias específicas, desde o início da intervenção, foram tidas em conta, tais como: estruturar o início da aula; motivar e despoletar o interesse do grande grupo; a vigilância e o controlo dos comportamentos; etc. Consideramos que estas são algumas estratégias que dever-se-ão estabelecer previamente, no sentido de se conduzir as actividades, em contexto de sala-de-aula, da melhor forma possível, no entanto, há que ter em atenção que tal acto, necessário para o sucesso educativo, não é suficiente. Dever-se-á ter em conta, também, a disposição dos materiais físicos, como as mesas e as cadeiras, as quais deveriam estar dispostas de forma mais conveniente, pois os/as jovens são colocados/as juntos, permanecendo lado a lado, por muitas horas, sem, por vezes, terem o cuidado de separarem aqueles/as que são mais conflituosos.

No entanto, visto estas aulas decorrerem num período de 45 minutos e no último tempo da manhã, a docente não ter achado conveniente nem mesmo apropriado “desorganizar” a sala de aula. Foi notório, ao longo desta intervenção, que, em alguns momentos, os/as jovens mais problemáticos eram colocados lado a lado, o que gerava “conversas paralelas” despoletando, assim, a indisciplina. As chamadas de atenção, por parte da docente, ou mesmo da minha parte, nem sempre eram respeitadas pelos/as alunos/as.

Concordo com Abrantes quando refere:

«Não faz sentido, no entanto, iniciar uma discussão que se propõe a ser participativa, com os/as jovens sentados em fila, ou de costas uns para os outros. Se os professores pensarem como isso estimula a indisciplina, pois leva os/as jovens a virarem para trás ou dar recados às escondidas, certamente pensariam, duas vezes, se não seria melhor dispor as mesas em U. Um bom arranjo espacial permite também que o professor olhe directamente para os/as jovens» (1994: 22).

A partir da motivação e manutenção do interesse do grande grupo, entendemos que podemos evitar a saturação, o aborrecimento e a desmotivação dos/as jovens, afastando assim a hipótese de estes/as se tornarem desviantes.

A diversidade evidencia a complexidade de gerir a vida nas salas de aula e a necessidade de procedimentos conjugados para a prevenção da indisciplina, pois conforme refere Perrenoud (1999), «qualquer situação que resulte na fragmentação do tempo e nas intervenções do professor, interfere na regulação das aprendizagens, comprometendo a qualidade do trabalho individualizado e diferenciado».

De salientar que entendemos que o conflito não tem, a si associado, aspectos negativos, nem tão pouco só aspectos positivos, pois, por um lado, o conflito é positivo quando na presença deste, surgem oportunidades e benefícios de transformação, crescimento pessoal, motivação e coesão das relações; por outro lado, apresenta-se como negativo quando há custos, ameaças e um desgaste da confiança.

A docente da turma do local de intervenção afirma, numa conversa informal, que «o controlo do comportamento sem punição é uma meta quase impossível de alcançar» (N.T. 29). Esta refere ainda que já recorreu a uma panóplia de estratégias, como: o apelo às regras, o falar baixinho com o jovem ou uma conversa particular, ou ainda um diálogo com o grande grupo em conjunto; utilização de linguagem gestual; mudança do tom de voz ou fazer silêncio; ironizar com a situação. Contudo, nenhuma destas estratégias teve resultado de forma prolongada e efectiva com os/as jovens.

O quadro ao lado, retirado do Projecto Curricular de Turma, mostra-nos as várias advertências e participações disciplinares que os/as alunos tiveram pelo seu comportamento, assim como algumas medidas correctivas com aplicação das seguintes penas:

Alunos	Pena disciplinar
Nº 4	2d susp + 1d act. Cívica + 1d susp
Nº 5	1 Tarde sala de estudo trabalho avaliado
Nº 14	2d susp + 1d act. Cívica + 3d susp
Nº 16	1d susp + 1d act. Cívica + 1d susp
Nº 17	2d trabalho cívico
Nº 20	1 Tarde sala de estudo trabalho avaliado
Nº 22	1d trabalho cívico
Nº 23	1d trabalho cívico
Nº 27	1d trabalho cívico

Aquino (1996) expõe alguns motivos que podem eventualmente conduzir os/as alunos/as a posturas e actos indisciplinados, por exemplo: a falta de

interesse, a dispersão que se sente na sala de aula, o avanço acelerado da tecnologia até aos meios de comunicação como influência perigosa para os/as jovens com os programas violentos. O mesmo autor menciona a falta de tecnologia na sala de aula como um factor que pode levar à indisciplina. No entanto, mediante a experiência de estágio, pudemos verificar que tal não acontece nas salas de aula dos dias de hoje. Se antigamente o computador era apenas utilizado nas aulas de informática, hoje estas práticas mudaram. No presente, a grande maioria dos/as jovens sabem manusear o computador e interagem facilmente com a tecnologia. A presença da inovação nos espaços escolares verifica-se através da massificação dos meios tecnológicos no espaço sala de aula. O computador, o quadro interactivo e o retroprojector são meios tidos como vulgares, tanto nesta instituição de ensino, como noutras do País.

Tendo em conta a experiência de estágio, verificámos que uma das causas/motivos dos actos de indisciplina no espaço sala de aula, mencionados pelos/as docentes, diz respeito à educação familiar e à transmissão de valores.

Do ponto de vista da docente, os/as encarregados/as de educação não se envolvem devidamente na educação escolar dos/as seus/suas filhos/as. Isto, verifica-se através da falta de comparecimento do/a encarregado de educação nas reuniões da escola, ou em actos tão simples como acompanhar o/a seu/sua educando/a na elaboração dos trabalhos de casa.

“Esta é uma turma problemática em termos de regras e de comportamento. Os/as jovens não são muito empenhados no estudo, os pais participam pouco na educação deles, cerca de 50% dos pais se preocupam, vindo à escola para ver o resultado dos/as Jovens. Os outros 50% não aparecem sequer. Portanto limitam-se a trabalhar e a mandar os filhos para a escola.” (N.T. 31)

Por aqui se depreende um frágil envolvimento por parte dos/as pais/mães na educação escolar dos/as seus/suas filhos/as. No entanto, não se verifica um consenso quanto à importância da participação dos pais e mães na educação escolar dos/as filhos/as. Isto é, por um lado, existem pais/mães que confiam e encarregam aos/as docentes a educação dos/as seus/suas filhos/as, entendendo, assim, que a sua colaboração não condicionará o sucesso escolar dos/as mesmos/as. Por outro lado, verifica-se que outros/as encarregados/as de educação preferem, por opção, separar o meio escolar do familiar para não sobrecarregar o ambiente familiar que, em algumas famílias, já está sobrecarregado pelos problemas familiares (casos de divórcio), económicos ou mesmo profissionais (desemprego).

Na perspectiva de Bourdieu (1986), participar na educação dos filhos requer certas condições como o capital económico, o capital cultural, vontade e gosto. Capital económico traduzido em tempo livre (e boa qualidade de vida) para que o encarregado se dedique ao acompanhamento dos/as filhos/as. Por conseguinte, na falta de tempo, terá de dispor de capital económico para pagar a um particular, um/a profissional externo/a à escola para acompanhar o/a filho. Em relação ao capital cultural este significa dispor de uma cultura, conhecimentos académicos (científicos), conteúdos curriculares e pedagógicos.

«Gradualmente, à medida que as famílias se nuclearizaram e se isolaram, e pais e mães passaram a trabalhar fora de casa, num movimento que reduzia suas funções reprodutivas culturais e sociais, a escolarização cresceu como um modo sistemático e especializado de educação, e tornou-se o contexto central do desenvolvimento individual das crianças e Jovens, assumindo posteriormente funções sociais e emocionais adicionais» (Carvalho, 2004: 50).

Hoje em dia, verificamos que o dever de educar vai muito além dos cuidados físicos e emocionais. A educação doméstica, que antigamente existia, já não se verifica devido à crise familiar que se faz sentir com o aumento dos divórcios e a falta de tempo livre das famílias. Assim, a escola tem um valor acrescido pois, para além de transmitir os saberes do currículo escolar, é chamada a educar o/a estudante, transmitindo valores e princípios de cidadania. O facto é que não existe um consenso entre as famílias e os/as professores/as sobre esta matéria. Por um lado, se os/as professores/as referem que a sua função é unicamente académica, por outro lado, pais e mães assumem não terem condições, a vários níveis, para responder às necessidades dos/as seus/suas filhos/as. Logo, nesta perspectiva, sendo a escola o espaço onde os seus/suas filhos/as passam maioritariamente o tempo, os/as actores educativos/as adquirem socialmente responsabilidades ao nível da transmissão de conhecimentos académicos, mas também interpessoais e sócio-educativos.

2.3. Reflexão global sobre a acção desenvolvida no Contexto Casa da Juventude e na Escola

Consideramos que foram distintos os papéis desenvolvidos em cada contexto. A partir das dinâmicas do *Espaço Experimental de Mediação Educativa* desenvolvidas na Casa da Juventude e na Escola percebemos, que foram adoptadas posturas e estratégias de intervenção diversificadas.

A postura de mediação variou consoante o contexto. No contexto escolar, foram frequentes e insistentes as advertências e “chamadas de atenção” feitas aos/às jovens por parte da docente. Mediante tal facto, existiram momentos onde teve de ser adoptada uma postura mais firme e segura, intervindo de forma imediata face a comportamentos de indisciplina aquando da ausência da intervenção da docente. Considerámos que, estabelecer o equilíbrio entre uma imagem de autoridade e organização, com uma imagem de confiança e empatia, criando alguma sintonia com os/as jovens, foi uma tarefa árdua.

Na Casa da Juventude, pela falta de obrigatoriedade por parte dos/as jovens ao *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, a acção interventiva foi desenvolvida em pequenos grupos e com diferentes actores. Este aspecto facilitou a transmissão de conhecimentos, a comunicação, a aprendizagem de comportamentos e procedimentos adequados, concedendo assim maior estabilidade na acção com os/as jovens, sendo portanto raros os momentos de caos e desordem experienciados na Casa da Juventude.

A troca de experiências e a abertura ao diálogo foi mais frequente na Casa da Juventude do que no espaço escolar devido à formalidade que este último espaço subentende. O primeiro contacto com os/as jovens na Escola foi diferente daquele tido na Casa da Juventude, pois, enquanto que, na Casa da Juventude os jovens iam desabafando sobre os problemas diários que lhes incomodava, como os problemas escolares, familiares, etc, na escola tal não era possível devido ao factor espaço-temporal.

Assinalamos como primeira diferença, o público-alvo em cada contexto. No espaço escolar, os/as jovens com quem estabeleci contacto directo, têm idades compreendidas entre os 12 e os 15 anos. Por conseguinte, na Casa da Juventude os/as Jovens são mais novos, com idade entre os 9 e os 14 anos. Daqui depreendemos que o tipo de diálogo, ou mesmo o modo como este era estabelecido, diferiu em cada local de acção.

A planificação das actividades realizadas era semelhante aos dois contextos, contudo, na Casa da Juventude, este, por vezes, era repetido ou modificado consoante a vontade e a necessidade expressa pelos actores envolvidos.

Nesta medida, as acções em ambos os espaços de intervenção, direccionaram-se tendo em conta objectivos comuns. Uma das preocupações foi incentivar e estimular a participação criativa e responsável dos/as jovens com a criação de um espaço de discussão acerca dos diversos assuntos relacionados com a Juventude. Pretendeu-se desenvolver nos/as jovens, auto-estima, capacitando-os/as do seu próprio valor e da capacidade de enfrentar os problemas da vida.

Deste modo, sempre que possível, em ambos os espaços pretendeu-se auxiliar o/a jovem no que respeita a preocupações relacionadas com os/as colegas, professores/as, rendimento escolar, família, entre outros problemas da vida do/a jovem.

No contexto escolar, temas como os valores, a democracia e o futuro, foram explorados com mais profundidade a pedido da docente da disciplina, pela necessidade de incutir nestes/as jovens algumas regras fundamentais para a convivência sã em sociedade, despoletando a ambição e a construção de objectivos futuros. Neste sentido, foram criados momentos de reflexão sobre as metas e expectativas pessoais de cada jovem, tentando, se possível, orientá-los/as para perspectivarem os seus projectos de vida profissional.

«O que a pessoa vai ser ou o que pretende ser não depende apenas do que ela é, mas também sofre o efeito do contexto em que se vive. Alguém pode habitar a maior metrópole do mundo e ser absolutamente desprovido de valores cosmopolitas, assim como pode viver na região mais inhóspita e remota do planeta e acolher valores universais. Evitar o predomínio das categorias estereotipadas de pensamento parece ser muito mais fácil para quem vive em contexto onde as pessoas e as informações fluem com mais intensidade, mas a pessoa deve também oferecer a sua parcela de contribuição, quando nada fazendo o possível para quebrar hábitos de pensamentos arraigados, substituindo-os por modos de pensar mais justos, igualitários e dignos» (Pais, 2005: 285).

A ausência de disciplina e hábitos sociais, como *saber-estar* são aspectos bem presentes no grande grupo. Na Escola, foi quase inevitável recorrer a uma postura mais rígida, através da elevação do tom de voz, no sentido de ser mais assertivo, pois os/as jovens teimavam em manterem-se inquietos/as na sala de aula.

Numa conversa informal com a docente, esta afirmou que os/as jovens «não estão habituados a dialogar, a ouvir, a respeitar o outro em termos de grande grupo». Através da observação, foram notórios os comportamentos de indisciplina e atitudes inadequadas para o contexto sala de aula. Entendemos que, aspectos como deixar a sala

de aula com as mesas e cadeiras desarrumadas, o lixo no chão, etc., demonstram uma certa despreocupação e desrespeito pelo local de estudo.

Os apoios e a disponibilidade demonstrada em colaborar com este Projecto de Estágio foram uma prerrogativa para o sucesso do Projecto. Por um lado, a escola viu o meu papel como sendo fundamental na mudança do ensino e dos/as jovens caracterizados como indisciplinados e desmotivados para o ensino.

“Profissionais da área das Ciências da Educação são necessários na escola porque, por exemplo os professores são postos a dar formação cívica e não quer dizer que os professores tenham formação; cada um tem a sua formação, na realidade o que eu transmito na aula de formação cívica é a minha formação pessoal e o que eu faço na minha turma não vai ser o que vai fazer a outra Professora. Cada um tem a sua formação. O resto é a Escola a trabalhar, se a escola pudesse, lá está criar a tal história da mediação de conflitos, seria ótimo! ...mais tarde aqueles pequenos conflitos que eles às vezes não sabem resolver, que é característico da sociedade de hoje, se houvesse alguém com uma formação, o mediador, para ajudar a explicar e a dizer: isso aconteceu mas tens que ouvir uma segunda opinião ou a versão do teu colega; mais tarde em termos futuros, ia demorar uns anos mas eu acho que ia ser muito bom para o futuro”
(N.T.34)

Por outro, também a Casa da Juventude considerou a minha prestação bastante positiva e essencial neste espaço de educação não-formal.

“...ser orientadora de estágio de alguém que me apresenta propostas nesta área deixa-me bastante confortável e satisfeita, acima de tudo por ter alguém que, ainda que temporariamente, responda à minha necessidade (pessoal e profissional) de trabalhar essas questões num espaço como a Casa da Juventude.
A minha observação final... e pelo que me parece, depois das conversas mais informais que tivemos, a Catarina deu um grande contributo no desenvolvimento de actividades necessárias à Casa e aos/as jovens que a frequentam. Assumiu um papel fundamental neste espaço e um exemplo de profissionalismo, dinamismo e iniciativa a muitos que aqui trabalham, esperando que todos aprendam alguma coisa com o seu desempenho e passem a assumir um comportamento mais participativo e interactivo com os/as jovens e serviço desta Casa.”
(apêndice V)

É nesta medida que consideramos que a postura em ambos os locais de intervenção foi automaticamente diferente. A realidade escolar é completamente transversal à realidade da Casa da Juventude. Se actos de violência ou desobediência ocorrem na escola, resolve-se o problema através da expulsão, como forma de intervenção primária. Na Casa da Juventude, a ausência de regras e actos impróprios no local acontecem, contudo, a intervenção directa com estes/as jovens não acontece de forma tão imediata como na Escola. Os profissionais da Casa da Juventude, devido à ausência de uma figura da autoridade e/ou de estratégias de resolução de conflitos, deixam que tais acontecimentos passem em claro.

Entendemos que o *saber-ouvir* é uma capacidade e característica essencial para que se estabeleça a comunicação plena. No entanto, esta é uma qualidade pouco presente nestes/as jovens. Existe a necessidade de uma educação orientada para a

cidadania de forma a «construir e/ou fortalecer a auto-estima, o auto-conhecimento e o conhecimento dos outros de modo a possibilitar a inserção no colectivo, percebendo-se como alguém com direitos e deveres e como agente de transformação social responsável e consciente dos seus próprios limites» (Fonseca, 2001:19).

2.4. Actividades de Monitorização e de Avaliação do Projecto *Espaço Experimental de Mediação Educativa [na Escola e na Casa da Juventude]*

O processo de avaliação e monitorização do trabalho serviu como estratégia «enquanto cultura de diálogo, de intercâmbio de ideias e de aprendizagem colectiva» e como necessidade de se proceder à reconceptualização das práticas de intervenção entre os jovens. (Ferrão, 2000)

O processo de avaliação teve três momentos essenciais para a monitorização do projecto. O primeiro momento, *antes da acção* dando início à sessão com conversas informais questionando os/as jovens sobre o que eles/as esperavam realizar no presente dia; *durante a acção* na qual relembrávamos alguns objectivos do *Espaço* com sugestões fornecidas pelos/as jovens e, posteriormente, procedia-se à sua análise e à pertinência das mesmas; no *final da acção* realizávamos em conjunto com os/as jovens a avaliação, através da construção de quadros com duas colunas: numa assinalávamos o que “esteve mal” e noutra o “que esteve bem” na performance do grupo, bem como, na actividade em si.

Assim, para além da avaliação ter sido uma estratégica substantiva, também foi possível utilizá-la de forma instrumental, isto é, como melhoria de execução e gestão das actividades.

O *feedback* dos sujeitos externos ao *Espaço Experimental de Mediação Educativa* também foi um aspecto importante para o êxito do projecto, pois decorrente de algumas rotinas que se iam naturalmente criando, o nosso olhar poderia deixar de ser objectivo passando-se por vezes a um olhar subjectivo, isto é, a olhar apenas aquilo que queremos ver. Como refere Morin (2005) «essa perspectiva “de fora” nos permite integrar o olhar do outro em nosso esforço de autocompreensão».

Assim, como refere Ferrão, pretendeu-se superar as visões que reduzem a avaliação a um conjunto de procedimentos técnicos e burocráticos de fiscalização e transformá-la em processos mobilizadores e de aprendizagem colectiva. (2000: 40)

Por sua vez, no encerramento do *Espaço Experimental de Mediação Educativa* foi entregue a cada jovem, da Casa da Juventude e da Escola, um questionário de auto-avaliação (apêndice X) das actividades, de cariz individual e anónimo. Este questionário, com respostas abertas e fechadas, teve como objectivo reunir todos os pareceres dos/as jovens envolvidos nesta projecto de estágio.

As tabelas que se seguem referem-se ao nível de satisfação dos/as jovens numa escala que varia entre o *muito bom*, o *bom*, o *razoável* e o *insuficiente* tendo em conta o interesse/utilidade dos temas mobilizados no Espaço; a forma como os temas foram tratados; a dinâmica e /ou participação do grupo; o desempenho da estagiária; a prestação individual de cada jovem nas actividades; e, por fim, a relevância da continuidade do serviço.

Auto-Avaliação dos/as jovens, da Casa da Juventude e da Escola, das acções desenvolvidas através do *Espaço Experimental de Mediação Educativa*...

Através da tabela podemos verificar que 51,4% dos/as jovens avaliam o interesse e utilidade dos temas tratados no *Espaço Experimental de Mediação Educativa* com “Bom”. De seguida com 37,8% dos inquiridos avaliam com “muito bom”.

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Muito Bom	37,8
	Bom	51,4
	Razoável	8,1
	Insuficiente	2,7
Total		100,0

Tabela 7- Interesse/utilidade dos temas

Em relação ao modo como os temas foram tratados, 48,6 % dos/as colaboradores/as/participantes no Espaço Experimental de Mediação Educativa classificam com “bom” o seu nível de satisfação; e 45,9% com “muito bom”.

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Muito Bom	45,9
	Bom	48,6
	Razoável	5,4
	Total	100,0

Tabela 8- Forma como os temas foram tratados

A avaliação dos/as participantes em relação à dinâmica/ participação do grande grupo foi com 54,1 % “bom” e 24,3% “muito bom”

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Muito Bom	24,3
	Bom	54,1
	Razoável	21,6
	Total	100,0

Tabela 9- Dinâmica/Participação do grupo

No que respeita ao desempenho da “estagiária” 81,1% dos/as participantes, quando confrontados/as com o seu nível de satisfação, avaliaram com “muito bom”, seguido de 18,9% com “bom”.

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Muito Bom	81,1
	Bom	18,9
	Total	100,0

Tabela 10- Desempenho da Estagiária

A auto-avaliação que os inquiridos realizaram em relação à prestação individual de cada um nas actividades desenvolvidas, foi com 51,4% respostas com “bom” e 27% com “muito bom”.

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Muito Bom	27,0
	Bom	51,4
	Razoável	18,9
	Insuficiente	2,7
	Total	100,0

Tabela 11- A tua prestação nas actividades

Quando interrogados com a relevância e importância da continuidade do serviço, concluímos que todos os/as jovens envolvidos nas actividades dinamizadas pelo Espaço Experimental de Mediação Educativa, acham pertinente dar continuidade a este tipo de actividade.

		Respostas (%)
Nível de Satisfação	Sim	100,0

Tabela 12- Relevância da continuidade do serviço

Capítulo III: Natureza(s) da Intervenção e da Participação

Estruturo a natureza deste percurso de estágio em cinco modos/níveis distintos, que se caracterizam no seu nível administrativo; de investigação exploratória; de colaboração com os diferentes técnicos e/ou profissionais que constituem este sector, tanto nas tarefas mais rotineiras do local como naquelas mais complexas, como é o caso da participação e organização de eventos; de concepção e dinamização de tarefas e/ou actividades no âmbito do projecto e, finalmente, actividades de monitorização e de avaliação.

A natureza das actividades realizadas no contexto escolar passaram, sobretudo, pela planificação, concepção e dinamização individual de todas as actividades, todavia estes não foram momentos faseados e dissociáveis, pelo contrário, foram aspectos que surgiram por vezes em simultâneo, pois foram sendo influenciados pelas necessidades e exigências vindas da turma.

Pode-se inferir que este projecto de estágio de Mediação Sócio-Educativa baseou-se, fundamentalmente, no interface de contextos de educação formal [Escola] e não-formal [Casa da Juventude] com preocupações de educação para a cidadania, participação e consciência cívica.

Neste processo, a mediação surgiu como possibilidade de estabelecer a ponte entre dois locais educativos e, através do processo comunicacional, promover a comunicação entre diferentes figuras que envolvem todo o sistema (professores, alunos/as, funcionários/as, família, etc.) desenvolvendo, assim, competências pessoais e sociais dos/as jovens.

3.1. Envolvimento e participação em actividades de carácter administrativo

As actividades de envolvimento e/ou participação de cariz administrativo, como por exemplo: estar encarregada do atendimento do telefone; da recepção dos utentes à Casa da Juventude, bem como, o esclarecimento e a transmissão de informação a todos os utentes, possibilitou, a nível pessoal, a cooperação e a convivência entre os funcionários/as que estão directamente relacionados/as com este sector, e consequentemente os/as utentes, aumentando assim a coesão e o sentimento de pertença ao grupo de trabalho e ao espaço físico em si; por seu turno o nível profissional possibilitou na compreensão da dinâmica organizacional, assim como, os valores,

atitudes e comportamentos dos indivíduos no ambiente de trabalho, deste sector. Esta fase foi também marcada por tarefas de natureza repetitiva, como a organização e a pesquisa de documentos de apoio.

Os contactos estabelecidos com diferentes agentes, tanto na Escola como na Casa da Juventude, foram ganhos indiscutíveis, pois, possibilitaram a aquisição de múltiplos saberes, desde o conhecimento das infra-estruturas dos contextos, ao conhecimento dos projectos em que estão envolvidos, até às normas e regras pelas quais ambos os espaços se regem.

3.2. Envolvimento e participação em actividades de investigação

Numa fase inicial, e ao longo de aproximadamente três meses, foram executadas actividades de *investigação exploratória* no terreno com o intuito de conhecer melhor os contextos, os/as profissionais e os/as utentes. Este conhecimento concorreria para organizar e planificar, de modo mais consistente, a minha acção.

Esta investigação resultou na recolha de dados qualitativos e quantitativos, estimulando, assim, uma atitude e postura mais exigente e pragmática.

Esta etapa consistiu, inicialmente, num levantamento bibliográfico, da revisão da literatura investigada e da realização de entrevistas a pessoas envolvidas no contexto. Por este ser um trabalho qualitativo, procurou-se realizar várias entrevistas semi-estruturadas, conduzidas no ambiente natural de tom informal, sendo registadas por meio electrónico.

A inexistência de documentação por parte da instituição de acolhimento, que fomentasse o seu aparecimento e toda a sua organização, dificultou a tarefa de compreender quais as práticas e os documentos pelos quais esta se rege. Esta ausência foi superada com o recurso de uma entrevista realizada à Directora da Casa da Juventude que esclareceu todas as interrogações e dúvidas existentes.

Outro momento integrante de toda a investigação, foi a realização de uma outra entrevista desta vez realizada à Directora de uma Casa da Juventude, situada no distrito do Porto. Este momento da investigação, embora acompanhado por um guião (apêndice IV) previamente realizado, semelhante à entrevista anteriormente realizada, ocorreu num momento diferente durante o processo de estágio. Todavia, ambas as entrevistas foram realizadas de forma aberta e flexível, no sentido de alargar o pensamento e dar “espaço de manobra” às entrevistadas. Estes testemunhos, devido ao cargo de Direcção

da Casa da Juventude que ocupam, foram pertinentes e cruciais para a compreensão do contexto e do papel que as Casas da Juventude têm na Sociedade.

Nas duas entrevistas realizadas, foi possível esclarecer o significado que o conceito de Juventude tem para profissionais que assumem um estatuto equitativo, em espaços semelhantes, como as Casas da Juventude, variando apenas a sua localização geográfica. Inicialmente, em ambas as entrevistas, procedeu-se à caracterização dos espaços; à identificação do público-alvo; à caracterização e constituição da equipa técnica da Casa, bem como, da sua missão. Por conseguinte, também foi objectivo das entrevistas explorar quais as dinâmicas utilizadas pela Casa da Juventude para envolver a comunidade. Aqui, foi possível também explorar o conceito de mediação; identificar eventuais estratégias de mediação existentes; caracterizar o grau de importância que lhe é atribuído; caracterizar os intervenientes e estratégias de mediação eventualmente presentes. Por conseguintes, a análise destas entrevistas foi bastante relevante para a continuidade da investigação, pois, foram dois testemunhos fundamentais e privilegiados devido à posição e responsabilidade características subjacentes ao estatuto que lhes advém.

Aos/às utentes da Casa da Juventude, num primeiro momento, foi entregue um questionário como forma de avaliar o grau de satisfação que estes/as têm em relação à Casa da Juventude, assim como, as ambições/aspirações que têm para com a mesma. Estes dados foram importantes para a investigação, pois, possibilitaram uma visão mais abrangente e pormenorizada sobre o funcionamento e a estrutura destes espaços inicialmente desconhecidos, bem como, na congregação dos dados e no enriquecimento de constatações obtidas.

Entendemos que o/a mediador/a é um agente de mudança em todos os níveis, e intervém numa realidade com dinâmica própria. Este/a ajuda a população a obter qualidade de vida, fornecendo as estruturas necessárias aos indivíduos para fazerem frente aos seus problemas, obterem satisfações, reforçarem a sua inserção, os seus laços de solidariedade e de ajuda mútua, e de participarem na vida social. Pretende-se na mediação que, com o processo de comunicação, haja uma interacção e um intercâmbio onde as diferenças sejam entendidas como potenciadoras de inovação. No entanto, corroboro com Neves quando refere que «a mediação não deve aparecer como nome para práticas velhas, pois ela tem substância e conteúdos inovadores».

3.3. Envolvimento e participação na concepção de projectos

No contexto escolar, pelo facto do período de planificação das actividades ter ocorrido sem se conhecer as peculiaridades da turma, o grau de complexidade e incerteza na concepção das actividades aumentou. Porém, tal facto não invalidou que fosse incorporada nas sessões as temáticas subjacentes ao objectivo da disciplina. Este obstáculo foi contornado com o auxílio da docente da disciplina que teve a preocupação de realizar breves encontros semanais de pré-contacto com a turma, com a finalidade de pôr ao corrente dos acontecimentos semanais, desde aqueles mais marcantes, bem como, aqueles menos marcantes. A apresentação antecipada da turma, através da visualização do livro de ponto, fazendo a devida correspondência do nome do/a aluno/a à sua fotografia, foi um dos aspectos que facilitou a memorização do nome dos/as alunos/as, esclarecendo também algumas necessidades educativas que alguns/algumas jovens possuem.

Foi fundamental a definição de um plano de actividades flexível, constituído, não só pelas actividades a realizar, mas igualmente dos objectivos intrínsecos e subjacentes a cada actividade.

Ao nível da *concepção e organização* das actividades desenvolvidas, tanto no *Espaço Experimental de Mediação Educativa* como no Espaço Escolar, posso referir que foram várias as preocupações e estratégias utilizadas para gerir, individualmente, este processo. Uma das preocupações/hesitações iniciais nesta fase do estágio foi o desassossego sentido para cativar o público para o *Espaço*. Assim, a estratégia utilizada para ultrapassar este sentimento foi apostar na publicidade e nas interações informais através de conversas informais com os/as jovens. Assim, os/as jovens foram aproximando-se, não me vendo como mais uma figura com estatuto superior ao deles/as, mas como “alguém” em quem podiam confiar e partilhar as suas histórias.

Através desta experiência interventiva no âmbito do estágio, verifiquei que o projecto deste local pautou-se por uma estrutura informal, não obedecendo a uma estrutura rígida, já preestabelecida. Aqui, na Casa da Juventude, os projectos vão surgindo numa lógica mais burocrática segundo orientações dos órgãos superiores, externos ao local [Câmara Municipal], que nem sempre tendem a criar projectos com o fim de responder às necessidades reais dos grupos envolvidos. O facto de estes agentes não estarem intimamente ligados ao local resulta na insipiência profunda das necessidades, carências e constrangimentos reais daquele espaço.

Corroboro com Almeida, Boterf e Nóvoa quando referem que, nos momentos em que as actividades são regidas por órgãos externos, «a planificação das actividades, tende a constituir-se num colete de forças que limita (e esteriliza) a iniciativa das populações de referência» (1996: 120).

Referimos que todos os momentos foram importantes e aproveitados para cativar os/as jovens ao *Espaço*, como por exemplo, os momentos que os pais compareciam na Casa da Juventude para acompanhar os/as jovens ao Espaço de Pintura ou à Música, à escola ou mesmo para o lar. Também os momentos onde, simplesmente, os/as jovens descansavam no sofá da Casa da Juventude, ou no corredor da escola, justificando que “não tinham nada para fazer”, foram igualmente aproveitados para os/as aliciar a participarem nas actividades que iam sendo desenvolvidas.

3.4. Envolvimento e participação em actividades de dinamização

O carácter das actividades dinamizadas foi, essencialmente, a título individual nos dois locais de intervenção educativa. Por um lado, como na escola a presença da figura do/a professor/a é obrigatória, tive sempre a supervisão da docente da disciplina de formação cívica. Por outro lado, na Casa da Juventude, foi delegado, a título individual, o cargo de responsável pela dinamização de todas as actividades lúdico-pedagógicas presentes no plano de actividades no âmbito da concepção do Projecto *Espaço Experimental de Mediação Educativa*.

Como refere Abrantes (2002: 6), tentou-se que:

«o envolvimento dos alunos em projectos significativos, que poderão ser de grupo ou individuais, será porventura a melhor forma de desenvolver as suas capacidades de pesquisa e tratamento de informação, numa perspectiva de crescente autonomia, ou de reflexão sobre problemas da vida individual e colectiva numa lógica de educação para a cidadania...»

Este é um trabalho gradual e, com certeza, existe uma panóplia de temas fundamentais a serem desenvolvidos com os/as jovens no sentido de estes/as aprenderem a aprender, a ser e a estar, através de momentos de diálogo aspectos da vida social e cívica.

Cada tipo de natureza ligada à acção dos trabalhos realizados resultou da mobilização de diferentes tipos de competências. Isto é, todas as actividades e momentos, que fizeram parte do percurso de estágio, proveram conhecimentos relativos, tanto aos conteúdos disciplinares (*saber*), aos saberes e competências relativos à vida social e à subjectividade (*saber-ser*) quanto ao domínio de métodos e técnicas diversos

relativos, tanto às competências de aprendizagem autónoma, quanto às competências profissionais.

Por tudo isto, a minha integração no âmbito da Mediação Sócio-Educativa, que se assume no dizer de Silva e Moreira (2009) apud Six (2003) «na procura da transformação e emancipação social adoptando uma intervenção criativa, renovadora ou mesmo preventiva», revelou-se como uma aprendizagem a vários níveis, na medida em que, não só me permitiu um maior conhecimento (*saber*), mas também “prescreveu” a mobilização de acções ao nível do *saber-fazer*, como foi o facto de ter participado na construção de actividades de cariz sócio-educativo; o facto de ter participado igualmente na concepção de dispositivos de mediação, ou mesmo o facto de ter despertado em mim, uma maior capacidade de iniciativa, expressão e autonomia.

Por outro lado, o nível de conhecimentos de facto aumentou, não me refiro unicamente aos conhecimentos que obtive acerca das juventudes, com todas as suas particularidades, pois isso constituiu a base, quase de carácter obrigatório para a realização do Projecto *Espaço Experimental de Mediação Educativa*, mas, sobretudo, à oportunidade que este projecto gerou na proximidade de relações entre os contextos de educação e o público-alvo, algo que me parecia óbvio, mas que só após começar a definir princípios, objectivos, estratégias, metodologias e conteúdos a realizar no âmbito do Projecto, pude de facto ter uma noção real da complexidade subjacente à realização do estágio.

Ao nível do *saber-ser e estar*, penso ter desenvolvido novas posturas...A saber: penso ter adquirido maior capacidade de intervenção e iniciativa, tanto a nível do contexto, como a nível de contacto com os/as profissionais envolvidos/as neste sector. Também o nível de motivação e confiança ao nível pessoal mas em prol de um objectivo comum, aumentou significativamente devido ao desenvolvimento de algumas actividades que permitiram obter maior satisfação na concretização do projecto, como foi o caso da colaboração em Projectos de nível local e nacional [Projecto Escola Para Sempre; “Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!”]

Considera-se, de extrema importância, adquirir, processar, avaliar e assimilar novos conhecimentos e capacidades e aplicá-los a uma variedade de contextos, tais como: em casa, no trabalho, na educação e na formação.

Consideramos de extrema importância mobilizar determinados saberes, atitudes e características, como a criatividade, a responsabilidade e o investimento pessoal, de

forma que *aprender a aprender* e *saber-estar*, contribuam fortemente para a gestão do percurso pessoal e profissional em toda fase do estágio.

3.5. Envolvimento e participação em actividades de Mediação Sócio-Educativa

Na Casa da Juventude, as actividades foram sempre coordenadas e dinamizadas individualmente, durante um trimestre com uma frequência de quatro sessões semanais. O período de estágio na Escola foi mais restrito, tanto em termos da acção propriamente dita, como do período de intervenção, pois neste espaço educativo formal, a acção reduziu-se à participação em 9 aulas, cada uma com duração de 45 minutos.

Apenas a problemática difere entre ambos os espaços de intervenção. Na Casa da Juventude, deparámo-nos com a inexistência de um projecto coeso de Educação; na Escola e, precisamente nas aulas de Formação Cívica, encontramos jovens desmotivados sem qualquer sentido do que é “ser-se cidadão”. A forma de interligar estas duas problemáticas foi revelar que o objectivo da intervenção era, através de determinadas estratégias, formar identidades juvenis responsáveis e cidadãs. Ora, mediante tal objectivo, foi debatido entre os/as jovens temas como: os valores de uma cidadania democrática; o conflito; as necessidades do Ser Humano; a alimentação; a reciclagem; o ambiente; a pobreza e a exclusão social, entre outros, sendo que, por vezes, os temas eram repetidos na Casa da Juventude visto não existir assiduidade dos/as participantes em cada sessão.

As figuras que habitam este espaço vão deliberadamente conquistando um lugar na vida destes/as jovens, no sentido em que muitas vezes os/as utentes confidenciarem problemas, angústias e acontecimentos da vida pessoal. O simples facto de um/a funcionário/a perguntar ao/à jovem como correram as suas férias, tem em si significados e ocorrências da vida pessoal, emocional, familiar, etc, que requererem uma certa atenção e consideração pelas Juventudes.

Tal como refere Abrantes no seu livro *Os Sentidos da Escola*, as figuras e os actores sociais constituem, no espaço escolar, muita importância e carga na vida dos/as jovens. O mesmo acontece na Casa da Juventude, espaço onde os/as jovens passam a maior parte do seu tempo extra-escolar:

“o contacto diário prolongado e o envolvimento em actividades, clubes, novos espaços escolares, parece potenciar relações de cumplicidade e amizade entre alunos professores, funcionários, outros actores (como a animadora cultural), dando origem a redes densas e duradouras, que constituem um elemento-chave nas vivências escolares dos diversos actores e na coesão do tecido social» (2003:101).

Esta educação multicultural, que se pretende que o currículo escolar transmita, também é recíproca para com os espaços de educação não-formal, de maneira a que todos/as se envolvam socialmente na educação dos/as jovens e na construção da sua identidade.

Na sequência da rectificação e reorganização do currículo do ensino básico, o Decreto-Lei n.º 6/2001, integra na matriz curricular três novas áreas não disciplinares, cujos objectivos da disciplina de Formação Cívica, na qual esta intervenção se debruçou, tem como objectivo:

«o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos, como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade» (Decreto-Lei nº6/2001).

Entendo que o papel foi, sobretudo, de mediador, pois, para além de recorremos a técnicas e estratégias de mediação, a relação estabelecida com os sujeitos era independente, sem que houvesse qualquer poder sobre os mesmos. Na mesma linha de pensamento de Neves «tenho sérias dúvidas que um professor de uma escola possa realmente ser o mediador de um conflito entre um seu colega e um aluno, muito embora possa evidentemente utilizar técnicas e estratégias de mediação para melhorar a relação entre ambos» (2010: 42).

Para se fazer mediação, seja ela de conflitos, familiar, escolar ou qualquer outro tipo de mediação de que possamos falar, é necessário evitar, ao máximo, as tendências instintivas ou espontâneas do mediador durante todo o processo. Digo “ao máximo”, pois, o/a mediador/a, também ele é humano, também ele está inserido numa sociedade, também ele/a tem pré-conceitos, também ele/a erra. Contudo, *se já desejando ser neutro e imparcial, [inevitavelmente] nem sempre o é, imaginemos se não o pretendesse...É*, por isso, necessária uma aprendizagem técnica e metodológica para que o mediador/a não possa julgar nem se comprometer no processo. Neste sentido, surge a problemática da neutralidade e imparcialidade do/a mediador/a, características fulcrais em qualquer processo de mediação. No entanto, penso que, manter uma relação equidistante dos/as mediados/as, de forma a não realizar preconcepções, torna-se uma tarefa bastante árdua e, quiçá impossível de obediência rigorosa.

A natureza do trabalho de mediação através da multiplicação e diversificação das actividades, teve como objectivo promover a reflexão individual e colectiva sobre

experiências dos/as jovens, contribuindo, portanto, para a crescente responsabilização dos/as alunos/as numa lógica de educar o indivíduo para a cidadania.

O meu papel de mediadora não foi tanto de resolução de conflitos, mas antes de aproximação dos sujeitos envolvidos, quer no espaço escolar, quer na Casa da Juventude. No espaço escolar, um dos objectivos foi fundamentalmente incutir nos/as jovens a responsabilidade de “ser cidadão”, isto é, através do respeito pelas diferenças e da responsabilização dos/as jovens pretendeu-se melhorar o clima desta turma em particular, consoante as actividades dinamizadas, recorrendo a técnicas de comunicação e de negociação entre os sujeitos.

Penso que esta actuação enquanto mediadora, através das actividades e experiências de mediação em ambos os lugares, foi, de uma maneira geral, alcançada, no entanto, há que referir que no espaço escolar a acção tornou-se mais limitada do que no contexto não-formal, como foi o caso da Casa da Juventude:

«Por um lado, isto poderá levá-lo a alhear-se da dinâmica da escola, centrando a sua acção na comunidade. Por outro, estando como é próprio dos mediadores institucionais, intimamente associados ao poder instituído, poderá ser tentado a procurar o seu próprio estatuto na escola, à qual não pertence, o que o poderá levar a contornar algumas situações e conflitos, a fim de não se confrontar com o poder instituído que ele representa, mas do qual não faz parte» (Freire, 2010:68).

3.6. Envolvimento, participação e colaboração em eventos locais e nacionais

A *colaboração* na supervisão de actividades e eventos organizados pela Casa da Juventude e pela Câmara Municipal, tais como, o *Encontro D'escreitores* e a *Escola Para Sempre* foi de facto bastante importante para a minha formação.

O *Encontro D'escreitores* é um projecto organizado por todos/as os/as funcionários/as que constituem a Câmara Municipal, onde cabe à Casa da Juventude “apenas” a prestação e apoio ao nível técnico e físico (espaço). A acção baseou-se, sobretudo, na orientação e encaminhamento dos/as convidados/as; na organização das mesas de debate, e na prestação e auxílio à plateia para esclarecimento de quaisquer dúvidas que surgissem ao longo evento.

No projecto *Escola Para Sempre*, a missão foi colaborar na organização e encaminhamento de todos/as os/as convidados/as e participantes do evento. Aqui, foi possível estabelecer um relacionamento mais próximo com alunos/as, professores/as e vereadores/as da cidade.

Entendo que o envolvimento nestes dois eventos municipais foi uma oportunidade com um resultado bastante satisfatório pois, não só permitiu participar como ouvinte nos eventos, mas também permitiu adquirir conhecimentos teóricos, capacidades, atitudes e valores, como o *saber-estar*.

No final do estágio, surgiu a oportunidade de colaborar em mais um projecto, mas desta vez com dimensão nacional e não local. Este projecto que referimos, intitulado por “Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!”, foi uma proposta recebida pela Direcção da Casa da Juventude tendo esta sido encarregada de todo o processo. O objectivo deste projecto foi, fundamentalmente, mostrar o olhar que os/as jovens utentes deste local têm em relação ao tema da pobreza e da exclusão social. A forma como os/as jovens elaboraram o trabalho foi através da arte, da pintura e do desenho, intercalando com mensagens escritas pelos/as próprios/as jovens.

PARTE IV

Problemas Teóricos e Metodológicos Emergentes

4.1. Educação, Diversidade e Indisciplina

A experiência de estágio que aqui se reflectiu, permitiu (re)olhar a Casa de Juventude como um espaço relacional, como um lugar onde convivem vários indivíduos em estreita ligação e interdependência com outros espaços exteriores como a escola. A estes espaços, e principalmente no espaço escolar, estão associados diversos problemas como o conflito, indisciplina e violência. Consideramos que, por um lado, os problemas de conflitos acontecem, sobretudo, devido à oposição, desacordo ou incompatibilidade de valores, normas ou mesmo personalidades e, por outro, a indisciplina expressa-se, também, através de comportamentos indesejáveis que quebra com algumas das normas impostas e delimitadas num determinado contexto.

Importa lembrar que estamos perante um trabalho que se desenrola no domínio de especialização *Educação e Diversidade Cultural*, logo defende-se a importância de se dar lugar às culturas singulares de todos os actores envolvidos no processo. Assim, consideramos necessário que os/as jovens aprendam a conviver na presença das diferenças de cada um/a, reconhecendo que nem sempre o diálogo entre culturas, (como a cultura dos/as estudantes e a cultura da escola), é pacífico. Como sabemos, é frequente, diferentes culturas originarem formas de violência e de indisciplina.

Os autores Abud e Romeu mencionam que o conceito de indisciplina «está intimamente associado aos condicionamentos sócio-culturais, assumindo, portanto, significados diversos em momentos diferentes para pessoas diferentes» (1989: 80).

No último ano lectivo, em Portugal, mais de 17 mil alunos/as foram alvos de processos disciplinares, adianta a edição do dia 9 de Agosto de 2010 do Diário de Notícias. É um aumento de 15,4% em relação ao ano anterior e, de acordo com o Ministério da Educação, a maioria dos processos acabou em suspensão e 169 estudantes acabaram por ser transferidos/as de escola. Notoriamente, as associações de pais e os/as professores/as estão preocupados/as, pois referem que este é um sinal da perda de autoridade dos/as docentes e uma consequência do excesso de alunos/as nas escolas. Já o Ministério da Educação diz que o aumento do número de processos disciplinares revela um maior rigor no tratamento dos casos de indisciplina.

Os habituais modelos tradicionais de gestão de conflitos estão cada vez mais obsoletos, os problemas de convivência nas escolas são cada vez mais frequentes, e quando passamos para a violência, entendida como agressão física, verbal ou mesmo

psicológica, passamos para um patamar mais grave e elevado, digno de uma intervenção imediata e urgente.

Como refere a autora Elisabete Pinto da Costa⁹, a instituição escolar lida com os conflitos baseada em três modelos: modelo impositivo/punitivo; modelo cooperativo/relacional; e o modelo integrado. O primeiro modelo tem por base o sancionamento e a regulação de comportamentos da Juventude. Exemplo disto, são os castigos que evitam aplicar aos/às jovens. O modelo cooperativo/relacional tende a resolver e a educar os alunos/as para a (re)solução dos conflitos, no sentido de estes/as puderem realizar o exercício da cidadania, onde vivenciam e incorporam valores sociais e morais, através da cooperação entre os indivíduos. A Escola da Ponte é um exemplo de uma instituição educativa que aplica este último modelo [cooperativo/relacional]. Esta é uma escola com um único espaço, partilhado por todos/as, sem separação por turmas, sem campainhas que anunciam o fim de uma disciplina e o início da outra. Ali há uma *lição social*, pois todos partilhamos um mesmo mundo, onde pequenos/as e grandes são companheiros/as numa mesma aventura, todos/as se entrem ajudam, onde não há competição, mas sim, cooperação. Por fim, apresento o modelo integrado (Torrego, 2004) que se caracteriza pela conjugação e existência dos dois modelos anteriores em comum/conjunto.

Bonafé-Schmitt (2000) refere que “o desenvolvimento da conflitualidade e da violência traduz-se numa crise do sistema educativo”. Efectivamente, podemos inferir que, por um lado, isto se deve à crise da instituição escolar como espaço de socialização, ou, por outro lado, à crise dos modos de regulação dos conflitos na escola. Entendemos que, estas *crises*, estão intimamente relacionadas com o modo de funcionamento das escolas, baseado num modelo que confere um espaço/margem limitada para a institucionalização de conflitos.

No seguimento da perspectiva de Correia e Matos (2001) o espaço escolar tem-se vindo a fragilizar e a favorecer a instabilização das figuras que o habitam (alunos/as, pais/mães, professores/as e, mesmo, o currículo escolar). Os mesmos autores salientam a (in)disciplina como um problema importante que não pode deixar de ser pensado e (re)situado numa dimensão distinta da estritamente psicológica ou moral.

⁹ Participação no Seminário “Mediação Escolar: conceito, modelos e experiências” no dia 03 de Novembro de 2008, organizado pelo Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Na verdade, a problemática da exclusão social, do abandono escolar, da indisciplina e da violência na escola, bem como, nos locais de educação não-formal, poderia dar lugar à instauração de uma cultura de convivência pacífica onde exista uma dualidade entre o conflito. Isto é, aqui entende-se que esta não é uma cultura utópica onde os conflitos não existem ou se eliminam, pelo contrário, é uma cultura que se manifesta quando os conflitos se abordam.

Consideramos que estes espaços formais e não-formais, através da difusão da educação e da cidadania, poderiam dar lugar a espaços e ambientes privilegiados para a diversidade de actores e papéis, onde o processo de aprendizagem se baseia através da transmissão de saberes e formação pessoal e social dos alunos/as, proporcionando, assim, um contexto para uma intervenção precoce.

Entendo que, acima de tudo, o tempo de escuta é fundamental. Isto é, como refere Rosemberg, «...é preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto como indisciplina» (Vasconcellos, 1994: 50). Ora, torna-se imperativo que os actores educativos/as avaliem o contexto, o meio social e familiar onde o/a aluno/a está inserido/a. A origem social dos/as alunos/as aparece como uma das causas para o insucesso escolar e, neste sentido, é necessário que os actores envolvidos no contexto escolar, mediante as desigualdades sociais e culturais, ensinem e transmitam um currículo comum e justo compensando, as diferenças culturais que se fazem sentir.

O que se pretende é que o contacto entre as juventudes seja feito «num contexto igualitário, e se existirem objectivos e projectos comuns, os preconceitos e a hostilidade latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até à amizade» (Delors, 2003: 97).

4.2. O Lugar Social das Instituições Formais e Não-Formais: mediações possíveis para pensar as Juventudes

Como refere Mota na recensão crítica sobre o tema “A Diferença Somos Nós – A Gestão da Mudança Social e as Políticas Educativas e Sociais” de Stephen R. Stoer & António Magalhães «será pertinente apurar se as políticas educativas estão realmente associadas à filosofia da inclusão e, se já deveríamos, neste momento, ter passado essa etapa e já estar plenamente incluídos, não sendo, por isso, necessário falar de inclusão» (2005:177).

A Carta Europeia¹⁰ compreende-se em três partes: políticas sectoriais; instrumentos para a participação dos/as jovens; e participação institucional dos/as jovens nos assuntos locais e regionais.

No âmbito deste trabalho, entendemos como prioridades de estudo quatro tipos de políticas orientadas para: “o desporto, o lazer e a vida associativa”; “a educação e formação na promoção da participação dos/as jovens”; “a igualdade entre mulheres e homens”; e, por último, “o acesso à cultura”.

De acordo com a *Carta Europeia* existe a «necessidade de reafirmar e promover o papel que desempenham os/as jovens no desenvolvimento de uma sociedade democrática, particularmente, na vida pública local e regional». Neste sentido, existe a necessidade das autoridades locais e regionais apostarem na oferta de oportunidades, no sentido dos/as jovens não só aprenderem sobre democracia e cidadania, mas também de as praticarem envolvendo sempre a componente de lazer e entretenimento.

Um dos princípios e diversas formas de participação juvenil defendidos na Carta, refere que «deveria promover-se em particular a participação na vida local e regional dos/as jovens procedentes de sectores desfavorecidos da sociedade, e de minorias étnicas, nacionais, sexuais, culturais, religiosas e linguísticas» (2003: 5)

Como meio de desenvolver substancialmente a participação juvenil a vários níveis artísticos, entendemos que é dever das autoridades locais e regionais, através das políticas de juventude, apoiar as actividades de índole sociocultural, «pois, junto com a família e a escola ou o trabalho, estas actividades constituem um dos pilares de coesão social no município ou região» (2003:5).

¹⁰ Carta Europeia Revista da Participação dos/as jovens na Vida Local e Regional. Congresso de Poderes Locais e Regionais da Europa. Estrasburgo, 2003. Consultado em Janeiro de 2009 em <http://www.fnaj.pt/docs/pub8.pdf>

A escola é também um lugar onde os/as jovens formam muitas das suas perspectivas e opiniões sobre a vida e, portanto, é imperativo o exercício da democracia no espaço escolar. Ao nível da participação democrática já é notória a existência de algo significativo como é o caso das Associações de Estudantes. Contudo, entendemos que estas deveriam ter um cariz mais autónomo e independente, sendo-lhes prestado um apoio ao nível dos recursos financeiros e materiais. Ao nível da participação, esta poderia ir muito mais além, isto é, passar para o patamar da participação em algumas decisões relativas à gestão da escola.

Podemos considerar as Casas da Juventude como um espaço de oferta de actividades educativas e de «sociabilidade e mobilização onde os/as jovens constroem na relação com o trabalho, a arte e as questões políticas e sociais. É, destes lugares, que eles exigem da sociedade maior participação, direito ao lazer, inserção em projectos culturais artísticos e, principalmente, políticas públicas específicas que, definitivamente, reconheçam seus direitos» (2003: 294).

Desta forma, «a participação e a cidadania activa supõem ter o direito, os meios, o espaço, a oportunidade e, quando seja necessário, o apoio para participar e influenciar as decisões, e para tomar parte em acções e actividades destinadas a construir uma sociedade melhor» (Carta Europeia, 2003:7).

REFLEXÃO FINAL

«Para poder dar respostas ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se à volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as actividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes»

(Delors et al, 2003: 77).

Para quem participa no desenvolvimento de projectos de intervenção, consideramos que estes devem servir para se aprender com eles e usar esse conhecimento para melhorar todo um sistema e promover o desenvolvimento dos actores nele envolvidos. Por isso, pensamos que é necessário fazer neste lugar uma avaliação de todo o percurso de estágio, reconhecendo-se que aquela tem uma importância decisiva no desenlace de qualquer *projecto*.

Nós, enquanto profissionais de educação, devemos ser capazes de reflectir sobre os vários momentos e papéis assumidos num projecto, assinalando momentos e vicissitudes que acabam por se traduzir em momentos de aprendizagem. O momento de avaliação é, assim, fazer a diferença entre uma acção sem consequências e avulsa e uma acção que procura alimentar uma mudança e as tomadas de decisões seguintes. Passa por sermos inovadores/as, aproveitando as experiências enriquecedoras que nos vão sendo dadas através de uma cultura de trabalho em equipa.

Nesta reflexão final, após o momento de carácter mais avaliativo, iremos problematizar a profissionalidade do Mediador/a Sócio-Educativo e os contributos que este/a poderá dar para as Ciências da Educação. Por fim, iremos reflectir sobre os contributos desta experiência de estágio para a construção da profissionalidade na área das Ciências da Educação.

Avaliação do Percurso de Estágio: A Construção de um Olhar Avaliativo

«A avaliação é um momento de auto-educação: um pensar sobre o que se tem feito ou deixado de fazer. É um perguntar-se constante, consciente. É um pensar livre, porém crítico. É um acompanhar do processo de construção. É uma comparação entre o que se pretendeu e os resultados obtidos – a atribuição de um juízo de valor»

(Heinzein, 1996).

Considerando que este percurso de estágio incidiu a sua acção entre dois espaços, formal e não-formal de educação, entendemos que o processo de avaliação fez parte de todo o projecto, variando de contexto de intervenção [social e institucional], pois «qualquer prática social e, nomeadamente, a avaliação não pode conceber-se e realizar-se no vazio, apenas tomado em si próprio, mas também por referência àquele existente e realizado no e pelo contexto social e institucional real e que vai ter lugar» (Rodrigues e Estrela, 1994: 95).

Penso que o Ser Humano não tem consciência dos momentos (podemos entender por momentos, oportunidades e ocasiões) da vida em que estamos a ser avaliados e daqueles que avaliamos em constante permanência.

Neste sentido, entendo que o primeiro passo a dar na avaliação de qualquer projecto deve passar, sobretudo, pela definição dos respectivos objectivos (formativos ou sumativos) e pela realização de um plano de avaliação. Torna-se fundamental, como referem os autores Almeida, Boterf e Nóvoa (1996), «encontrar para cada projecto uma lógica entre os objectivos definidos, as actividades previstas e os meios disponíveis» contribuindo assim para uma “melhor integração e coerência interna dos projectos de cooperação técnica».

Como refere Santos Guerra (2003), sendo «a avaliação entendida como um caminho para a aprendizagem» seria pertinente reconhecermos e aprendermos com os nossos erros de forma inteligente e responsável a fim de melhorarmos as nossas práticas. Este processo de auto-avaliação implica um auto-conhecimento profundo, uma análise e uma reflexão constantes das práticas e resultados, no sentido de encontrar novos caminhos e novas soluções para uma melhor acção.

A auto-avaliação foi, efectivamente, o método utilizado para a avaliação de cada actividade. A meta-avaliação, como referencial de análise e reflexão do trajecto, proporcionou um momento de auto-educação e introspecção sobre todo o percurso, sem que lhe fosse indiferente.

Fazendo uma retrospectiva do percurso de estágio consideramos como uma necessidade a mudança consciente e cidadã de todos/as os/as intervenientes que envolvem qualquer projecto, sendo a reflexão e a partilha, aspectos cruciais para a criação de novos programas e actividades educativas. Cada *projecto* tem em si, características e necessidades particulares que vai variar e depender de uma lógica espaço-temporal, que lhe são singulares. Ora, o objectivo é reflectir acerca dos momentos vivenciados e observados, bem como, acerca daquele momento que se considere mais ou menos significativo, questionando-nos sobre os múltiplos saberes, tanto ao nível do agir como do pensar.

Consideramos pertinente neste momento da reflexão realizar uma Análise SWOT (Strenghts, Weaknesses, Opportunities, Threats) do percurso de estágio. Como ponto forte, considero que a possibilidade de intervir em dois contextos de educação diferentes e diversificados contribuiu para a aprendizagem de posturas diferentes consoante o contexto de acção. Esta experiência, permitiu também conhecer e trabalhar de perto com a problemática da indisciplina e aprender a lidar com jovens assinalados como indisciplinados/as.

A partir desta experiência de estágio, foi possível divulgar o papel do/a Mestre em Ciências da Educação em geral, e do/a Mediador/a Sócio-Educativo em particular, através do desenvolvimento de actividades da área de intervenção em espaços formais e não-formais.

Pontos Fortes

- Possibilidade de intervir em dois contextos diferentes de educação;
- Contacto com contextos e culturas diversificadas;
- Conhecer uma nova problemática associada ao trabalho a desenvolver.

Pontos Fracos

- Resistência à mudança por parte de alguns profissionais;
- Inexistência de um projecto educativo sustentado no local de estágio;
- Desconhecimento do papel do Profissional em Ciências da Educação.

Oportunidades

- Divulgar o papel diversificado do/a Mestre em Ciências da Educação;
- Intervir e participar em Projectos Locais e Nacionais com dimensão;
- Fomentar os contributos da mediação sócio-educativa em espaços formais e não formais de educação.

Ameaças

- Dúvidas quanto à continuidade do serviço à posteriori;
- Falta de obrigatoriedade dos utentes ao “Espaço Experimental de Mediação Educativa” na Casa da Juventude.

A diversidade juvenil exige um outro tipo de intervenção, com a oferta de equipas multidisciplinares. Contudo, a resistência à mudança por parte de

alguns/algumas profissionais, ainda se coloca como entrave ao desenvolvimento da nossa actividade profissional, bem como, o desconhecimento do papel do/a Profissional das Ciências da Educação.

Como uma ameaça, considero a incapacidade de, localmente, estes espaços de intervenção, não conseguirem dar continuidade a projectos nesta área da educação e das juventudes.

Há vários critérios a ter em atenção aquando de qualquer acto de avaliação, entre eles: *saber-ouvir*, *saber-observar*, reflectir acerca das mudanças, do contexto, das condicionantes, dos/as intervenientes, etc. Como refere Santos Guerra (2001) *diz-me como avalias, dir-te-ei quem és*, depreende-se que o acto de avaliação não é algo estático nem alheio a tudo aquilo que envolve o/a avaliador/a, é antes um produto de interacções com o meio e os indivíduos.

Na verdade, o processo de avaliação resulta do reconhecimento daquilo que de significativo está a acontecer ou já resultou de um projecto. Desta forma, fazendo uma retrospectiva e, naturalmente, uma avaliação deste percurso, devo salientar que a avaliação do Projecto “Espaço Experimental de Mediação Educativa” teve, sem dúvida, uma função *permanente*, *participativa* e *formativa*. A avaliação procurou acompanhar a experiência, pois, tal como o nome indica, não houve uma ruptura entre os momentos de acção e avaliação, isto é, esta (avaliação) foi sendo feita de forma cíclica e *participativa* uma vez que a procura de soluções para os momentos inesperados foi realizada junto de todos os actores envolvidos no projecto (direcção, utentes e funcionários/as), partilhando, assim, “pontos de vista”, angústias e desejos. Por conseguinte, a avaliação teve um cariz *formativo* no sentido de se pretender estimular a participação conjunta de todos os intervenientes no processo, desde o planeamento, execução e avaliação deste projecto. Assim, através da prática, o objectivo foi criar condições para a partilha, a reflexão de pensamentos e aprendizagens que, a partir desta função formativa da avaliação, foi possível atenuar a imagem de profissional, de formadora e/ou avaliadora, principalmente entre os/as jovens, criando assim condições para uma maior aproximação para o diálogo.

Entendo que toda a avaliação implica uma multiplicidade de questões, tais como: *foi definida uma boa estratégia de intervenção? Tirou-se partido dos factores favoráveis no local? Os recursos usados foram adequados? O projecto desenvolveu-se com uma boa programação das respectivas actividades? O que se pode dizer acerca do modo como se organizou o trabalho?* As respostas para estas perguntas foram sendo

dadas ao longo do projecto através de momentos de diálogo e confrontação com os actores envolvidos no projecto, de forma a confrontar e pôr em causa o presente com o desejo do futuro.

As vivências, partilhas, problematizações e reflexões que ocorreram mediante este percurso, deixaram as suas marcas através do bom relacionamento e interacção que existiu entre o grande e pequeno grupo, possibilitando a troca e partilha das vivências interdisciplinares e avaliativas enquanto promoção do crescimento pessoal de todos nós. Compartilhamos os nossos sentimentos, potencialidades, inquietações, hesitações pois, cada um é livre para Ser e Aprender.

A Profissionalidade do/a Mediador/a Sócio-Educativo/a

Sabemos que a criação de qualquer projecto constitui o ponto de intersecção entre a acção prática e a reflexão teórica. As conclusões a retirar, portanto, referem-se às diversas mediações engendradas pelo e no sujeito, referindo-se à sua constituição, enquanto Ser Social, mas, mais especificamente, à constituição do seu olhar sobre a realidade que o rodeia.

Aquando de qualquer intervenção social é necessária uma sensibilidade na compreensão dos sujeitos. É necessário observar para além do visível, tornando assim os agentes mais capazes, mais envolvidos e mais *emponderantes* em todo o processo.

Ao/à mediador/a exigem-se competências de *saber*, tais como: «ter conhecimentos básicos sobre diferentes modelos de desenvolvimento pessoal e relações interpessoais»; «ter conhecimentos básicos sobre as culturas e sua relação»; «dominar conceitos sobre participação, organização e dinamização de grupos». Algumas atitudes de *saber ser e estar*: perante o mundo, si mesmo, o “outro”, o trabalho, a outros valores e opiniões, etc. Algumas competências de *saber-fazer* como animação de grupos e moderação de reuniões»; negociação e resolução de conflitos; trabalho em equipa; distanciamento; defesa de direitos e interesses, etc.¹¹

Por conseguinte, em relação à questão do olhar avaliativo entendemos que, para compreender qualquer contexto é necessário compreender o olhar como naturalmente é produzido, isto é, o olhar que é construído através de uma realidade culturalmente influenciada. Deste modo, consideramos que:

«não existe, portanto, o olhar, mas diferentes modos de ver segundo a referência do que é visto através dos sentidos culturalmente produzidos. Olhar é assim compreendido, não como processo neutro de percepção no seu aspecto funcional, mas como verdadeira visão de mundo, construída a partir dos dispositivos visuais de apreensão e avaliação da realidade característicos de uma época e um lugar» (Reis, Zanella, França, Ros, 2004: 53)

Este percurso de estágio permite-me reflectir, mediante um olhar crítico e reflexivo, certas habilidades adquiridas que decorreram das competências conseguidas e referem-se ao plano imediato do *saber-fazer*, onde por meio das acções e operações, consegui aperfeiçoar algumas competências, possibilitando a reorganização das mesmas.

¹¹ Baseado em AAVV (2002) Mediacion intercultural- una propuesta para la formacion Andalucia-Acoge- AEP. Madrid: Edicion Popular, p.107 in Silva, Ana Maria Costa e Moreira, Maria Alfredo (2009) Formação e Mediação Sócio-Educativa- Perspectivas Teóricas e Práticas. Areal Editores, p. 98.

Faz parte o desejo de *ouvir* atentamente a expressão dos “outros” numa atitude de aceitação e respeito, dando atenção às diversas falas, das agradáveis às desagradáveis. Ora, entendo que a capacidade do *saber-ouvir* remete-nos para a existência de uma ponte entre a inteligência e o universalismo. Porém, por vezes, tal capacidade torna-se difícil pois, tal como o conceito de *projecto*, o sujeito também tem as suas peculiaridades e singularidades, regidas por valores, normas, pensamentos e acções singulares. Posso concluir, com esta experiência, que o sentido de competência no indivíduo é fundamental e deverá ser criado desde cedo, no entanto, como ninguém nasce ensinado é preciso ter uma certa disposição para *aprender*.

Nos últimos anos, tem sido reconhecido, principalmente ao nível local, o papel que os profissionais de educação podem desempenhar em diversos contextos de educação. No contexto que aqui nos ocupa, nomeadamente, em instituições como as Casas da Juventude, o contributo do/a Mediador/a Sócio-educativo e da Formação parece ser muito relevante:

«formado nessa mesma área e detentor de meios humanos, logísticos e materiais para proporcionar, em clubes ou centros de Jovens, actividades e momentos de (in)formação mais lúdica e, logo, com uma maior carga de motivação para os/as jovens, junto dos quais estas mesmas "casas" (da Juventude) trabalham, ao invés de esperarem, atrás de secretárias, catálogos e formulários, que os/as jovens (desinformados) - com outras prioridades - se desloquem até eles» (Puga, 2002).

Consideramos que as autoridades locais e regionais beneficiariam com a existência de profissionais da área de educação que pudessem desenvolver uma acção sensível às realidades sociais e culturais que encontramos em espaços como a Casa da Juventude ou a Escola.

Como é referido na comunicação de Silva e Machado (2009):

«os mediadores socioeducativos parecem ser figuras profissionais que, não esgotando a sua intervenção nos espaços escolares neles se constituem como actores que investem no (re)estabelecimento de laços e de significados, num espaço social que se tem vindo a tornar particularmente sensível e afectado por situações sociais problemáticas» (2009: 13)

A complexidade da realidade social faz com que muitas das intenções e acções pensadas se tornem ‘missões impossíveis’ (Correia e Matos, 2001) para muitos/as dos protagonistas que tradicionalmente estavam nesses espaços.

Como se tem constatado, a presença do/a Profissional das Ciências da Educação em diversos espaços educativos, depende, em grande medida, do reconhecimento da sua profissionalidade e do seu valor na sociedade, nomeadamente pelo seu contributo na construção de espaços sociopedagógicos onde a comunicação, a

interacção e a intercompreensão entre os actores sejam potenciadores da sua socialização e desenvolvimento.

Por último, este processo não teria significado se chegasse ao final e não surgissem mudanças tanto ao nível pessoal como profissional. Todos os momentos foram importantes aprendizagens, incluindo a organização, a gestão do tempo, o agir em situações nunca vivenciadas, etc. Esta foi uma etapa não só de trabalho, de angústias e ansiedades, mas também de pura experiência, porque, de facto, desconhecia o que me esperava neste(s) contexto(s) de estágio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, H. W. (1997). “Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil.” *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n.5-6, 25-36.

ABRANTES, P. (2002) “Introdução: Finalidades e Natureza das Novas Áreas Curriculares” in *Novas Áreas Curriculares*. Lisboa: Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação.

ABUD, Maria; ROMEU, Sonia (1989) “A problemática da disciplina na escola : relato de experiência” in: D’ANTOLA, Arlette (Org.). *Disciplina na escola*. São Paulo: E.P.U., 79-90.

ALMEIDA, Carlos; BOTERF, Guy et NÓVOA, António (1996) *A avaliação participativa no decurso de projectos. Reflexões a partir de uma experiência no terreno (Programa Jade)* Lisboa: Fim de Século Edições Lda, 115- 137.

AQUINO, Julio Groppa (1996) *Indisciplina na escola, Alternativas Teóricas e Práticas*. 6.ed. São Paulo: Sammus.

BENEVIDES, M. V. (1991) *Cidadania Activa*. São Paulo: Ática.

BERKENBROCK, Volney J. et EMERSON, Souza (2002) *Brincadeiras e dinâmicas para grupos: diversões para dentro e fora de sala de aula, encontros de grupos, festas de família, reuniões de trabalho, e muitas outras ocasiões*. Petrópolis: Vozes.

BOURDIEU, P. (1983) *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero.

CARRANO, Paulo (2009) “Identidades Culturais Juvenis e Escolas: Arenas de Conflitos e Possibilidades.” *Diversia* nº1, CIDPA Valparaíso, Abril, 159-184.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de (2004) “Modos de Educação, Género e Relações Escola-Família.” Centro de Educação e Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Acção

sobre a Mulher e Relações de Sexo e Género. Universidade Federal da Paraíba. Cadernos de Pesquisa, 34, 121, 41-58, jan./abr.

CASTRO, Lucia Rabello de (org) (2001) “Subjectividade e cidadania: um estudo com crianças e Jovens em três cidades brasileiras” Rio de Janeiro: 7 Letras.

CORTESÃO, Luiza (1982) Escola, Sociedade – que Relação? Porto: Ed. Afrontamento.

CORTESÃO, Luiza, LEITE, Carlinda e PACHECO, José Augusto (2002) “Antes de falarmos em projecto é preciso sabermos do que estamos a falar”, in “Trabalhar por projectos em educação”, Porto: Porto Editora, 22- 32.

COELHO, Alonso Nunes (2003) “Juventude e Políticas Públicas.” *Revista Mundo Jovem*, São Paulo, Outubro.

COSTA, Alexandre Sá (2001) *Políticas de Juventude: Regulação e/ou Emancipação*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.

DAGNINO, E. (1994) Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: Dagnino, E. (org.) Política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense.

DAYRELL, Juarez (2003) “O Jovem como sujeito social.” *Revista Brasileira de Educação*, 24, 4-13. Rio de Janeiro.

DAYRELL, Juarez (2005) “Juventude, grupos culturais e sociabilidade.” *Revista de Estudos sobre Juventude*. 9, 22, 296-313. México, DF.

DAYRELL, Juarez (2007) “A escola ‘faz’ as Juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil”. *Educação e Sociedade*, 28, 100. Campinas.

DELORS, J. et al. (2003) Educação: um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 8ª Edição. Edições Asa.

FERRÃO, João (2000) “A avaliação comunitária de programas regionais. Aspectos de uma experiência recente.” In *Sociologia, Problemas e Práticas- metodologias de avaliação* nº22 Lisboa: ISCTE, pp.29-41.

FIGUEIREDO, Carla Cíbele (2002) “Horizontes da Educação para a Cidadania na Educação Básica.” in Paulo Abrantes (coord) *Áreas Curriculares não disciplinares*. Lisboa, Departamento de Educação Básica.

FONSECA, A (2001) “Educar para a cidadania. Motivações, princípios e metodologias.” *Colecção Educação*. Porto Editora.

FONSECA, Laura (2001) *Culturas Juvenis, Experiências Femininas*. Lisboa: Celta.

FREIRE, Paulo (2005) *Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa*. São Paulo: Paz e Terra.

GUERRA, Santos (2001) *A Escola que Aprende*. Lisboa: ASA.

GUERRA, Miguel Ángel Santos (2003) *Uma seta no alvo. A avaliação como aprendizagem*. Porto: Edições ASA.

HALL, Stuart (2006) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro:DP&A.

HEINZEIN, J. L. Neves (1996) A Avaliação Institucional na UDESC, Visualizando o Fluxograma Processual. Ver. Avaliação, Rede da Avaliação Institucional da Educação Superior, RAIES, Campinas: UNICAMP, 1, 1, 19-24.

HENRIQUES, Vera (2009) “A Formação Cívica na sala de aula”. Actas do Encontro SocEd2009: Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea. CIES-ISCTE. Lisboa.

JACOBI, Pedro Roberto (2000) “Educação, Ampliação da Cidadania e Participação.” *Educação e Pesquisa*. 26, 2. São Paulo.

Macedo Lino de; Ana Lúcia Sícoli Petty; Norimar Christe Passos (2005) *Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar*. Porto Alegre: Artmed.

MAGALHÃES, Dulce Maria (1991) “A Sociedade perante o lazer.” Revista da Faculdade de Letras: *Sociologia*, 01, 165. Editora: Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras.

MELUCCI, A. (1992) *O jogo do eu: a mudança de si mesmo na sociedade globalizada*. Editora Feltrinelli.

MIRANDA, Simão (2003) *Novas dinâmicas para grupos: a aprendizagem do conviver*. Porto: Edições ASA.

MORIN, E. (2005) *O método 6: ética*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina.

NEVES, Tiago (2010) “Modelos de Mediação Social” in Correia, José Alberto; Silva, Ana Maria Costa e (orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: CIE e Edições Afrontamento, 33-43.

NOGUEIRA, Isabel Silva Conceição (2001) *Cidadania: construção de novas práticas em contexto educativo. (Teoria guias práticas)* Porto: Edições Asa.

PAIS, José Machado (1990) “A construção Sociológica da juventude- alguns contributos.” *Análise Social*, 139-165.

PAIS, José Machado (2000) *Culturas juvenis*. Porto: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

PAIS, José Machado; CAIRNS, David et PAPPÁRMIKAIL, Lia (2005) “Jovens europeus: retrato da diversidade.” *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 17, 2, 109-140.

PAIS, José Machado (2006) “Buscas de si: expressividades e identidades juvenis” in: Almeida, Maria Isabel Mendes & Eugenio, Fernanda (2006). *Culturas Jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

PEREIRA, Eduardo Borges (2007) “O desporto nas práticas de lazer dos jovens no concelho de Palmela”, in Rui Machado Gomes (org) *Olhares sobre o lazer*. Coimbra: Centro de Estudos Biocinéticos.

PEREIRA, Marcos Emanuel (2008) “Cognição, Categorização, estereótipos e vida urbana” Departamento de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Universal Federal da Bahia (UFBA) *Ciências Cognição*; 13(3): 280-287. Salvador, Bahia, Brasil

PERRENOUD, P. (1999) *Avaliação, da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

PERES, Américo Nunes (2000) *Educação Intercultural: Utopia ou realidade? – Processos de pensamento dos professores face à diversidade cultural: integração de minorias migrantes na escola (Genebra e Chaves)*. Porto: Profedições.

PUGA, Rogério Miguel (2002) “Educação (Juvenil) Informal”: A Página da Educação.

REIS, Alice Casanova dos; ZANELLA, Andréa Vieira; FRANÇA, Kelly Bedin; ROS Sílvia Zanatta (2004) “Mediação pedagógica: reflexões sobre o olhar estético em contexto de escolarização formal” *Psicologia Reflexão e Crítica*, vol.17, nº1, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 51-60.

RODRIGUES, Pedro (1994) “As três lógicas da avaliação de dispositivos educativos “, in *Para uma Fundamentação da Avaliação em Educação*. Lisboa: Colibri, 93-109.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2000) *A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.

SILVA, Ana Maria Costa e MACHADO, Catarina (2009) *Espaços sociopedagógicos dos mediadores socioeducativos: reflexões a partir de um estudo realizado em Portugal*. In B. Silva, A. Almeida, A. Barca & M. Peralbo, Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 274-287. ISBN- 978-972-8746-71-1.

SILVA, Sofia Marques da (2008) *Exuberâncias e (Trans)figurações de si numa casa da juventude: Etnografia de fragilidades e de estratégias juvenis para o reconhecimento e para a dignidade*. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Porto: FPCEUP.

STOER, S. e CORTESÃO, L. (1999) *Levantando a pedra. Da pedagogia inter/multicultural às políticas educativas numa época de transnacionalização*. Porto: Edições Afrontamento.

TERRÂSECA, Manuela (2001) “Avaliação externa – do controlo do sistema à avaliação institucional”, in *Avaliação de sistemas de formação. Contributos para a compreensão da avaliação enquanto processo de construção de sentido*. Porto: FPCE UP, Dissertação de Doutoramento, 114-130.

TOURAINÉ, A. (1998) *Iguais e diferentes: poderemos viver juntos?* Lisboa: Instituto Piaget.

VASCONCELLOS, Celso dos S. (1994) *Disciplina: construção da disciplina consciente e interactiva em sala de aula na escola*. São Paulo: Libertad.

WILLIS, Paul (1991) *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: Artes Médicas.

APÊNDICES

Apêndice I

Plano de Actividades do Estágio na Casa da Juventude e na Escola

Plano de Actividades do Estágio na Casa da Juventude e na Escola

NATUREZA DA ACÇÃO	MESES		
	OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
	- Realização dos protocolos entre a Escola - Câmara e Câmara - Casa da Juventude.	- Pesquisa bibliográfica. - Confirmação formal da orientação que será feita por parte da Prof. Dr. ^a Sofia.	- Construção do questionário. - Observação local. - Aplicação do Pré- Teste a 10 utentes da Casa da Juventude.
		- Primeira visita à Casa da Juventude. - Apresentação do local de estágio - Conversa informal com a Directora da Casa onde foram abordados alguns aspectos da minha intervenção. - Reflexão sobre a minha função/papel na Casa da Juventude.	- Pensar nas valências do gabinete incluindo a área da educação para a saúde que a coordenadora da casa referiu (CAOJ).
		- Reunião na Casa da Juventude com a Orientadora da Faculdade e com a Directora da Casa da Juventude	- Reunião com a Secretária da Câmara Municipal.

NATUREZA DA ACÇÃO	MESES		
	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicação de questionários a 50 utentes da CJ com idade compreendida entre os 12 e os 28 anos. - Introdução dos dados do inquérito no Programa SPSS 	<ul style="list-style-type: none"> - Análise dos dados do inquérito. - Pesquisa Bibliográfica 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião na Escola Mar Azul com a Prof. de ensino Especial; a Psicóloga escolar e a Prof. de Formação Cívica).
	<ul style="list-style-type: none"> - Ausência de orientação no local de estágio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com a Directora da Casa da Juventude e a Prof. Sofia. - Reunião com a Prof. de Ensino Especial, coordenadora do Projecto de Medicação da Escola Mar Azul. - Reestruturação do Projecto com duas vertentes: interna: (actividade na Casa da Juventude); externa (articulação com a escola). - Apresentação do meu Projecto à Escola. - Aprovação do Projecto por parte da Escola Mar Azul. 	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro com o Técnico do Departamento de Comunicação da Câmara Municipal para a elaboração da publicidade do Espaço.
	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com a Directora de uma Casa da Juventude do distrito do Porto. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração do folheto de publicidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração e Entrega do pedido de autorização da intervenção aos encarregados de educação. - Elaboração da publicidade do Espaço Experimental de Mediação Educativa com o departamento de comunicação da Câmara Municipal.
Participação e Colaboração na organização e dinamização em projectos e eventos do município.	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração Teórica do Projecto de Estágio. 	<ul style="list-style-type: none"> - Colaboração no evento “Encontro D’Escritores” no auditório municipal. 	

NATUREZA DA ACÇÃO		MESES		
		MARÇO	ABRIL	MAIO
			- Planificação das actividades das férias da Páscoa.	
Participação e Colaboração na organização e dinamização em projectos e eventos do município			- Colaboração no Projecto “Escola Para Sempre”	-Organização e dinamização no âmbito do projecto “Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu passo!”
Actividades realizadas no “Espaço Experimental Mediação Educativa”	Casa da Juventude	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação do espaço. Elaboração do painel “Problemas, Desafios e Desejos” - Dia do Pai: significado da figura paterna e a sua ausência. Elaboração de uma lembrança para o pai de cada jovem. - Atendimento Individual. - Actividade “Assino isso...” - Perspectivar o Futuro; Mímica das Profissões. - Provérbios. - Alimentação 	<ul style="list-style-type: none"> - Ambiente - Bullying - O conflito - Cidadania democrática - Bullying - Profissões - Fotografias - Visita à Biblioteca Municipal. - Pobreza e exclusão social 	- Reciclagem
	Escola Secundária Mar Azul	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação; Dinâmica “O Mestre” - Pirâmide das Necessidades - Abrigo Subterrâneo 	<ul style="list-style-type: none"> - Simulação de uma situação da vida real - Profissões 	- Valores de Cidadania Democrática

PLANIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES NA ESCOLA SECUNDARIA MAR AZUL

DIA	TEMAS	DINÂMICA DE GRUPO	OBJECTIVOS
9 de Março de 2010	Apresentação	Dinâmica do Mestre	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer a turma e dar a conhecer o Projecto; - Apresentação dos/as alunos/as; - Estabelecimento de algumas regras básicas de trabalho.
16 de Março de 2010	Necessidades do Ser Humano	Dinâmica “Pirâmide das flurescentes Necessidades”	<ul style="list-style-type: none"> - Reflectir sobre a influência dos nossos conceitos, valores e como agimos diante de uma decisão de muitos riscos; - Avaliar o grau de liderança, a forma de persuadir ou intervir no grupo, bem como a flexibilidade, a capacidade criativa e o saber ouvir; - Negociação e gestão de conflitos; - Poder de persuasão e influência - Resolução de problemas e tomada de decisão; - Respeito pelos valores pessoais.
23 de Março de 2010	Valores e crenças individuais	Dinâmica: “Abrigo Subterrâneo”	<ul style="list-style-type: none"> - Consciencializar os alunos para o facto de que os valores e crenças de cada pessoa influenciam as suas opções; - Os valores diferem não só de grupo mas também de pessoa para pessoa. - Sensibilizar para as dificuldades de obtenção de uma decisão por consenso quando os valores e os conceitos morais estão em discussão.
13 de Abril de 2010	Valores morais	Exposição de uma possível situação real	<ul style="list-style-type: none"> - Discutir a importância de valores como partilha, solidariedade e cooperação. - Consciencializar os alunos para os contextos de vida em comunidade.

20 de Abril de 2010	“O futuro e as Profissões”	Dinâmica: “As Profissões”	<ul style="list-style-type: none"> - Reflectir sobre as metas e expectativas pessoais de cada jovem; - Perceber quais as necessidades, duvidas e receios dos jovens
27 de Abril de 2010	Profissões	Continuação Dinâmica: “As Profissões”	<ul style="list-style-type: none"> - Orientar os jovens para perspectivar os seus projectos de vida profissional - Informar os/as jovens das diversas profissões existentes na nossa sociedade.
04 de Maio de 2010	Valores de Cidadania Democrática	Valores de Cidadania Democrática	<ul style="list-style-type: none"> - Abordar o conceito de cidadania, democracia; - Referência de alguns valores de cidadania democrática;
11 de Maio de 2010	Valores de Cidadania Democrática	Continuação “Valores de Cidadania Democrática”	<ul style="list-style-type: none"> - Passagem de um filme alusivo à temática; - Abordar alguns dos direitos e deveres dos cidadãos.
18 de Maio de 2010	Dia da Escola não houve aula.	NÃO HOUVE AULA	
25 de Maio de 2010	Último dia de aula	Aula Livre	<ul style="list-style-type: none"> - Aula livre ao diálogo; - Avaliação da intervenção por parte dos alunos.

Apêndice II

Inquérito por questionário

O presente estudo insere-se na Tese de Mestrado em Ciências da Educação, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, no âmbito do estágio que está a decorrer na Casa da Juventude.

As informações recolhidas através do presente questionário têm como objectivo compreender melhor os hábitos culturais e de lazer dos/as jovens, bem como as necessidades que estes/as jovens sentem na Casa da Juventude.

Informo que todas as informações prestadas pelos inquiridos serão mantidas no anonimato e, sendo assim, os dados obtidos serão exclusivamente utilizados para a realização da dissertação.

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Sexo: Masculino ☐₁ Feminino ☐₂

1.2. Idade: _____ anos

1.3. Concelho: _____ 1.4. Freguesia: _____

1.5. Nacionalidade: _____

2. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

2.1. Estuda?

Sim ☐₁ Avance para a questão 2.1.3.
Não ☐₂

2.1.1 SE NÃO estuda, diga agora se ...

Está arrependido ☐₁
Gostava de ter continuado a estudar e penso voltar a fazê-lo brevemente ☐₂
Gostava de ter continuado a estudar mas agora não penso nisso ☐₃

2.1.2. SE NÃO estuda qual a principal razão por ter deixado de estudar?

Tinha dificuldades de aprendizagem ☐₁
Não gostava de estudar ☐₂
Na altura não achava importante estudar ☐₃
Não tinha apoio familiar para continuar os estudos ☐₄
Não tinha possibilidades económicas ☐₅
Outra ☐₆

2.1.3. SE SIM, em que ano está? _____ ano

2.2. Profissão do Pai: _____

2.3. Profissão da Mãe: _____

2.4. Qual a Escola que frequenta? _____

2.5. Alguma vez reprovou de ano?

Sim

☐ 1

Não

☐ 2 Avance para a questão 2.6.

2.5.1. SE SIM, quantas vezes? _____ vez(es)

2.6. Que grau de ensino espera vir a completar?

3º Ciclo do Ensino Básico

☐ 1

Ensino Secundário

☐ 2

Curso Superior

☐ 3

Curso de Pós Graduação

☐ 4

Mestrado

☐ 5

Doutoramento

☐ 6

Não tenho qualquer perspectiva futura

☐ 7

2.7. Que expectativas tem em relação ao futuro?

3. TRABALHO E EMPREGO

3.1. Exerce alguma actividade profissional?

Sim

☐ 1

Não

☐ 2 Avance para a questão 3.1.2.

3.1.1. SE SIM,

3.1.1.1. Trabalha desde que idade? _____ anos

3.1.1.2. Qual a actividade que exerce actualmente? _____

3.1.1.3. Há quanto tempo é que exerce essa actividade? _____ ano(s)

3.1.1.4. Em que regime de ocupação exerce a sua actividade profissional?

Tempo inteiro

☐ 1

Tempo parcial

☐ 2

Trabalho sazonal (por períodos de tempo)

☐ 3

Trabalho ocasional (por conta própria)

☐ 4

Trabalho ocasional (por conta de outrem)

☐ 5

3.1.2. SE NÃO,

3.1.2.1. Em que situação é que se encontra?

- | | |
|--------------------------------------|----------------------------|
| Estudante | <input type="checkbox"/> 1 |
| Trabalhador Estudante | <input type="checkbox"/> 2 |
| Desempregado à procura do 1º emprego | <input type="checkbox"/> 3 |
| Desempregado e já trabalhou | <input type="checkbox"/> 4 |
| Não trabalha nem procura emprego | <input type="checkbox"/> 5 |
| Ocupa-se de tarefas domésticas | <input type="checkbox"/> 6 |
| Reformado | <input type="checkbox"/> 7 |
| Outra situação | <input type="checkbox"/> 8 |

4. TEMPOS LIVRES E CONVIVIALIDADE

4.1. Diga se pertence a algum tipo de associações clubes, grupos, etc, dos a seguir mencionados:

- | | |
|--|-----------------------------|
| Associação recreativa | <input type="checkbox"/> 1 |
| Grupo musical | <input type="checkbox"/> 2 |
| Grupo de teatro | <input type="checkbox"/> 3 |
| Organização ou grupo religioso | <input type="checkbox"/> 4 |
| Associação de estudantes | <input type="checkbox"/> 5 |
| Sindicato ou Assoc. sócio-profissional | <input type="checkbox"/> 6 |
| Partido político | <input type="checkbox"/> 7 |
| Clube/ Equipa desportiva | <input type="checkbox"/> 8 |
| Claque desportiva | <input type="checkbox"/> 9 |
| Grupo ecológico/ ambientalista | <input type="checkbox"/> 10 |
| Grupo de acção social | <input type="checkbox"/> 11 |
| Associação cívica | <input type="checkbox"/> 12 |
| Outro (especifique) | <input type="checkbox"/> 13 |

4.2. Se não faz parte de nenhuma desta opções indique qual a principal razão para não pertencer.

(Assinale apenas UMA opção)

- | | |
|---|----------------------------|
| Acho que não vale a pena | <input type="checkbox"/> 1 |
| Prefere fazer coisas por si mesmo | <input type="checkbox"/> 2 |
| Prefere organizar-se com os amigos | <input type="checkbox"/> 3 |
| O que existe neste âmbito não me agrada | <input type="checkbox"/> 4 |
| Não tenho tempo para participar nestas associações, clubes ou grupos | <input type="checkbox"/> 5 |
| As associações, clubes ou grupos que lhe agradam são caros | <input type="checkbox"/> 6 |
| As associações, clubes ou grupos que lhe agradam ficam longe do local de residência | <input type="checkbox"/> 7 |
| Outra (especifique) _____ | <input type="checkbox"/> 8 |

4.3. Pratica voluntariado?

- | | |
|-----|--|
| Sim | <input type="checkbox"/> 1 Onde? _____ |
| Não | <input type="checkbox"/> 2 |

4.4. Qual o tema mais abordado no seu grupo de amigos/as? (Assinale apenas UMA opção)

- Televisão ☐ 1
- Escola ☐ 2
- Família ☐ 3
- Política ☐ 4
- Sexo ☐ 5
- Relações Amorosas ☐ 6
- Desporto ☐ 7
- Música ☐ 8
- Filmes ☐ 9
- Outros ☐ 10

5. CASA DA JUVENTUDE

5.1. Como conheceu a Casa da Juventude? (Assinale apenas UMA opção)

- Através de amigos ☐ 1
- Por se encontrar perto do meu local de residência ☐ 2
- Através da Câmara Municipal da Cidade ☐ 3
- Outra (especifique) _____ ☐ 4

5.2. Quantos dias por semana frequenta este espaço?

- Todos os dias ☐ 1
- Cinco vezes por semana ☐ 2
- Entre duas a três vezes por semana ☐ 3
- Um vez por semana ☐ 4

5.3. Para que fim frequenta o espaço?

(Assinale apenas UMA opção indicando aquela que para si tem mais relevância)

- Convívio ☐ 1
- Ocupação dos tempos livres ☐ 2
- Utilização do computador/ Internet ☐ 3
- Lazer ☐ 4
- Informação ☐ 5
- Formação ☐ 6
- Outro ☐ 7

Qual? _____

5.4. Para si esta Casa da Juventude é:

5.5. Qual a actividade mais relevante que procura na Casa da Juventude?

(Assinale apenas UMA opção)

Informação

☐ 1

Lazer/ Entretenimento

☐ 2

Outra

☐ 3

Qual? _____

5.6. Para que fins utiliza o *Espaço Internet* (Computador) desta Casa da Juventude?

Fins	1Sempre	2Muitas vezes	3Às vezes	4Poucas vezes	5Nunca
1 Para realizar trabalhos					
2 Para jogar					
3 Para ouvir musica					
4 Para ver filmes					
5 Para escrever (reflexões...)					
6 Para pintar					
7 Para ver e melhorar fotografias					
8 Para navegar na Internet					
9 Outros					
Quais? _____					

5.7. Para que fins costuma utilizar a Internet?

Fins	1Sempre	2Muitas vezes	3Às vezes	4Poucas vezes	5Nunca
1 Enviar e-mails					
2 Procurar informações sobre um determinado assunto					
3 Procurar informações sobre desporto e lazer					
4 Pesquisar destinos de viagens					
5 Blog					
6 Pesquisa para fins académicos					
7 Fazer compras					
8 Meio de conversação (chats, Messenger, fóruns...)					
9 Fazer downloads					
10 Jogar em rede					
11 Outros					
Quais? _____					

5.8. Pensa que os meios disponíveis e as actividades desenvolvidas pela Casa da Juventude respondem às necessidades da Juventude?

Sim

☐ 1

Não

☐ 2

5.8.1 SE NÃO, justifique a sua resposta.

5.9. O que eu gostaria de encontrar na Casa da Juventude era...

(Assinale apenas UMA opção indicando aquele que para si tem mais relevância)

- | | |
|---|-----------------------------|
| Um espaço de discussão e debate de diversos temas | <input type="checkbox"/> 1 |
| Oferta de mais informação | <input type="checkbox"/> 2 |
| Oferta de mais formação | <input type="checkbox"/> 3 |
| Promoção de actividades variadas de animação e ocupação dos tempos livres | <input type="checkbox"/> 4 |
| Realização de actividades, criativas e inovadoras, organizadas pela juventude | <input type="checkbox"/> 5 |
| Investir na multidisciplinaridade de serviços e profissionais | <input type="checkbox"/> 6 |
| Um local com apoio ao nível da orientação: | |
| Psicológica | <input type="checkbox"/> 7 |
| Emocional | <input type="checkbox"/> 8 |
| Vocacional | <input type="checkbox"/> 9 |
| Outra | <input type="checkbox"/> 10 |
| Qual? _____ | |

5.10. Dentro das actividades enunciadas assinale aquela que gostaria que a Casa da Juventude dinamiza-se:

(Assinale apenas UMA opção indicando aquele que para si tem mais relevância)

- | | |
|--|----------------------------|
| Centro de Atendimento ao Jovem
(apoio na área da saúde, sexualidade, alimentação e dependências) | <input type="checkbox"/> 1 |
| Centro de Acompanhamento e Orientação Juvenil
(orientação e apoio ao nível familiar, escolar, problemas psicológicos, etc.) | <input type="checkbox"/> 2 |
| Espaço de Mediação Juvenil
(espaço de debate, partilha de experiências e apoio à resolução de conflitos) | <input type="checkbox"/> 3 |
| Outra (s) | <input type="checkbox"/> 4 |
| Qual? _____ | |

Obrigado pela sua colaboração ☺

Apêndice III

Gráficos e Tabelas do estudo exploratório

Algumas tabelas e gráficos do estudo exploratório realizado na Casa da Juventude

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Nacionalidade Portuguesa	25	25	50
Total	25	25	50

Tabela: Identificação da Nacionalidade dos/as jovens por sexo

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Alguma vez reprovou de ano? Sim	16	5	21
Não	9	20	29
Total	25	25	50

Tabela: Nível de reprovações entre os/as jovens da casa da Juventude

		Escala Etária				Total
		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22-25]	
Que grau de ensino espera vir a completar?	3º Ciclo do Ensino Básico	4	2	0	1	7
	Ensino Secundário	3	3	2	2	10
	Curso Superior	6	6	0	0	12
	Curso de Pós Graduação	1	1	0	0	2
	Mestrado	1	1	1	0	3
	Doutoramento	6	2	1	0	9
	Não tenho qualquer expectativa futura	0	2	1	0	3
Total		21	17	5	3	46

Tabela: Expectativas dos/as jovens na obtenção de grau de ensino por escala etária

	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
Pratica voluntariado? Não	25	25	50
Total	25	25	50

Tabela: Pratica de voluntariado dos/as jovens

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Diga se pertence a algum tipo de associações clubes, grupos, etc, dos a seguir mencionados	Associação recreativa	3	1	4
	Grupo musical	0	1	1
	Grupo de teatro	0	1	1
	Organização ou grupo religioso	0	1	1
	Clube/ Equipa desportiva	12	11	23
	Claque desportiva	1	1	2
	Outro	2	1	3
Total		18	17	35

		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Quais os temas mais abordados no teu grupo de amigos/as?	Televisão	5	4	9
	Escola	3	3	6
	Família	0	4	4
	Política	0	1	1
	Sexo	1	0	1
	Relações Amorosas	0	1	1
	Desporto	13	2	15
	Música	2	1	3
	Filmes	0	2	2
	Outro	1	6	7
Total		25	24	49

Tabela: Temas mais abordados pelos/as jovens, por sexo

		Escala Etário			Total
		[10-13]	[14-17]	[18- 21]	
Outra	Por intermédio de outras pessoas	0	1	0	1
	Através de Familiares	0	2	0	2
	Porto de Emprego	0	0	1	1
	EMPV	1	1	0	2
Total		1	4	1	6

Tabela: Outros meios como os/as Jovens conheceram a Casa da Juventude, por escala etário.

		Escala Etário					Total
		[10-13]	[14-17]	[18-21]	[22-25]	[26-29]	
Quanto dias por semana frequenta este espaço?	Todos os dias	1	1	0	2	0	4
	Cinco vezes por semana	1	2	0	0	0	3
	Entre duas a três vezes por semana	4	5	1	0	0	10
	Uma vez por semana	15	10	4	1	1	31
Total		21	18	5	3	1	48

Tabela: Frequência dos/as Jovens à Casa da Juventude por escala etário

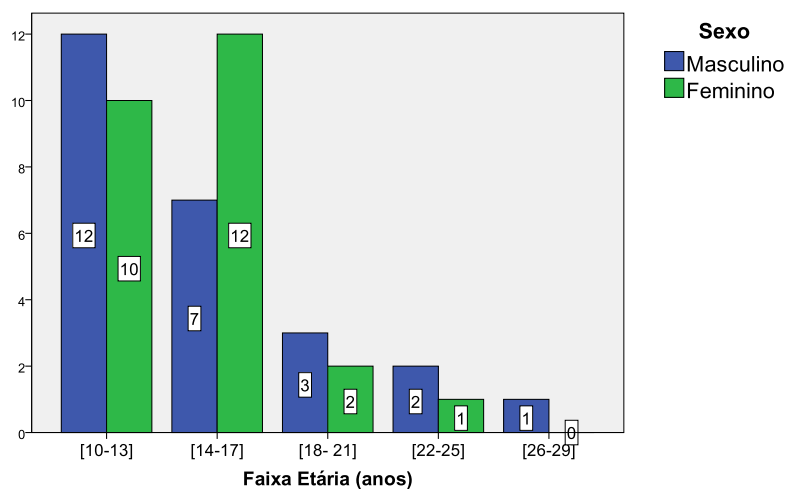


Gráfico- Nº de jovens que frequentam a casa da juventude por sexo e escala etário.

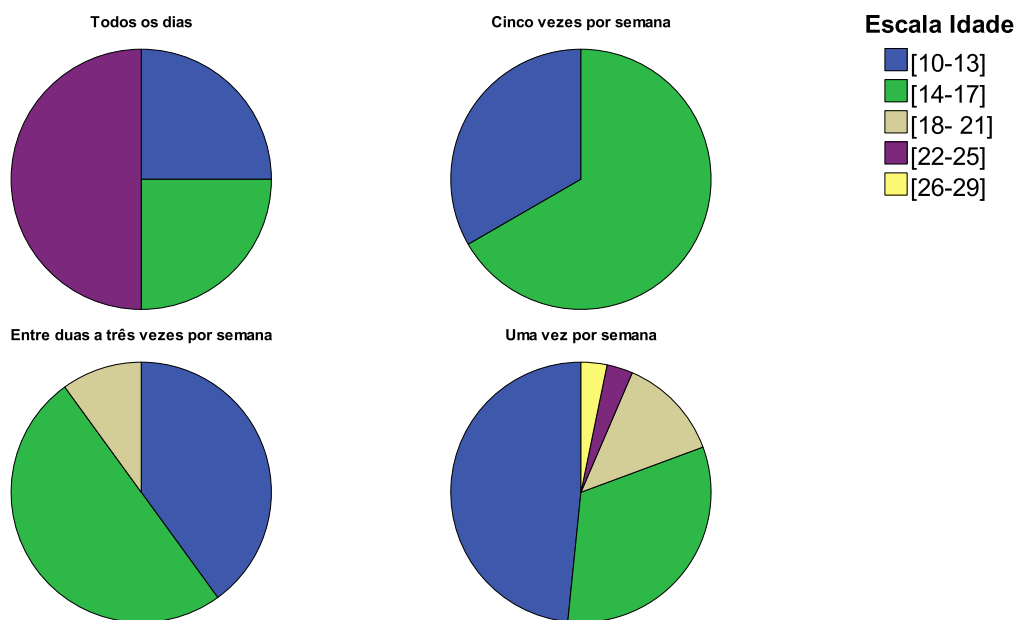


Gráfico- Frequência por semana dos/as jovens à Casa da Juventude.

Apêndice IV
Guiões Das Entrevistas

ÁREAS DE INCIDÊNCIA	OBJECTIVOS	QUESTÕES
<p>Apresentação do Projecto</p> <p>Caracterizar a Casa da Juventude</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Esclarecer os objectivos da entrevista e contextualizá-la no âmbito do Estágio; - Investigar o conceito de Juventude. - Caracterização do espaço; - Identificação do público-alvo; - Caracterização e constituição da Equipa técnica da Casa. - Missão da Casa. 	<ul style="list-style-type: none"> • O que entende por juventude? • Qual a faixa etária que esta Casa da Juventude abrange com maior dimensão? • Que tipo de jovens frequentam este espaço? • Como é constituída a equipa técnica da Casa? Como se interligam os diferentes profissionais? Conseguem tirar o máximo proveito dos técnicos deste espaço? As funções que cada um deve desempenhar são explícitas? • Qual a missão da Casa da Juventude?
<p>Actividades desenvolvidas no espaço</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Dinâmicas utilizadas pela Casa da Juventude para envolver a comunidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Que tipo de actividades a Casa promove no sentido de envolver os/as jovens?
<p>Identificação de conceito(s) de Mediação</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Investigar o conceito de Mediação. 	<ul style="list-style-type: none"> • A mediação e, em particular a mediação sócio-cultural é uma área que, ultimamente, tem sido muito falada e investigada. <ul style="list-style-type: none"> - Para si em que consiste o processo mediação? • Entende estes espaços como espaços de mediação? Porquê? • Já estiveram envolvidos em experiências de mediação? • Se sim: <ul style="list-style-type: none"> - Quando? - Quem intervinha no processo? - O que de mais positivo recordam desse processo? E de negativo? Porquê?

<p>O Espaço...</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar eventuais estratégias de mediação existentes. - Caracterizar o grau de importância que lhe é atribuído. - Caracterizar os intervenientes e estratégias de mediação eventualmente presentes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem está envolvido? - Que tipo de estratégias exerce? • Ao nível da segurança da instituição, que estratégias utilizam para impor a ordem e o respeito entre os utentes da Casa? • Entende que é um espaço seguro para os utentes? • O facto de estarem próximo do bairro social, dificulta de alguma forma o bem-estar e a ordem da Casa da Juventude?
<p>Identificação de convicções gerais sobre a Casa da Juventude</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar o grau de satisfação que tem em relação à Casa da Juventude. - Perspectivar quais as ambições/aspirações para a Casa da Juventude. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tem alguma mudança em vista para esta Casa da Juventude? • Como se sente no papel de orientadora de um processo de estágio na área das ciências sociais? • Deseja exprimir alguma opinião ou observação final?

Apêndice V

Entrevista à Directora da Casa da Juventude do
local de estágio

ENTREVISTA À DIRECTORA DA CASA DA JUVENTUDE

O que entende por juventude?

Penso diariamente na juventude por motivos profissionais, enquanto público-alvo do meu trabalho, como um “instrumento” que não pode ser tratado com um começo e fim rígidos. No entanto devo reger-me pelo que está instituído (e pelo que a própria sociedade oferece e exige ao indivíduo enquanto contribuinte de uma comunidade), que a juventude é um segmento da sociedade, uma classe, uma faixa etária, entre o estado de criança e de adulto caracterizada entre os 15 e os 25 anos. Pensando de forma sociológica, a juventude não é mais do que um período de transição do estado de dependência para o de autonomia. É quando se começa a assumir as responsabilidades do mundo adulto.

Mas, os ajustamentos que o jovem tem que fazer psicologicamente a estas questões físicas, cronológicas e sociológicas, representam uma fase crítica do seu processo evolutivo e que só termina quando são ajustados os padrões normais do indivíduo aos padrões de expectativas da sociedade, em relação às populações adultas. Por isso, a juventude pode ir mais além dos 25 anos, pode ir aos 30, 32 e até 35 de acordo com a cultura de cada tempo e lugar, por exemplo com o casamento, com a independência financeira, a escolha de uma vocação e a própria definição da sua identidade sexual.

A juventude é um período crítico de definição do ego, com grandes mudanças de personalidade, com muitas perguntas e dúvidas que devem encontrar espaços para serem respondidas sem preconceitos e com liberdade para não se transformarem mais tarde em angústia e ansiedades.

A juventude está organizada de maneira informal, participando em espaços definidos pelos próprios jovens, espaços esses que servem de ponto de encontro para falarem nem que seja do que aconteceu no final da semana passada e como se vão organizar para o fim-de-semana seguinte. Os jovens participam onde de facto decidem. Sentem necessidade de fazer parte de uma organização real, onde de facto há participação, desde que não seja instituída nem tutelada.

No entanto, a minha interpretação de juventude tem que acompanhar a evolução da nova sociedade, de um novo século. Vejo actualmente valores e princípios que ainda

respeito pela educação que tive, a serem desvalorizados pela nova juventude. Fruto de nova educação e evolução de tecnologias, a juventude dos nossos dias, o meu “instrumento” de trabalho, são os jovens sim, mas jovens cada vez mais cyborgs, parte humana e parte máquina. A comunicação face a face está progressivamente a ser substituída por uma comunicação virtual.

Dou dois exemplos que presenciei. Há cerca de dois anos estava a almoçar na esplanada de um restaurante quando chega um grupo de jovens, cerca de 10, que ajustaram as mesas para que coubessem todos e vão-se sentando um a um... depois de sentados, existiu o silêncio entre eles... TODOS... TODOS... estavam a mexer no seu telemóvel, sem qualquer contacto visual entre eles, falavam ao telemóvel... apenas existindo o intervalo necessário para fazerem o seu pedido de refeição! Cheguei a imaginar que comunicassem através de mensagens entre eles... para mim foi assustador. Mais recentemente, este ano, estava no aniversário dos 22 anos de um primo! Acompanhei-o à porta para receber os seus amigos e um deles vinha a escrever mensagens ao telemóvel... sem olhar para as pessoas que o recebiam. Jantaram (felizmente sem telemóveis) e depois de cantar os parabéns... juntaram-se uns 5, abriram o computador e ali ficaram a consultar o facebook uns dos outros e a comentar aspectos dos amigos de cada um... até acharem que seria hora de irem até uma discoteca!

De facto, não só a juventude não é o que era, nem nunca é o que era, como a tradição também já não é o que era! As novas tecnologias alteram hábitos. A televisão e a internet substituem a atenção dos pais. A informação circula rápido. A imagem tem um peso cada vez mais relevante. A escola vale pelo convívio porque o recreio atrai mais do que as aulas. Os jovens alunos apenas querem passar de ano, não se esforçam por ter nota superior à mínima. E isto, disseram-me de forma bastante descontraída dois jovens estagiários que fizeram o estágio comigo, na Casa da Juventude. A cultura do trabalho já não existe. A noção de que estudar exige trabalho desapareceu. O papel dos pais, aqui, também está subvertido. Grande parte desta má educação entre os jovens deve-se aos pais que tendem a ir à escola tirar satisfações e não perguntam o que podem fazer para melhorar a situação dos seus filhos.

Vejo, no fundo, a juventude deste tempo com um bocado de desilusão. De acordo com a proximidade e experiência que tenho com os jovens, vejo-os em dois grupos distintos. Os jovens que não têm regras, que não se esforçam por nada, oriundos

de bairros sociais, que apenas herdaram fracassos e defendem-se como podem... e que lamentavelmente se agrupam tendo como referência maus comportamentos e não ideias de valores e respeito. E os jovens educados mas de alguma forma mimados que trazem hábitos de conseguirem sempre tudo sem grandes esforços e com grandes características de individualidade, com pouca abertura para pertencerem a grupos.

A grande problemática de trabalhar com este público-alvo reside no que a própria juventude nos transmite. Costumo ter como base de trabalho as seguintes frases de dois autores franceses, um artista e outro teólogo (respectivamente): “A JUVENTUDE SABE O QUE NÃO QUER ANTES DE SABER O QUE QUER”!, *Jean Cocteau*; “Aos jovens, tudo o que imaginam, parece-lhes realidades”, *Jacques Bossuet*.

Para mim, a juventude é um misto de realidades e vivências. Uma fase indefinida que deve ser levada muito a sério porque os jovens de hoje serão os adultos de amanhã... e a sociedade será o que os jovens construírem hoje. E a juventude nunca é o que era!

Qual a faixa etária que esta casa abrange com maior dimensão?

A Casa da Juventude enquanto um espaço aberto à comunidade, recebe pessoas de todas as idades. O tipo de oferta que temos neste espaço permite que crianças dos 6 anos aos 80, 90 possam ocupar o seu tempo de forma lúdica e social.

E porque dentro da Casa existe um gabinete de apoio ao e(i)migrante, o público que aqui vem varia muito de idades. Contudo, podemos dizer que para as actividades que oferecemos, e tendo em conta o público que acontece com mais frequência, são jovens dos 8 aos 18. Depois temos os adultos que escolhem a Casa como um local de passagem para leitura dos jornais diários e espaço internet.

É importante saber que neste espaço existem actividades permanentes como as consolas de jogos (temos 3), a mesa de ping pong, os matraquilhos, televisão, as revistas e jornais diários, o espaço internet com utilização gratuita de 5 computadores, e ainda actividades como as oficinas de pintura e artes plásticas.

Como é constituída a equipa técnica da casa? Como se interligam os diferentes profissionais? Conseguem tirar o máximo proveito dos técnicos deste espaço? As funções que cada um deve desempenhar são explícitas? Elaboram algum tipo de avaliação interna na instituição? Existe algum tipo de formação profissional que os funcionários possam frequentar?

A Casa da Juventude é um sector da Câmara Municipal, e tem afecto a este espaço 7 funcionários permanentes. Uma funcionária da limpeza, uma administrativa, uma animadora na área das artes plásticas, um informático, um técnico de comunicação social e um técnico de apoio ao auditório municipal (mais afecto ao auditório municipal - edifício ao lado da Casa - mas dá apoio à Casa quando necessário), e eu, técnica de relações públicas.

Os elementos da equipa da Casa funcionam por turnos. Tudo por uma questão de cumprimento de horários e de assegurar o funcionamento da Casa. Todos participam na vigilância do espaço e cada um tem tarefas específicas que estão devidamente descritas nas suas fichas individuais de avaliação de desempenho. Através destas fichas os funcionários são avaliados segundo o seu desempenho no alcance dos objectivos e a sua atitude perante o serviço. É atribuída uma nota a cada funcionário.

Todos os funcionários têm direito a fazer formação assim como participar em workshops ou conferências que ajudem no desempenho das suas funções. Já alguns funcionários tiveram essa oportunidade que foi sugerida pelo próprio serviço.

No entanto, esta não é, para mim, a equipa ideal para um espaço como este. Deveria haver um critério mais sério na escolha dos técnicos. Não apenas empregar pessoas mas sim empregá-las de acordo com a missão do espaço, e serviço, e de acordo com o perfil de cada um. Daí que, posso assegurar que, com a equipa actual, não é possível garantir melhores resultados para este serviço!

A Casa da Juventude tem como missão providenciar os meios necessários para a integração dos jovens do concelho na vida activa e através do desenvolvimento de acções informativas, formativas, pedagógicas, lúdicas, desportivas, sociais e educativas, envolvendo-os de forma participativa na sua dinâmica (antes, durante e após).

Que tipo de actividades a casa promove no sentido de envolver os/as jovens?

A Casa da Juventude passou a ser assumida não apenas como um espaço mas também como um centro de onde partem ideias e projectos para a juventude. É por isso, muito mais que um espaço, é também um local de onde as ideias surgem para a prática de uma política da juventude do concelho.

Por isso, há dois tipos de actividades. As que se realizam no espaço da Casa e as que são desenvolvidas dentro da Casa, em gabinete, mas que se realizam fora de portas.

A Casa, para além das actividades que tem dentro de portas, já referidas, desenvolve cursos de formação como o curso de fotografia, curso de língua gestual portuguesa, cursos de socorrismo, cursos de informática, cursos de pintura e desenho, workshops de diversas áreas, encontros de dj's, festas temáticas, e ainda, ocasionalmente concertos acústicos. Neste espaço recebe ainda actividades organizadas por outros sectores da autarquia e entidades públicas e privadas, como bancas de demonstração de conferências, exposições, lançamento de livros, apresentações de marcas e produtos e ainda coffee breaks.

Outras actividades surgem de propostas apresentadas por jovens que gostariam de ver o seu projecto, a sua ideia, concretizada com o apoio da autarquia, em diversas áreas como a dança, a música, o teatro e o desporto. Promove ainda o apoio às Associações Juvenis e dá orientações para a constituição de grupos associativos juvenis.

Outras actividades desenvolvidas para a juventude no concelho, passam por acções que pensem nos jovens como um grupo com características semelhantes na área da educação, do desporto, da empregabilidade, do lazer. Algumas destas actividades procuram mesmo promover não só o envolvimento dos jovens mas também a própria família desses jovens num convívio geracional.

Para si, em que consiste o processo de mediação?

A mediação, para mim, é um processo de resolução de conflitos. É um método de intervenção na comunidade que trabalha pequenos grupos com o intuito de identificar a fonte de problemas sociais e morais elaborando processos preventivos e remediativos decorrentes dessa envolvimento inicial.

Entende estes espaços como espaços de mediação? Porquê? Já estiveram envolvidos em experiências de mediação? Quando? Quem intervinha no processo? O que de mais positivo recordam desse processo? E de negativo? Porquê?

Sim. Acredito que, no fundo, a Casa da Juventude também funciona como mediadora de conflitos. Todos os que trabalham neste espaço, incluindo eu, acabamos por ter esse papel de mediadores quando nos apercebemos de comportamentos desviantes de alguns jovens. Conversamos com eles, tentamos perceber o que os incomoda ou o que faz com que tenham determinada atitude e procuramos ajudar a resolver a questão sendo por vezes necessário chamar os pais e envolvê-los na resolução e identificação do problema. Estamos diariamente a confrontar situações dessas, no fundo, acabamos por ser uma segunda família para estes jovens.

O que nos faz sentir realizados nessa função de mediadores, resultante da aproximação que todos temos junto dos jovens, é quando constatamos que alguns seguem os nossos conselhos e sugestões e acabam por se sentir melhor depois de, eles também, perceberem o seu próprio problema. Outros, acabam por se afastar porque consideram a nossa abordagem uma invasão ao seu espaço e esses não conseguimos, mesmo com a mediação da escola e família, alterar o seu comportamento.

Ao nível da segurança da instituição, que estratégias exercem para impor a ordem e o respeito entre os utentes da casa? Entende que é um espaço seguro para os utentes?

A Casa da Juventude tem normas de conduta que devem ser tomadas em consideração por todos os que a frequentam e por quem aqui trabalha. Todos os funcionários têm autoridade e autonomia para intervir junto dos jovens que tenham um comportamento desviante, impróprio dentro do espaço. O desrespeito com os funcionários também é punido.

A estratégia de intervenção junto destes jovens é chamá-los à atenção para o seu comportamento ou atitude, para que não o repitam. Há uma conversa inicial de apaziguamento. Se o jovem é insistente nessa atitude de imediato é posto fora do espaço sob pena de estar proibido de entrar na Casa por determinado período de tempo, dependendo da gravidade do comportamento que pode ir de 10 minutos a um mês de castigo, e por vezes até mais.

Sabemos que afastar estes jovens da Casa fá-los muitas vezes pensar e reflectir no seu comportamento. Quando regressam do castigo devem pedir desculpa e perceber o que esteve mal na sua conduta. Sabemos também que a Casa da Juventude, para muitos, é a sua segunda casa acontecendo por vezes, aparecerem antes de terminar o castigo e pedirem desculpa pela sua atitude, má educação e falta de respeito.

A Casa da Juventude é um espaço seguro para os utentes sempre que, dentro das capacidades físicas e morais de quem nela trabalham, sejam respeitadas as regras da boa educação e respeito pelo próximo. Em casos extremos de violência física terá que haver sempre a intervenção policial com quem entramos em contacto rapidamente.

O facto de estarem próximo do bairro social dificulta de alguma forma o bem estar e a ordem da casa da juventude?

Inicialmente, aquando da sua construção, há 13 anos, por o facto de a Casa estar localizada próxima a um bairro social trouxe alguns problemas a este espaço. Os actos de vandalismo verificaram-se durante os primeiros anos mas a tal mediação que falei atrás, estabelecida pelos funcionários da Casa, na altura, acabou por ter um papel fundamental na educação de quem a frequentava. Fizeram sentir aos jovens que aquele espaço era deles, e para eles, e que se o destruíssem estariam a destruir o seu próprio espaço.

Durante uns anos o espaço foi frequentado essencialmente pelos ciganos e jovens com comportamentos menos respeitadores, residentes no bairro, mas com o decorrer do tempo e depois de substituídas algumas actividades disponíveis no espaço (como por exemplo uma mesa de bilhar – foi retirada) pessoas diferentes começaram a aproximar-se do local, visto até à altura, como o espaço dos ciganos. Este estigma afastou durante alguns anos jovens que não se aproximavam da Casa por terem receio de enfrentar os que habitualmente cá vinham.

Mas, hoje, a razão do medo pela proximidade ao bairro já não se verifica até porque as actividades são outras e porque a Casa começou a ser frequentada por outros jovens que agora têm aulas de música, aqui, nas salas de formação da Casa da Juventude.

Tem alguma mudança em vista para esta casa da juventude?

Não posso dizer que tenho mudanças em vista mas sim que tenho muitas ideias para esta Casa. Não posso assumir mudanças porque não está nas minhas mãos decidir sobre essas mudanças. Posso sim apresentar ideias e projectos de mudanças. Isso já fiz. Agora resta-me esperar pelas decisões e ir fazendo o meu trabalho nesta Casa de acordo com as condições que tenho e as expectativas que me vão dando.

Como se sente no papel de orientadora de um processo de estágio na área das ciências sociais?

Identifico-me bastante com a área das ciências sociais. A minha formação académica está também vocacionada para essa área. A minha formação pessoal e vocacional está também voltada para as questões sociais. Por isso, ser orientadora de estágio de alguém que me apresenta propostas nesta área deixa-me bastante confortável e satisfeita, acima de tudo por ter alguém que, ainda que temporariamente, responda à minha necessidade (pessoal e profissional) de trabalhar essas questões num espaço como a Casa da Juventude.

Deseja exprimir alguma opinião ou observação final?

A minha observação final... e pelo que me parece, depois das conversas mais informais que tivemos, tu deste um grande contributo no desenvolvimento de actividades necessárias à Casa e aos jovens que a frequentam. Assumiu um papel fundamental neste espaço e um exemplo de profissionalismo, dinamismo e iniciativa a muitos que aqui trabalham, esperando que todos aprendam alguma coisa com o seu desempenho e passem a assumir um comportamento mais participativo e interactivo com os jovens e serviço desta Casa.

Apêndice VI

Entrevista à Directora da Casa da Juventude de
uma Freguesia do Distrito do Porto

ENTREVISTA À DIRECTORA DA CASA DA JUVENTUDE DE UMA FREGUESIA DO DISTRITO DO PORTO

- Qual a faixa etária com mais expressão aqui na Casa da Juventude?

A faixa etária da divisão da juventude, população-alvo, é 12-30 anos, mas nós volta e meia dependendo da actividade vamos sendo flexíveis tanto para cima como para baixo até porque ultimamente falasse muito do cartão jovem nacional alargado até aos 35 anos. Portanto, se houver necessidades presentes na população nós podemos descer ou subir um bocadinho a faixa etária. Portanto, podemos falar em 8-35 anos mais ou menos.

- Como caracteriza esta freguesia?

Claramente Freguesia é vista, até pelas outras freguesias do concelho de Matosinhos como uma freguesia rural com muitos problemas sociais porque é uma freguesia, não sei se reparou, que está aqui no meio ninguém passa por ela para ir a lado nenhum, ou vem esta freguesia por alguma coisa ou não vem. É assim, nós temos diferentes tipos de jogos consoante o objectivo, eles vêm cá com objectivos diferentes, os jovens aqui, dos bairros sociais aqui à volta vêm para conviver, para estar na Casa, para ver TV, para jogar playstation. Mas vamos falar das actividades que fazemos, já não é esse tipo de população.

- Quais são as actividades que a Casa da Juventude dinamiza?

Pronto, nós temos três áreas assim falando, nós, Casa da Juventude da Freguesia ou quer que lhe fale das outras? **Só aqui.** É assim, temos três casas exactamente que estão dentro da divisão é a Câmara, depois tem um departamento, e depois tem a divisão da juventude que agora chama-se Divisão de Promoção Cívica: Juventude e Voluntariado e aí os equipamentos da divisão são as três casas da juventude, não é que haja tudo igual nas três casas mas há uma linha condutora. Agora as actividades, a divisão rege-se assim por três grandes áreas que é: formação, informação e animação. E fazemos o que podem ser enquadrados um bocadinho nessas três áreas. **E qual é que tem mais aderência? A animação?** Depende, é assim, animação, nós fazemos concertos de verão, que obviamente um concerto leva dez mil pessoas, o Angélico, a Maria Rita, em dez mil pessoas, que tem mais gente do que fazemos nas Casas, é diferente, são com objectivos completamente diferentes da animação, por exemplo, temos esses concertos

de exterior, temos animação que fazemos aqui na casa, Festa de Natal, comemoração de datas temáticas, Halloween, Magusto...

- Eu ainda não conheci a Casa mas reparei que é pequenina, não é? É. Tem a sala de computadores lá em baixo, o bar, o espaço exterior, e mais? Temos o auditório para 60 pessoas, depois posso-lhe mostrar, cá em cima tem três gabinetes técnicos e tem uma sala de formação, não é muito pequenina mas, por exemplo, era preciso outra sala de formação porque enquanto uma está ocupada não podemos fazer mais nada. Pronto, na área da formação podemos incluir os projectos da formação/ informação, os projectos de intervenção juvenil, que são todos os projectos ligados à intervenção social, a nível psicológico. E temos, agora estamos a desenvolver uma área desde o ano passado que são os cursos de formação para jovens, jovens adultos. **Ligado ao Centro de Novas Oportunidades?** Não. É um sítio onde divulgamos para qualquer pessoa. Temos o espaço internet que não é da Casa, não é gerido pelas mesmas pessoas que gerem a Casa, mas que está dentro da Casa porque há muitos espaços de internet ao longo do país. É um espaço gratuito, só as impressões é que são pagas.

- Podia-me falar do Cartão da Casa da Juventude?

É o cartão Matosinhos Jovem, que é um cartão de utente para algumas coisas, por exemplo, para eles requisitarem um filme, para ver ou para jogar ping-pong, eles têm de dar o número do cartão, portanto serve para as duas coisas. O Cartão Matosinhos Jovem é dos 12 aos 30 anos e tem descontos em lojas e serviços só aqui do concelho.

- O que entende por juventude?

É um conceito muito abrangente, porque acho que, vou dar uma resposta mais de senso comum, acho que é um bocadinho tudo, a juventude passa, primeiro é complicado nós temos a tarefa mais complicada do que, por exemplo, a cultura, a acção social, não é? Porque juventude congrega isso tudo, congrega o desporto, a música, a cultura, a acção social, pronto. E congrega tudo que não é juventude, ou tudo que não é jovem, mas que influencia os jovens, nomeadamente pais, não é, fazemos *workshops* para pais, ainda noutro dia fizemos um de orientação vocacional, para pais para perceberem o que é a orientação vocacional. **E eles aderiram?** Por acaso aderiram, tivemos dezoito pais, acho que é muito bom. Nós fomos a quatro turmas divulgar, portanto em quatro turmas, vinte, quarenta, sessenta, oitenta. **Em que anos é que foram?** Só ao 9ºano. E em quatro

turmas conseguimos 18 pais, eu acho que é muito bom, superou as minhas expectativas [...] Também é a maneira como nós nos dirigimos a eles e é assim em vez de darmos um folheto, nós fomos à reunião de pais lá na escola, e explicamos que íamos abrir orientação vocacional para os jovens e que se calhar era importante eles também perceberem o que era a orientação vocacional e acabou por resultar muito bem. Agora também lá está é um desafio, andamos a procurar sempre formas de passar a mensagem, pronto, e é os pais, é os irmãos, é os avos, não é, é os irmãos mais pequeninhos que se calhar também se formos trabalhar a família temos de trabalhar desde os mais pequeninhos. Portanto, por isso é que eu acho que juventude é abrangente não só nas problemáticas mas também na forma como podemos intervir nelas directa ou indirectamente, acho que é isto o que posso dizer.

Acima dos 20 anos eles não vêm a casa a não ser para aquela actividade específica, por exemplo, temos agora, vamos a abrir agora um curso de cinema com certificado no fim e, claro, tivemos adesão de jovens de 20 e tal anos e se abrissemos até aos 40 anos também tínhamos aderentes. **Gratuito?** Não, é um pagamento simbólico, dez euros, portanto, é uma coisa simbólica.

- A mediação e, em particular a mediação sócio-cultural é uma área que, ultimamente, tem sido muito falada e investigada. Para si em que consiste o processo mediação?

Eu estou interessadíssima em especializar-me mais nessa área, muito! Ainda noutro dia estava a dizer isso. Eu acho que nós, todos os dias o que fazemos com eles é mediação e todos os tipos de mediação, não é, ou é porque, lá está, vem a mãe ou vem o pai e depois o menino é adolescente e eles não conseguem “porque ele não vai às aulas” e nós temos de arranjar ali ou a mediação entre os jovens e a comunidade ou a comunidade e outras instituições, por exemplo, quer dizer muito mais nesta freguesia como não há equipamentos, nós acabamos por ser, nem é bem as mediadoras, é mesmo o meio, porque nós estamos no meio que é jovens e não jovens, e por isso vêm aqui à Casa da Juventude como uma forma de aceder a tudo, à Segurança Social. Portanto, tanto os técnicos como, acho eu o papel da Casa da Juventude em si enquanto instituição funciona como um mediador nessas áreas todas, sócio cultural, familiar, não é, porque é assim estamos constantemente a ser um local de entrada e de saída de informação e de actividades. Entrada porque estamos sempre a querer, ainda agora estamos a fazer *focus-grup* nas escolas sobre os interesses dos jovens porque nós já percebemos que

casa física, enquanto equipamento físico, está a mudar muito, porque os jovens já não precisam de vir para aqui para os computadores porque já têm um computador da escola, já não há muito aquilo de “vamos para a Casa para conviver” porque convivem no facebook. Portanto, o papel das Casas está a mudar muito rapidamente. Então, nós estamos a fazer *focus-grup* para fazer um pequeno estudo sobre os interesses dos jovens e estamos sempre a absorver esse tipo de conhecimento e a deitar para fora as informações que recolhemos.

- Já estiveram envolvidos em experiências de mediação?

Temos o CAOJ que é consulta psicológica essencialmente, o CAJ é um centro de atendimento a jovens com uma equipa multidisciplinar, um enfermeiro, um psicólogo e um médico. **Estes técnicos recebem alguma remuneração por esta prestação de serviços?** É assim a Casa tem uma equipa multidisciplinar e a equipa é que faz funcionar estes serviços todos, eu sou psicóloga, portanto, sou eu que dinamizo, e mais outra colega, dinamizamos o CAOJ. O CAJ, nós utilizamos pré- parcerias com o ULS que é a Unidade Local de Saúde e a enfermeira vem cá uma vez por semana dentro do horário de trabalho dela, a Unidade Local de Saúde disponibiliza uma enfermeira, uma vez por semana às sextas à tarde, para vir fazer esse atendimento e a psicóloga que está ligada ao CAJ sou eu, não é? **O que torna o processo mais fácil?** Sim, nós acabamos por funcionar com a prata da casa, não contratamos externamente ninguém para fazer esses serviços.

As casas mudaram um bocadinho, inicialmente as Casas eram para estar abertas aos jovens para fazerem actividades de animação, então, realmente não havia ninguém nessas áreas, mas quando se percebeu que as Casas teriam de enverdar por outras áreas começou-se a contratar Educadores Sociais, Animadores e Psicólogos e que dinamizam estes serviços do PIJ todos, além do CAOJ e do CAJ, o Aprender a Ser, que são grupos de desenvolvimento, e a “Just Girls” que é um grupo também de desenvolvimento só para raparigas. **Isto já existia noutras Casas ou foi desenvolvido por esta?** Geralmente estas coisas são desenvolvidas nas três Casas ao mesmo tempo, o CAOJ, obviamente que há uma necessidade que é igual às três Casas, é consulta psicológica, então costuma começar-se um Projecto numa Casa uma experiencia piloto e depois passa-se para as outras Casas.

- **E o que é a UNIVA?** Não existe. **Mas tem no site?** Pois, mas o site está desactualizado. Mas existe um Projecto que se chama “Salto para o Futuro” que é um bocadinho na área de Orientação Vocacional ao Longo da Vida, portanto desde a orientação vocacional que a conhecemos até a orientação para a empregabilidade, por exemplo, fazer um currículo, fazer um balanço de competências, como se comportar numa entrevista, fazemos isto tudo nesse projecto. As ofertas de emprego também são expostas lá em baixo onde nos perguntam e nós fazemos a ligação com a UNIVA mais próxima. **Têm aqui algum Gabinete de Apoio ao Emigrante?** Não.

- **Entende, portanto, que estes espaços são espaços de mediação? Tanto a Casa como as actividades que esta desenvolve.** Completamente, completamente. Não se pode dizer que há um gabinete de mediação por assim dizer, mas tudo que realizamos neste espaço vai de encontro a minha perspectiva do que é mediação.

- **Como é constituído o núcleo de profissionais desta Casa?** Eu como referi sou a Psicóloga, existe uma Educadora Social. **Que está cá na Casa permanentemente?** Sim permanentemente, embora com um contrato pequenino, mas permanentemente para já. E administrativos. Nesta casa só temos uma Animadora Sócio-Cultural.

- **Mas a Educadora Social tem um gabinete pessoal para trabalhar?** Sim. **Portanto, pode atender um utente assim que for necessário?** Sim, se ela estiver livre, nós para nos organizar costumamos fazer consultas por marcação, mas se a Educadora estiver livre pode atender os utentes. Mas, é assim, volta e meia há uma situação de crise e pára tudo e tentamos resolver a situação. Portanto, se um jovem vier aqui dificilmente vai embora sem tentarmos encaminhar minimamente, ajudar a “apagar o fogo”. Nem que seja só apagar o fogo e depois encaminhá-lo para outros serviços.

- **Já tiveram alguma situação de conflito cá na Casa?** Conflito entre jovens, jovens e técnicos? **Sim.** Muitas vezes. Jovens e o Segurança. Aliás, há jovens que estão proibidos de entrar na Casa, são poucos, mas há. Jovens e técnicos. **Esta zona abrange pessoas de comunidade cigana?** Não. **É que sendo estereótipo ou não, normalmente, são os que causam mais problemas...** Pois, mas não há.

- Verifica-se que os jovens contentam-se apenas com aquilo que lhes é oferecido, isto será devido ao desconhecimento da existência de outras actividades? Pois, porque para eles aquela realidade, a que conhecem, para eles basta, depois se nós começarmos a questionar “e se fosse isto?”, por exemplo, aqui, que a Casa tem muito para oferecer, nós depois também temos um inquérito de satisfação para as pessoas que entram na Casa e verificamos que o que eles querem é acampamentos e PS3 e natação também. Tudo, tudo nestas áreas porque acaba por ser um bocadinho o que eles conhecem. E a verdade é uma, nos grupos de formação não temos jovens desta zona e alguns deles estão desocupados e fazias-lhes muito bem ficar com um diploma ainda por cima abrimos agora inglês e excell que é mesmo para o diploma. **Mas não estão interessados nem motivados, portanto?** Não.

- E há sempre procura para o CAJ? Não, nem sempre há procura, é o serviço que eu considero que teve mais fracasso nesta Casa. Não tem procura, inexplicavelmente. É assim, nós abrimos o CAJ porque eu quis, era um bocadinho a mediadora entre a APF e os jovens, eles vinham pedir a pílula, o preservativo e eu pedia os preservativos ao Centro de Saúde e dava-lhes e esclarecia dúvidas. E, então, pensamos, se eles querem vamos abrir o CAJ, mas não funciona. **Será porquê? Devido a proximidade geográfica destes jovens da Casa, ou até mesmo por vergonha?** Não penso que seja por vergonha, só que é assim, por exemplo, como há na Casa da Matosinhos também o CAJ, os jovens das outras freguesias todas se tiverem que se deslocar algum lado nunca será aqui, é a Casa de Matosinhos, porque a Casa de Matosinhos tem filas intermináveis para o CAJ, e as enfermeiras dizem: “não estejas aqui tantas horas à espera vai a Casa de Freguesia.” e eles não vêm, porque é o estigma da freguesia, de que só há rufias e, portanto, é assim, a freguesia é pequenina e eles não vêm o CAJ como apoio na área da saúde, eles vêm o CAJ como apoio na área da saúde sexual e reprodutiva só. Portanto, só vêm buscar a pílula e o preservativo. Obviamente, que só levam quatro caixas de pílula e só vêm passado quatro meses. Como há poucos jovens acabamos por só ter dois jovens por sexta-feira mais ou menos. **Um pouco no âmbito do IPJ então?** Sim, mas não fazemos exames, mas o teste da gravidez, por exemplo, fornecemos. Há uma rede de apoio que é anónimo, eles não têm de dizer o nome e se for preciso irem ao médico dizemos: “vais a este médico, no centro de saúde lá, à hora tal” não têm que passar pela secretaria do centro de saúde, e aí o jovem ou a jovem é visto pelo médico mais rapidamente não tem mesmo consulta médica aqui. Agora como isto ficou conhecido

por “ ali dá-se a pílula e o preservativo” eles só ligam e só vêm mais cá para essa área. Mas pronto, são duas, três pessoas cada sexta-feira, não temos mais.

- **Gostava de dinamizar outras actividades?** Aqui na Casa? **Sim.** Nós já temos tantas, é assim, claro. **Como estão a fazer *focus-grup* nas escolas qual é a necessidade com que se deparam e que a Casa não oferece?** Neste momento o “Aprender a Ser” era um projecto que abria no início do ano lectivo e os jovens inscreviam-se, nós percebíamos quais eram as necessidades daquele grupo e trabalhávamos por temas, como por exemplo as drogas, fazíamos visitas de estudo durante um ano lectivo. Agora percebemos que já não funciona assim, eles começam-se a cansar. Isto funcionava cá na Casa uma vez por semana eles podiam vir, podiam não vir, só que chegava a meio do ano e eles começavam-se a cansar um bocadinho. Então agora vamos abrir por temas, vamos perceber quais são os grandes temas que lhes interessam e vamos abrir uma espécie de “Clube do Ambiente” em que o objectivo é muito específico. Eles inscrevem-se e vemos que o objectivo deles é “ganhar mais conhecimentos na área do ambiente”, ok, então vamos trabalhar nessa área; o objectivo é conhecermos as ofertas que há, tentarmos ajudar o concelho, pronto trabalhamos portanto por temas. Pode durar muito, como pode demorar só três meses, se eles não tiverem a necessidade de um ano lectivo, não vamos andar a arrastar durante o ano lectivo o mesmo grupo. E trabalhamos competências utilizando esses temas.

- **Como organizam os grupos de trabalho?**

Nós tínhamos dois grupos, aliás acima dos 21 anos dificilmente eles aderem às actividades, para aderirem aos 21 anos são aqueles jovens que têm mesmo muitas necessidades, porque não têm aquelas competências nem são autónomos verdadeiramente, porque se nós pensarmos em nós próprios verificamos que com essa idade já éramos completamente autónomos e se calhar nunca pensaríamos em frequentar uma actividade de desenvolvimento de competências. Portanto, ou têm bastantes dificuldades ou então acima dos 18 anos eu vejo isso com muito dificuldade. Nos fazíamos, por exemplo, dos 10 aos 13 anos e depois dos 14 aos 18 anos. Se o dos 14 anos já forem avançados passamos para o grupo abaixo, como também há outros com 14 anos que vão para o grupo dos mais velhos. Dividimos. **Vê então que consoante a faixa etária os interesses dos jovens são diferentes?** Sim, sem dúvida. E depois ainda há pior, os jovens que são de fora e que vêm às actividades e até querem

participar nestes grupos e que têm 13 anos e que realmente nós comparamos o de 13 anos a um de 16 que não trabalha não estuda. E explicar que o de 13 anos pode estar no grupo de 16 anos, ainda é mais complicado, mas também o de 13 anos pode não ter afinidade nenhuma com o de 10 anos, portanto temos de jogar com isso tudo. Portanto, isto de 10, 13, 14, 18 anos é um bocado relativo, não é?

- E o que me diz da existência de um gabinete de mediação de conflitos seria pertinente aqui nesta zona?

Era muito necessário. **Mais pertinente do que o CAJ?** Claro. Sem dúvida. E o meu objectivo era, a médio prazo, abrir aqui um gabinete, mas não somente para os jovens mas sim aberto a toda a comunidade. Não fazia sentido se é de mediação não fazia sentido restringir as idades. Apesar de ser uma Casa para a juventude era aberto à comunidade de uma maneira geral. Acho que faria muito mais sentido do que o CAJ até porque já começa a haver muitos CAJ's e os miúdos não têm tanto aquela vergonha de ir ao Centro de Saúde como tinham há uns anos atrás, que a vizinha visse. Eles agora, são os pais que os levam ao Centro de Saúde as raparigas, por exemplo, para buscar a pílula e isso, pronto, a ideia de sexualidade já está um bocadinho desmistificada. Não digo que os CAJ's não façam todo o sentido, porque fazem, não é só na área da sexualidade nós gostávamos que o CAJ tivesse um apoio mais específico, por exemplo nas perturbações alimentares mas a verdade é que, é assim, um jovem com uma perturbação alimentar não procura ajuda. Mas os pais trazerem os jovens, pronto. Ou seja, abrir os CAJ's deixar aquela ideia só de ser dirigido para a sexualidade aí sim, se não o CAJ, a tendência, ainda bem, é que deixem de existir e que se congregate tudo num Centro de Saúde.

- Deseja exprimir alguma opinião ou observação final?

Eu acho que se calhar, eu que não conheço a realidade, o grande problema com que se vai deparar é que eles vêm a Casa para uma coisa e para começarem a ver para outra coisa ainda vai demorar, eles vêm a Casa como um espaço de lazer. Por acaso, quando abrimos o CAOJ foi ao contrário, tivemos alguns pedidos e eu lembrei-me de abrir mesmo em vez de só fazer consulta psicológica, dar o nome, estruturar. Já tínhamos alguns pedidos mas primeiro limitamo-nos aqueles pedidos, as pessoas não viam a casa da juventude “vou lá à consulta vou mandar o meu filho? não, não vou, porque se calhar aquilo nem tem credibilidade”. E eu acho que é o grande problema com que se vão

deparar. Eles tirem uma visão de que a Casa da Juventude é mais do que um espaço de lazer, mas é assim, que se comece a lançar as bases, acho que sim.

- Acha que seria mais pertinente um espaço em comum para debate entre os jovens ou a criação de um espaço individualizado para atendimento de jovem?

Há uns tempos atrás eu diria sem dúvida nenhuma que era o espaço de discussão em grupo entre os jovens, mas agora estou um bocado reticente quanto à intervenção em grupo ultimamente. Primeiro porque eles têm horários completamente desfasados uns dos outros, depois porque das duas uma, ou abrimos um espaço de discussão completamente aberto ao que eles quiserem trazer e não direccionamos, mas depois aí os resultados são muito lentos; ou então se começarmos a direccionar, eles começam a perder um bocadinho o entusiasmo. Digo que talvez a intervenção em grupo está a ficar “fora de moda” e que eles já não aceitam tão bem como apostavam há uns tempos atrás. Eu pelo menos aqui na casa estou apostar mais na intervenção ao nível individual o “Salto para o Futuro” é isso. A não ser que vemos que há cinco jovens que nunca fizeram um currículo, então juntamo-nos para aquele objectivo específico, para fazer um currículo, como podem procurar emprego, e depois voltam ao apoio individual ao acompanhamento. Mesmo quando eles arranjam, por exemplo, um emprego pedimos um “follow up” e o “Salto para o Futuro” é um bocadinho isso, só quando se justifica não criar um grupo para tudo, mas sim quando se justifica criar um grupo, se não é individualmente.

- O apoio da Câmara é fundamental não é?

Esta cidade tem a grande vantagem de a juventude ter sido, não sei se foi a primeira, mas foi certamente a pioneira nesta área e em criar uma divisão da juventude. O nosso Presidente da Câmara começou por fazer aquelas mega-actividades 24 horas de actividades radicais sem parar, e se calhar começou muito bem, e a juventude era só isso inicialmente, é verdade. Nós começamos assim, depois como ele estava muito aberto a lançar a divisão da juventude, então ele também se mostrou muito aberto a começar a entrar outro tipo de profissionais. E, entrando outro tipo de profissionais, esses profissionais “forçam” a entrada de outro tipo de profissionais, porque quando entraram um era da administração, outro era património, alguns se calhar não faziam muito sentido numa divisão da juventude, mas depois entrei eu como psicólogo só. O CAOJ, “Aprender a Ser”, criou-se as necessidades. Obviamente que teve de se contratar mais

psicólogos e, claro, isso ganha enredo. **Há quanto tempo pertence a esta Casa?** Nesta Casa estou há 4 anos, mas pertenço à Câmara desde 2002 e já rodeia pelas outras Casas. Como coordenadora aqui nesta casa até só estou há um ano.

- Para finalizar a nossa entrevista diga-me, para si quais são as principais diferenças entre um Profissional da área das Ciências da Educação e uma da área da Psicologia?

Eu acho que psicólogo ainda tem um estatuto acima dos Educadores Sociais, dos Assistentes Sociais, eu acho. Aham que o Psicólogo tem a capacidade de fazer isso tudo, portanto contrata-se um Psicólogo e ele faz o trabalho de um Educador Social, de Assistente Social, até porque ligam muito a vossa área às escolas e acham que vocês deviam estar ligados as escolas. E acho que o psicólogo, assim, havendo outros profissionais podia-se dedicar mais à saúde mental, ao apoio à comunidade só, e não... é assim, eu vejo o vosso trabalho ainda na área da teoria... **Também porque acho que não temos lugar ou oportunidade para a prática...** Pois, mas eu ainda vejo, está mal visto, mas eu ainda vejo as Ciências da Educação como o estudo da Educação e ainda tenho algumas dificuldades em perceber que se tivesse aqui alguém das Ciências da Educação era como todos os outros, faz tudo, porque aqui faz-se tudo nesta Casa desde atender telefones até preparar um Concerto, a psicóloga prepara um concerto do início ao fim. A psicóloga contrata o palco, a publicidade e isso tudo. E eu tinha dificuldade em dar tarefas específicas das Ciências da Educação a alguém licenciado nessa área confesso, ainda vejo muito como um estudo da educação. Agora é assim se há um que faz tudo que é o psicólogo, porquê que se vai contratar outros? É assim que se pensa, não é? Enquanto o psicólogo fizer tudo... A educação Social ganhou-vos muito terreno ultimamente, eu vejo assim, então em Espanha, por exemplo eu tenho uma amiga que eles vão fazer um Centro Comunitário em Espanha, não, em Portugal mas são Espanhóis, e para coordenadora do centro é uma Educadora Social. Eu até fiquei, não é uma psicóloga? Lá está, estou habituada mas não, escolheram uma Educadora Social. E eles ganharam muito terreno relativamente às Ciências da Educação. Por isso que as grandes diferenças, quer dizer, na teoria há grandes diferenças, mas na prática eles podem imiscuir-se muito no trabalho que fazem.

Apêndice VII

Pedido De Autorização

Exm^o(^a) Sr(^a) Encarregado (a) de Educação

A Escola Secundária Mar Azul tem vindo a desenvolver um projecto no âmbito da “Mediação e Gestão de Conflitos,” desde o ano lectivo 2007/2008. Tendo tomado conhecimento deste projecto, contactei a coordenação do mesmo e solicitei a minha participação enquanto Estagiária do Mestrado em Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Pretendo fazer um “ensaio pedagógico” com a turma onde o seu/sua educando/a, está inserido e cujos objectivos são:

- ⇒ Prevenção de comportamentos de risco;
- ⇒ Apoio à gestão de conflitos, de forma atenuar as medidas disciplinares impostas aos/às Jovens em situações de conflito e indisciplina;
- ⇒ Focalizar a necessidade de mudança nos/nas jovens, através da mediação do conflito como meio para o reconhecimento e mudança de atitudes;
- ⇒ Desenvolver nos/nas jovens, auto-estima e capacidade para enfrentar os problemas da vida.

Como tal, solicito autorização para o seu educando/a colaborar nesta experiência, que será desenvolvida nas aulas de Formação Cívica juntamente com a Professora, em colaboração com a Psicóloga e uma das Professoras promotoras do Projecto, e sob a responsabilidade da orientadora da Faculdade. Terá duração de, aproximadamente, dois a três meses.

Comprometo-me, com a implementação deste projecto, a garantir o anonimato dos alunos/as e a confidencialidade dos dados obtidos, que apenas serão utilizados no âmbito do Projecto de Estágio.

Agradecendo a colaboração de V. Ex.^a, solicito que assine a declaração seguinte, devendo depois destacá-la e devolvê-la à Directora de Turma.

Com os meus cumprimentos,

A Estagiária
Catarina Macedo Machado
Março de 2010

Eu, _____, Encarregado de Educação, _____ n^o ____ do ____º Ano, Turma ____, a participar no “ensaio pedagógico” no âmbito da “Mediação e Gestão de Conflitos”, integrada da na dissertação de Mestrado.

Data ____/____/____

Assinatura

Apêndice VIII

Folheto de publicidade do *Espaço Experimental*
de Mediação Educativa



JUVENTUDE
PELOURO

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA

@ WWW. .PT



casa da juventude



JUVENTUDE
PELOURO

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA

@ WWW. .PT



casa da juventude

EU, _____, ENCARGADO

DE EDUCAÇÃO DE _____, AUTORIZO A PARTICIPAR NO “ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA” DESENVOLVIDO NA CASA DA JUVENTUDE DA _____, NO ÂMBITO DA TESE DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE CATARINA MACHADO.

DISPONIBILIDADE: (Dia(s)) _____

HORA(S)) _____ CONTACTO: _____

DATA: ____/____/____ ASSINATURA _____

EU, _____, ENCARGADO

DE EDUCAÇÃO DE _____, AUTORIZO A PARTICIPAR NO “ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA” DESENVOLVIDO NA CASA DA JUVENTUDE DA _____, NO ÂMBITO DA TESE DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DE CATARINA MACHADO.

DISPONIBILIDADE: (Dia(s)) _____

HORA(S)) _____ CONTACTO: _____

DATA: ____/____/____ ASSINATURA _____

OBJECTIVOS:

- .: OCUPAR OS TEMPOS LIVRES DOS JOVENS DE FORMA LÚDICA ATRAVÉS DE DINÂMICAS DE GRUPO COM VISTA AO SEU DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL, SOCIAL E EDUCATIVO DESEMPENHANDO UM PAPEL IMPORTANTE NA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DE RISCO;
- .: INCENTIVAR E ESTIMULAR A PARTICIPAÇÃO CRIATIVA E RESPONSÁVEL DOS JOVENS COM A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE DISCUSSÃO DE ASSUNTOS RELACIONADOS COM A JUVENTUDE;
- .: DIVULGAR E DISCUTIR O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE CONSCIENCIALIZANDO OS JOVENS DOS SEUS DIREITOS E DEVERES;
- .: CONSEGUIR QUE OS JOVENS APRENDAM A TRABALHAR EM EQUIPA, A CONFIAR NOS DEMAIS;
- .: TORNAR OS JOVENS SERES CONSCIENTES E RESPONSÁVEIS PELOS SEUS PRÓPRIOS ACTOS EM SOCIEDADE, DESENVOLVENDO A SUA AUTO-ESTIMA E CAPACITANDO-OS PARA OS PROBLEMAS DA VIDA.
- .: **Obs-** ESTE ESPAÇO ESTARÁ ABERTO DUAS VEZES POR SEMANA. O HORÁRIO SERÁ COMBINADO COM O ENCARGADO DE EDUCAÇÃO CONFORME A DISPONIBILIDADE DO JOVEM.

TEMAS:

- .: PROJECTOS DE VIDA
- .: AUTO-CONHECIMENTO
- .: DIREITOS E DEVERES DA JUVENTUDE
- .: VALORES E NORMAS SOCIAIS
- .: CRIATIVIDADE
- .: VIOLÊNCIA
- .: MEIO AMBIENTE
- .: MULTICULTURALISMO
- .: SEXUALIDADE
- .: ...

CASA DA JUVENTUDE

RUA D. MARIA I, Nº56
TELEFONE: +351 252 619 230
FAX: +351252 683 218
EMAIL: CASAJUVENTUDE@_____.PT

OBJECTIVOS:

- .: OCUPAR OS TEMPOS LIVRES DOS JOVENS DE FORMA LÚDICA ATRAVÉS DE DINÂMICAS DE GRUPO COM VISTA AO SEU DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL, SOCIAL E EDUCATIVO DESEMPENHANDO UM PAPEL IMPORTANTE NA PREVENÇÃO DE COMPORTAMENTOS DE RISCO;
- .: INCENTIVAR E ESTIMULAR A PARTICIPAÇÃO CRIATIVA E RESPONSÁVEL DOS JOVENS COM A CRIAÇÃO DE ESPAÇOS DE DISCUSSÃO DE ASSUNTOS RELACIONADOS COM A JUVENTUDE;
- .: DIVULGAR E DISCUTIR O ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE CONSCIENCIALIZANDO OS JOVENS DOS SEUS DIREITOS E DEVERES;
- .: CONSEGUIR QUE OS JOVENS APRENDAM A TRABALHAR EM EQUIPA, A CONFIAR NOS DEMAIS;
- .: TORNAR OS JOVENS SERES CONSCIENTES E RESPONSÁVEIS PELOS SEUS PRÓPRIOS ACTOS EM SOCIEDADE, DESENVOLVENDO A SUA AUTO-ESTIMA E CAPACITANDO-OS PARA OS PROBLEMAS DA VIDA.
- .: **Obs-** ESTE ESPAÇO ESTARÁ ABERTO DUAS VEZES POR SEMANA. O HORÁRIO SERÁ COMBINADO COM O ENCARGADO DE EDUCAÇÃO CONFORME A DISPONIBILIDADE DO JOVEM.

TEMAS:

- .: PROJECTOS DE VIDA
- .: AUTO-CONHECIMENTO
- .: DIREITOS E DEVERES DA JUVENTUDE
- .: VALORES E NORMAS SOCIAIS
- .: CRIATIVIDADE
- .: VIOLÊNCIA
- .: MEIO AMBIENTE
- .: MULTICULTURALISMO
- .: SEXUALIDADE
- .: ...

CASA DA JUVENTUDE

RUA D. MARIA I, Nº56
TELEFONE: +351 252 619 230
FAX: +351252 683 218
EMAIL: CASAJUVENTUDE@_____.PT

Apêndice IX

Cartaz de publicidade do *Espaço Experimental*
de Mediação Educativa



JUVENTUDE
PELOURO

ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIACÃO EDUCATIVA

Um espaço pensado para a Juventude

TEMAS:

- ∴ PROJECTOS DE VIDA
- ∴ VALORES E NORMAS SOCIAIS
- ∴ MEIO AMBIENTE
- ∴ AUTO-CONHECIMENTO
- ∴ CRIATIVIDADE
- ∴ MULTICULTURALISMO
- ∴ DIREITOS E DEVERES DA JUVENTUDE
- ∴ VIOLÊNCIA
- ∴ SEXUALIDADE
- ∴ ...

@ WWW. .PT

CASA DA JUVENTUDE

RUA D. MARIA I, nº56
TELEFONE: +351 252 619 230
FAX: +351252 683 218
EMAIL: CASAJUVENTUDE@ .PT



casadajuventude

Apêndice X

Questionário de Avaliação Final

QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DO ESPAÇO EXPERIMENTAL DE MEDIAÇÃO EDUCATIVA

Este questionário é anónimo, por isso, não precisas de te identificar, ele apenas serve para avaliar o “Espaço Experimental de Mediação Educativa”, as actividades e os momentos que passamos neste espaço.

Agradecia a tua sinceridade em todas as respostas.

	1 (Muito Bom)	2 (Bom)	3 (Suficiente)	4 (Insuficiente)	5 (Fraco)
Interesse e utilidade dos Temas					
Dinâmica/participação do grupo					
Desempenho da Formadora					
Forma como os temas foram tratados					
Como classificas a tua prestação nas actividades que participaste?					

➤ Das actividades que participaste refere aquela que **mais gostaste** justificando a tua resposta.

➤ Das actividades que participaste refere aquela que **menos gostaste** justificando a tua resposta.

➤ **Achavas interessante que a Casa da Juventude disponibiliza-se um Espaço como este que experimentas-te?**

Sim ☐

Não ☐

Justifica a tua resposta.

Obrigada pela tua colaboração!😊

Apêndice XI

Auto-Avaliação dos/as jovens do *Espaço*

Experimental de Mediação

Educativa

Auto-Avaliação dos/das alunos/as ao Espaço Experimental de Mediação Educativa

- **Das actividades que participaste refere aquela que mais gostaste, justificando a tua resposta.**

1. A actividade que mais gostei foi a das profissões porque gostei do tema.
2. A profissão que escolhemos para o futuro porque assim ajuda-nos a conhecer o futuro e o que devemos fazer
3. Gostei mais dos Valores de Cidadania Democrática porque acho que retrata o que pode ser o mais importante na nossa vida.
4. A do Mestre porque foi divertida.
5. Do abrigo subterrâneo porque so podíamos escolher 6 opções e era complicado escolher.
6. Dos valores da cidadania democrática, gostei do vídeo que a Catarina mostrou, pois que alertou-nos um pouco mais para termos cuidado com o que fazemos em frente das crianças, podemos prejudica-las a elas e as gerações futuras.
7. A actividade que eu mais gostei foi a viagem porque assim aprendemos a escolher as tarefas de acordo com a capacidade de cada um
8. A actividade do mestre porque é a mais prática e que nos colaboramos em grupo
9. A que eu mais gostei foi a de perspectivar o futuro/profissões porque nós com esta idade já devemos ter uma ideia do que vamos fazer no futuro.
10. A actividade que eu mais gostei foi a viagem porque eu acho que foi interessante principalmente para dividirmos as tarefas com os rapazes e também gostei muito da do “mestre” porque podemos “expressarmo-nos” melhor. Mas também gostei das outras, apesar de muitas pessoas não respeitarem a turma na execução dessas actividades.
11. Gostei de todas porque abordavam de tema interessantes e realistas. Mas a que mais gostei foi a da pirâmide das necessidades pois todos pensamos nas nossas prioridades na vida.
12. A actividade que mais gostei foi a do “mestre” porque me diverti e achei que a turma estava toda empenhada na actividade. Também gostei da actividade do “abrigo subterrâneo pela mesma razão.

13. Pirâmide das necessidades, porque esclarece o que é verdadeiramente importante na sociedade.
14. Gostei mais da do mestre porque tivemos mais liberdade
15. A actividade que mais gostei foi a do abrigo subterrâneo porque podemos pensar quais são as pessoas mais importantes e justificar o porquê.
16. A actividade que mais gostei foi o tema que ia haver uma explosão numa cidade e só podíamos salvar 7 pessoas e tínhamos umas 15 pessoas para escolher. Foi uma actividade extrovertida.
17. A actividade que tínhamos uma profissão dizer o porquê bis víamos naquela profissão e porque não nos víamos.
18. Foi a das profissões porque me ajudou a entender mais ou menos a profissão que terei quando for maior.
19. A actividade que gostei mais foi a das prioridades na vida, pois é uma coisa muito importante de saber. Chama-se pirâmide das necessidades. De igual maneira gostei do “mestre” foi muito giro.
20. Gostei mais do abrigo subterrâneo porque foi a única actividade que fez com que eu me interessa-se mais e foi a mais divertida.
21. A que eu gostei mais foi a viagem porque assim eu posso ter a oportunidade de sentir o que é planear as tarefas.
22. Para mim a actividade que mais gostei foi a das profissões porque fez –nos pensar um pouco mais e melhor sobre o nosso futuro e o trabalho que queremos exercer no futuro.
23. Pirâmide das necessidades porque foi uma actividade que nos ensinou a distinguir a importância das actividades do dia-a-dia.
24. A actividade que eu mais gostei foi perspectivar o futuro prque assim ficamos a conhecer melhor o que queremos ser.
25. A que mais gostei foi a actividade do “mestre” pois foi a primeira vez que fizemos um jogo todos untos e foi muito divertido. Para além disso o abrigo subterrâneo foi muito importante e interessante. Eu gostei muito porque também aprendi a separar e conhecer melhor as situações reais do nosso dia-a-dia.
26. A actividade de que mais gostei foi a do “mestre”. Foi um jogo muito interessante e divertido. Penso que para o primeiro dia foi boa ideia começarmos com um jogo. Acho que toda a gente que participou no jogo gostou bastante, e como foi a primeira que estivemos com a formadora foi um bom começo.

- **Das actividades que participaste refere aquela que menos gostaste, justificando a tua resposta.**

1. Nenhuma
2. Gostei de todas as actividades porque eram todas bastante interessantes e divertidas.
3. Gostei de todas porque só me ajuda a perceber outras coisas da vida
4. Valores de cidadania democrática porque foi uma “seca”.
5. Valores de cidadania democrática porque foi aborrecido
6. Gostei menos da “perspectivar o futuro/profissões, para além de ser importante acho que sempre planeamos as coisas nunca acabam por acontecer como queremos, e na minha perspectiva acho que devemos ser naturais, apenas nós próprios.
7. Valores de cidadania democrática porque foi a mais seca.
8. Perspectivar o futuro porque não era muito em grupo
9. Foi o mestre, porque estava tudo desordenado, não se percebia.
10. A que eu menos gostei foi a da pirâmide das necessidades, porque eu acho que não foi assim muito interessante, por causa também das justificações que tivemos de dar.
11. Não gostei muito do tema em que falamos sobre a profissão que nos tinha calhado e dizer se nos víamos nela ou não, pois eu não sei ainda o que quero ser e não gostei da profissão que me saiu.
12. A actividade que menos gostei dói a dos valores de cidadania democrática porque foi a que me despertou menos atenção e foi a actividade que retirei menos informação.
13. O mestre porque não tem grande utilidade na vida.
14. Valor de cidadania democrática porque houve pouca gente interessada.
15. A actividade que menos gostei foi a da viagem/tarefas porque achei desinteressante, e não me servirá para o futuro provavelmente.
16. A actividade que menos gostei foi a das profissões porque não foi interessante.
17. A actividade que menos gostei foi a pirâmide das necessidades.
18. Foi a pirâmide das necessidades porque acho que não foi muito importante, pois toda a gente sabe quais são as suas necessidades.
19. A actividade que menos gostei foi prospectar o futuro, porque para mim isso é uma coisa difícil de prever, e um tema desinteressante para mim.

20. Gostei menos dos valores de cidadania democrática porque foi o tema mais importante mas foi onde pior se tratou a turma.
21. Foi a do mestre porque alguns alunos estavam a confundir a actividade.
22. Eu gostei de todas porque todas elas foram importantes para nos conhecermos melhor como turma e como amigos que somos.
23. Foi a “mestre” porque todo o que as colegas faziam não tinha muito a ver com os assuntos tratados.
24. A que menos gostei dói o mestre porque achei um pouco aborrecida.
25. Gostei de todas apenas a das profissões estava um pouco barulhenta, mas mesmo assim gostei imenso. Achei muito divertida a forma como realizamos esta actividade e conheci melhor os gostos dos meus colegas.
26. A actividade que menos gostei foi a do “abrigo subterrâneo”. Era interessante só que muita gente não estava de acordo o que fez com que houvesse um pouco de desordem. No geral gostei de todas as actividades, mas como nesta houve alguma discórdia e polémica, não tão boa como as outras.

• **Achavas interessante dar continuidade a estas sessões com este tipo de ensino e dinâmicas?**

1. Nós devíamos aprender mais sobre a cidadania.
2. Porque ajudamos a perceber o futuro e não geram conflitos, e assim temos aulas diferentes menos secantes.
3. Acho que este tipo de ensino é bom para os jovens perceberem mais o mundo que os rodeia.
4. Porque é formação cívica, podemos aprender alguma coisa com isto!!
5. Porque faz com que as aulas sejam diferentes
6. Pois isto ajuda-nos a comportar em sociedade, agir correctamente, a sermos justos, a fazer um Mundo um sitio bom e sossegado para vivermos.
7. Porque assim podemos aprender coisas novas.
8. Porque são aulas diferentes mais práticas e menos massadoras.
9. Porque com estas actividades nos estamos mais informados de tudo o que nos rodeia.
10. Porque é uma maneira de passarmos as aulas de formação cívica é interessante estarmos a fazer coisas diferentes do habitual.
11. Pois gostei dos temas que falamos.

12. Porque torna-se uma aula diferente e divertida. Cativante e desperta mais atenção, logo aprendemos melhor.
13. É sempre mais fácil aprender quando somos cativados.
14. Porque contribui para a nossa vida como cidadãos.
15. As sessões são divertidas e falam acerca de temas actuais.
16. Este tipo de sessões tem muitas coisas interessantes quer para a vida pessoal e para a sua carreira.
17. Gosto do trabalho de grupo.
18. Porque ajuda as pessoas a perceber as dificuldades e por nos nas situações do dia a dia.
19. Porque em geral eram temas interessantes, e a turma gostava, foi uma experiencia muito gira.
20. Porque assim ao fazermos jogos também estávamos a aprender.
21. Porque assim nós podíamos aprender mais coisas, estas sessões fizeram-me aprender varias coisas como planear o futuro e verme numa determinada profissao.
22. Acho que sim para nós percebermos melhor as etapas da vida e os riscos que corremos porque a vida é para ser aproveitada e isto é que nos faz aproveitar a vida da melhor forma.
23. Sim, para podermos aprender mais à cerca dos cidadãos e das nossas responsabilidades.
24. Porque são actividades dinâmicas e interessantes.
25. Porque com estas actividades que a Catarina (formadora) nos proporcionou, passei a conhecer, de uma melhor forma, alguns temas bastante úteis para melhorar não só a minha personalidade como a minha maneira de pensar e agir.
26. Eu achava muito interessante dar a continuidade a estas sessões porque para além da Catarina ser uma boa formadora, é muito interessante falar-mos de temas de uma forma dinâmica e diferente. Para além de melhorar a minha maneira de pensar, passei a conhecer a maneira de pensar dos meus colegas, e assim poder debatê-las.

Apêndice XII

Notas de Terreno da Casa da Juventude

Nota de Terreno 1

Aplicação e análise dos inquéritos por questionário

Sem a colaboração dos utentes da Casa da Juventude como dos funcionários a investigação seria impossível. Estes, funcionários, colaboraram tanto na distribuição dos inquéritos como na recolha dos mesmos mostrando-se sempre disponíveis e naturalmente curiosos pela sua importância. Interpelações:

“Para quê que isto serve?”

“Quem é que tem de responder a isto?”

“Quer que a ajude?”

“Preenche isto para ajudar a menina?”

Campanha de divulgação e sensibilização do “Espaço Experimental de Mediação Educativa”

Na elaboração do folheto tive atenção em abordar os dois géneros. O que aconteceu foi que a Directora da Casa, bem como, o funcionário do departamento de comunicação não acharam bem, pois argumentaram que a linguagem ficaria pesada e cansativa, por isso tive que ceder...

Infelizmente homens e mulheres continuam a achar que a linguagem não é um lugar de construção da realidade nem um lugar de poder e que tanto faz o que escrevemos; infelizmente, a sensibilidade para a igualdade de género em espaços políticos, e que deveriam ter mais responsabilidade social nestas coisas, é quase inexistente. Tenho consciência que nem sempre devemos ceder, contudo é notória a existência de um “colete de forças” no sentido que o estatuto de estagiário e do profissional influencia a tomada de decisões.

Inclusive tentei acrescentar no folheto uma nota para o leitor ter em atenção que quando falo em jovens faço referência aos dois géneros. Mas nem isso eles decidiram colocar...Um dia espero ter poder de decisão a este ponto. Parece uma coisa tão simples mas na prática não é assim tanto, as pessoas ainda não estão sensibilizadas para esta questão.

Nota de Terreno 2

24 a 27 de Fevereiro de 2010

Mediante o convite da Directora da Casa da Juventude na colaboração nas Correntes d'Escritas, ou simplesmente Correntes, a minha prestação baseou-se sobretudo na orientação e encaminhamento dos convidados; organizar as mesas de debate, e, prestar auxílio à plateia para quaisquer dúvidas que surgissem em relação ao evento.

Este é um encontro anual de escritores de expressão ibérica que decorre durante o mês de Fevereiro na cidade. Os escritores são provenientes de países e continentes onde se fala língua portuguesa e espanhola, desde a Península Ibérica, passando pela América Central e do Sul à África Lusófona.

O primeiro encontro realizou-se em Fevereiro de 2000, ano em que se assinalou o Centenário da Morte de Eça de Queirós, nascido na cidade. Momentos importantes do encontro são as "mesas" de debate e as visitas às escolas. Vários escritores ligaram-se ao evento, tais como o Mário Zambujal, Rui Zink, Inês Pedrosa e Imma Monsó, assim como os vereadores dos vários pelouros da câmara. Esta participação na organização deste evento permitiu-me obter um maior contacto com ilustres nacionais, bem como, internacionais. Pessoalmente, a participação nas Correntes foi bastante satisfatória pois não só permiti-me participar como ouvinte no Evento mas também permiti-me adquirir conhecimentos teóricos, capacidades, atitudes e valores como o *saber-estar*.

Nota de Terreno 3

18 de Março de 2010

Apresentação do espaço.

Todos os jovens estão efectivamente matriculados numa instituição de ensino regular da cidade. A maioria dos participantes encontram-se numa situação privilegiada no que refere à sua situação sócio-económica.

Neste sentido achei que seria interessantes dar a oportunidade dos jovens elaborarem um painel com o objectivo de exporem os seus “problemas, desejos e desafios” em relação às suas vidas.

Nota de Terreno 4

19 de Março de 2010

Dia do Pai; a figura paterna; a ausência da figura paterna numa das jovens presentes no espaço.

“os meus pais estão separados” (menina com 9anos)

Na nossa cultura, há uma diferença bem nítida das expectativas em relação ao papel masculino e feminino.

Ser mulher, por exemplo, significa ser dócil, meiga, emotiva, menos inteligente e menos corajosa. Enfim, ser mulher é ser a “filhinha do papai” ou então, “minha mulher”. Sempre tem que ter homens para cuidar desse ser “não pensante”. A respeito disso, a menina vai entendendo o “seu valor” o “seu papel, o seu destino de servir o outro”.

Em contrapartida, do homem é esperado a coragem, a competição, a agressividade e a inteligência. Jamais o carinho e lágrima: “homem que é homem não chorar!”. Com isso, o menino vai aprendendo que é natural ser servido pela mulher, e a manter a imagem de forte.

Não queremos dizer que não existam meninos mais passivos, mais dóceis e meninas mais agressivas e competitivas. Só que a vida fica bastante difícil para esses que não correspondem ao estereótipo criado para seu sexo.

Essas expectativas que as pessoas têm de como homem ou mulher devam se portar são características que não têm nada a ver com a constituição do indivíduo, mas com o que a sociedade espera dele.

Estereótipos da figura do paterna: Provedor, trabalhador, disciplinador; Forte, calado, valente. Racional, agressivo, afirmativo; Invulnerável à ternura e a emoção; Rude corporal e gestual. Dono do exercício do poder; Possuidor de virilidade de competições.

Paternidade (dentro e fora dos laços matrimoniais) como a necessidade e possibilidade de:

- *Manter um contato físico duradouro e responsável com os filhos.

- *Criar, manter e fortalecer laços afetivos (ternura, compreensão, carinho).

- *Participar na guarda, custódia e manutenção dos filhos.

- *Garantir o pleno desenvolvimento das potencialidades da criança em seu processo de crescimento e socialização.

- *Propiciar a possibilidade de acordo, colaboração e ajuda mútua com a mãe.

*Zelar pela integridade das imagens paterna e materna, cuidando e fortalecendo o respeito e carinho de ambos diante dos filhos.

Nota de Terreno 5

22 de Março de 2010

Devido à presença de apenas uma jovem de 11 anos achei pertinente não ocupar Atendimento individual

Nota de Terreno 6

25 de Março de 2010

Após avisar que a actividade ia começar e vendo um jovem que se tinha inscrito na actividade no espaço de internet avisei que iríamos começar a actividade. Ele afirmou que ia participar e que já subia. Contudo após alguns minutos de espera, descia para ver o que se passa com ele. O que aconteceu é que o dito cujo foi influenciado por um colega a ficar para jogaram computadores juntos. Senti uma falta de respeito por parte dele e como troca disse que sendo assim “«não contava mais com ele neste espaço” ele respondeu.” isso significa que já não posso ir nunca mais” ao qual eu respondi que “sim, significa isso”. Após a actividade ter iniciado com os restantes jovens reparei que o R estava sozinho cabisbaixo. Senti a necessidade de perceber o que ele tinha e de lhe mostrar que estava chateada com a atitude dele visto ele ter-se comprometido a participar e que este espaço exigia um compromisso por parte dos jovens, portanto se ele se comprometeu a vir não podia primeiro ter-se deixado influenciar pelo colega e segundo abusar da minha flexibilidade. Foi uma conversa bastante emotiva ao falar com ele percebi que havia ali alguma carência afectiva e emocional e portanto tentei mostrar-lhe o meu ponto de vista, deixando-o participar na actividade.

A actividade começou “ Assino isso...” Foi uma actividade bastante interessante pois deu para perceber algumas estratégias utilizadas pelos jovens para angariar assinaturas. As estratégias foram várias, como por exemplo: simpatia e educação ao abordar as pessoas; optar pelas afirmações mais difíceis para descobrir coisas pessoais sobre os utentes da Casa; ser afectivo; descobrir que faço amigos nesta actividade; insistir com as pessoas e influencia-las a assinar mesmo que não concordem com a afirmação; e por fim alguém respondeu que “ faz amigos com este tipo de actividades”.

Perguntei aos jovens que novidades é que descobriram com esta actividade as respostas foram:

Os alunos referem que descobriram que...:

- há pessoas que não sabem andar de bicicleta;
- há homens que gostam de ser chefiados por mulheres;
- há pessoas que gostam de aprender;
- há muita gente que gosta de poesia; que se consideram atraentes e que gostam de jardinagem.

O espírito de entreajuda entre os/as jovens está bastante presente no grupo. É notória a curiosidade daqueles que por opção não intervêm na actividade, colocando-se apenas como observadores/as à distância.

Nota de Terreno 7

26 de Março de 2010

Actividade da mímica

- os jovens após a realização desta actividade revelaram que sentiram divertidos, alegres e que puderam dar azo à expressão dramática. Houve um jovem que se mostrou mais tímido e que apesar de não ter mostrado interesse em participar através da mímica, mostrou-se interessado a assistir os colegas.

No final da sessão achei pertinente perguntar aos jovens do que acham deste espaço na Casa da juventude. As respostas foram várias: “é um sítio onde aprendemos muitas coisas com divertimento”; “é uma maneira de ocuparmos os tempos livres de forma divertida”; “é uma maneira de aprendermos coisas sem ser de forma chata”

Nota de Terreno 8

28 de Março de 2010

Comentários dos/as jovens em relação ao espaço e à actividade dos Provérbios:

«é um sítio onde aprendemos muitas coisas com divertimento»

«é uma maneira de ocuparmos os tempos livres de forma divertida»

«é uma maneira de aprendermos coisas sem ser de forma chata»

«nem todos os provérbios correspondem à realidade»

«por vezes não nos devemos meter na conversa dos adultos»
«a união faz a força»
«nem todos o que aparentam ser, são»
«Devemos falar um de cada vez»
«o trabalho em grupo e a partilha nos favorece»
«é necessário existir respeito no grupo e pelo grupo»
«com a expulsão de um membro do grupo vimos que o mau comportamento tem um mau resultado»

Profissões:

«há profissões mais conhecidas que outras»
«conhecemos profissões que não conhecíamos antes»
«vimos que há profissões mais aborrecidas e difíceis que outras»
«há profissões que podem ser feitas ao ar livre»

Nota de Terreno 9

31 de Março de 2010

ALIMENTAÇÃO

- Retro projecção de um vídeo sobre alimentação
- Distribuição de um livro informativo sobre a alimentação;
- Construção de uma roda dos alimentos;
- Construção de ementas em grupo

Comentários dos/as jovens: “Nós sabemos que os fritos fazem mal, mas continuam a comer porque são bons”/ “Eu sei que o chocolate em excesso faz mal mas eu adoro”

Nota de Terreno 10

06 de Abril de 2010

AMBIENTE

O “espaço experimental de mediação educativa” nas férias da Páscoa acabou por ser um “refúgio” dos/as jovens na ocupação das suas mini-férias.

Comentários dos/as jovens:

Os jovens referem que a Casa da Juventude não oferece actividades “deste género: divertidas e então o que nos resta é andar por aqui a a jogar ping-pong, playstation e ir a net, se estiver bom tempo andamos pela rua.”

O passeio pelo bairro propiciou um encontro com diferentes pessoas e os jovens tiveram a oportunidade de perceberem a sua singularidade, como sujeitos que possuem opiniões, desejos e sentimentos.

Durante o passeio, elas tiveram oportunidade de conversar com algumas pessoas, de trocar informações e opiniões sobre o bairro. Ao poderem assumir papéis diferentes, as crianças puderam também descobrir elementos novos sobre as pessoas com as quais elas co-habitam no bairro, Penso que, a partir dessa experiência, as crianças puderam perceber o bairro não apenas enquanto transeuntes que passam pelas ruas, mas como actores que re-criam este espaço com maior liberdade.

Visto que o tema a ser trabalhado era o ambiente, hoje resolvi que parte da actividade deveria ser passada ao ar livre. Então começamos por dividir os jovens em dois grupos, um contra o ambiente e outro a favor do ambiente. Cada grupo era composto por 3 elementos que já se conheciam de actividades realizadas anteriormente. Com o auxílio dos telemóveis e de uma máquina fotográfica os grupos começaram por tirar fotografias no perímetro da casa da juventude referentes ao tema que o grupo defendia.

Depois do cumprimento do tempo estipulado para os grupos recolheram as imagens, regressamos à Casa da Juventude. Chegando ao local deparamo-nos com a presença de mais quatro jovens, duas meninas e dois meninos, que queriam participar na actividade. Então, com o objectivo de os integrar na actividade e no grupo já criado, foi atribuída a função de júris a estes elementos.

Depois da recolha de algumas fotografias o grande grupo em conjunto elaborou um power-point para apresentação ao Júri. Tendo em conta que este é um espaço que está sempre de portas abertas, os júris foram quatro jovens, duas meninas e dois meninos que apareceram a meio da actividade, e de forma a serem acolhidos e recebidos pelos colegas resolvemos que as suas tarefas seriam fazer parte do júri.

Estas actividades permitem perceber que a ausência de regras de comportamento e de comunicação em alguns dos jovens. O “falar todos ao mesmo tempo”, a

“intervenção imediata quando há discórdia” são aspectos evidentes no decorrer das actividades.

O objectivo desta actividade foi mostrar aos jovens que para além do espaço que percorremos, o bairro, a casa da juventude, o ambiente onde se vive precisa de ser conquistado responsavelmente por todos: crianças, jovens e adultos, reconhecendo a Casa da Juventude e os demais espaços habitados como “seus” lugares, acreditando que eles ajudam de alguma maneira a construir e a transformar.

São raras as sessões em que não se tem de intervir de forma mais severa. O ambiente de descontração e amizade que se faz sentir contagiam a turma.

Bullying

Passagem de um vídeo real sobre a Agressão de uma aluna à Professora (Carolina Micaelis¹)

Visto a actividade de hoje decorrer à volta de uma encenação no tribunal, começamos por dispor a sala em U de forma a que os jovens estarem visualmente aptos a trocarem ideias. Na sala estavam cinco jovens. Após a retro projecção do vídeo, cada um dos jovens desempenhou um papel. Um representou a aluna, com a respectiva advogada, outro o Professor, com o respectivo advogado e por fim o juiz.

A ansiedade de se defenderem resultou em alguns dos representantes a falta de coerência no discurso de alguns elementos do grupo.

Comentários dos/as jovens:

«Aprendi que há vários tipos de bullying»

«Que devemos desempenhar o nosso papel»

«Que devemos defender os assuntos que achamos mais correctos»

«Na encenação aprendi que tive de defender um colega mesmo sem concordar com a opinião dele»

«Aprendemos que devemos estruturar as nossas ideias antes de falar»

«Aprendemos a falar na nossa vez ou seja a esperar que os outros acabem de falar»

«Aprendemos a ser criativos e a encarnar as personagens que nos saiu no jogo»

¹ <http://www.youtube.com/watch?v=aQ7tjBuTaTo&feature=related>

		Vídeo 1²	Vídeo 2³	Vídeo 3⁴	Vídeo 4⁵
Comentários	Jovem rapaz com 8 anos	“Só por ser forte ou alto, não significa que é o maior, e anda à porrada com todos”	“ Só por ter amigos que nos defendam não diz que podemos fazer o ke kiseramos”	“ as pessoas ofendem-se facilmente pois tem sentimentos”	“Não fazer nem pensar no ke os outros fazem, não andar com más companhias”
	Jovem rapaz com 8 anos	“ é muito violento”	“Primeiro bateram e depois noutro dia estavam lá os amigos e não gozaram”	“Quer dizer que as palavras doem”	“quer dizer que as crianças tão a imitar os adultos e isso é falta de educação”
	Jovem rapariga com 12 anos	“ Eu acho que nós não devemos ficar caladas em relação ao bullying, pois as outras no fim acabam por não serem tao fortes como aparentam”	“ Este vídeo mostra que se for uma criança as pessoas gozam à vontade, mas se for um rapaz mais velho estas pessoas já não têm coragem”	“ Este vídeo mostra que dói tanti uma palavra como um gesto. Neste vídeo é feita uma agressão psicológica”	“Este vídeo mostra que as crianças são influenciadas pelos adultos e que imitam tudo o que estes fazem”

² <http://www.youtube.com/watch?v=8Ecv8pYTFm4&feature=related>

³ <http://www.youtube.com/watch?v=nWJut7KQhI4&feature=related>

⁴ <http://www.youtube.com/watch?v=1j6YA03hm4k&NR=1>

⁵ <http://www.youtube.com/watch?v=CWUtywfwMw&feature=related>

	Jovem rapaz com 12 anos	“ Quando fizeram queixa ele deixa de ser assustador”	“Eles vateram à primeira mas quando viram os maiores tiveram medo eles dó atacam os mais pequenos.”	“quer dizer que as palavras também doim case como a porrada.”	“ Os mais exemplos e que dá mão resoltado e que faz o bollying.”
	Jovem rapariga com 11 anos	“ Eu neste vídeo vi que o bullying é uma forma de que as pessoas mostram que estão zangadas e que não se devem fazer a ninguém, mas se for o caso de alguém ser a vítima ela (a vitima) devia contar a alguém que confie: nos amigos, professores, familiares, etc.”	“ Acho que não deviam gozar com as pessoas só por terem cabelo doutra cor ou a cor de pele doutra cor porque ninguém é igual a nós.”	“ Neste vídeo vi que às vezes as palavras (palavrões) doem mais do que andar ao estalo.”	“Às vezes os exemplos dos adultos nem sempre são os melhores, porque depois as crianças vêm a fazer as asneiras dos adultos e depois um dias mais tarde fazem o mesmo.”

Nota de Terreno 12

08 de Abril de 2010

O conflito

“Embora vocês sejam um grupo de trabalho constituído por quatro elementos, só três de vocês realmente trabalham, estão prestes a terminar um trabalho, que conta cinco valores para a nota final, quando o quarto elemento entra na sala provavelmente para assinar e para se oferecer a entregar o trabalho ao professor(a) da disciplina.”

Foi colocada a questão central: “Como resolveriam esta situação?” e aos grupos para simularem o diálogo que teriam com o(a) colega.

Actividade dinamizada no terraço da casa da juventude

A turma foi dividida em dois grupos, cada um composto por 4 elementos. Foi entregue a cada grupo um excerto de um texto, a partir desse excerto o grupo teve de se reunir para encontrar uma resolução para o problema que o texto apresentava. Posteriormente através da encenação o grupo teve de encenar o retrato que fizeram da história.

Para os dois grupos a história era imaginária.

No fim o grande grupo reuniu-se para reflectir acerca do trabalho realizado o qual fizeram o seguinte quadro:

O que esteve Mal	O que esteve Bem
<ul style="list-style-type: none">- “A desordem, a participação e a vulnerabilidade de alguns participantes”;- “O tempo limitado fez com que nos atrapalhássemos e nos enganássemos algumas vezes”;- “Conclui-se que o conflito por um lado é mau porque cria mau ambiente”.	<ul style="list-style-type: none">- “A improvisação, organização e a diversão foram aspectos positivos desta actividade”;- “Percebemos que quem cria o conflito arrepende-se e depois tenta voltar a trás e melhorar o trabalho”

Nota de Terreno 13

09 de Abril de 2010

A actividade deste último dia de férias da Pascoa foi passada ao ar livre, fora do espaço da Casa da Juventude. O dia contou com a participação de seis jovens (dois rapazes e 4 raparigas). Os jovens dividiram-se em dois grupos, constituídos por 3 jovens.

Por conseguinte foi distribuído a cada grupo o seguinte excerto:

“ Dois colegas vão a casa de um amigo. Quando lá chegaram o amigo não estava, mas o irmão dele convidou-os a entrar e a jogarem no computador até que ele chegasse. Já estão à espera há mais de 2 horas mas vocês só jogaram 15 minutos porque o vosso colega monopolizou o computador.”

Foi pedido que cada grupo simulasse a história e que encontra-se um final para a mesma.

Os critérios de avaliação foram decididos entre os jurados sendo eles: o empenho do grupo; o desenvolvimento da história; a resolução do problema; a organização; a criatividade; a gestão do tempo; a moral da história e a improvisação.

Esta actividade foi avaliada por três, sendo eles, duas jovens que frequentam este espaço mas que neste dia só apareceram a meio da actividade, e eu. O atraso destas jovens permitiu que a escolha do grupo vencedor fosse mais neutra e imparcial. Sendo este o ultimo dia de ferias e sendo que grande parte dos jovens participantes foram participantes apenas neste período de ferias, devido ao seu horário escolar coincidir com o horário do “Espaço Experimental de Mediação Educativa” decidi premiar, não apenas o grupo vencedor mas também o grupo vencido, com um pequeno bónus: um KitKat.

Verificou-se que os grupos envolvidos encontraram diferentes estratégias ao longo da actividade como por exemplo o registo escrito das falas de cada um; a cooperação entre os membros do grupo na memorização das falas; a improvisação.

No final da actividade, decidi entregar uma ficha de avaliação deste espaço, para aqueles que provavelmente nunca mais o frequentarão. Os critérios de avaliação foram os seguintes: O interesse/utilidade dos temas; a forma como os temas foram tratados; a dinâmica/participação do grupo; o desempenho do formador.

	1 (Muito Bom)	2 (Bom)	3 (Razoável)	4 (Insuficiente)	5 (Fraco)
Interesse/utilidade dos temas	Xx	xx	X		
Forma como os temas foram tratados	Xxxxx				
Dinâmica/Participação do grupo	Xx	Xx	X		
Desempenho do formador	Xxxxx				
TOTAL					

Nota de Terreno 14

14 de Abril de 2010

Apenas com a presença de 2 jovens do sexo masculino com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos aproveitei a sessão para abordarmos alguns valores de cidadania democrática, como por exemplo: democracia, solidariedade, paz, justiça, tolerância, respeito, cooperação, entre outros. A sessão permitiu clarificar e familiarizar os participantes com o significado de determinados conceitos e para a possibilidade dos diferentes significados que estes conceitos podem conter.

Apos a saída do segundo elemento devido ao seu horário escolar, resolvi ir com o único jovem que restava na actividade à biblioteca.

Nota de Terreno 15

15 de Abril de 2010

Bullying

4 participantes

“Aprendi a manter a calma e a desempenhar papeis que não são nada o meu género”

“Eu gostei porque já fiquei mais preparado para o futuro e consegui responder às questões adversárias e a defender a outra pessoa, como por exemplo proteger o professor.”

“Vi que o bullying causa grandes problemas”

- “Reparei que devo ser menos tímido”

Nota de Terreno 16

16 de Abril de 2010

Profissões

2 participantes

“Aprendi que todas as profissões têm sempre algo de bom”

“Aprendi que há várias profissões”

“Aprendi a respeitar as profissões dos outros”

“Aprendi a observar com atenção”

“Aprendi a interpretar as profissões através da mímica”

Fotografias

“Percebi que por vezes apesar da foto ser a mesma, a perspectiva de cada um pode variar”

“Aprendi que há fotos mais abstractas do que outras”

“Aprendi a interpretar melhor cada foto, olhando para os pormenores”

Nota de Terreno 17

19 de Abril de 2010

Pobreza e exclusão social

Com apenas um participante no espaço, este foi um dia onde se promoveu a liberdade para a reflexão sobre momentos e aspectos da vida do jovem.

Sessão individual. “Vês Catarina como não precisamos de sair da casa da juventude para aprendermos de forma divertida” (Jovem com 11 anos)

Presença da mãe do António onde afirmou a importância de ele dedicar-se mais aos estudos.

Nota de Terreno 18

21 e 22 de Abril de 2010

Este evento realiza-se todos os anos no Auditório Municipal da Casa da Juventude, possibilita a todos os estudantes da cidade a participação no concurso, podendo este ser individual ou colectivo, nas mais variadas artes, tais como: desenho, escultura, pintura, poesia, prosa, multimédia, banda desenhada e desporto (prova de Corta-Mato e Jogos Desportivos Municipais).

Embora o clima seja de comemoração, neste encontro há lugar para a entrega de prémios para os melhores trabalhos realizados nas várias categorias do Projecto. São elas: desenho, escultura, pintura, poesia, prosa, multimédia, banda desenhada e desporto (prova de Corta-Mato e Jogos Desportivos Municipais).

Entre cada cerimónia de entrega de prémios, as oito centenas de alunos brindaram os colegas com coreografias animadas e criativas, nos mais variados estilos, com a colaboração e supervisão dos seus professores que preparam os números. A Directora da Casa da Juventude juntamente com um dos seus funcionários da área da Comunicação Social, contribuíram para a animação da festa interagindo com alunos e professores e proporcionando momentos divertidos.

Cerca de 2000 pessoas estiveram presentes no pavilhão municipal, a minha função foi orientar e gerir os alunos nos lugares reservados para cada escola. Foi uma tarefa difícil pois não havia lugares sentados para todos os alunos e respectivos parentes.

Nota de Terreno 19

23 de Abril a 07 de Maio de 2010

Sendo 2010 o “Ano Europeu de combate à Pobreza e à Exclusão Social” o PIEC (Programa para a Inclusão e Cidadania) em conjunto com vários parceiros nacionais foi proposto ao município a colaboração na Estafeta Nacional: Pobreza e Exclusão Social: Eu Passo!”. O objectivo primordial da estafeta pauta-se na erradicação da situação de pobreza e exclusão em que ainda vivem muitos milhares de famílias.

Neste sentido, sendo a Casa da Juventude um espaço onde à priori a presença de Jovens é notória foi pedida a colaboração por parte da Câmara Municipal da cidade à Casa da Juventude. Este foi um momento onde foi pedida a minha colaboração.

Juntamente com a Directora da Casa assim como com a responsável do Espaço de Pintura, começamos por pensar em “como poderíamos contribuir nesta iniciativa” Visto o evento realizar-se no num dia da semana (terça-feira, 11 de Maio) onde a maioria dos jovens encontram-se em período escolar resolvemos que a forma mais viável, tendo em conta os recursos (humanos e financeiros) disponíveis, seria realizar um painel onde os jovens através da criatividade e da imaginação exprimissem as suas ideias em relação à temática.

Antes de partirmos para a elaboração do cartaz, achei pertinente esclarecer os jovens presentes na casa da Juventude do conceito de pobreza e os vários tipos de pobreza existentes assim como do conceito de exclusão social. Após este momento começamos um debate de grupo com a questão “como poderemos contribuir para a inclusão social?”

Incentivar a participação dos jovens utentes da Casa da Juventude numa causa justa contribuindo, por um lado, para a sua reintegração social de um modo activo e, por outro, promovendo entre os Jovens, e entre estes e as várias instituições públicas e privadas, conceitos solidários de cidadania. Foi neste contexto lúdico que se conseguiu dar visibilidade ao fenómeno da pobreza e da exclusão social como um problema que respeita a todos os cidadãos.

Tratando das peculiaridades de cada individuo destaco que, por vezes, aconteceu neste tipo de actividades com o alguma adesão de os jovens tecerem comentários desagradáveis de outros colegas. “Ele cheira mal, assim não consigo trabalhar” (jovem com 11 anos)

A partir deste tipo de comentários tentamos, eu juntamente com a Filomena do Espaço de pintura encontrar estratégias para que todos se envolvem-se de forma voluntária e agradável na actividade, tentando encontrar sempre re-soluções para os problemas, não tratando porem de eliminar o “excedente” mas de gerir o colectivo.

Divulgar junto da sociedade civil e dos média o alargamento do âmbito de missão deste Programa governamental, bem como a sua importância e potencial.

<http://estafetacontraaexclusao.blogspot.com/2010/05/11-de-maio-povoa-de-varzim-porto-gaia.html>

Reciclagem

Apesar da Casa da Juventude ser um espaço amplo, há certos espaços que se encontram limitados.

O tempo subjectivo dos jovens sobrepõe-se ao tempo programado pela planificação do E.E.M.E.

Papel da casa da juventude na consciencialização de jovens quanto à conservação ambiental.

Existência de desperdício dos materiais

Entraves e comentários por parte de alguns funcionários “não penses que eles vão colocar o lixo nos caixotes respectivos” (Funcionaria da Casa da Juventude)

Incutir nos jovens e nos funcionários da Casa da Juventude a importância da reciclagem e o espírito de educação ambiental.

Senti que os jovens tiveram dificuldade em implicarem-se nas actividades de grupo, pois não produziam, em concreto, nada material para uso próprio. Este egocentrismo e esta “maldade pura” foi difícil de contornar. Por vezes, aconteceu dos jovens, como desculpa e de forma a escaparem à actividade, referirem que seria uma boa solução a intervenção de um “outro” que vem de fora e tem mais potencial que ele/ela.

No domínio do possível os jovens apresentam desdobramentos particulares e singulares, como tal foram tratados tendo em atenção, por vezes exagerada, a sua personalidade.

Se no começo, percebíamos jovens tímidos, calados – não por ser a timidez característica pessoal, mas por não haver neles próprios auto-estima fortalecida que os estimulasse a expor suas ideias e sentimentos – passados alguns dias, foi notória a mudança de um grupo tímido para um grupo interventivo e crítico.

Orientada pelo princípio de “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” (Freire, 2005: 47.)⁶, a metodologia estimulava a troca de saberes entre os presentes na formação e a construção de novas formas de ver o mundo.

⁶ FREIRE, Paulo (2005) “Pedagogia da Autonomia, Saberes Necessários à Prática Educativa.” 31 ed. São Paulo: Paz e Terra.

Mais do que despertar consciências, a formação elevou a auto-estima dos jovens, revelando espaço para se desenvolver com mais afinco os potenciais de cada um. O uso de conhecimentos já existentes e a criação de outros tantos mostravam-se como o caminho mais coerente.

Tal preocupação de dar sentido à prática, não ensinando técnica por técnica, partiu da compreensão de que “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo.” (Freire, 2005:22).

Através desta actividade os jovens tiveram a oportunidade de aprender e discutir os problemas ambientais causados pelo Homem. Concluiu-se que o tema do Meio Ambiente é apenas trabalhado nas escolas, mas não de forma contínua e capaz de mobilizar os alunos e a comunidade local da responsabilidade ambiental de todos, a maneira como é trabalhado precisa ser reavaliada, de tal forma, que os educandos se apropriem desse conhecimento e sintam-se sensibilizados a agirem de forma ambientalmente correcta.

Cabe ao Educólogo desenvolver um compromisso com as questões ambientais, num processo contínuo permanente, propondo actividades que garantam a riqueza de aprendizagens previstas. Desta forma, será possível contribuir para formação de cidadãos conscientes e actuantes na busca de soluções para os problemas ambientais que afectam o mundo.

Observações:

Face aos vários desafios que a escola se depara, a casa da juventude já que se caracteriza como uma instituição ao dispor da sociedade, poderia ser uma das respostas a esta crise

Estes momentos, foram sempre coordenados e dinamizados por mim individualmente com duração trimestral numa frequência de quatro vezes por semana. Recorri a diversos auxiliares para despoletar a motivação, participação e criatividade dos jovens, como por exemplo: cartazes, fotos de jornais, pintura e teatralizações/encenações.

Em ambos os locais (Casa da Juventude e Escola) um dos objectivos foi dar a oportunidade de os sujeitos se transformarem através da sua própria acção e reflexão.

É uma constante os jovens atropelarem-se, sobreporem-se, ironizarem e confrontarem os colegas no diálogo, por vezes, somente, para criar a discórdia e a agitação. Um coro afinado e uníssono raramente prevalecia. Neste sentido, foi efectivamente urgente trabalhar conceitos como a cidadania e valores sociais.

A compreensão sobre as diferenças e as desigualdades sociais são saberes que apenas *a posteriori* se delineiam. Neste sentido, produzir o saber e a compreensão mútua, bem como, o valor da solidariedade e amizade, são objectivos bastante difíceis de alcançar mas impossíveis de atingir.

Aconteceu várias vezes os jovens serem repreendidos e ostracizados de participarem em actividades da casa e por vezes proibidos de tão somente entrarem no local devido ao seu comportamento inadequado.

É frequente aquando a chegada de jovens adultos pertencentes ao bairro, a expulsão por parte destes, dos jovens que se encontram a jogar na *playstation* através do uso de palavras mais agressivas e intimidatórias. Este tipo de episódios leva-me a pensar que os jovens não dispõem de uma “voz” activa para expressar os seus desejos, frustrações e insatisfações em relação a este local, pois não têm mecanismos que viabilizem a sua participação efectiva voltada para os interesses colectivos.

Questões:

- Sabemos e queremos estabelecer realmente a comunicação?
- Quando estabeleço a comunicação há coerência entre os meus objectivos e as minhas motivações?
- Sou coerente com aquilo que penso e digo?
- Qual a importância da informação a emitir?
- Será que a minha mensagem não é ambígua?
- Qual o impacto afectivo da minha mensagem?
- Reconheço e aceito o meio sociocultural dos jovens com quem estabeleço contacto?
- O conteúdo e o estilo serão os mais apropriados?
- Os/as jovens estão em condições de me ouvir e decodificar a mensagem?
- É o melhor momento para eu estabelecer o contacto?
- Momento e conteúdos estão em consonância?

Apêndice XIII

Notas de Terreno da Escola

Nota de Terreno 21

23 de Fevereiro de 2010

No primeiro contacto que tive com a Escola comecei por expor a investigação que estou a realizar e as necessidades que tenho vindo a encontrar na encontrei na Casa da Juventude. A partir do inquérito distribuído aos utentes da Casa da Juventude pudemos concluir que 20% dos inquiridos estudam na Escola Rocha Peixoto. Neste sentido, referi o interesse em articular o Projecto “Espaço Experimental de Mediação Educativa” com o Projecto de mediação que a escola tem para implementação.

Contudo, o Projecto da Escola ainda não saiu do papel. Sendo assim, a Professora Ana disse que talvez fosse interessante aplicá-lo de forma "experimental" numa ou duas turmas da Escola e articular de alguma forma (que não estou a ver qual) com a Casa. Referi que se fosse um processo moroso não tinha interesse visto eu já estar atrasada.

A reunião com a Prof. Ana Figueiredo, a coordenadora do projecto de mediação da Escola Rocha Peixoto, permitiu perceber o projecto que a escola tem em vista implementar chamado de “Mediação e Gestão de Conflito” que surge no sentido de evitar processos disciplinares e castigos.

A receptividade da professora com a articulação do gabinete de mediação com a Casa da Juventude foi notória. Contudo, a urgência é alguma da minha parte.

Nota de Terreno 22

26 de Fevereiro de 2010

O meu trabalho será intervir nos dois sítios, através de diferentes mediações. Penso que seria uma boa experiência no sentido de que poderia experimentar na prática dois tipos de mediação e dois públicos totalmente diferentes, onde um deles é tido como "normal" e outro como problemático.

A problemática central do trabalho será estabelecer um diálogo entre duas instituições educativas, uma formal e outra não formal, e o modo como se podem articular.

Nota de Terreno 23

26 de Fevereiro de 2010

Notícia de que o Conselho Directivo da Escola Rocha Peixoto aprovou o meu projecto.

Necessidade de realizar um protocolo entre a faculdade e a escola, contudo tal não implica que eu não comece já a intervir.

Mas não estou a pedir para quebrar o protocolo feito com a Casa, longe disso. O meu trabalho seria intervir nos dois sítios, através de diferentes mediações. Penso que seria uma boa experiência no sentido de que poderia experimentar na prática dois tipos de mediação e dois públicos totalmente diferentes, onde um deles é tido como "normal" e outro como problemático.

Iria repartir o tempo, por exemplo, dois dias por semana num sítio e os outros dois noutro. Já ando a falar com a Dr.^a Luísa no que refere à intervenção na Casa e ela disse que ia tratar do folheto. Em princípio para a próxima semana já devo começar o Projecto na Casa.

Nota de Terreno 24

01 de Março de 2010

Reunião com a Prof. Ana Figueiredo e com a Psicóloga da Escola Dr^a Beatriz que consistiu numa definição e articulação do trabalho a efectuar na escola com os serviços que esta disponibiliza.

Como qualquer Projecto este não foi diferente e não correu sem constrangimentos...

Como por exemplo a questão do papel do Psicólogo e do Mediador se fundir.

Constrangimentos do papel do mediador e do psicólogo pois colocou-se a questão de a estagiária não ser uma Profissional creditada. Contudo, apesar da inexistência de prática no terreno, a verdade é que possuo um a Licenciatura.

Após a realização do pedido de autorização aos Encarregados de educação da respectiva turma do 8ºano foi chegada a altura de intervir com a turma.

Nota de Terreno 25

5 de Março de 2010

Elaboração do pedido de autorização aos Encarregados de Educação.

Caracterização da turma:

2 alunos do Ensino Especial com apoio

2 alunos que frequentam o serviço de psicologia da escola pois referem ser alunos sem objectivos

1 AOPE (Brasil)

5 alunos repetentes; 2 alunos que pela segunda vez frequentam o 8ºano

A Professora refere que o objectivo dos dois repetentes transitarem para o 8ºano foi com o objectivo de os incentivar a continuar os estudos e porque não era benéfico para o aluno reprovar. A intenção de “escoar da escola”.

Nota de Terreno 26

09 de Março de 2010

O primeiro dia na aula de Formação Cívica. Estando na companhia da Professora Ana de Bem, professora de Matemática e Directora de Turma, começamos por fazer uma breve apresentação do meu projecto e do meu papel na escola. Os alunos receberam-me com algum entusiasmo ensurdecador, bem presente nesta turma.

De forma a familiarizar-me com a turma optei por uma dinâmica de grupo divertida onde os alunos se sentissem à vontade com a minha presença, para eles estranha. Assim, a dinâmica utilizada foi “o mestre”. Os alunos tiveram de escolher uma pessoa para ser o “adivinhador” que teria de sair da sala de aula. De seguida os restantes alunos escolheram um “mestre” para ser ele a orientar a turma através de movimentos e mímicas, que podiam ser repetidos de maneira rítmica. Tudo que o mestre fizesse ou disse-se, todos tinham de imitar. O “adivinhador” tinha duas hipóteses para descobrir quem era o “mestre”. Se o “adivinhador” não acerta-se o quem era o mestre, este substituí-a o seu lugar.

O objectivo foi desenvolver a criatividade, a socialização, a desinibição e a coordenação da turma.

Neste dia foi possível conhecer a turma e dar a conhecer o trabalho que iria desenvolver.

Nota de Terreno 27

16 de Março de 2010

Pirâmide das necessidades

Após a constituição dos grupos, foi entregue a cada grupo a pirâmide das necessidades de Maslow em branco que se baseia que cada ser humano esforça-se para satisfazer necessidades escalonadas que se satisfazem dos níveis inferiores aos superiores. Os alunos tiveram de preencher os pontos em branco, tendo em conta quais as necessidades que o grupo considerava, na sua perspectiva, mais e menos importante. Portanto, os alunos tiveram de chegar a um acordo em relação à ordem a adoptar.

Partimos do pressuposto que a ordem considerada correcta seria aquela que a Teoria de Maslow defende, sendo ela: 1º Fisiologia; 2º Segurança; 3º Amor e Relacionamento; 4º estima; e 5º realização pessoal.

Conclui-se que a ordem adoptada por vários grupos foi a seguinte:

1º Fisiologia; 2º Amor e Relacionamento; 3º Segurança; 4º Estima; 5º Realização Pessoal. Ora aqui percebemos que o problema assinalado por vários grupos foi no 2º patamar que, segundo esta teoria a “segurança” é a necessidade defendida e segundo a escolha de alguns elementos da turma em 2º lugar deveria estar “o amor e o relacionamento”. Neste sentido, podemos concluir que

Com unanimidade a turma defendeu que as necessidades fisiológicas nascem com o homem, e as outras adquirem-se com o tempo na medida em que as pessoas conseguem controlar ou satisfazer suas necessidades básicas, vão surgindo as de ordem superior.

Também de notar que os alunos referem que as necessidades básicas satisfazem-se num tempo relativamente mais curto que as superiores. No entanto a motivação é um aspecto importante pois as pessoas serão motivadas pelas necessidades que mais importância tem para elas.

Por conseguinte, que as opções escolhidas porque cada grupo tinham valor e peso caso justificassem devidamente essa mesma escolha. Portanto, caso a ordem adoptada não fosse igual aquela defendida pela Teoria de Maslow o posicionamento de cada necessidade poderia também ser considerado certo e aceite. Alguns elementos da turma justificaram as suas escolhas com a seguinte afirmação: “nem todas as pessoas são iguais, por isso o que é uma necessidade para uma pessoa, pode não ser para outra.”;

Nota de Terreno 28

23 de Março de 2010

Em conjunto com a docente da disciplina achamos que seria interessante aplicar um jogo/actividade bastante conhecida e utilizada principalmente em entrevistas de emprego: “O Abrigo Subterrâneo”. O objectivo seria reflectir sobre a influência dos nossos conceitos, valores e como agimos diante de uma decisão de muito risco.

O poder de persuasão e influência por parte de alguns jovens foi uma estratégia utilizada para influenciar na escolha de uma afirmação.

O respeito pelos valores pessoais, preconceito e o pré-conceito são

Consequentemente, é evidente o grau de liderança, a forma de persuadir ou intervir que alguns alunos exercem no grupo, bem como a flexibilidade e a capacidade criativa que utilizam para combater a discórdia. Estas são algumas estratégias de

negociação que muitos alunos utilizaram como forma de resolução de problemas e obtenção de poder na tomada de decisão.

Comentarios de alguns e algumas alunos/as:

“o homossexual não pode entrar no abrigo porque não é uma pessoa normal.”

“o homossexual não entra porque tem gostos e pensamentos um bocado estranhos.”

Nota de Terreno 29

13 de Abril de 2010

Foi apresentado à tua a seguinte situação:

“Imaginem que chegaram a uma casa na montanha, isolada a 200km da vila mais próxima e vão aí permanecer durante uma semana. O único meio de transporte possível é um autocarro que passa de dois em dois dias nessa localidade e cuja a ligação com a vila mais próxima demora cerca de 4 horas.”

De seguida foram colocadas as seguintes questões:

- Quem vai tratar das refeições?
- Quem devia tratar da arrumação da casa e da limpeza da roupa?
- Que tratamento darão ao lixo?
- Quem se deslocará à vila mais próxima no caso de ser necessário (ex.: comprar medicamentos)?

Após alguns minutos para o diálogo verificou-se que na maioria dos grupos a distribuição das tarefas foi feita em função do sexo. Por conseguinte, noutros grupos a atribuição das tarefas foi feita ao acaso, ou também através do sistema rotativo.

É patente o desinteresse mostrado por alguns dos alunos da turma de cada, estes membros ocupam um maior autoritarismo e capacidade de influência na turma, manifestada através de comentários impróprios, desagradáveis e até mal-educados.

Começa-se a perceber que a indisciplina é um dos principais problemas da turma e aquele com o qual a professora se debate todas as aulas.

“O controlo do comportamento sem punição é uma meta quase impossível de alcançar” refere a professora. Refere que já recorreu a uma panóplia de estratégias como: o apelo às regras, do falar baixinho com o aluno ou de uma conversa particular, ou ainda de um diálogo com toda a turma; enveredar pela advertência e imposição; aproximar-se dele e/ou usar contacto físico; utilização de linguagem gestual; mudar o tom de voz ou fazer silêncio; ironizar com a situação; ameaçar, etc.

Nota de Terreno 30

20 de Abril de 2010

Hoje o tema escolhido para debate foram: o futuro e as profissões. Escolhemos este tema pois uma das características desta turma apontada pela professora é a falta de ambição que os alunos mostram em relação ao seu futuro. O objectivo desta actividade foi informar os/as jovens das diversas profissões existentes na nossa sociedade e reflectir sobre as metas e expectativas pessoais de cada jovem, tentando se possível orientá-los para perspectivar os seus projectos de vida profissional

A turma começou logo de início por mostrar a sua insatisfação na realização da actividade devido ao facto de esta ser uma actividade individual e que, como alguns alunos referiram “isto faz pensar não gosto!”

Devido ao mau comportamento de um aluno a expulsão da sala de aula para a biblioteca da escola foi o local e o meio escolhido para, na minha perspectiva a Professora se impor perante a sua indisciplina de forma a encontrar a solução para a sua falta de autoridade com o aluno. Mais tarde viemos a saber através da funcionária que “o aluno não esteve na biblioteca, acho que foi embora!”

Por vezes verifica-se que a Professora em vez de ir progressivamente conquistando a turma na sua disciplina, começa por ser radical ao ponto de recorrer à expulsão como forma de intervenção. O estímulo a comportamentos adequados não acontece talvez pelo cansaço da docente, e portanto a estratégia utilizada acaba por ser mais impositiva.

Após o preenchimento de uma seta que caracterizava o futuro e a qual os alunos tiveram de preencher foi entregue a cada aluno um cartão alusivo a uma profissão justificando “porquê que se vê nesta profissão” ou “porquê que não se vê nesta profissão”. Neste momento de entrega dos cartões foi bastante interessante verificar que os alunos mostraram renúncia de algumas profissões pois ou porque a profissão retirada ao acaso não correspondia ao sexo do aluno, por exemplo de sair a um aluno a profissão de cabeleireira; ou a uma rapariga de polícia. Este foi o primeiro tópico a salientar da actividade: o prestígio atribuído a determinadas profissões.

“isso é para mulheres, não quero deixe-me tirar outra” (rapaz)

Este facto dos alunos se verem “obrigados” a encarnar uma profissão e terem de justificar o porquê de se verem ou não nesta profissão permitiu conhecer os seus valores pessoais e, também, conhecer os valores dos seus colegas de turma.

Podemos concluir através de alguns comentários que os alunos tendem a reconhecer o trabalho como uma forma de auto-afirmação.

“eu vou para bailarina profissional porque já faço dança há muito tempo e tenho jeito”

“eu quero ser policia porque tenho força e imponho respeito”

Nota de Terreno 31

27 de Abril de 2010

Como não conseguimos acabar a actividade iniciada na ultima aula de Formação cívica e como alguns alunos não tiveram oportunidade de expor as suas ambições achei pertinente continuar a actividade das profissões, também como forma de mostrar que não é a partir da e desinteresse mostrado por parte de alguns alunos, que vamos dar a actividade como finalizada.

A ausência de disciplina e hábitos sociais, como saber-estar são aspectos bem presentes na turma. É quase inevitável recorrer ao autoritarismo, através do aumento do tom de voz, pois os alunos teimam em manter o “caos” constante na sala de aula.

De concluir que 10% das alunas pretende seguir o conservatório e 30% dos alunos ingressar no ensino superior como forma de ter um emprego estável. Tirar a carta de condução também é um objectivo apontado por alguns jovens assim como ter um emprego.

O simples facto de deixar a sala, com as respectivas mesas e cadeira arrumada, é uma atitude que os alunos mostram e pelo que pude observar não são sensibilizados para isso por parte da docente.

No final da aula a Professora refere que esta é uma turma problemática em termos de regras e de comportamento. Os/as Jovens não são muito empenhados no estudo, os pais participam pouco na educação deles, cerca de 50% dos pais se preocupam, vindo à escola para ver o resultado dos/das Jovens. Os outros 50% não aparecem sequer. Portanto limitam-se a trabalhar e a mandar os filhos para a escola.

Nota de Terreno 32

4 de Maio de 2010

A intervenção da Professora tem-se pautado sobretudo pela vigilância.

Devido à ocorrência de sistemáticos episódios de falta de educação e falta de respeito como por exemplo jogos de pares com as mãos, achei que seria interessante abordar o conceito de cidadania e dos valores de cidadania democrática. Comecei por apresentar um *power-point* estruturado antecipadamente onde abordava o conceito de cidadania, democracia e alguns valores de cidadania democrática, pedindo a colaboração dos alunos na leitura de cada diapositivo. Como não podia deixar de ser, a capacidade de *saber-ouvir* os colegas não é uma qualidade que esta turma apresenta. Foi necessária a intervenção da Professora para que se gera-se o respeito pelos colegas.

Inexistência de uma consciência cidadã e cidadão crítico.

Se pensarmos que a cidadania baseia-se nos deveres e direitos que toda pessoa tem de forma inata, como sustenta a afirmação da Declaração Universal dos Direitos Humanos no artigo I: "todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos...", então devemos reconhecer que eles são direitos sociais e direitos culturais.

No que respeita à gestão da sala de aula o excesso de alunos na sala de aula (28 alunos no total) dificulta bastante o papel do professor em manter a ordem e a prevenção da indisciplina. A sobrecarga de trabalho foi também um aspecto enfatizado pela professora.

Estratégias específicas desde o início da minha intervenção, foram tidas em conta, tais como: estruturar o início da aula; estratégias de motivação e manutenção do interesse do grupo turma; estratégias para manter um ritmo adequado de aula; estratégias de vigilância e controlo dos comportamentos; estratégias conducentes a relações interpessoais positivas.

Penso que estas são algumas estratégias prévias para a condução das actividades em sala de aula, determinantes para o sucesso, contudo não bastam. É necessário,

A motivação e manutenção do interesse do grupo turma que, ao evitar a saturação e aborrecimento dos alunos, evita correr riscos de os alunos desmotivados se tornarem desviantes.

Esta diversidade, evidencia a complexidade da gestão da vida na aula e a necessidade de procedimentos conjugados na abordagem à gestão da aula para prevenção da indisciplina

Conforme Perrenoud (1999)¹ qualquer situação que resulte na fragmentação do tempo e nas intervenções do professor, interfere na regulação das aprendizagens, comprometendo a qualidade do trabalho individualizado e diferenciado.

Estratégias:

“Transmitir uma imagem de autoridade e organização, consubstanciada em atitudes de firmeza e segurança, consistência, intervenção pronta face a comportamentos de indisciplina; distanciamento dos alunos conseguida através de uma postura mais séria; estabelecimento de regras que regulem aspectos diversos da vida da aula como as deslocações, a comunicação, as relações interpessoais, o material, as convenções sociais; utilização de actividades em que se trabalhe com toda a turma e não em grupos, por facilitar a aprendizagem de comportamentos e procedimentos adequados e permitir maior controlo. Tentei não personalizar a relação com os alunos tendo uma postura e atitude igual para todos.”

Utilizar uma linguagem clara e acessível.

O facto da Professora da disciplina ser também Professora de Matemática onde inclusive também dá aula no mesmo dia que a disciplina de Formação Cívica, e também pelo facto de ter o cargo de Directora de Turma penso que não estimula a atenção nem a motivação dos alunos.

Estimular o comportamento adequado poderá envolver, por exemplo, reforço de comportamentos adequados através de uma boa relação professor-aluno é um importante trunfo na gestão da sala de aula.

Nota de Terreno 33

11 de Maio de 2010

Continuação da actividade realizada na sessão anterior sobre a temática dos “Valores de Cidadania Democrática”.

Apresentação de um vídeo²

¹ PERRENOUD, P. (1999) “Avaliação, da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas.” Porto Alegre: Artes Médicas.

² <http://www.youtube.com/watch?v=CWUtywfwMw&feature=related>

Chamada de atenção por parte da professora à turma da falta de respeito e consideração mostrada pelos alunos para com o meu trabalho. Os alunos mostraram-se admirados e surpresos com a intervenção da professora, prova disso foi que alguns alunos dirigiram-se a mim pedindo “desculpas” pelo seu mau comportamento. Esta consciência do comportamento inadequado mostra, a meu ver algum crescimento por parte dos jovens.

Nota de Terreno 34

18 de Maio de 2010

Dia da Escola (não houve aula)

Conversa informal com a Professora

A docente refere a necessidade da escola apostar em profissionais da área das Ciências da Educação porque, por exemplo os professores são postos a dar formação cívica e não quer dizer que os professores tenham formação; cada um tem a sua formação, na realidade o que eu transmito na aula de formação cívica é a minha formação pessoal e o que eu faço na minha turma não vai ser o que vai fazer a outra Professora. Cada um tem a sua formação. O resto é a Escola a trabalhar, se a escola pudesse, lá está criar a tal história da mediação de conflitos, seria ótimo! ...mais tarde aqueles pequenos conflitos que eles às vezes não sabem resolver, que é característico da sociedade de hoje, se houvesse alguém com uma formação, o mediador, para ajudar a explicar e a dizer: isso aconteceu mas tens que ouvir uma segunda opinião ou a versão do teu colega; mais tarde em termos futuros, ia demorar uns anos mas eu acho que ia ser muito bom para o futuro.

Apêndice XIV

Fotografias de algumas actividades

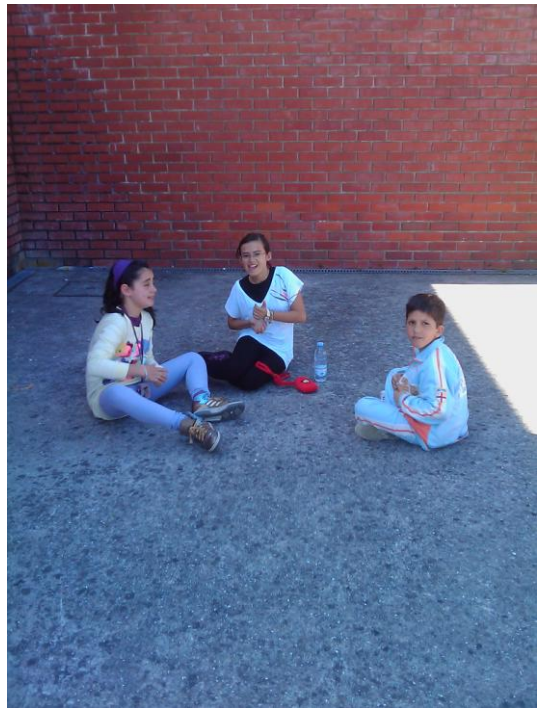
Interacções no contexto de Espaço da Sala

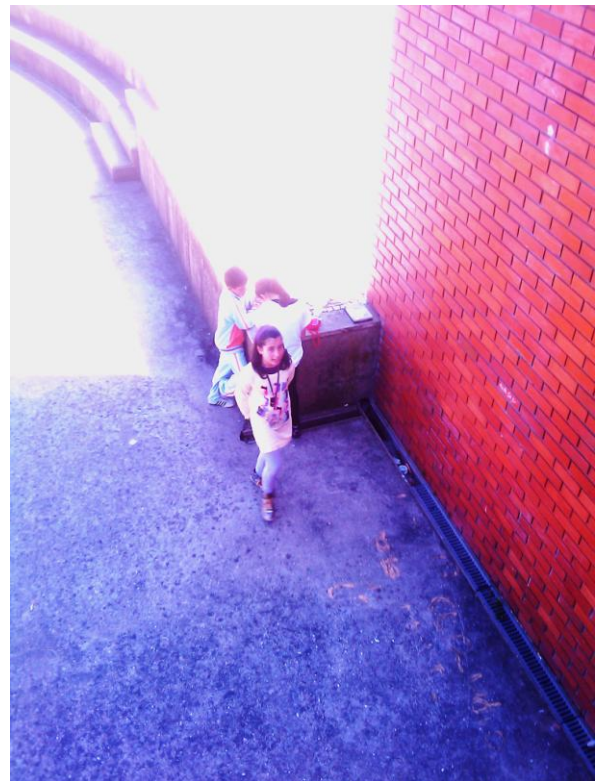




Actividades ao Ar livre





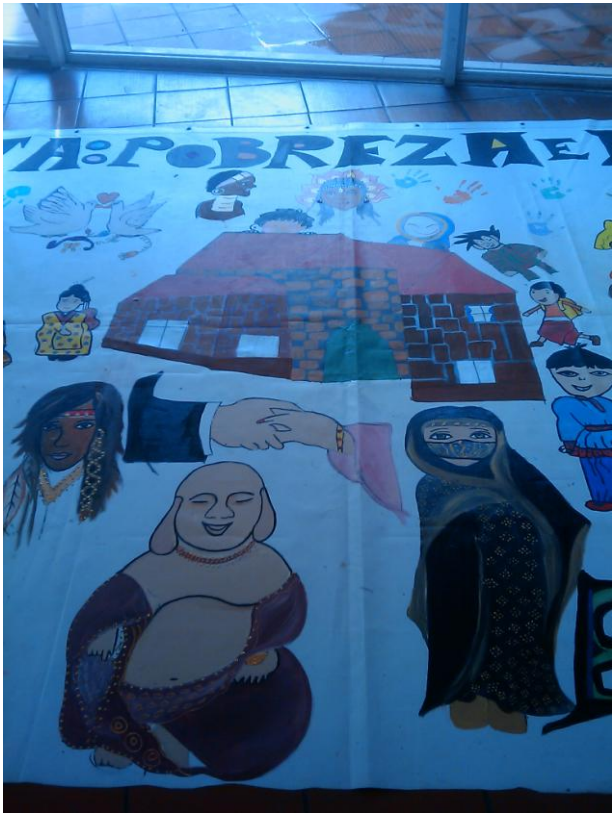


[illegible]









Actividade sobre Alimentação



Actividade sobre Reciclagem



ANEXOS

Anexo I

Caracterização do Agrupamento Habitacional

Caracterização do Agrupamento Habitacional

O Agrupamento Habitacional de _____ surge no Concelho _____, por se ter constatado que existia um elevado número de famílias com várias carências habitacionais.

Composto por cinco blocos pré- fabricados em betão, de cor avermelhada, num total de 160 fogos em regime de arrendamento social, na sua maioria de tipologia T2 e T3. Os dois primeiros blocos foram construídos em 1984 e os três últimos em 1986.

A sua gestão foi transferida do IGAPHE (Instituto de Gestão e Alienação do Património Habitacional do Estado) para esta autarquia, em Março de 1996, no âmbito do Acordo Geral de Adesão da Câmara Municipal ao Programa Especial de Realojamento.

No mesmo agrupamento, foram construídos mais oito blocos, desde 1989 a 1995, pintados de cor bege, num total de 256 fogos, colocados à venda a custos controlados, por concurso público.

O conjunto de fogos em regime de arrendamento social e de proprietários convivem de uma forma desagregada, consequência de diferenças culturais, sociais e mesmo físicas.

Estas características tornam-se factores importantes de desagregação, pela existência de algumas famílias de etnia cigana e outras totalmente desenraizadas oriundas de meios rurais, piscatórios, ex-colónias, realojadas no parque de arrendamento e ainda a própria cor dos blocos, constitui um factor de discriminação e desintegração destas famílias residentes no referido núcleo habitacional.

Desta forma, tornou-se necessário desenvolver um programa de intervenção comunitária dirigido, à inserção social e profissional dos indivíduos, procedendo ao seu acompanhamento, no sentido de criar condições para uma plena integração, a fim de assumirem uma atitude de autoresponsabilização no combate aos problemas de desemprego e de inserção profissional.

Assim se justifica o facto do Agrupamento Habitacional, ser alvo, do projecto “Ser Criança no Bairro” criado pelo Ministério da Solidariedade e Segurança Social co-financiado pela Direcção Geral da Acção Social e actualmente com o projecto “Dinamização dos Gabinetes de Acção social”, objecto de candidatura ao Eixo 5 Acção 5.1, co-financiado pelo Fundo Social Europeu e Estado Português.

Desde sempre, a nossa autarquia mostrou vontade em atenuar os problemas aos mais diversos níveis das populações realojadas, evitando assim, situações de desenraizamento, exclusão social e de segregação socio-espacial, tendo em vista a necessidade de combater as causas profundas das diversas doenças sociais desta comunidade, sendo no âmbito do projecto acima mencionado, o combate ao desemprego, às baixas qualificações dos jovens, ao chamado emprego precário e aos desempregados de longa duração.

A freguesia e o concelho constituem espaços privilegiados para o desenvolvimento de projectos reconhecidos por todos. Patente fica o interesse e o cuidado que a Câmara Municipal coloca nestas temáticas e na possível resolução de problemas a serem identificados, conduzindo-nos a uma compreensão directa e imediata destas realidades.

Este agrupamento habitacional como apresentava várias patologias, quer motivadas pela idade do núcleo, quer pelas características da construção e ainda pelos hábitos habitacionais instalados, a autarquia candidatou-se em 2006 ao Programa PROHABITA – Programa de Financiamento para acesso à habitação, que visa a resolução de situações de grave carência habitacional de agregados familiares, e concretamente neste agrupamento, “a realização de obras de reabilitação de prédios ou fracções autónomas de prédios devolutos ou arrendados em regime de renda apoiada ou em regime de renda social de que os beneficiários sejam proprietários ou sobre os quais detenham um direito de superfície constituído por uma entidade pública,...”alínea d) do artigo 11º do DL nº 135/2004 de 3 de Junho. O valor do investimento foi de €1.555.412,73 (acresce IVA).

Na requalificação do agrupamento habitacional, privilegiou-se essencialmente a reparação das fachadas e coberturas, as partes comuns interiores, onde se pintaram paredes e tectos, substituíram-se as portas de entrada do prédio, caixas de correio, campainhas e intercomunicadores, bem como, o sistema de recepção de sinal de TV.

Anexo II

Projecto Curricular de Turma 2009/2010

PROJECTO CURRICULAR DE TURMA

ÍNDICE

- Introdução
- Finalidades e Objectivos do Projecto
- Caracterização da Turma
- Identificação de Problemas e Definição de Prioridades
- Estratégia Educativa Global
- Planificação das aprendizagens

INTRODUÇÃO

O projecto curricular de turma faz parte do plano de trabalho da turma e deve integrar estratégias de diferenciação pedagógica e de adequação curricular para o contexto da turma, cujo objectivo é promover a melhoria das condições de aprendizagem e a articulação escola-família.

Este projecto visa contribuir para as aprendizagens dos alunos da turma, sendo organizado e gerido adequadamente às suas necessidades, de modo a contribuir para o desenvolvimento das competências gerais do ensino básico.

A gestão pedagógica entre docentes, do Conselho de Turma, tem por base um trabalho a partir do conjunto dos alunos concretos da turma, onde a partilha da sequencialização dos diversos saberes contribui para que os alunos adquiram uma aprendizagem significativa; a diferenciação no processo ensino-aprendizagem incide na reflexão sobre a articulação de procedimentos e métodos de trabalho conducentes a um trabalho interdisciplinar e o envolvimento dos alunos em novas aprendizagens, pesquisas e projectos leva ao sucesso educativo.

FINALIDADES E OBJECTIVOS DO PROJECTO

1.Finalidades:

O Projecto Curricular da Turma B do 8º ano tem as seguintes finalidades:

- ▶ Promover o trabalho em equipa dos professores da turma;
- ▶ Centrar a acção educativa na aprendizagem dos alunos;
- ▶ Promover a coordenação do processo de ensino-aprendizagem
- ▶ Estabelecer uma linha de actuação comum dos professores da turma em todos os domínios;
- ▶ Facilitar a articulação horizontal dos conteúdos do ensino e a integração dos saberes;
- ▶ Adequar as estratégias de ensino às características dos alunos, explorando as suas motivações e interesses.

2.Objectivos:

Pretende-se, no presente projecto curricular de turma, promover nos alunos o interesse pela vida escolar, como meio lúdico-pedagógico que conduz à assimilação de saberes, direitos e deveres, permitindo construírem-se como pessoas civicamente responsáveis, criativas e tolerantes. Ambiciona-se, deste modo, atingir os objectivos que se seguem:

- ▶ Construir e tomar consciência da sua identidade pessoal e social;
- ▶ Participar na vida cívica de forma livre, responsável e solidária;
- ▶ Respeitar e valorizar a diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções;
- ▶ Valorizar as diferentes formas de conhecimento, comunicação e expressão;
- ▶ Desenvolver a curiosidade intelectual, o gosto pelo saber, pelo trabalho e pelo estudo;
- ▶ Valorizar as dimensões relacionais de aprendizagem e os princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros.

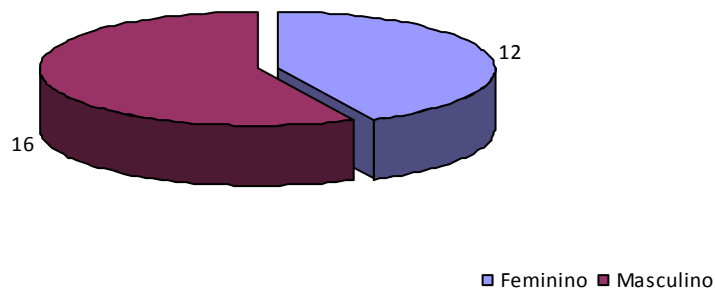
CARACTERIZAÇÃO DA TURMA

HORÁRIO

HORAS		SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Início	Termo					
8h25	9h55	Geografia	Matemática	C.F.Q/ C.N	Esp./ Francês	Matemática
10h10	11h40	L.Portuguesa	Inglês	E.acomp.	História	E.Visual
11h50	13h20	Inglês	História/ FCívica	Matem. /E.F.	L.Portuguesa	C.F.Q/C.N
13h40	15h10					
15h20	16h50			EMRC		
17h05	18h35			A.P.	E.T./E.Art.	E.F.

- Número de alunos/Distribuição por sexo

A turma era constituída por 28 alunos, sendo 12 do sexo feminino e 16 do sexo masculino.



- Idades

No que respeita às idades, estas compreendem-se entre os 12 e os 15 anos:

- Local de residência dos alunos

A maioria dos alunos reside na cidade, havendo alguns que habitam em freguesias diferentes.

CONSTITUIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

- Número de irmãos

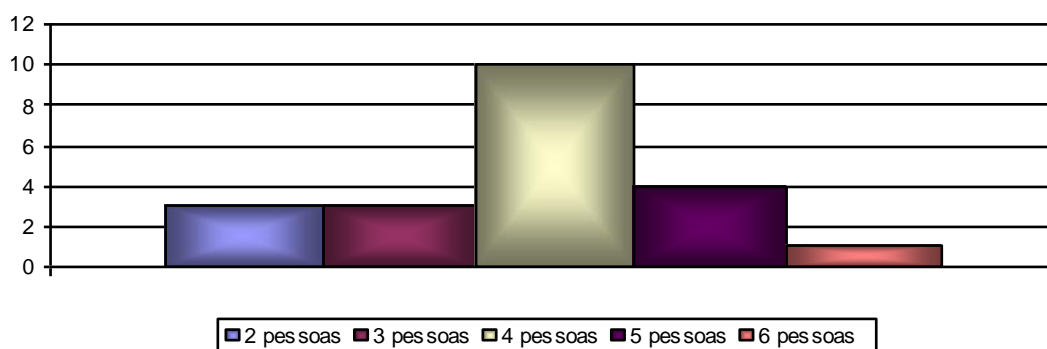
Em relação à composição do agregado familiar e ao número de irmãos temos

Número de irmãos		
0	1	2
11%	67%	22%

- Número de pessoas que constituem o agregado familiar

O agregado familiar é constituído, no geral, por 4 elementos, o aluno, o pai, a mãe e a(o) irmã(o), havendo algumas excepções, caso de alunos que habitam apenas com a mãe, pelo facto de terem o pai ausente (trabalho ou separados) e poucos casos em que aos pais e irmãos se juntam os avós.

Nº DE PESSOAS QUE CONSTITUEM O AGREGADO FAMILIAR



- Idades dos Pais

A idade dos pais é muito variada, situa-se entre os 33 e os 53 anos.

- Habilitações literárias dos Pais

As habilitações literárias da maioria dos pais e das mães corresponde, na melhor das hipóteses, ao 6º ano, em alguns casos ao 9ºano, em poucos casos ao 12º ano. A escolaridade máxima registada corresponde ao grau de licenciatura que ocorre em apenas alguns pais.

- Encarregado de educação

Os Encarregados de Educação são, na sua maioria, as mães (24), havendo apenas 4 alunos em que é o pai.

- Subsídios escolares

Dos vinte e oito alunos que constituem a turma, 12 beneficiam de subsídio escolar.

- Não transitaram

No que diz respeito à não transição, apenas o aluno número 14, João Lopes não transitou para o 8º ano, tendo sido acompanhado pelo SPO da escola, foi encaminhado para um CEF- na escola EB23, para um curso de jardinagem.

- Transferidos

A aluna nº 2, foi transferido para um curso CEF a 15 de Janeiro de 2010, tendo apenas frequentado a escola no 1º período.

A aluna nº 13, foi também transferida para outra escola, por motivos familiares a 10 de Fevereiro de 2010.

- Aulas de apoio

Ao longo do seu percurso escolar apenas alguns alunos beneficiaram de aulas de apoio na disciplina de Matemática.

- Alunos NEE

O aluno X, integrado no Ensino Especial (NEE) e acompanhado pelo SPO, teve apoio a Português, Inglês e Tutoria.

O aluno Y, integrado no Ensino especial (NEE) e acompanhado pelo SPO, teve apoio a Português e Matemática, tendo sido excluído deste apoio, por falta de assiduidade e por diversas vezes sido alertado para este facto a encarregada de educação.

- Planos de recuperação

Dos vinte e oito alunos, 3 tinham plano de acompanhamento e no final do 1º período mais 8 alunos tiveram plano de recuperação por terem mais de três níveis inferiores a três.

- Sanções disciplinares

Alguns alunos tiveram várias advertências e participações disciplinares, pelo seu comportamento. Assim, como medidas correctivas foram aplicadas as seguintes penas:

Alunos	Pena disciplinar
Nº 4	2d susp + 1d act. Cívica + 1d susp
Nº 5	1 Tarde sala de estudo trabalho avaliado
Nº 14	2d susp + 1d act. Cívica + 3d susp
Nº 16	1d susp + 1d act. Cívica + 1d susp
Nº 17	2d trabalho cívico
Nº 20	1 Tarde sala de estudo trabalho avaliado
Nº 22	1d trabalho cívico
Nº 23	1d trabalho cívico
Nº 27	1d trabalho cívico

IDENTIFICAÇÃO DE PROBLEMAS E DEFINIÇÃO DE PRIORIDADES

1. Identificação de Problemas / Dificuldades:

Através da caracterização geral da turma verifica-se que é uma turma heterogénea, composta por dois grupos com características diferentes. Um grupo constituído por um conjunto de alunos que transitou, que apesar de poucos hábitos de estudo, e de trabalho se esforçaram em atingir os conhecimentos transmitidos pelos professores.

Um outro grupo constituído por alunos mais velhos, que já sofreram retenções, com pouca vontade de estudar, sem saber estar dentro da sala de aula, com resistência ao cumprimento de regras e com poucos objectivos em termos de currículos escolares.

a) Relativamente ao Comportamento da turma:

- ▶ Dificuldades no cumprimento das regras, nomeadamente dentro da sala de aula;
- ▶ Dificuldades de atenção / concentração;
- ▶ Pouca autonomia e sentido de responsabilidade;
- ▶ Reduzida participação nas aulas e/ou participação desorganizada.

b) Relativamente ao Aproveitamento da turma:

- ▶ Ritmos de aprendizagem variados motivados pela existência de um grupo com um percurso escolar difícil e por vezes perturbador;
- ▶ Problemas de organização dos materiais, nomeadamente nos cadernos diários;
- ▶ Não realização dos trabalhos de casa;
- ▶ Pouco raciocínio lógico e /ou abstracto;
- ▶ Ausência de hábitos e métodos de trabalho;
- ▶ Ausência de espírito crítico, sensibilidade e criatividade em relação a algumas temáticas.
- ▶ Pouco acompanhamento por parte dos EE, no sentido de verificar as aprendizagens dos seus educandos e trabalhos de casa.

2. Definição de Prioridades:

Tendo em consideração a caracterização da turma e as dificuldades diagnosticadas, o Conselho de Turma decidiu que se deveria desenvolver prioritariamente as seguintes Competências Gerais:

- ▶ Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.
- ▶ Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio;
- ▶ Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados;
- ▶ Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;
- ▶ Cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns.
- ▶ Incutir regras de conduta e saber estar dentro e fora da sala de aula.

No que diz respeito às Competências Transversais, o Conselho de Turma considerou ser necessário o desenvolvimento de actividades cujo objectivo era promover a operacionalização de todas as Competências Transversais presentes no Currículo Nacional:

COMPETÊNCIAS TRANSVERSAIS	SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM
Métodos de trabalho e de estudo	<ul style="list-style-type: none">• Participar em actividades e aprendizagens, individuais ou colectivas, de acordo com regras estabelecidas.• Identificar, seleccionar e aplicar métodos de trabalho e de estudo.• Expressar dúvidas ou dificuldades.• Analisar a adequação dos métodos de trabalho e de estudo formulando opiniões, sugestões e propondo alterações.
Tratamento de informação	<ul style="list-style-type: none">• Pesquisar, organizar, tratar e produzir informação em função das necessidades, problemas a resolver, dos contextos e situações.
Comunicação	<ul style="list-style-type: none">• Utilizar diferentes formas de comunicação verbal, adequando a utilização do código linguístico aos contextos e às necessidades.• Resolver dificuldades ou enriquecer a comunicação através da comunicação não verbal com aplicação das técnicas e dos apropriados.

Estratégias cognitivas	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar elementos constitutivos das situações problemáticas. • Escolher e aplicar estratégias de resolução. • Explicitar, debater e relacionar a pertinência das soluções encontradas em relação aos problemas e às estratégias adoptadas.
Relacionamento interpessoal e de grupo	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer e actuar de acordo com as normas, regras e critérios de actuação pertinente, de convivência, trabalho, de responsabilização e sentido ético das acções definidas pela comunidade escolar nos seus vários contextos, a começar pela sala de aula.

ESTRATÉGIA EDUCATIVA GLOBAL

1. Estratégias / Actividades desenvolvidas:

Tendo em conta a transversalidade dos saberes e as competências gerais consideradas prioritárias para a turma, os professores seguiram as seguintes estratégias:

COMPETÊNCIAS GERAIS PRIORITÁRIAS PARA A TURMA	ESTRATÉGIAS A DESENVOLVER PELOS PROFESSORES
Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar o pensamento próprio	<ul style="list-style-type: none"> • Promover a identificação e a articulação dos contributos de cada área do saber com vista ao uso correcto da língua portuguesa; • Organizar o ensino valorizando situações de interacção e de expressão oral e escrita que permitam ao aluno intervenções personalizadas, autónomas e críticas; • Rentabilizar os meios de comunicação social e o meio envolvente na aprendizagem da língua portuguesa; • Mobilizar as potencialidades das tecnologias de informação e de comunicação no uso adequado da língua portuguesa.
Adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados	<ul style="list-style-type: none"> • Promover, intencionalmente, na sala de aula e fora dela, actividades dirigidas à expressão e ao esclarecimento de dúvidas e de dificuldades; • Pôr em prática actividades cooperativas de aprendizagem; • Organizar o ensino com base em materiais e recursos diversificados, adequados às diferentes formas de aprendizagem;
Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar o ensino prevendo a pesquisa, selecção e tratamento de informação; • Promover actividades dirigidas a: pesquisa, selecção, organização e interpretação de informação; • Prever a utilização de fontes de informação diversas e de tecnologias de informação e comunicação.

Adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões	<ul style="list-style-type: none"> • Promover actividades que permitam ao aluno fazer escolhas, confrontar pontos de vista e resolver problemas; • Organizar o ensino prevendo a utilização de fontes de informação diversas e das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas; • Estimular a realização de projectos que envolvam a resolução de problemas e a tomada de decisões.
Cooperar com outros em tarefas e projectos comuns	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar o ensino prevendo e orientando a execução de actividades individuais, de pares, de grupo e colectivas; • Propiciar situações de aprendizagem conducentes à promoção da auto-estima e da autoconfiança.

Além das estratégias acima definidas, o Conselho de Turma decidiu que, sempre que possível, iria ter em conta as seguintes Linhas Orientadoras do Trabalho Pedagógico a desenvolver junto dos elementos da turma, no sentido da resolução dos seus problemas e na superação das suas dificuldades:

a) Relativamente ao Comportamento:

- ▶ Dar maior atenção aos aspectos comportamentais, começando pela entrada e saída da sala de aula;
- ▶ Definição, pelos alunos, das regras de funcionamento na sala de aula que todos deverão cumprir;
- ▶ Proporcionar aos alunos situações que lhes permitam desenvolver o espírito de cooperação, solidariedade, compreensão, amizade e respeito;
- ▶ Estimular o desenvolvimento do espírito crítico e do sentido de justiça na apreciação de si próprio e dos outros;
- ▶ Sensibilizar os alunos e os responsáveis pela sua educação para a importância do conhecimento e cultura escolares numa futura integração escolar.

b) Relativamente ao Aproveitamento:

- ▶ Incentivar a utilização da biblioteca;
- ▶ Identificar os alunos que necessitem de aulas de apoio nas disciplinas;
- ▶ Produzir com maior frequência exercícios práticos de expressão escrita e dar uma maior valorização à participação oral;
- ▶ Apoiar individualmente, sempre que possível, os alunos com mais dificuldades. Tentar, para este efeito, maximizar os recursos existentes;
- ▶ Incentivar e valorizar os hábitos e métodos de trabalho, a organização e os trabalhos de casa, reforçando igualmente o controlo dos trabalhos de casa e dos cadernos diários;
- ▶ Dar maior valorização à participação (oral) dos alunos na sala de aula;
- ▶ Recorrer ao “reforço positivo”, elogiando ou valorizando respostas e determinadas atitudes, principalmente dos alunos mais inseguros;
- ▶ Valorizar a iniciativa e a curiosidade demonstradas, pela realização de experiências e trabalhos de pesquisa;
- ▶ Prestar mais atenção e valorizar o trabalho dos alunos, articulando alguns conteúdos curriculares com os seus interesses;
- ▶ Realizar, sempre que possível, fichas formativas no final de cada unidade temática, nas aulas da própria disciplina, ou nas aulas de Estudo Acompanhado.

2. Uniformização de Critérios de actuação dos professores:

- ▶ Utilizar, desde o início, o máximo rigor nas questões relacionadas com a pontualidade
- ▶ Estabelecer com o Director de Turma uma permanente comunicação de modo a que esta possa actuar atempadamente;
- ▶ Utilizar, desde o início, um misto de firmeza e respeito para com os alunos de modo a que se evitem problemas disciplinares desnecessários;
- ▶ Utilizar sempre os procedimentos habituais na escola em situações de carácter disciplinar: repreensão, marcação de falta disciplinar e recurso a uma actividade no âmbito da disciplina que ocupe o aluno durante o período da aula, a realizar na Sala de estudo. Esta situação deverá ser comunicada, sempre, por escrito, à Directora de Turma.
- ▶ Alertar para a limpeza e arrumação da sala, chamando a atenção dos alunos sempre que necessário.

3. Critérios de Avaliação a Privilegiar:

a) Domínio Cognitivo:

- ▶ Resultados nas fichas de avaliação (valorizar a avaliação formativa e realizar, no mínimo dois momentos de avaliação sumativa, por período);
- ▶ Participação nas aulas;
- ▶ Capacidade de pesquisar, seleccionar e interpretar informação;
- ▶ Áreas Curriculares não disciplinares (Estudo Acompanhado, Formação Cívica e Área de Projecto).

b) Competências evidenciadas na Língua Materna:

- ▶ Expressão oral e escrita;
- ▶ Compreensão e interpretação de textos / documentos;
- ▶ Distinção entre ideias essenciais e ideias acessórias.

c) Hábitos e Métodos de Estudo:

- ▶ Organização;
- ▶ Caderno diário;
- ▶ Material escolar;
- ▶ Trabalho de casa;
- ▶ Trabalhos individuais, de pares e/ou de grupo;

d) Atitudes e Valores:

- ▶ Integração na turma e na escola;
- ▶ Atenção / concentração na aula;
- ▶ Interesse, curiosidade, criatividade e empenho;
- ▶ Autonomia / Iniciativa;
- ▶ Sentido de responsabilidade;
- ▶ Capacidade de avaliação do seu trabalho e do trabalho dos outros (auto e hetero-avaliação);
- ▶ Assiduidade / Pontualidade;
- ▶ Respeito pela escola, pelos colegas, pelos adultos e pela diferença;
- ▶ Espírito de ajuda e espírito crítico.

PLANIFICAÇÃO DAS APRENDIZAGENS

1. Planificação das Áreas Curriculares Não Disciplinares:

As planificações/cronogramas das áreas curriculares não disciplinares foram entregues todos os períodos, ao director de turma nas disciplinas:

- ▶ Estudo Acompanhado;
- ▶ Área de Projecto;
- ▶ Formação Cívica.

2. Planificação das Áreas Curriculares Disciplinares:

As planificações/cronogramas das várias áreas curriculares disciplinares também foram entregues ao director de turma no início de cada período nas disciplinas:

- ▶ Língua Portuguesa;
- ▶ Inglês
- ▶ Francês;
- ▶ Espanhol;
- ▶ História;
- ▶ Geografia;
- ▶ Matemática;
- ▶ Ciências Físico-químicas;
- ▶ Ciências Naturais
- ▶ Educação Visual;
- ▶ Educação Física;
- ▶ Educação Moral Religiosa e Católica;
- ▶ Educação Tecnológica;
- ▶ Educação Artística;

A **Formação Cívica** é um espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida da turma, da escola e da comunidade.

A actividade a desenvolver neste domínio, contará com o apoio de um tempo semanal para sessões de informação e de debate que, entre outros, pode assumir o formato de assembleia de turma, sempre com a presença da directora de turma.

Nestas aulas, e ao longo do 2º e 3º período, a turma participou num trabalho de Mestrado de uma aluna do curso de Ciências da Educação da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Uma vez que este parte deste trabalho consistia num “ensaio pedagógico no âmbito da “Mediação e Gestão de Conflitos”, foram feitas diferentes actividades e trabalhos de grupo, à 3ªFeira, na aula de formação cívica com a presença da directora de turma e também da aluna, Catarina Machado. Era objectivo deste trabalho a prevenção de comportamentos de risco, apoio à gestão de conflitos, de forma a atenuar medidas disciplinares impostas aos jovens em situações de conflito e indisciplina, focalizar a necessidade de mudança nos jovens, através da mediação do conflito como meio para o reconhecimento e mudança de atitudes e desenvolver nos jovens a auto-estima e capacidade para enfrentar os problemas da vida.

Princípios e valores a desenvolver em Formação Cívica:

- A construção e a tomada de consciência da identidade pessoal e social
- A participação na vida cívica de forma livre, responsável, solidária e crítica
- O respeito e a valorização da diversidade dos indivíduos e dos grupos quanto às suas pertenças e opções
- A construção de uma consciência ecológica
- A valorização das dimensões relacionais da aprendizagem e dos princípios éticos que regulam o relacionamento com o saber e com os outros

No espaço da Formação Cívica, o aluno aprende a funcionar de forma democrática:

- Encarar a turma como micro - comunidade que exige regulação própria
- Aprender a funcionar de forma democrática
- A colaborar para fins individuais e colectivos
- A praticar a interdependência positiva
- A resolver conflitos
- A analisar e debater atitudes e comportamentos
- A partilhar sentimentos e expectativas
- A analisar percursos de aprendizagem
- A organizar actividades em comum.

Anexo III

Iniciativa «Estafeta Nacional Pobreza e
Exclusão: Eu Passo!»



Estafeta Nacional ***Pobreza e Exclusão: Eu Passo!***

PARCEIROS

MARÇO 2010



INICIATIVA: Estafeta Nacional **Pobreza e Exclusão: Eu Passo!**

ENQUADRAMENTO

A decisão de instituir o ano de 2010 – Decisão n.º 1098/2008/CE do Parlamento Europeu e do Conselho – como **Ano Europeu do Combate à Pobreza e à Exclusão Social** (www.2010combateapobreza.pt/mensagem.html), adiante designado por AEC PES, cria uma oportunidade única para os vários países da Europa assumirem, como imperativo colectivo, a erradicação da situação de pobreza e exclusão em que ainda vivem muitos milhares de famílias.

Considerando que os objectivos do AEC PES estão em consonância com as linhas estruturantes da política governamental portuguesa para a pobreza e exclusão social, determinou o Governo, através de Resolução do Conselho de Ministros n.º 56/2009, de 9 de Junho, nomear um coordenador nacional responsável pela definição do programa nacional, cujas iniciativas a prosseguir deverão contribuir de forma eficaz para o reconhecimento do direito fundamental das pessoas em situação de pobreza e exclusão social a viver com dignidade e a participar activamente na sociedade.

Para a concretização do Programa Nacional do AEC PES, coordenado pelo Instituto da Segurança Social (ISS) do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e em estreita articulação com o ISS, foram envolvidos parceiros institucionais, em função das suas especificidades, tendo sido atribuído ao **Programa para a Inclusão e Cidadania** (PIEC), criado por Resolução do Conselho de Ministros n.º 79/2009, o desenvolvimento de iniciativas relacionadas com os jovens.

A INICIATIVA

É neste contexto que surge a iniciativa designada por **Pobreza e Exclusão: Eu Passo!**, organizada pelo PIEC em estreita articulação com o ISS. Esta iniciativa é composta por 3 componentes distintas:

1. Estafeta Nacional **Pobreza e Exclusão: Eu Passo!**,
2. Estafeta Digital **Testemunho pela Inclusão**
3. Encontros sobre a temática da inclusão e cidadania **Inclusão: Eu Penso!**

Trata-se de uma estafeta nacional que ligará todo o país, levando à passagem de um testemunho de jovem para jovem e por todos os que queiram participar, a título individual ou enquanto elemento de qualquer instituição social que se queira associar (ISS, CPJCR, IPJ, IPSS, Autarquias, Forças de Segurança, Protecção Civil, Programa Escolhas, Escolas, ONG e Associações Juvenis). A iniciativa mobilizará os 150 grupos–turma da Medida PIEF – Programa Integrado de Educação Formação (Despacho Conjunto n.º 948/2003), distribuídos ao longo de todo o país, com os seguintes objectivos:

1. Dar visibilidade ao fenómeno da pobreza e da exclusão social como um problema que respeita a todos os cidadãos.
2. Estreitar a articulação já existente, criando novas oportunidades de trabalho, entre o PIEC e as instituições sociais que de algum modo trabalham connosco (ISS, CPJCR, IPJ, IPSS, Autarquias, Forças de Segurança, Protecção Civil, Programa Escolhas, Escolas, ONG e Associações Juvenis).
3. Aproveitar a iniciativa para divulgar o PIEF enquanto uma das medidas institucionais que promove a inclusão e a cidadania dos jovens, dando visibilidade a outras respostas socioeducativas existentes a nível nacional, regional e local.
4. Incentivar a participação dos jovens em PIEF numa causa justa contribuindo, por um lado, para a sua reintegração social de um modo activo e, por outro, promovendo entre os alunos, e entre estes e as várias instituições públicas e privadas, conceitos solidários de cidadania.
5. Divulgar junto da sociedade civil e dos média o alargamento do âmbito de missão deste Programa governamental, bem como a sua importância e potencial.

DESTINATÁRIOS

Trata-se de uma iniciativa dirigida a todas as instituições públicas, privadas e cooperativas, com responsabilidades no mercado social, especialmente vocacionadas para crianças e jovens, que apresentem políticas e respostas promotoras da inclusão e da cidadania, com enfoque nas questões educativas e formativas.

Esta iniciativa é, ainda, dirigida à sociedade civil em geral, considerando que qualquer cidadão jovem, em representação de uma instituição, poderá integrar a estafeta e participar nas iniciativas que a mesma irá despoletar localmente.

PARCEIROS

A Estafeta tem como objectivo envolver os principais parceiros:

- Ministério da Educação
- Ministério da Administração Interna
- Instituto Português da Juventude
- Polícia de Segurança Pública
- Guarda Nacional Republicana
- Autarquias
- Governos Cívicos
- Associação Nacional dos Municípios Portugueses
- Estabelecimentos de Ensino Públicos, Privados e Cooperativos
- Escola Prática da Polícia
- Bombeiros
- Agências de Desenvolvimento Local
- Rock in Rio
- Instituições de Solidariedade Social

1. Estafeta Nacional *Pobreza e Exclusão: Eu Passo!*

PERCURSO

Esta iniciativa irá percorrer um total de 1800 km em 30 dias, durante o período de 13 de Abril a 21 de Maio, com início na cidade de Lisboa e termo previsto no Rock in Rio, um dos parceiros institucionais do Ano Europeu.

Com partida junto à Câmara Municipal de Lisboa, pelas 10h00, o primeiro percurso será da responsabilidade da Coordenadora do PIEC, com a participação dos alunos do PIEF da Ameixoeira, onde se deseja que, nos limites do Concelho, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa entregue o Testemunho pela Inclusão à Presidente da Câmara Municipal de Almada.

O testemunho passará de mão em mão envolvendo alunos PIEF, autarquias e outras instituições oficiais ou, de alguma maneira, parceiras. De Almada para Setúbal, Alcácer do Sal, Lagos, Vila Real de Santo António, Beja, Évora, Castelo Branco, Fundão, Serra da Estrela, Torre. Na Torre será simbolicamente içada uma bandeira contra a pobreza e exclusão social infantil¹. Prevê-se que igual acto simbólico decorra, no mesmo dia e à mesma hora, nos Açores e na Madeira, desafiando, para isso, as escolas locais a promoverem uma estafeta de subida aos Picos de cada um dos arquipélagos. Em todas as escolas com PIEF, no mesmo momento, será erguida uma bandeira sobre a iniciativa e a temática da Inclusão.

Segue-se Guarda, Guimarães, Porto, Aveiro, Coimbra, Abrantes. O troço Coimbra–Torres Novas está já assegurado pelos alunos da Escola Prática de Polícia de Torres Novas, que irão correr a distância de 100 km. Depois teremos Abrantes, Santarém e Lisboa, sendo que a última etapa decorrerá ao longo de vários bairros problemáticos da periferia de Lisboa, terminado a Estafeta com chegada ao Rock in Rio a 21 de Maio.

São cerca de 1800 km em 30 dias, cobrindo todo o país de norte a sul, de este a oeste, do nível do mar ao lugar mais alto do continente. A corrida acontecerá todos os dias, das 8h00 às 20h00, e cada participante correrá, no máximo, 2500m. Em todos os percursos haverá, se necessário, o acompanhamento por parte das forças de segurança e dos bombeiros, bem como de um carro de apoio da responsabilidade da

¹ Entende-se infantil enquanto sinónimo de criança que, segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança, é todo o ser humano menor de 18 anos.

entidade organizadora. Para além disso, existirá um carro pivot dos serviços centrais que supervisiona a iniciativa e outro responsável pelo restabelecimento permanente de toda a logística.

O trajecto está já a ser pré-definido e organizado pelos serviços centrais, contudo a sua validação final será da responsabilidade dos PIEF locais, os quais em articulação com as forças de segurança no terreno, assumem a responsabilidade de organização do trajecto e finalização do percurso que lhes é atribuído (em média 15 km). Ao longo de todo o percurso existirá, em cada 1000 metros, uma bandeira sinalizadora do evento (num total de trinta).

ACTIVIDADES PARALELAS

Diariamente, ao longo de toda a estafeta, em cada ponto de partida e chegada, contaremos com as seguintes iniciativas:

- Animação cultural diversificada.
 - Teatro de rua. As personagens do AEC PES (João, Rita, Carlos e Ana) aparecem nas principais chegadas;
 - Jogos desportivos;
 - Apresentações da expressão cultural da região.
- Bancas de informação sobre as principais medidas para a inclusão social e escolar que podem ser encontradas na região. Prevê-se o envolvimento dos Centros Distritais da Área da Infância e Juventude do ISS.
- Zonas de recepção e apoio à imprensa para cobertura da iniciativa, entrevistas e fornecimento de informação aos meios de comunicação social sobre o PIEC, ISS, CPCJR, IEFP, ME e organizações locais.
- Mostra de painéis “Viver em PIEF” – Exposição de trabalhos.

Serão convidados a correr e a ***passar o testemunho pela inclusão*** governadores civis, presidentes de câmaras municipais e juntas de freguesia, parceiros nacionais e locais, bem como todas as instituições ligadas à infância e juventude que os PIEF consigam envolver localmente.

Em termos de visibilidade, todos os participantes têm uma t-shirt com um logótipo associado ao evento. Na estrada serão colocadas bandeiras alusivas à iniciativa, bem como os espaços de partida e chegada.

2. Estafeta Digital *Testemunho pela Inclusão*

O **testemunho pela inclusão** terá o formato de uma coluna que transporta dentro de si uma **declaração dos jovens**. A declaração começará a ser escrita um mês antes, numa estafeta digital, através da qual cada grupo-turma PIEF envolvida recebe, do grupo anterior, um pequeno texto, acrescenta o seu conteúdo e passa ao seguinte (via e-mail), de acordo com um calendário pré-estabelecido.

3. Encontros sobre a temática da Inclusão e Cidadania *Inclusão: Eu Penso!*

Em cada uma das 5 regiões, o PIEC está já a organizar um encontro, de âmbito regional, sobre a temática da inclusão e cidadania, para o qual conta com a participação das forças vivas locais. Na organização destes encontros, o Centro Regional da Segurança Social é um parceiro - chave.

MEIOS DE DIVULGAÇÃO

Para além dos meios de comunicação social já identificados como parceiros institucionais no Ano Europeu, está ainda prevista a utilização dos seguintes recursos:

Site do AEC PES

- Apresentação dos objectivos do Ano Europeu de Combate à Pobreza e Exclusão Social;
- Descrever a forma como decorre toda a estafeta.

Criação de um **blogue específico da Estafeta** para:

- Organizar um caderno diário sobre o dia-a-dia da estafeta;
- Construir um mural com frases alusivas à temática da Inclusão, da autoria de cada grupo participante;
- Edição de uma foto reportagem, com actualização regular;
- Videoclips sobre os momentos mais relevantes do percurso;

- Listagem de links de acesso a todas as entidades parceiras ou envolvidas na iniciativa.

Divulgação da iniciativa no **Facebook**.

Para informações adicionais, poderá contactar os serviços centrais do PIEC ou o Delegado desta iniciativa na sua região (em anexo).

Teremos muito gosto em contar com a sua participação!

Lisboa, 4 de Março de 2010.

A Coordenadora Nacional do Programa para a Inclusão e Cidadania

Fátima Matos

Anexos

- Decisão nº 1098/2008/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Outubro de 2008.
- Resolução do Conselho de Ministros nº 56/2009, de 9 de Junho.
- Resolução do Conselho de Ministros nº 79/2009.
- Despacho Conjunto n.º 948/2003, de 25 de Agosto, dos Ministérios da Educação e da Segurança Social.
- Plano das Iniciativas previstas para o Ano Europeu.
- Cronograma e percurso da Estafeta.
- Contactos por Região.

Anexo IV

Decreto-Lei n.º70/96 de 4 de Junho de 1996

Decreto-Lei n.º 70/96 de 4 de Junho

A política de juventude exige uma participação permanente dos jovens na sua definição, execução e avaliação.

Este princípio tem de reflectir-se na organização dos serviços do principal instrumento de execução da política de juventude, que é o Instituto Português da Juventude.

Nesse sentido, torna-se necessário proceder à alteração da actual filosofia do Instituto Português da Juventude e, consequentemente, do seu quadro legislativo, abrindo a acção do Instituto Português da Juventude e a gestão das casas de juventude à participação dos jovens portugueses, bem como a outras entidades que desenvolvem trabalho na área da juventude.

Por outro lado, o Instituto Português da Juventude tem de ter uma estrutura simples e flexível, que apoie mais e melhor as iniciativas dos jovens e não auto consuma as suas energias e os seus meios.

Assim:

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 201. Da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I **Natureza e atribuições**

Artigo 1.

Natureza

1 - O Instituto Português da Juventude, designado por IPJ, é uma pessoa colectiva de direito público dotada de personalidade jurídica, com autonomia administrativa e patrimonial, tutelada pelo membro do Governo responsável pela área da juventude.

2 - Ao IPJ é atribuído o regime de autonomia administrativa e financeira enquanto gerir projectos do Plano de Investimentos e Desenvolvimento da Administração Central (PIDDAC) co-financiados pelo orçamento da União Europeia e as suas receitas próprias, compreendendo as verbas do PIDDAC provenientes dos fundos estruturais comunitários, cobrirem dois terços das despesas totais.

Artigo 2.

Atribuições

1 - São atribuições do IPJ:

- a) Proceder à concretização das medidas adoptadas no âmbito da política de juventude;
- b) Dinamizar a integração social dos jovens, apoiando a sua participação em actividades sociais, culturais, educativas, artísticas, científicas, desportivas, políticas ou económicas;
- c) Apoiar as actividades promovidas por associações juvenis;
- d) Estimular a participação cívica dos jovens;
- e) Dinamizar e apoiar, financeira e tecnicamente, as associações juvenis e estudantis;
- f) Promover o acesso dos jovens à informação, através da criação, desenvolvimento e promoção de sistemas integrados de informação;
- g) Dinamizar a criação e a participação dos jovens na gestão das casas de juventude;
- h) Promover, criar e desenvolver programas para jovens, designadamente nas áreas de ocupação de tempos livres, do voluntariado, da cooperação, do associativismo, da formação, da mobilidade e do intercâmbio;
- i) Manter actualizado o registo nacional das associações juvenis, adiante designado por RNAJ;
- j) Criar mecanismos de estímulo e apoio à capacidade de iniciativa e ao espírito empreendedor dos jovens, nomeadamente dos jovens empresários e dos jovens agricultores;

- l) Apoiar e estimular o movimento cooperativo de jovens;
 - m) Apoiar e incentivar a participação dos jovens portugueses em organismos comunitários e internacionais.
- 2 - Os regulamentos necessários à execução das actividades referidas no número anterior serão aprovados pelo membro do Governo responsável pela área da juventude.
- 3 - O IPJ pode, obtida autorização do membro do Governo responsável pela área da juventude, filiar-se ou participar na constituição de instituições ou organismos afins, nacionais ou internacionais, devendo neste último caso ser ouvido o Ministério dos Negócios Estrangeiros.

CAPÍTULO II

Órgãos e serviços

SECÇÃO I

Órgãos

Artigo 3.

Órgãos

- 1 - O IPJ é constituído por órgãos centrais e regionais.
- 2 - São órgãos centrais do IPJ:
- a) O conselho de administração;
 - b) A comissão executiva;
 - c) A comissão de fiscalização.
- 3 - São órgãos regionais os delegados regionais.

SUBSECÇÃO I

Conselho de administração

Artigo 4.

Composição

- 1 - O conselho de administração é composto:
- a) Por três representantes da Administração Pública, sendo um deles, obrigatoriamente, o presidente da comissão executiva, que presidirá ao conselho de administração;
 - b) Por um representante do Conselho Nacional de Juventude;
 - c) Por um representante das associações juvenis de âmbito nacional inscritas no RNAJ;
 - d) Por um representante das associações juvenis de âmbito regional e local inscritas no RNAJ.
- 2 - Os representantes da Administração Pública previstos na alínea a) do número anterior são designados por despacho do membro do Governo responsável pela área da juventude.
- 3 - A forma de eleição e o tempo de duração dos mandatos dos representantes das associações juvenis previstas nas alíneas c) e d) serão estabelecidos por portaria a publicar pelo membro do Governo responsável pela área da juventude.

Artigo 5.

Competências

Compete ao conselho de administração:

- a) Aprovar o plano, o orçamento anual, o relatório anual de actividades e a conta de gerência, bem como os planos financeiros plurianuais que se mostrem necessários;
- b) Acompanhar a actividade do IPJ, podendo formular propostas, sugestões ou recomendações, bem como solicitar esclarecimentos à comissão executiva e à comissão de fiscalização.

Artigo 6.

Modo de funcionamento

1 - O conselho de administração do IPJ reúne ordinariamente de três em três meses e extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente, por sua iniciativa ou a solicitação de metade dos seus membros.

2 - O conselho de administração elaborará o seu regulamento interno.

SUBSECÇÃO II

Comissão executiva

Artigo 7.

Definição e composição

1 - A comissão executiva é o órgão do IPJ que assegura a sua gestão, exercendo as competências que lhe são fixadas por lei ou superiormente delegadas pelo membro do Governo responsável pela área da juventude.

2 - A comissão executiva é composta por um presidente e dois vogais, nomeados por despacho do membro do Governo que tutela a área da juventude.

Artigo 8.

Competências

1 - À comissão executiva compete:

- a) Dirigir a actividade do IPJ;
- b) Gerir todos os fundos e receitas confiados ao IPJ;
- c) Elaborar e submeter à aprovação do conselho de administração o plano, o relatório anual de actividades, o orçamento anual, os planos financeiros plurianuais que se mostrem necessários e a conta de gerência;
- d) Submeter a parecer da comissão de fiscalização o orçamento, o plano e o relatório anual de actividades e a conta de gerência;
- e) Autorizar a concessão de apoio às associações e agrupamentos juvenis de âmbito nacional;
- f) Celebrar acordos e protocolos, de âmbito nacional ou internacional, com outras entidades, públicas ou privadas, obtida autorização do membro do Governo responsável pela área da juventude e ouvido, sempre que necessário, o Ministério dos Negócios Estrangeiros;
- g) Autorizar a cedência de instalações de que o IPJ seja possuidor a outras organizações ou entidades, públicas ou privadas, para a prossecução de fins análogos aos do IPJ;
- h) Assegurar as relações do IPJ com os demais organismos e serviços da Administração Pública e com quaisquer outras entidades;
- i) Coordenar as actividades de âmbito regional;
- j) Autorizar a realização de despesas nos termos e limites legais;
- l) Exercer todas as demais competências que lhe sejam cometidas nos termos da lei ou delegadas.

2 - À comissão executiva do IPJ compete ainda apreciar as propostas, sugestões ou recomendações apresentadas pelo conselho de administração sobre matérias do âmbito das suas competências.

3 - A comissão executiva pode delegar e subdelegar em algum dos seus membros as competências que, por lei ou delegação, lhe sejam atribuídas.

Artigo 9.

Competências do presidente da comissão executiva

1 - Compete ao presidente da comissão executiva:

- a) Coordenar a sua actividade e convocar e presidir, com voto de qualidade, às respectivas reuniões;
- b) Assegurar a representação do IPJ em quaisquer actos, designadamente em juízo;
- c) Convocar o conselho de administração do IPJ;
- d) Exercer as competências que lhe sejam atribuídas nos termos do presente diploma e demais legislação aplicável.

2 - O presidente poderá praticar todos os actos que pela sua natureza e urgência não possam aguardar reunião daquele órgão, os quais serão sujeitos a ratificação na reunião imediatamente seguinte.

Artigo 10.

Reuniões

1 - A comissão executiva reúne ordinariamente uma vez por semana e extraordinariamente sempre que convocada pelo seu presidente, por sua iniciativa ou a solicitação de qualquer dos seus membros.

2 - As deliberações são tomadas por maioria simples.

3 - Das reuniões da comissão executiva são lavradas actas.

SUBSECÇÃO III

Comissão de fiscalização

Artigo 11.

Composição

1 - A comissão de fiscalização é composta por um presidente e dois vogais, um dos quais será obrigatoriamente um revisor oficial de contas, nomeados por despacho conjunto do Ministro das Finanças e do membro do Governo responsável pela área da juventude.

2 - Os membros da comissão de fiscalização têm direito a uma remuneração, de montante a fixar pelo despacho referido no número anterior.

3 - O mandato dos membros da comissão de fiscalização tem a duração de três anos, renováveis, continuando, porém, a exercer funções até à sua efectiva substituição.

Artigo 12.

Competência e funcionamento

1 - À comissão de fiscalização compete:

- a) Acompanhar o funcionamento do IPJ e o cumprimento das leis e regulamentos que lhe são aplicáveis;
- b) Emitir parecer sobre o orçamento anual, o plano e o relatório de actividades e a conta de gerência do IPJ;
- c) Examinar periodicamente a situação financeira e económica do IPJ, proceder à verificação regular dos fundos em cofre e em depósito, bem como fiscalizar a respectiva escrituração contabilística;
- d) Apreciar as contas dos serviços centrais e regionais do IPJ, bem como verificar a aplicação dos subsídios concedidos;
- e) Informar a comissão executiva das irregularidades detectadas e participá-las às entidades competentes, sempre que tal se justifique;
- f) Pronunciar-se sobre qualquer assunto submetido à sua apreciação pela comissão executiva.

2 - A comissão de fiscalização reúne ordinariamente uma vez por mês e extraordinariamente sempre que convocada pelo seu presidente, por sua iniciativa ou a solicitação de qualquer dos seus membros.

SUBSECÇÃO IV

Delegados regionais

Artigo 13.

Delegados regionais

1 - Os delegados regionais do IPJ são órgãos operativos do IPJ, existindo um em cada capital de distrito.

2 - Aos delegados regionais, nos respectivos distritos, compete assegurar a prossecução das atribuições do IPJ, bem como superintender e coordenar os respectivos serviços.

3 - Compete ainda aos delegados regionais exercer as demais competências que, por delegação, lhes sejam cometidas pela comissão executiva.

Artigo 14.

Conselhos consultivos regionais

1 - Junto de cada delegado regional funcionará o respectivo conselho consultivo regional (CCR).

2 - O CCR é a estrutura representativa da realidade associativa juvenil da área em que se insere.

3 - O CCR é composto por um máximo de 15 elementos, em representação das associações juvenis de âmbito regional e local e das associações juvenis de âmbito nacional com delegação local inscritas no RNAJ.

4 - Ao CCR compete emitir e apresentar propostas, sugestões ou recomendações sobre as acções, iniciativas e programas promovidos pelo IPJ no âmbito da respectiva região.

5 - O CCR reúne ordinariamente de três em três meses e extraordinariamente sempre que convocado pelo seu presidente, por sua iniciativa ou por iniciativa da maioria dos seus membros.

6 - O CCR elaborará o seu regulamento interno.

SECÇÃO II

Estrutura dos serviços

Artigo 15.

Serviços

1 - O IPJ compreende serviços centrais e regionais.

2 - A orgânica dos serviços será aprovada por decreto regulamentar.

Artigo 16.

Serviços centrais

1 - Ao nível central, o IPJ compreende os seguintes serviços de apoio técnico e administrativo:

- a) Departamento Administrativo e Financeiro;
- b) Gabinete Jurídico;
- c) Gabinete de Informática.

2 - São ainda serviços centrais do IPJ:

- a) Departamento de Apoio ao Associativismo;
- b) Departamento de Informação aos Jovens;

- c) Departamento de Programas;
- d) Núcleo de Infra-Estruturas e Equipamentos.

Artigo 17.

Serviços regionais

Ao nível regional, o IPJ integra os seguintes serviços:

- a) Gabinete Técnico;
- b) Secção Administrativa.

CAPÍTULO III

Pessoal

Artigo 18.

Do pessoal

- 1 - Os funcionários e agentes do IPJ têm o direito de opção definitiva e individual pelo regime do contrato individual de trabalho.
- 2 - Os funcionários e agentes da administração pública central, regional e local e dos institutos públicos, bem como os trabalhadores de empresas públicas, podem ser chamados a desempenhar funções no IPJ, em regime de requisição, destacamento ou comissão de serviço, com plena garantia do seu lugar de origem e dos direitos nele adquiridos.
- 3 - Os trabalhadores do IPJ poderão ainda ser chamados, nos termos da lei e sem perda de nenhum direito, a prestar serviço em qualquer das entidades referidas no número anterior.

Artigo 19.

Quadro

- 1 - O quadro de pessoal dirigente do IPJ será aprovado por decreto regulamentar.
- 2 - Os quadros do restante pessoal serão aprovados por portaria conjunta do Ministro das Finanças, do membro do Governo responsável pela área da juventude e do membro do Governo que tutela a Administração Pública.
- 3 - O presidente e os vogais da comissão executiva são equiparados, para todos os efeitos, respectivamente a director-geral e a subdirector-geral, sendo a sua nomeação feita nos termos da lei.
- 4 - Os delegados regionais são nomeados pelo membro do Governo responsável pela área da juventude, sendo o seu recrutamento feito nos mesmos termos do recrutamento para chefes de divisão, podendo ainda fazer-se de entre indivíduos licenciados não vinculados à Administração.
- 5 - No exercício das suas funções, os delegados regionais são equiparados, salvo a excepção do número seguinte, a chefes de divisão.
- 6 - Os delegados regionais poderão ser exonerados, a todo o tempo, por despacho fundamentado do membro do Governo responsável pela área da juventude, podendo tal fundamentação basear-se, nomeadamente, na não comprovação superveniente da capacidade adequada a garantir a execução das orientações superiormente fixadas, na não realização dos objectivos previstos, na necessidade de imprimir nova orientação à gestão dos serviços, de modificar as políticas a prosseguir por estes ou de tornar mais eficaz a sua actuação e na não prestação de informações ou na prestação deficiente das mesmas, quando consideradas essenciais para o funcionamento do IPJ ou para o cumprimento da política global do Governo.

CAPÍTULO IV

Gestão financeira e patrimonial

Artigo 20.

Instrumentos de gestão e controlo

1 - A administração financeira e patrimonial do IPJ é feita de acordo com os seguintes instrumentos de gestão previsional:

- a) Plano de actividades plurianual;
- b) Programa anual de trabalhos;
- c) Orçamento anual de receitas e despesas.

2 - O orçamento do IPJ será elaborado de forma que cada delegação regional constitua uma divisão própria.

3 - O IPJ dispõe ainda dos seguintes instrumentos de controlo:

- a) Conta de gerência;
- b) Relatório anual de actividades.

Artigo 21.

Receitas e despesas

1 - Constituem receitas do IPJ, para além das dotações que lhe são atribuídas pelo Orçamento do Estado:

- a) Os subsídios e as participações atribuídos por quaisquer entidades públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras;
- b) Doações, heranças ou legados e respectivos rendimentos;
- c) Os rendimentos dos bens próprios e dos que se encontrem na sua posse;
- d) As quantias cobradas pelos serviços prestados a entidades públicas ou privadas;
- e) Os saldos de anos anteriores;
- f) Quaisquer outras receitas não compreendidas nas alíneas anteriores e que por disposição de lei ou contrato lhe sejam facultadas.

2 - A aceitação das receitas previstas nas alíneas a) e b) do número anterior depende de autorização do membro do Governo da tutela.

3 - É vedado ao IPJ contrair empréstimos.

4 - Constituem despesas do IPJ os encargos resultantes do respectivo funcionamento e da prossecução das suas atribuições.

Artigo 22.

Vinculação

1 - O IPJ obriga-se pela assinatura conjunta de dois membros da comissão executiva, um dos quais será obrigatoriamente o presidente.

2 - Para a movimentação de valores depositados, o IPJ obriga-se pela assinatura de dois membros da comissão executiva ou apenas pela assinatura de um deles e do director do Departamento Administrativo e Financeiro no exercício de delegação de poderes.

CAPÍTULO V

Casas de juventude

Artigo 23.

Natureza

1 - As casas de juventude constituem espaços de participação, de promoção e desenvolvimento de actividades de e para os jovens e suas associações, desenvolvendo ainda acções de formação e informação.

2 - As casas de juventude constituem também pólos de integração e afirmação dos jovens nas realidades locais.

3 - A designação «casa de juventude» pode ser atribuída, mediante despacho do membro do Governo responsável pela área da juventude, a qualquer tipo de pessoa colectiva que reúna os requisitos fixados por portaria a publicar por esse membro do Governo.

4 - Os requisitos a fixar pela portaria a que se refere o número anterior terão obrigatoriamente em conta a participação efectiva das associações juvenis na gestão das casas de juventude.

CAPÍTULO VI

Disposições finais e transitórias

Artigo 24.

Comissões de serviço do pessoal dirigente

Com a entrada em vigor do presente diploma cessam as comissões de serviço do pessoal dirigente ou cargos a estes equiparados.

Artigo 25.

Concursos, contratos, requisições, destacamentos e comissões de serviço

1 - Os concursos cujos avisos de abertura se encontram publicados à data da entrada em vigor do presente diploma mantêm-se válidos para os lugares do novo quadro de pessoal.

2 - Todas as requisições, destacamentos e comissões de serviço de pessoal que exerce funções no IPJ, bem como as requisições, destacamentos e comissões de serviço de pessoal do IPJ noutros serviços ou instituições, cessam decorridos 30 dias após a entrada em vigor do presente diploma.

Artigo 26.

Legislação revogada

São revogados o Decreto-Lei n.º 333/93, de 29 de Setembro, e o Decreto Regulamentar n.º 30/93, de 29 de Setembro. Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 18 de Abril de 1996. - António Manuel de Oliveira Guterres - Jaime José Matos da Gama - António Luciano Pacheco de Sousa Franco - Jorge Paulo Sacadura Almeida Coelho.

Promulgado em 16 de Maio de 1996.

Publique-se.

O Presidente da República, JORGE SAMPAIO. Referendado em 20 de Maio de 1996.

O Primeiro-Ministro, António Manuel de Oliveira Guterres